

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

GIZELLE DE SOUZA MAGESTE

#EMPODERAD@S:

um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem
empoderamento feminino na *internet*

Belo Horizonte

2018

Gizelle de Souza Mageste

#EMPODERAD@S:

um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem
empoderamento feminino na *internet*

Tese apresentada ao Centro de Pós-Graduação e
Pesquisas em Administração da Universidade Federal
de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de
Doutora em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Kely César Martins de Paiva

Belo Horizonte

2018

Ficha catalográfica

M191e
2018 Mageste, Gizelle de Souza.
#EMPODERAD@S [manuscrito] : um estudo sobre
construções identitárias de mulheres que discutem
empoderamento feminino na Internet / Gizelle de Souza Mageste.
– 2018.
258 f.: il., gráfs. e tabs.

Orientadora: Kely César Martins de Paiva.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
Inclui bibliografia (f. 227- 251) e apêndices.

1. Mulheres - Identidade - Teses. 2. Empreendedorismo –
Teses. 3. Internet e mulheres – Teses. 4. Administração – Teses.
I Paiva, Kely Cesar Martins de. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em
Administração. III. Título.

CDD: 362.83

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG. – FPS/102/2018



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências Econômicas
Departamento de Ciências Administrativas
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO da Senhora **GIZELLE DE SOUZA MAGESTE**, REGISTRO Nº 210/2018. No dia 27 de julho de 2018, às 09:30 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 17 de julho de 2018, para julgar o trabalho final intitulado "**#EMPODERADAS: um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem empoderamento feminino na internet**", requisito para a obtenção do **Grau de Doutor em Administração**, linha de pesquisa: **Estudos Organizacionais e Sociedade**. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, Prof^a. Dr^a. Kely César Martins de Paiva, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

() APROVAÇÃO;

☒ APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA (NÃO SUPERIOR A 90 NOVENTA DIAS);

() REPROVAÇÃO.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 27 de julho de 2018.

NOMES

ASSINATURAS

Prof^a. Dr^a. Kely César Martins de Paiva.....
ORIENTADORA (CEPEAD/UFMG)

Prof. Dr. Hélio Arthur Reis Irigaray
(FGV/EBAPE)

Prof. Dr. Angelo Brigato Esther
(FACC/UFJF)

Prof^a. Dr^a. Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo.....
(Unihorizontes/MG)

Prof^a. Dr^a. Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães.....
(PPGA/CEFET-MG)

Prof^a. Dr^a. Fátima Ferreira Roquete
(Escola de Enfermagem/UFMG)

Para Edgar, Eduardo e Isadora

AGRADECIMENTOS

- À minha família, especialmente Edgar, Eduardo e Isadora que viveram comigo as dificuldades de escrever essa tese;
- À minha orientadora, Kely Paiva, que assumiu o risco de acolher uma orientanda desorientada no meio do doutorado e que me deu força, apoio e orientação para avançar;
- À minha psicóloga, Rosângela, que me ajudou a superar as crises de pânico e ansiedade e acompanhou de perto as angústias de fazer uma pesquisa que transforma não somente o entendimento científico sobre um tema, mas o entendimento da pesquisadora sobre si mesma;
- Aos meus colegas de doutorado pelas ótimas trocas intelectuais, especialmente Juliana e Jesuína pelas longas conversas e confidências ao longo desses quatro anos;
- À Professora Ana Paula pelos dois anos compartilhando o projeto da pesquisa;
- Aos colegas do Necop pela acolhida e pelos ótimos papos e festas;
- Ao João e Amanda pela dedicação na transcrição das longas entrevistas;
- À Amandinha e Mery pela ajuda na organização das referências;
- À Monica Cappelle pelas ótimas contribuições para o trabalho de qualificação;
- Aos membros da banca de defesa do projeto de tese, pelas valiosas contribuições;
- Às mulheres que participaram da pesquisa, que foram fontes de dados e se tornaram amigas;
- À Capes e Fapemig pelas bolsas concedidas durante parte do doutorado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os 20 maiores cursos em número de matrículas no Brasil – Mulheres	18
Figura 2 – Os 20 maiores cursos em número de matrículas no Brasil - Homens.....	19
Figura 3 – Média de horas dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas ocupadas, por sexo (horas semanais)	49
Figura 4 - Resumo dos indicadores sociais das mulheres no Brasil.....	51
Figura 5 – Rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo	52
Figura 6 – População de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo, por sexo e cor ou raça (%)	53
Figura 7 – Quadro integrativo de análise dos processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais	88
Figura 8 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Sandra Amanda	121
Figura 9 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Camila Bastos	137
Figura 10 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Mia Balarini	173
Figura 11 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Stella Rabelo.....	208
Figura 12 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Laura Belz.....	220

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Sandra Amanda	114
Quadro 2 - Ações de Sandra Amanda que favorecem o empoderamento	118
Quadro 3 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Camila Bastos.....	132
Quadro 4 - Ações de Camila que favorecem o empoderamento	135
Quadro 5 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Mia Balarini.....	168
Quadro 6 - Ações de Mila que favorecem o empoderamento	171
Quadro 7 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Stella Rabelo	196
Quadro 8 - Ações de Stella que favorecem o empoderamento.....	206
Quadro 9 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Laura Belz	215
Quadro 10 - Ações de Laura que favorecem o empoderamento	218

RESUMO

A presente tese refere-se ao estudo realizado com cinco mulheres que escrevem sobre empoderamento feminino na *internet* com o objetivo de compreender, a partir do ponto de vista das entrevistadas, a relação entre a participação ativa em comunidades virtuais na *internet* e os processos de construção identitária e empoderamento feminino. Estas mulheres constroem, a partir de suas páginas pessoais e publicações, comunidades virtuais que lhe proporcionam uma ampliação nas possibilidades de construção identitária. O enfoque da pesquisa foi qualitativo, utilizando-se como estratégias de investigação métodos que visam dar voz ao sujeito da pesquisa. A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira envolveu a integração da pesquisadora nas comunidades virtuais a serem estudadas e observação sistemática da dinâmica relacional dessas comunidades. A segunda etapa envolveu a seleção das mulheres que se enquadravam no recorte escolhido: mulheres que produziam conteúdo sobre empoderamento feminino de forma pública e frequente, e que formavam comunidades virtuais em torno dos temas discutidos. A análise dos dados das entrevistas foi realizada por meio da análise temática de conteúdo, dando ênfase aos percursos temáticos construídos nas narrativas e aos personagens apresentados em suas narrativas. A apresentação e análise de dados foram realizadas considerando cada narrativa como um caso. Em cada um deles, foram analisados os percursos temáticos apresentados na narrativa e que servem como contexto para as identificações e pertencimentos reivindicados pelas entrevistadas, bem como as principais ações narradas nas entrevistas visando ao empoderamento, tanto em nível individual como coletivo. As análises dos percursos temáticos trouxeram elementos importantes para a investigação da construção identitária das mulheres e do seu processo de empoderamento. As principais contribuições dessa pesquisa para os estudos organizacionais envolvem, primeiramente, aspectos teórico-conceituais como a construção de um modelo que integra *internet*, identidade e empoderamento. E em segundo lugar o mapeamento de temas emergentes e atuais que exigem investigação mais profunda, como é o caso do empreendedorismo digital e empoderamento, das práticas organizacionais no empreendedorismo digital, do uso da *internet* pelos movimentos sociais e intersecção de classe, raça e gênero nos processos de empoderamento *online*.

ABSTRACT

This thesis refers to the study carried out with five women who write about female empowerment on the internet with the objective of understanding, from the interviewees' point of view, the relationship between active participation in virtual communities on the internet and the construction processes identity and female empowerment. These women build, from their personal pages and publications, virtual communities that give them an extension in the possibilities of identity construction. The focus of the research was qualitative, using as research strategies methods that aim to give voice to the research subject. Data collection was performed in two stages. The first involved the integration of the researcher in the virtual communities to be studied and systematic observation of the relational dynamics of these communities. The second stage involved the selection of women who fit the chosen cut: women who produced content on women's empowerment in a public and frequent way, and who formed virtual communities around the topics discussed. The data analysis of the interviews was carried out through the thematic analysis of content, emphasizing the thematic routes constructed in the narratives and the characters presented in their narratives. The presentation and analysis of data were performed considering each narrative as a case. In each of them, the thematic paths presented in the narrative were analyzed and serve as context for the identifications and belongings claimed by the interviewees, as well as the main actions narrated in the interviews aiming at empowerment, both individually and collectively. The analysis of the thematic pathways has brought important elements for the investigation of the identity construction of women and their empowerment process. The main contributions of this research to organizational studies involve, first, theoretical-conceptual aspects such as the construction of a model that integrates the internet, identity and empowerment. And secondly, the mapping of emerging and current themes that require deeper research, such as digital entrepreneurship and empowerment, organizational practices in digital entrepreneurship, the use of the Internet by social movements and the intersection of class, race and gender in online empowerment processes.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1.	O conceito de identidade	22
2.2.	A socialização das mulheres.....	30
2.3.	As desigualdades enfrentadas pelas mulheres na sociedade brasileira.....	47
2.4.	Empoderamento.....	57
2.4.1.	Empoderamento feminino	64
2.4.2.	Empoderamento na <i>Internet</i>	69
2.5.	As comunidades virtuais e os processos de identidade e empoderamento.....	75
2.6.	Quadro Integrativo – processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais.....	87
3.	PERCURSO METODOLÓGICO	92
3.1.	A preparação da pesquisa	94
3.2.	A construção do instrumento de pesquisa	95
3.3.	A seleção dos casos	96
3.4.	A coleta de dados.....	98
3.5.	O tratamento dos dados	99
3.6.	A análise dos dados	99
4.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	101
4.1.	Sandra Amanda	101
4.1.1.	Percursos temáticos na narrativa de Sandra Amanda.....	102
4.1.1.1.	A pobreza.....	102
4.1.1.2.	A loucura	104
4.1.1.3.	Os pobres inteligentes.....	106
4.1.1.4.	A faculdade.....	107
4.1.1.1.	O casamento	110
4.1.1.2.	A <i>internet</i>	112
4.1.2.	O processo de empoderamento de Sandra.....	116
4.1.3.	Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Sandra Amanda.....	119
4.2.	Camila Bastos	122
4.2.1.	Percursos temáticos na narrativa de Camila Bastos	122
4.2.1.1.	A família tradicional	122
4.2.1.2.	A escola	124
4.2.1.3.	A necessidade de autonomia.....	125
4.2.1.4.	A <i>internet</i>	127
4.2.1.5.	Empreendedorismo	128
4.2.1.6.	Dificuldades nos relacionamentos pessoais.....	130
4.2.1.7.	O sexo e a sexualidade.....	131
4.2.2.	O processo de empoderamento de Camila	134
4.2.1.	Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Camila	135
4.3.	Mia Balarini.....	138
4.3.1.	Percursos temáticos na narrativa de Mia	139
4.3.1.1.	Contexto familiar.....	139
4.3.1.2.	A carreira profissional	143
4.3.1.3.	Casamento	156

4.3.1.4. Maternidade	157
4.3.1.5. Internet.....	164
4.3.2. O processo de empoderamento de Mia	169
4.3.1. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Mia ..	171
4.4. Stela Rabelo.....	174
4.4.1. Percursos temáticos na narrativa de Stella Rabelo	175
4.4.1.1. Timidez.....	176
4.4.1.2. A família	178
4.4.1.3. Racismo	185
4.4.1.4. Internet	190
4.4.2. O processo de empoderamento de Stella.....	197
4.4.3. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Stella Rabelo	206
4.5. Laura Belz.....	209
4.5.1. Percursos temáticos na narrativa de Laura Belz.....	210
4.5.1.1. O contexto familiar	210
4.5.1.2. A educação formal.....	212
4.5.1.3. A internet	213
4.5.2. O processo de empoderamento de Laura	216
4.5.1. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Laura	218
5. CONCLUSÕES.....	221
REFERÊNCIAS	228
APÊNDICES	253

1. INTRODUÇÃO

A presente tese trata sobre os processos identitários e de empoderamento de mulheres que atuam em comunidades virtuais e produzem conteúdo com foco no empoderamento feminino para a *internet*. As análises se basearam em entrevistas semiestruturadas realizadas com 5 mulheres em que cada entrevista constitui um caso.

O presente trabalho justifica-se diante da escassez de estudos que contemplam análises sobre os processos de empoderamento e identidade que se dão a partir das relações estabelecidas pela *internet*. Esse tema é relevante uma vez que, desde meados do século XX, as mudanças na área da comunicação e da informação têm afetado diversas áreas da atividade humana. Castells (2001, p. 67) as apresenta como “um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação”, e nele a *internet* pode ser considerada o alicerce para uma nova forma organizacional, caracterizada pela sociedade em rede. Segundo Aranha e Miranda (2015), essas tecnologias provocaram mudanças nos modelos de produção, distribuição e consumo de informação, permeando inclusive os meios, de forma que não podem ser consideradas meras ferramentas. Nesse sentido, Castells (2001, 2013) compara a importância da tecnologia da informação para a revolução tecnológica contemporânea à importância que novas fontes de energia (motor a vapor, eletricidade, combustíveis fósseis e energia nuclear) tiveram para a revolução industrial.

Com a disseminação dessas tecnologias, surgiram também novas lógicas em que se apresentam possibilidades de mudanças nos padrões tradicionais de produção e consumo na comunicação midiática. Os consumidores passaram a dispor de recursos tecnológicos para interferir nos produtos de comunicação midiática, para acessar conteúdos em tempo real, com qualidade e quantidade inimagináveis há poucas décadas. As tecnologias conectadas à *internet* permitem a interação, o compartilhamento e a criação de novos conteúdos a partir do que está sendo consumido, afetando assim as relações sociais, econômicas e culturais em nível individual e coletivo (ARANHA, MIRANDA, 2015).

No que se refere aos negócios de comunicação e midiáticos, Aranha e Miranda (2015) apontam que essas tecnologias provocaram alterações em todo o mercado, tanto nos processos de criação, produção e disponibilização de conteúdo quanto na relação com os consumidores. Para

Bolaño e Brittos (2006) o desenvolvimento tecnológico possibilita a criação de novas estruturas, mercados, indústrias e trajetórias, mas também permite ingresso de novos agentes relevantes, com potencial de desestabilização. Assim, enquanto grupos empresariais já bem consolidados da mídia buscam estratégias para potencializar seus conteúdos para o meio digital, atores não hegemônicos buscam alterar a arena midiática.

Nessa revolução tecnológica, a *internet* assume um papel de protagonista descrita por Castells (2003, p. 287) como “o coração de um novo paradigma sociotécnico, que se constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação”. As mudanças tecnológicas mudaram as relações tradicionais entre produção, consumo e distribuição, diluindo fronteiras, além de proporcionarem novas formas de lidar com conhecimentos e emoções (PAULA, 2013; Marín-Díaz, Sampedro-Requena e Flores, 2018).

Uma característica importante da *internet* é seu funcionamento descentralizado em que as informações circulam num fluxo contínuo que reflete a diversidade da humanidade e permite usos, apropriações e circulação de variadas de vozes (BARBOSA, 2002). As ferramentas interativas por ela oferecidas possibilitaram aos usuários rejeitar a condição de consumidores passivos e a adoção de um perfil ativo que interfere e interage com os conteúdos midiáticos, o que acaba por levar a remodelações de práticas e modelos de negócios até então estabelecidos e difundidos de forma massiva (ARANHA, MIRANDA, 2015).

Além disso, à medida que a *internet* vai se tornando um serviço disseminado e de fácil acesso, a comunicação digital também se consolida como uma nova maneira de interagir, aprender e receber informações que modifica as relações cotidianas. É possível acessar informação e conhecimento a qualquer momento que o usuário desejar a partir dos aparelhos celulares com acesso à *internet*. Além disso, temas e movimentos que não costumam ter destaque nos meios de comunicação de massa tradicionais ganham espaço e visibilidade; entre esses temas, está o feminismo e o empoderamento feminino.

Essas transformações também afetam a relação dos profissionais com as organizações, que têm pensado em suas carreiras de forma mais ampla e em formatos diferentes do que as organizações vêm oferecendo como possíveis trajetórias (ANDRADE, 2012). Os profissionais começam a buscar oportunidades diferentes oferecidas pelo mercado, como profissionais liberais e ou empreendedores, para (re)estabelecerem seu posicionamento profissional e a

construção do seu futuro (DUTRA, 2010). Essas possibilidades atraem muitas mulheres que são qualificadas para assumirem funções gerenciais, mas que não o fazem justamente porque enfrentam sérias dificuldades de combinar a carreira profissional (vista como secundárias) com as responsabilidades familiares (consideradas socialmente primordiais), levando-as a escolher entre uma ou outra. Nesse sentido, a *internet*, como espaço dinâmico e virtual, pode oferecer modelos organizacionais alternativos, pensados por e para mulheres, capazes de absorver uma mão-de-obra feminina que ainda está fortemente marcada pela identidade de “filha, mãe, esposa”, mas que busca um espaço em que tenham maior protagonismo.

As possibilidades de uso da *internet* para o empoderamento feminino ficam claras quando se analisam os números que demonstram o crescimento dessa tecnologia no Brasil. Em 2016, constatou-se que a *Internet* era utilizada em 69,3% dos domicílios particulares permanentes do País (IBGE, 2016).

O interesse pela *internet* é ainda potencializado pelo crescente aumento da adoção e uso de tecnologias de informação móveis e sem fio (TIMS) nos últimos anos. As TIMS têm modificado a vida privada dos indivíduos e o mundo do trabalho. Devido à sua pervasividade e uso intensivo, estas tecnologias têm mudado o modo de viver, visto que possibilitam novas formas de interação na sociedade. A constante conectividade permite que indivíduos realizem suas atividades sociais e profissionais nos mais diferentes lugares e momentos. São tecnologias que se caracterizam pela sua portabilidade e comunicação sem fio (CORSO, FREITAS e BEHR, 2012). Em 2016, em 97,2% dos domicílios em que havia acesso à *Internet*, a conexão era feita através do celular, sendo que, em 38,6% deles, esse era o único meio utilizado para acessá-la (IBGE, 2016).

Desse modo, a *internet* parece ser um caminho viável para o incremento do empoderamento feminino haja vista o aumento significativo do tema em seus espaços nos últimos anos. De acordo com o dossiê Bradlab do Google, publicado em outubro de 2017, as buscas por empoderamento feminino aumentaram quatro vezes em relação a 2012, e somente nos cinco primeiros meses de 2017, as buscas por feminismo acumularam o dobro do volume de 2012 inteiro (GOOGLE, 2017).

A efervescência do tema também favoreceu os coletivos feministas que atuam na *internet*. Os grupos e páginas de discussão no *Facebook* sobre feminismo se multiplicaram de forma

dinâmica. Os sites pioneiros no Brasil, como Blogueiras feministas, Escreva Lola Escreva e Think Olga, ganharam mais seguidores, e novos sites foram criados, como o Lugar de mulher, LadoM, Azmina, Comum, Não me Kahlo, Artemis e A cientista que virou mãe. Alguns portais se especializaram no recorte de classe e raça, e têm como foco principal questões que afetam mais especificamente as mulheres pobres e negras como o Geledes Instituto da Mulher Negra, Nós mulheres da periferia, Afronta e Blogueiras Negras. Surgiram também páginas voltadas especialmente para orientação de carreira e empreendedorismo feminino como a Momsa, B2Mammy, Mulher de Negócio, Negócio de mulher, Mães empreendedoras, Mães com carreira, entre outros.

Toda essa movimentação social é importante porque há séculos as mulheres têm vivenciado desigualdades expressas nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, assim como subordinação aos homens, manifestas nas estruturas de poder, seja na esfera privada ou doméstica, seja na esfera pública. Nas sociedades patriarcais, essas relações de subordinação, comumente, são tidas como inerentes ao gênero feminino e culturalmente consideradas como naturais. As desigualdades entre mulheres e homens são sustentadas pela divisão sexual do trabalho nos âmbitos produtivo e reprodutivo, pelo controle do corpo e da sexualidade e pela exclusão das mulheres dos espaços de poder e de decisão (SCOTT, 1988; ARRIAGADA, 1997; BAHIA e FERRAZ, 1999; BETIOL e TONELLI, 2001; BRUSCHINI, 2007; ANDRADE, 2012).

No campo dos estudos de gênero, o empoderamento é uma categoria analítica muito importante, que congrega aportes teóricos de diferentes disciplinas, como psicologia, antropologia, ciência política, sociologia, educação, direito, administração e economia (BATLIWALA, 1997; LEÓN, 2001; ANTUNES, 2002; BAQUERO, 2005; MAGESTE, 2008; PINTO, 2008; KLEBA e WENDAUSEN, 2009). Implícita nos diferentes usos da palavra empoderamento está a noção de pessoas assumindo protagonismo sobre suas próprias vidas e definindo o próprio planejamento. Está, geralmente, associado aos interesses dos desprovidos de poder e se pressupõe que seja uma expressão de mudança desejada (LEÓN, 2001).

A construção do conceito relaciona-se com o tema do poder e com as experiências das mulheres nesse âmbito. Fato notório, o tema do poder tem ocupado um lugar central nos debates das ciências sociais. Discute-se sobre a inclusão e a exclusão, sobre a gama heterogênea de sujeitos sociais que aspiram participar e ter uma identidade social definida nas complexas e mais

variadas arenas de poder, e sobre os desafios que as mulheres têm de enfrentar para subverter e, até mesmo, inverter os esquemas que as deixam à margem dela (MARINHO e GONÇALVES, 2015; HOROCHOVSKI, 2006; HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007).

Outra questão importante a respeito do empoderamento é que ele é um processo relacional, no sentido de que envolve vínculos com outros atores. Ou seja, para analisar o processo de empoderamento, é preciso ter um olhar além do indivíduo e pensar nas relações sociais, no contexto e nas relações de poder nas quais o indivíduo está inserido. É também conflituoso porque diz respeito a situações de mudanças nas relações de poder. Assim, o empoderamento leva a mudanças da posição tanto individual quanto coletiva (CARVALHO, 2004; ROMANO, 2002; PINTO, 2011).

Para o estudo do empoderamento feminino, um importante aspecto a ser considerado é a crescente inserção e participação das mulheres no mundo do trabalho, assim como sua atuação nas instâncias decisórias das políticas públicas e em organizações não-governamentais que lutam por uma transformação social. Esses fatores garantiram a inserção significativa das mulheres na esfera pública e a possibilidade de questionamento das desigualdades observadas e sofridas (MELO, MAGESTE e MENDES, 2006; LOPEZ-CLAROS e ZAHID, 2005; ITABORAÍ e RICOLDI, 2016). Com a valorização da independência econômica pelos movimentos feministas, o discurso do trabalho feminino ganhou força, com base no pressuposto de que este daria mais autonomia à mulher em relação aos pais e ao marido (ANTUNES, 2002; GUEDES, FONSECA, 2011; MUÑOZ, CAMPOS, 2018).

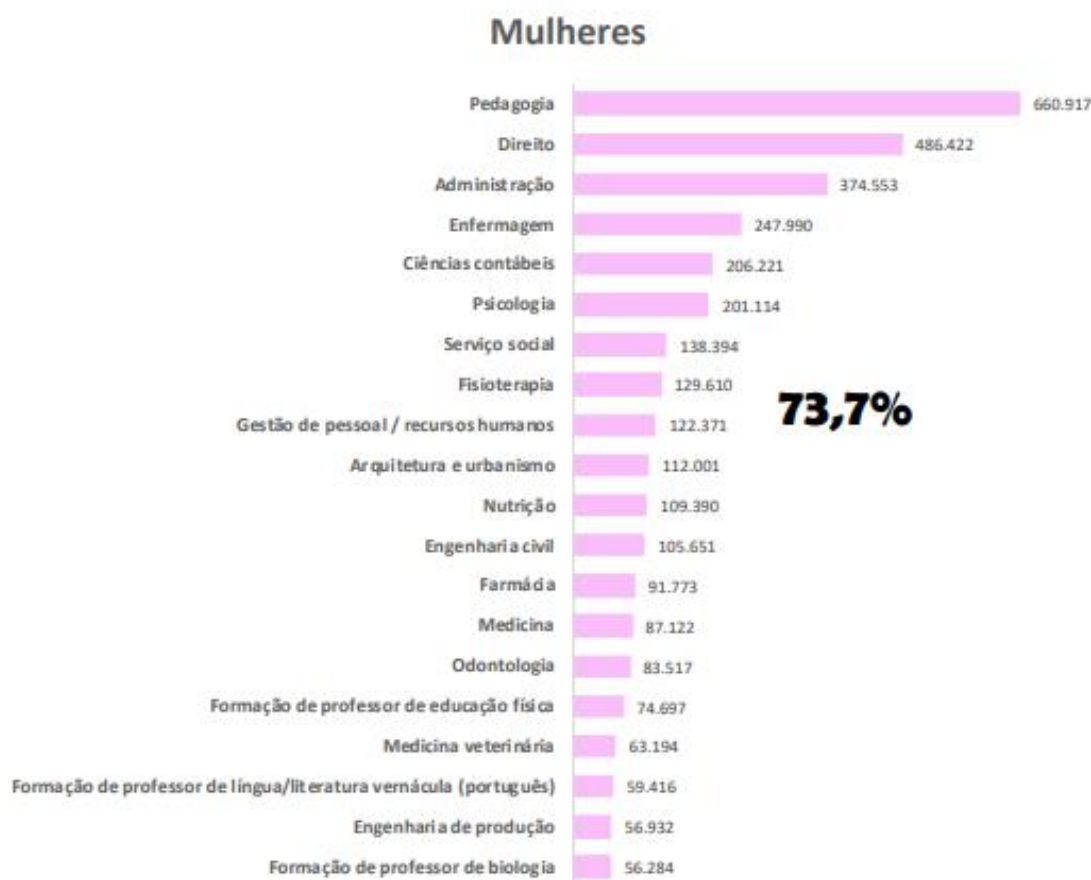
Apesar de oferecer oportunidade econômica para as mulheres, sua entrada em grande escala no espaço do trabalho não significa equidade. Chies (2010) ressalta que essa participação das mulheres se dá em grande parte em ocupações estereotipadas como femininas e que se apresentam como continuidade da vida doméstica. A autora explica que, nas últimas décadas do século XX, o Brasil passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que se manifestaram aliadas a mudanças nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social das mulheres: elas passaram a ter mais acesso à escolaridade, inclusive às universidades, o que alterou o perfil da força de trabalho feminino. Profissões tradicionais que até então eram redutos masculinos passaram a ter cada vez mais mulheres, entretanto elas recebem salários menores nas mesmas profissões. Segundo Chies (2010), as profissões tradicionais e que

possuem maior prestígio na sociedade como medicina, engenharia e direito, são profissões com identidades de gênero masculino. Essa informação é corroborada por Artes e Ricoldi (2016):

As mulheres predominam em cursos de menor prestígio social, sendo também maioria nos realizados em instituições privadas de ensino e na modalidade EaD. As diferenças de gênero podem traduzir diferenças de prestígio, tanto de carreiras, quanto de instituições de ensino superior. As mulheres estão presentes de forma mais intensa nos espaços de menor prestígio acadêmico. Isso, no entanto, não define uma relação mecânica entre essas variáveis e o prestígio, mas reflete uma dimensão social de distribuição de recursos e atribuições desigualmente valorizadas a partir de diferentes marcadores sociais (p.91).

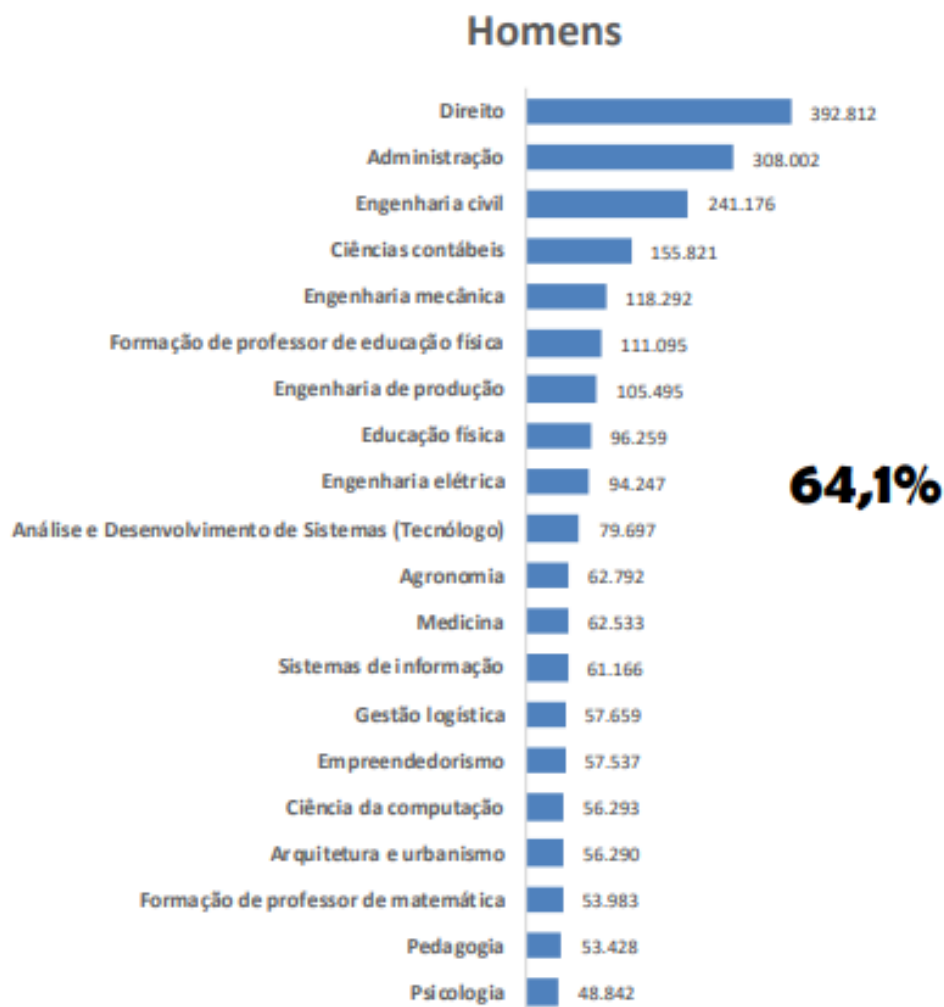
As mulheres representam 61% das pessoas que concluíram cursos superiores no Brasil em 2017, de acordo com o Censo da Educação Superior. No entanto, é possível observar uma grande discrepância na distribuição entre os cursos escolhidos por homens e mulheres para se formarem. (INEP, 2018).

Figura 1 – Os 20 maiores cursos em número de matrículas no Brasil – Mulheres



Fonte: INEP (2018)

Figura 2 – Os 20 maiores cursos em número de matrículas no Brasil - Homens



Fonte: INEP (2018)

Sendo assim, Chies (2010) argumenta que, se a subordinação da mulher ao homem é um paradigma na mentalidade de uma sociedade, a mulher também será menos valorizada no espaço profissional, o que indica que homens e mulheres não podem ter identidades semelhantes mesmo que atuem em uma mesma profissão (CHIES, 2010).

A autora esclarece que os padrões de identidade feminina definidos pela estrutura social brasileira - filha, mãe, dona de casa - espelham papéis de subordinação e são constituídos por um reforço ideológico de que a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação e educação dos filhos. Os homens, por sua vez, ficam responsáveis pelo provimento financeiro da família. Assim, os estereótipos relacionados às profissões são

formados a partir do que se espera de uma mulher e do que se espera de um homem (CHIES, 2010).

A construção dessas diferenças no espaço do trabalho parece ser explicada pela noção de que o trabalho da mulher é 'secundário' frente ao trabalho masculino e estruturada pela imagem de uma família nuclear na qual a mulher é a principal/exclusiva responsável pelo espaço doméstico, e o homem é o principal/exclusivo provedor da família. Dessa forma, a inserção de uma mulher no espaço laboral é um aspecto considerado secundário de seu projeto de vida, da constituição de sua identidade e de suas possibilidades reais (CHIES, 2010).

Essas noções preconcebidas sobre o trabalho feminino importam muito para a construção das identidades profissionais das mulheres. Isso porque, conforme esclarece Dubar (2005), a construção da identidade tem um caráter dual, composta pela "identidade para si", que é a maneira subjetiva como os sujeitos se reconhecem, e a "identidade para o outro", que tem a ver com a maneira com que as pessoas percebem que são enxergadas e caracterizadas pelos demais. Esses dois componentes são indissociáveis, mas também problemáticos uma vez que a identidade para si necessita do olhar do outro para ser construída, mas é impossível saber exatamente como o outro enxerga (DUBAR, 2005).

Nesse processo dinâmico, de construção e reconstrução das identidades, a resistência e a reflexão sobre as condições de subordinação da mulher podem dar origem à construção de uma identidade “empoderada”, a partir de aspectos subjetivos da identidade para si que recusa a identificação com esse lugar socialmente designado à mulher e de aspectos coletivos em que as mulheres podem oferecer o reforço da identidade para o outro no sentido do empoderamento.

Sendo assim, o objetivo central desta tese é compreender, a partir do ponto de vista das entrevistadas, como os seus processos identitários e de empoderamento se relacionam com a sua participação nas comunidades virtuais na *internet*.

Visando ao cumprimento do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever e analisar os principais temas emergentes nas histórias de vida das mulheres abordadas;
- Descrever e analisar os principais personagens apresentados e sua importância para a construção da narrativa;

- Descrever e analisar as categorias com as quais as entrevistadas se identificam e constroem suas identidades;
- Descrever e analisar como as relações estabelecidas nas comunidades virtuais afeta os processos identitários e de empoderamento das entrevistadas;
- Descrever e analisar ações e estratégias de empoderamento utilizadas pelas entrevistadas;
- Identificar aspectos emergentes para pesquisas futuras.

Essa tese estrutura-se em 5 capítulos. O primeiro refere-se a esta introdução. O segundo capítulo contempla o referencial em que são tratados os conceitos de identidade, empoderamento e comunidades virtuais. Também são tratadas, de forma específica, as questões referentes à socialização das mulheres, ao contexto de desigualdade enfrentado pelas mulheres e questões relacionadas ao empoderamento feminino. No capítulo 3, descreve-se a metodologia adotada na pesquisa. No capítulo 4, são apresentados os dados da pesquisa em que cada entrevista foi considerada um caso a ser analisado. Por fim, no capítulo 5, são apresentadas as conclusões, limitações e perspectivas de pesquisas futuras, seguidas das referências e apêndices.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O conceito de identidade

O conceito de identidade diz respeito à forma como uma pessoa pode ser reconhecida. Tem a ver com o que ela diz sobre quem ela é e sobre o que a sociedade diz sobre ela, ou seja, a identidade a define. Coutinho e Quartiero (2009) esclarecem que o conceito tradicional de identidade está relacionado às heranças sociais, culturais e definições anteriores ao sujeito. Formam-se a partir de “comunidades de vida ou nascimento e as comunidades de destino formadas por ideias, hábitos costumes, escolhas culturais, estéticas etc.” As autoras explicam que a constatação dessa identidade está ligada ao sentimento de pertencimento a algum lugar. A identidade já foi considerada parte da essência de um ser humano, sendo, portanto, permanente e constante, mas essa noção tem se modificado, e diversos autores adotam uma perspectiva dinâmica, mais alinhada ao pensamento pós-moderno, que também será utilizada nesta tese, de processo em permanente construção (BERGER e LUCKMANN, 1987; GOFFMAN, 1985; HALL, 2003, 2005; BAUMAN, 2005; CIAMPA, 2005; DUBAR, 2005; SOUZA, 2010; ZANATTA, 2011; AGUIAR e CARRIERI, 2016; ROQUETE e BRITO, 2017).

No estudo das identidades, um desafio que surge com a pós-modernidade é que as pessoas são expostas cada vez mais a muitas e diferentes comunidades e passam a refletir sobre esse fato, e assim a definição de identidades torna-se problemática (COUTINHO e QUARTIERO, 2009; MATTOS, 2010).

Para Bauman (2005), a discussão sobre identidade é muito importante, mas não deve ter como foco a busca de respostas definitivas, uma vez que as identidades são na pós-modernidade constantemente questionadas, desconstruídas, revistas, justapostas ou mescladas. Assim, para o autor

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p. 17),

O sociólogo francês Claude Dubar (2005) esclarece como os aspectos relacionais e biográficos estão imbricados no processo de construção identitária. O autor dá ênfase à importância da socialização para a identidade esclarecendo que a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro. Nesse sentido, a identidade é um processo dual, composto pela identidade para si e a identidade para o outro que são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de forma problemática. Isso porque a identidade para si depende do olhar do Outro e do seu reconhecimento, mas, como a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu, todas as nossas comunicações com o outro são marcadas pela incerteza. Nunca será possível ter certeza de que a identidade para si mesmo coincide com a identidade para o Outro. É nesse sentido que Dubar afirma que a “identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura” (DUBAR, 2005, p. 135) Nesse sentido, Ciampa (2005) diz que a identidade se constrói na e pela atividade de forma que a identificação vem do outro, mas pode ser recusada para se criar outra. Dessa forma, estudar a identidade permite introduzir a dimensão subjetiva, vivida e psíquica no cerne da análise sociológica. Freitas (2010) traz uma contribuição importante para a análise das identidades, esclarecendo que as identidades são plurais e dependem das referências centrais com as quais as pessoas se relacionam em suas experiências:

Por que sentimos a nossa identidade ameaçada ou reforçada por outros indivíduos e grupos? Por que precisamos ter a nossa existência testemunhada e reconhecida pelos outros? Por que a perda de um emprego prolongado ou a ausência de nosso país pode nos desestabilizar? Por que não gostamos de ser considerados como estrangeiros? Essas questões são subjacentes às dimensões psicossociais e interculturais da identidade, pois as identidades são plurais e paralelas, individuais e coletivas, permitindo ao ser humano experimentar o sentimento de valor pessoal e estima de si. A identidade é um estatuto que se define a partir de referências centrais, que podem ser estáveis ou modificáveis no tempo. Como somos todos sobrecarregados dessas referências é mais apropriado falar em identidades plurais que de uma identidade singular. A nossa auto definição traz consigo armadilhas provocadas pela nossa autopercepção e pela percepção alheia, pelas nossas necessidades psíquicas de aceitação e amor, pela nossa consciência e pela inconsciência de nossas próprias fragilidades, medos, desejos e motivos. Os nossos pontos de referências são alternativos e podem tanto nos incluir quanto nos excluir em grupos e comunidades (FREITAS, 2010, p.12).

Para que um indivíduo possa construir sua identidade, ele utilizará categorias socialmente disponíveis com as quais ele se reconhece ou se distancia. Assim, a constituição da identidade se baseia em uma tensão permanente entre os atos de atribuição (como os outros nomeiam e classificam o indivíduo) e os atos de pertencimento (quando o indivíduo se reconhece nas atribuições recebidas e as incorpora à sua identidade para si). Os atos de atribuição

correspondem à identidade para o outro, ou seja, à identidade virtual, já os atos de pertencimento dizem respeito à identidade para si – a identidade real. Esses atos acontecem dentro das dinâmicas relacionais e biográficas. A primeira diz respeito à identidade para o outro, em que as transações são mais objetivas e genéricas; enquanto a segunda corresponde à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, conforme esclarece Roquete (2012, p. 33):

o processo identitário biográfico é um processo essencialmente subjetivo. O pesquisador pode conhecê-lo por meio da assimilação do conteúdo da trajetória de vida dos indivíduos, da maneira como eles fazem o relato dessa experiência e da forma como articulam o passado, o presente e o futuro. Em outros termos, trata-se de descobrir como cada indivíduo caminha da identidade herdada rumo à identidade visada.

Frankllin-Ferreira e Camargo (2011) esclarecem que as identidades são construídas através do intercâmbio entre o individual e o coletivo, desde sempre mediado por um conjunto de crenças, códigos e valores instaurados historicamente em uma dinâmica na qual as pessoas interiorizam como sendo parte de si o que os outros lhes atribuem. Nesse sentido, Freitas (2011) esclarece:

O social é representado na cultura, nos valores e significados que todo indivíduo – desde a mais tenra idade – se submete através dos processos de socialização primária e secundária. A nossa vida é uma trajetória de múltiplas identificações com outros indivíduos e grupos, bem como, com as suas ideias e ideologias. A imagem que temos de nós mesmos, as nossas crenças e auto representações, constituem uma estrutura psicológica que nos permitem selecionar as nossas ações e as nossas relações sociais. Podemos, pois, dizer que a identidade é uma produção psíquica complexa e que assume numerosas dimensões e estratos, em virtude das nossas experiências pessoais e dos grupos de que fazemos parte. Então, não podemos falar em identidade como uma mera produção individual, mas como uma construção complexa, resultante das nossas incessantes interações sociais e das nossas diversas filiações, que nos estimulam determinados comportamentos e que fornecem ancoragem ou referências que desenvolvemos ao longo de toda a nossa vida (FREITAS, 2011, p. 13).

O que Dubar (2005) mostra é que a produção identitária se dá a partir de dois processos heterogêneos. O primeiro diz respeito à atribuição da identidade pelos outros que estão em interação direta com os indivíduos e só pode ser analisado no interior dos sistemas de ação nos quais o indivíduo está implicado. É importante entender que, apesar de existir um componente subjetivo na produção das identidades, ela se dá a partir das categorias estabelecidas socialmente, ou seja, há um processo de rotulação e caracterização que os grupos atribuem aos indivíduos e que constitui a sua identidade social virtual (GOFFMAN, 1985; DUBAR, 2005).

O indivíduo é diferenciado e categorizado por nomes próprios, rótulos, aspectos corporais e toda sorte de características físicas, números, classe social, gênero, sexualidade, profissão, raça,

etnia, nacionalidade e, mais recentemente, senhas, entre outras designações (FABRÍCIO, 2002). Nessa relação com terceiros, o indivíduo é identificado e tem uma “identidade para o outro” atribuída.

O segundo processo, mais subjetivo e reflexivo, concerne à interiorização ativa em que o indivíduo reconhece em si algumas das categorias e rótulos que lhe foram atribuídos e passa a reconhecê-los como uma definição de si. Ele deve ser analisado no interior das trajetórias sociais pelas e nas quais os indivíduos constroem “identidades para si”, ou seja, a história que eles se contam sobre o que são, e Dubar se apoia em Goffman (1985) para denominar de identidades sociais reais. Estas também utilizam categorias que devem ser legítimas para o indivíduo e para o grupo a partir do qual ele define uma identidade para si, que pode ou não coincidir com o grupo ao qual ele pertence objetivamente (GOFFMAN, 1985; DUBAR, 2005).

É nesse sentido que Dubar argumenta que esses processos são ligados de forma problemática, uma vez que eles não são necessariamente coincidentes. Quando estão em desacordo as formas como a sociedade rotula o indivíduo e o que ele sente e é introjetado, iniciam-se mecanismos de ajuste nos quais o indivíduo estabelece estratégias identitárias para diminuir o distanciamento entre a "identidade para si" e a "identidade para o outro". Segundo Dubar (2005, p. 140), as estratégias identitárias podem assumir duas formas:

[...] ou de transações 'externas' entre o indivíduo e os outros significativos, visando a tentar acomodar a identidade para si à identidade para o outro (transação denominada 'objetiva'), ou a de transações 'internas' ao indivíduo, entre a necessidade de salvaguardar uma parte de suas identificações anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir para si novas identidades no futuro (identidades visadas), com vistas a tentar assimilar a identidade para-o-outro à identidade-para-si.

Destaque-se que, nas transações objetivas, espera-se que o indivíduo ajuste a "identidade para si" à "identidade para o outro", o que pode não ocorrer; assim como nas transações subjetivas, nas quais se espera um ajuste entre as identificações herdadas e as identidades visadas, podem haver rupturas. E dessa forma, a articulação entre as duas transações é a chave do processo de construção das identidades sociais. Sob essa perspectiva, a teoria sociológica de identidade proposta por Dubar (2005) está estruturada nas relações entre o "Eu" e o "Outro", em que ocorre um constante ajuste ou acomodação entre "como eu me vejo" e "como as pessoas me veem", que vão se transformando a partir das diversas socializações que o indivíduo vivencia (DUBAR, 2005).

O mecanismo funciona assim: o indivíduo é identificado e categorizado pelos outros, mas ele pode recusar essas classificações e utilizar outras categorias, socialmente disponíveis ou mais ou menos legítimas, com as quais se identifica. Essas categorias podem ser de diversas origens ou valores étnicos, regionais ou profissionais. Dessa forma, os indivíduos buscam novos significados sociais para acomodar e rotular as identidades a que eles visam ou as que desejam. Isso significa que o indivíduo, quando visa a uma identidade diferente daquela que dele se espera, precisa encontrar na sociedade as categorias que a identificam e conseguir a legitimação e a confirmação dessa identidade visada. Para isso, muitas vezes precisa encontrar grupos sociais diferentes daqueles que habitualmente frequentava (MEDEIRO, 2002). É pela e na atividade com os outros, o que implica um sentido, que um indivíduo é identificado e levado a endossar ou a recusar as identificações que recebe dos outros ou das instituições.

Nesse sentido, para analisar a construção de identidades reais ou virtuais, é necessário levar em consideração as trajetórias vividas pelos atores sociais observando tanto a perspectiva pessoal quanto a social e levando em conta a subjetividade e as determinações externas (SOUZA, 2010). Dubar (2005, p. 136) propõe que:

[...] a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Quando um indivíduo se insere em um grupo, este passa a ser referência para a construção de sua identidade, ele reconhece no grupo valores com os quais se identifica e valores que nega. Segundo Chies (2010), a autoidentificação parte de um reconhecimento intersubjetivo, em que a possibilidade de ser diferente dos outros deve ser reconhecida por esses 'outros'. Para Machado:

Construir a própria identidade é, portanto, permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos. O outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se. Sob essa perspectiva, o eu não existe, a não ser em interação com os outros (MACHADO, 2003, p. 54).

Sendo assim, Dubar (2005) defende que a identidade passa por mecanismos de ajuste em uma transação objetiva (a socialização) e uma transação subjetiva (a interiorização) que estão em constante interação nesse processo. A forma como o indivíduo é rotulado pela sociedade, o que ele sente sobre esses rótulos e o que ele introjeta vai depender das negociações ou estratégias do sujeito para conseguir um certo equilíbrio nas relações sociais. Assim, há uma negociação

constante da pessoa para equilibrar sua "identidade real", a "identidade virtual" e a "identidade social", e, dessa forma, produzir o equilíbrio do sujeito.

A construção das identidades se realiza, pois, na articulação entre os sistemas de ação, que propõem identidades virtuais, e as trajetórias vividas, no interior das quais se forjam as identidades reais. Ela pode ser analisada em termos tanto de continuidade entre identidade herdada e identidade visada como de ruptura, implicando transações subjetivas. Pode ser traduzida tanto por acordos quanto por desacordos entre identidade “virtual”, proposta ou imposta por outros, e identidade “real”, interiorizada ou projetada pelo indivíduo (DUBAR, 2005).

A identidade é, assim, um produto de socializações sucessivas e é construída entre dois espaços: entre o singular e o plural, entre o espaço interno e o espaço externo, entre o espaço do ser e o espaço da ação, da defensiva e da ofensiva, da discriminação e da assimilação, da inserção e da marginalização (MEDEIRO, 2002).

Roquete (2012) esclarece que a identidade para o outro se realiza em espaços de identificação prioritários dos indivíduos. Se houver uma diversidade de espaços e parceiros, “o indivíduo tem condições de definir seus investimentos e administrar seus pertencimentos, o que se caracteriza como parte essencial da transação objetiva” (ROQUETE, 2012, p. 139).

Berger e Luckman (1987) descrevem o processo de socialização como uma construção social que ocorre em duas etapas. A primeira é chamada de socialização primária e ocorre nos primeiros anos da vida do indivíduo, quando os comportamentos, valores, regras, juízos de valor e visões de mundo da família são sua única referência e assim ele os reproduz. Nessa fase, o mundo que o indivíduo considera como realidade é aquele ensinado pela família, e, como não há outras referências, não tem como questionar ou refletir sobre si mesmo, então sua identidade corresponde ao que a família diz que ele é. As características identitárias construídas na socialização primária são as mais difíceis de se questionar, justamente por serem formadas em um contexto em que o indivíduo não tem outras referências com as quais possa se identificar e questionar as rotulagens recebidas.

A segunda etapa é chamada de socialização secundária e acontece quando o indivíduo começa a ter contato com outras estruturas sociais, como escola, igreja, esportes, entre outros; ele passa a conviver com indivíduos que possuem atributos culturais diferentes dos seus e passa a

questionar a identidade herdada da família (BERGER e LUCKMAN, 1987). O indivíduo passa a ter novas referências com as quais ele pode se identificar ou não, o que o leva a construções e reconstruções de sua identidade à medida que vai tendo novas experiências.

A socialização secundária se intensifica quando o indivíduo se insere no mundo do trabalho e a identidade profissional passa a fazer parte da construção de sua própria identidade. No campo do trabalho, as identidades profissionais vão sendo construídas não apenas a partir do que o indivíduo é, mas também pelo que ele faz, ou seja, o indivíduo pode e deve agir de acordo com o que se espera de um profissional daquela área (CIAMPA, 1999; MACHADO, 2003, DUBAR, 2005; CHIES, 2010; DUBAR, 2012; PAIVA e MELO, 2010; ROQUETE, 2012; LOMBARDI, 2017).

Por esse caminho é que a identidade profissional aparece sob predicativos associados ao que se espera de determinados profissionais de acordo com a própria identidade de sua área de atuação e, particularmente, de sua identidade de gênero. Em termos gerais, podemos definir identidade profissional por questões envolvidas 'ao que se espera de um profissional', mas não confundam com simplesmente a função social de determinado profissional. A identidade profissional vincula-se a um contexto mais amplo que envolve o processo histórico de desenvolvimento da profissão em questão, o que em alguns casos como uma profissão inserida em um meio acadêmico e científico gera relações com a história da área, suas transformações perante a ciência e a sociedade (CHIES, 2010, p. 522).

A identidade profissional também é formada em sucessivas socializações ao longo da carreira da pessoa. Esse processo, segundo Lombardi (2017), interliga formação profissional, trabalho, carreira e as experiências vividas nas empresas, instituições, sindicatos e outras associações de representação coletiva, e nesse percurso o indivíduo obtém legitimidade e reconhecimento profissional para si mesmo, para a comunidade de pares e para a sociedade. Assim como a construção da identidade pessoal, a socialização profissional não é estática e perpassa a trajetória de vida das pessoas em constante construção e reformulação, sendo submetida a interferências sociais, econômicas e psicológicas mais amplas. O processo de socialização profissional encarregar-se-á de transmitir uma base cultural comum da profissão, composta, entre outras dimensões, de uma visão de mundo, de uma prática, de um linguajar e de uma ética peculiares (LOMBARDI, 2017).

Considerar a identidade como um processo em construção é fundamental para a análise dos processos de empoderamento, uma vez que esse conceito diz respeito à mudanças tanto na forma como as mulheres são socializadas, como nas categorias sociais com as quais se identificam, levando a processos de transformação identitária que vão de uma postura passiva

a uma postura de protagonistas em sua própria vida. Nesse sentido, concorda-se com Souza (2010):

A identidade é entendida enquanto ação, enquanto o verbo desempenhado pelo sujeito. Dessa forma, não se cristaliza o que o indivíduo chegou a ser um dia. Abrem-se possibilidades contínuas de transformação e de transgressão das imposições externas pelo desempenho de papéis sociais (SOUZA, 2010, p. 3).

Para Ciampa (2005), a identidade é um meio para a constituição do eu que passa por constantes metamorfoses a partir do contexto de vida em que o indivíduo está inserido. Assim, no processo de constituição da identidade, os papéis que o indivíduo representa em suas relações fazem parte de sua construção. A identidade é, assim, continuamente posta e reposta, pois, o indivíduo vivencia simultaneamente vários papéis, e, assim, ele se metamorfoseia em personagens diferentes de acordo com o contexto no qual se encontra. Isso significa que o indivíduo tem vários papéis que são apresentados separadamente, em diferentes momentos e que constituem uma totalidade que se manifesta em partes. Assim, nas interações sociais, o indivíduo se torna um representante de si mesmo. Nesse sentido, a identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe um personagem. Das diferentes maneiras que se pode representar esses personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Isso significa que a identidade articula a igualdade e a diferença (CIAMPA, 2005).

A pessoa vai construindo e reconstruindo sua identidade à medida que ela vai integrando novas comunidades com suas regras e relações de poder, tendo acesso a novas categorias sociais com as quais se identifique – ou não, e em alguns casos ela se torna bastante distinta das suas identidades herdadas ou esperadas. Como o foco desta tese é a construção identitária e o processo de empoderamento feminino, na seção a seguir, será descrito, mais detalhadamente, como se dão os processos de socialização das mulheres e as relações de poder e gênero estabelecidas no Brasil para, assim, caracterizar o contexto social de produção de suas identidades.

2.2. A socialização das mulheres

Em meados do século passado, a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir (1949) causou enorme impacto nos meios intelectuais, e, a partir de então, militantes passaram a repeti-la para deixar claro que seu modo de ser e de estar no mundo constituía-se numa construção (LOURO, 2010). Esse tornar-se mulher dependia não do fato de possuir um aparelho reprodutor feminino, mas “das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura” (LOURO, 2008, p. 17).

Neste tópico, o processo de socialização será focalizado enquanto parte desse “tornar-se mulher”, descrito por Beauvoir. Entender os mecanismos que afetam a construção das identidades das mulheres é essencial para que se seja possível analisar o processo de empoderamento feminino, que passa pela tomada de consciência e reflexão a respeito das estruturas que restringem a sua capacidade de controle sobre a própria vida, pela noção de pertencimento a um grupo minoritário e pela organização para a transformação social.

A socialização das mulheres está marcada por controles estritos do corpo, do comportamento e da participação pública. Desde crianças, elas são lembradas que delas se espera que sejam mães, esposas, donas de casa (prioritariamente) e profissionais. Há uma espiral de exigências contraditórias da feminilidade. É preciso que sejam belas e delicadas, mas, quando se apresentam assim, são consideradas frágeis, incapazes e fúteis. São cobradas para manter a vida sexual regrada e considerar um casamento com um homem bem-sucedido como sinal de sucesso pessoal, mas, quando estão nesse tipo de relacionamento, são consideradas interesseiras ou preguiçosas. Muitas vezes, lidar com as contradições da feminilidade leva as mulheres a transtornos psicológicos como baixa autoestima, depressão, distúrbios alimentares e culpa (BERGER, 2006; PAECHTER, 2009)

O conceito de gênero foi elaborado por estudiosas feministas justamente para analisar as diferenças que se constroem a partir das socializações de mulheres e homens que levam a desigualdades de poder na sociedade. A historiadora Joan Scott (1988) critica o fato de que esse conceito tem sido usado como uma categoria binária que coloca homens de um lado e mulheres de outro. Ela não nega que existem diferenças entre os corpos, mas o que lhe interessa são as formas como os significados culturais para essas diferenças são construídos, dotados de sentido

e posicionados em relações hierárquicas. Para a autora, o uso do conceito de gênero vai muito além do significado literal e explica características específicas, que em cada cultura são definidas como do masculino e do feminino, construídas como uma relação de poder em que à mulher cabe uma posição subalterna.

Scott (1988) esclarece que existem duas dimensões fundamentais que devem ser consideradas a partir do conceito de gênero: a primeira, como elemento característico das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e que se baseiam em ideais culturalmente desenvolvidos do que é constitutivo da identidade do masculino e do feminino, evocando aspectos simbólicos e mitos; a segunda, como forma básica de representar as relações sociais, culturais e simbólicas, estruturadas nas relações de poder, em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis. Dessa forma, as relações de gênero representam um processo contínuo e descontínuo da produção de poder do homem e da mulher em cada cultura e sociedade (SCOTT, 1988). Compreende-se, então, que a constituição dos gêneros não responde simplesmente a uma organização social, mas sustenta relações de poder (BEAUVOIR, 1980; SILVA, 2000; BUTLER, 2008; PAECHTER, 2009).

Segundo Scott (1988), as mudanças nas relações sociais correspondem a alterações nas representações de poder, sendo que sua direção não segue sempre um sentido único. Para ela, é preciso deixar de lado a noção de fixidez, investigar a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais.

Em relação às estruturas de gênero que afetam a construção da identidade das mulheres, a socialização primária tem uma função importante. A partir do momento que um indivíduo tem seu corpo classificado como feminino, uma série de expectativas e definições é apresentada a ele desde o nascimento e vai sendo interiorizada como parte de sua própria identidade. Para Louro (2008):

não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições

legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p. 18).

Louro (2008) destaca ainda que por muito tempo as instituições mais tradicionais tiveram suas orientações e ensinamentos considerados quase absolutos, mas que, na contemporaneidade, há também uma forte sedução e impacto das mídias de massa (novelas, publicidade, revistas, *internet*, cinema, televisão) e das tecnologias de segurança que disseminaram o uso de câmeras e monitores de vídeo e outras máquinas que vigiam, controlam e censuram. Mesmo que as proposições e mensagens apresentadas por essas múltiplas instâncias não sejam coerentes entre si ou igualmente autorizadas, elas estão espalhadas por toda a parte e servem como potentes pedagogias culturais.

A identidade de gênero é o elemento chave no desenvolvimento da personalidade. Influencia o modo de ser, agir e pensar dos indivíduos e constitui-se no conjunto de crenças, atitudes e estereótipos do indivíduo acerca de gênero, que têm origem em antecedentes biológicos, psicológicos e sociais. O processo de construção da identidade de gênero tem importância fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois determina interesses, atitudes e comportamentos que o acompanharão ao longo da vida (COSTA e ANTONIAZZI, 1999, p. 67).

A atribuição de gênero é um dos primeiros processos de socialização a que um indivíduo é submetido, o que pode começar antes mesmo do nascimento, quando exames pré-natal informam aos pais qual o sexo do bebê que está por nascer (ARÁN e PEIXOTO-JÚNIOR, 2007; BUTLER, 2008). A partir desse momento, começam a ser construídas expectativas sobre comportamento, aparência, personalidade, ocupação, entre várias outras que são socialmente classificadas a partir do gênero (RIBEIRO, 2006; PAECHTER, 2009; ROVERI e SOARES, 2011; BOTTON et al. 2015; OLIVEIRA, 2016). Vieira (2006) sugere que desde o ventre as crianças são tratadas pelas mães de acordo com o seu sexo, muitas vezes reproduzindo estereótipos de gênero.

Biroli (2013), em uma análise aprofundada sobre a socialização e a construção da identidade das mulheres, destaca o fato de que as “mulheres são marcadas pelo corpo de maneiras socialmente diversas dos homens” (BIROLI, 2013, p. 84). Isso significa que, desde o nascimento, as mulheres são marcadas por expectativas sociais que remetem ao cuidado, à beleza, à fragilidade e à submissão. Ainda na maternidade, os bebês de sexo feminino ganham laços, brincos e babados que marcam a diferença que seria indetectável sem esses símbolos (RICAS, DONOSO e GRESTA, 2006; SWAIN, 2007). Essa marcação do gênero serve como ponto de partida para a socialização que receberão a partir dali.

A partir do nascimento, o desenvolvimento do bebê é fortemente influenciado pelas suas relações, tanto as estabelecidas com o meio que o cerca quanto as com os sujeitos que compõem esse ambiente, e, a partir dessas relações, passa a compreender e significar o mundo que o rodeia e a si mesmo, construindo sua personalidade e identidade. A família, em especial os pais, se constitui como contexto inicial de socialização e caracteriza-se como uma instituição repleta de significados e sentidos importantes no processo de construção identitária (PAECHTER, 2009; PESSOA e COSTA, 2014; CARVALHO, SENKEVICS, LOGES, 2014; CARVALHO, LOGES, SENKEVICS, 2016; CAMPOS, TILIO e CREMA, 2017).

Desde o momento em que nosso sexo é descoberto, pela ciência ou pelo nascimento, nos são ensinados os significados do que é ser homem ou mulher no mundo, e as características específicas para assumirmos essa identidade referente ao biológico. A partir daí o mundo pode, estereotipadamente, dividir-se em rosa ou azul, bonecas ou carrinhos, fraqueza ou força, submissão ou dominação, restringir-se ao privado ou a circular livremente no público, sem precisar de maiores explicações sobre qual desses lados é o considerado mais adequado para uma mulher e para um homem (BOTTON et al., 2015, p. 44).

Isso significa que, desde muito pequenas, as crianças já aprendem os papéis sociais relacionados ao gênero e tidos como adequados para si e que devem exercer, assim como quais são mais valorizados socialmente (PAECHTER, 2009; BOTTON et al., 2015).

A infância é atravessada por processos de socialização dentre os quais são construídas as identidades de meninos e meninas, influenciados por distintas representações de gênero. Essas representações oferecem repertórios que possibilitam aos indivíduos referir-se, rotular, mostrar ou nomear a si mesmos, as pessoas e as coisas a partir de categorias historicamente construídas entre a masculinidade e a feminilidade. Na vida cotidiana, o gênero é apreendido e simultaneamente vivenciado pelos indivíduos. Na maioria dos casos, o indivíduo reconhece a si e aos outros como homens e mulheres, meninos e meninas, e realiza seus afazeres, relações sociais e atribuições levando em conta essa distinção (PAECHTER, 2009; SANTOS, 2017).

Segundo teóricos da aprendizagem social, a identificação de gênero é consequência da observação e imitação de um modelo, que pode ser os pais ou outras pessoas. Quando imitam, as crianças são reforçadas por apresentarem comportamentos adequados ao seu sexo, e são punidas ou não reforçadas quando apresentam comportamentos considerados, socialmente, como inadequados ao mesmo. A partir desta identificação os indivíduos tornam-se aptos a desempenharem diferentes papéis sociais vinculados a gênero, e apoiados em suas crenças sobre a diferença entre ser homem e ser mulher. Estes papéis sofrem a influência das expectativas do grupo social e da própria pessoa acerca da maneira "correta" de desempenhá-los. Eles podem ser mais ou menos estereotipados dependendo da situação cultural, social ou da fase de desenvolvimento na qual encontra-se o indivíduo (COSTA e ANTONIAZZI, 1999, p. 67).

Os bebês vão aprendendo o que os adultos lhe ensinam e, à medida que crescem e os seus processos cognitivos se complexificam, alguns modos de ser e se comportar são incentivados ou desestimulados, deixando claro para a criança o que é ser homem e ser mulher, quais comportamentos são aceitáveis socialmente para cada sexo e, conseqüentemente, sobre as relações de poder no seu círculo familiar que são, inevitavelmente, estendidas para a forma como entendem o mundo (BOTTON et al., 2015).

Diversas pesquisas apontam para o fato de que, mesmo com uma diversidade de contextos de aprendizagem das noções de gênero, é a família que tem o papel mais relevante nesse processo uma vez que é dentro dela que se dão as primeiras vivências da criança (FLECK, FALCKE E HACKNER, 2005; FALCKE e WAGNER, 2005; GOMES, 2000; KELLER, 1998; DINIZ e SALOMÃO, 2010). Dessa forma, os adultos são considerados por elas como os modelos principais de identificação. Botton et al. (2015) esclarecem que, como pais e mães têm sua existência marcada pelo gênero, é previsível que apresentem às crianças os mesmos modelos a que estão submetidos. É nesse sentido que Castañeda (2006) afirma que meninos e meninas começam, desde o nascimento, a absorver discursos presentes no núcleo familiar que vão auxiliar na formação de sua autoimagem, inclusive, em relação ao gênero e suas desigualdades. A autora explica que, aos três anos de idade, as crianças de ambos os sexos já conseguem distinguir entre roupas, jogos e brinquedos que são definidos como masculinos ou femininos.

Por fim, o processo de socialização por que passam todas as crianças durante a infância é influenciado e regulado pela sociedade em que ela se encontra, de forma que o conjunto de valores, normas, papéis, conhecimentos e condutas são, geralmente, compatíveis com os núcleos e comunidades em que elas circulam. E a família é considerada o nicho de desenvolvimento primário para o desenvolvimento da personalidade e cognições (KELLER, 1998; DINIZ e SALOMÃO, 2010). São as experiências socializadoras dos indivíduos, em especial aquelas mantidas no ambiente familiar, que definirão as possibilidades e limites de suas trajetórias (BOTTON et al., 2015).

Nesse aprendizado, as diferenças de gênero demarcam modos de ser e definem relações desiguais de poder, e os comportamentos femininos são orientados no sentido de a menina ser mais contida, dócil, afetiva, ligada ao modelo de maternidade e maternagem, o que acaba desencadeando dependência e submissão (GRISCI, 1995; COSTA e COELHO, 2013).

Finco (2004, 2005, 2010, 2013, 2015, 2017) esclarece que, desde o berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros apresentam rótulos que a sociedade espera que as crianças aceitem e assumam. Entre esses rótulos está a expectativa de que os homens assumam os papéis públicos e a política, e as mulheres, o privado e a casa. Dos meninos, espera-se agressividade, capacidade de liderança, racionalidade. Das meninas, espera-se delicadeza, sensibilidade e beleza. A autora mostra resultados de pesquisas que confirmam que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências competências, atributos de personalidade mais apropriadas socialmente para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenas, as normas e padrões estabelecidos.

No desenvolvimento cognitivo das crianças, as brincadeiras têm importância crucial para sua constituição psicológica e social, e proporcionam a capacitação de uma série de experiências que irão contribuir para o desenvolvimento futuro dela. Segundo Rolim, Guerra e Tassigny (2008), o brincar relaciona-se com a aprendizagem, uma vez que na brincadeira reside a base do que permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados (VIGOTSKY, 1998). Além disso, o brincar também prepara para futuras atividades de trabalho pois demanda atenção e concentração, estimula a autoestima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros, além de colaborar para que a criança trabalhe sua relação com o mundo (CARVALHO et al., 1990; ROLIM, GUERRA e TASSIGNY, 2008).

Nesse sentido, os brinquedos e brincadeiras que são apresentados às crianças colaboram para a sua visão de mundo e para a sua construção identitária. Castañeda (2006) problematiza o fato de que as pessoas que cuidam das crianças incentivam brincadeiras estereotipadas por gênero. Isso significa que as meninas são estimuladas a brincar com bonecas, vassourinhas e ferros de passar que as incentivam para o trabalho doméstico. Já as brincadeiras dos meninos são mais livres e pouco relacionadas a uma responsabilidade adulta específica, já que poucos vão realmente trabalhar como soldado, vaqueiro, piloto de avião ou de foguete, como os brinquedos que lhes são oferecidos. Esse fenômeno é chamado pela autora de “machismo invisível”, por ser aprendido de forma sutil e sem maiores questionamentos.

Nessa linha, Nascimento (2016) sublinha que os brinquedos infantis são influenciados por valores patriarcais e que, mesmo quando as crianças têm interesse em brincadeiras pensadas para o gênero que não o atribuído a ela, os adultos limitam seu acesso a tais brincadeiras

estabelecendo no cotidiano das crianças o que é “brincadeira de menino” e o que é “brincadeira de menina”. Para Cravo (2006), a socialização infantil é realizada com base em padrões diferentes para educação de meninos e meninas, e os brinquedos são uma das formas de enquadrá-los nas normas de gênero estabelecidas. Nesse caso, enquanto brincar de “casinha”, de boneca e “comidinha” são brincadeiras femininas, nitidamente relacionadas ao lar, os meninos brincam nas ruas, de carro, de luta, de bola, não estabelecendo nenhuma relação com a paternidade ou atividades domésticas. Demarcam-se, assim, as expectativas sociais para cada gênero desde a infância (ARAÚJO, BEZERRA e FERREIA, 2017). Portanto, Cravo (2006, p. 42) esclarece que os “estereótipos de gênero influenciam o brincar infantil, refletindo nos padrões de socialização de meninas e meninos, levando-os a construírem o mundo com base em papéis sociais”.

Durante a infância, as expectativas sociais sobre os papéis de gênero são fortemente reforçadas nas brincadeiras. As meninas recebem bonecas que podem ser as “suas filhas” e elas vão aprendendo que delas é esperada a maternidade, e junto a essas filhas também recebem brinquedos relacionados aos serviços domésticos como panelas, fogões ou eletrodomésticos (OLIVEIRA, 2016).

Além das bonecas-filhas já mencionadas, as meninas também recebem bonecas que são oferecidas como modelos estéticos a seguir e, nesse caso, costumam ter um corpo mais adultizado e possuem uma infinidade de acessórios de beleza, roupas, sapatos e maquiagens, que vão apresentando às meninas qual o padrão de beleza para que possam ser consideradas bonitas e aceitáveis (OLIVEIRA, 2016; FREITAS, 2016). Há que se destacar que esse padrão de beleza é claramente racista e elitista, e afeta diretamente a construção identitária das meninas que os usam como referência. Para algumas, as meninas brancas e/ou ricas, é necessário um grande empenho de energia e dinheiro para se adequarem ao padrão estético e de comportamento exigido delas (NOVAES e VILHENA, 2003; FORT, SKURA e BRISOLARA, 2016; MARIMPIETRI, 2017). Para as outras, as meninas negras e/ou pobres, a certeza da impossibilidade de se enquadrar ao padrão afeta a autoestima e promove exclusões e discriminações sociais (TELES, 2000; BANDEIRA e BATISTA, 2002).

Outro espaço importante na socialização das crianças é a escola. As experiências vivenciadas pelas crianças na escola também são marcadas por situações de partilha de poder, conforme esclarecem Oliveira e Mendes (2017). Os autores dão como exemplo as disputas por espaço,

brinquedos e atenção dos professores e, segundo eles, essas interações somadas às experiências familiares têm influência decisiva em suas ações futuras. Nessas relações, as questões de gênero estão muitas vezes subjacentes, e os educadores assumem um papel crucial para a manutenção ou para a desconstrução de estereótipos dependendo de como se dá sua ação pedagógica (GOMES, 2012; MARCHÃO e BENTO 2012; PRATES e MARCHÃO, 2015; OLIVEIRA e MENDES, 2017).

Viana e Finco (2009) destacam como a demarcação de gênero nas escolas de educação infantil sofre influência do contexto cultural em que se inserem. As autoras apontam que as características físicas e os comportamentos socialmente esperados segundo o gênero são reforçados nos gestos e nas práticas do dia a dia, muitas vezes de forma inconsciente. Essa demarcação se dá na medida em que grande parte do que é valorizado para a menina não o é para o menino e vice-versa. Assim, o processo de construção da feminilidade e da masculinidade dos corpos e dos respectivos sentimentos relaciona-se com as expectativas sociais presentes na nossa cultura.

Desde a infância, as meninas são ensinadas a escolher brincadeiras que passam por um controle estrito do corpo. A elas é ensinado que precisam ser delicadas, comportadas, meigas, bem arrumadas e, principalmente, obedientes. Além disso, são incentivadas a adotar atividades que exigem menos do corpo. Os meninos, por sua vez, são incentivados a serem ativos, agressivos, atléticos e ousados (CARVALHO et al, 1993; RIBEIRO, 2003; VIANA e FINCO, 2009).

É importante destacar que esse controle do corpo é um processo social e marcado culturalmente. Ele acontece por meio de formas sutis, muitas vezes não percebidas, o que significa que as características tradicionalmente descritas como sendo naturalmente masculinas ou femininas fazem parte de esforços diversos para diferenciar os corpos, comportamentos e aptidões de meninas e meninos (SOARES, 1998; VAGO, 2002; VIANA E FINCO, 2009; SOARES e ZARANKIN, 2015;). Viana e Finco (2009) alertam para o fato de que os processos de socialização afetam a cognição, o comportamento e as habilidades motoras de ambos os sexos. Para os autores, é essencial pensar sobre a educação infantil e os processos de socialização de gênero que limitam as possibilidades do corpo das crianças com base em explicações biológicas para as diferenças entre homens e mulheres, mas que, de fato, são parte do caráter social e historicamente construído das desigualdades de gênero.

O corpo – seus movimentos, posturas, ritmos, expressões e linguagens – é, portanto, uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos, de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais. É importante perguntar como esses mecanismos se fazem presentes na educação de meninas e meninos; de que maneiras são inscritos em seus corpos, como normatizam, disciplinam, regulam e controlam seus comportamentos, posturas, verdades e saberes. Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia a dia (VIANA e FINCO, 2009, p. 271).

Viana e Finco (2009) descrevem o processo de feminilização e masculinização dos corpos, que passa pelo controle dos sentimentos, dos movimentos e das habilidades de meninas e meninos de acordo com expectativas sociais e culturais. Segundo os autores, meninas e meninos são educados de formas diferentes, mas essa diferença está nas formas aparentemente invisíveis com que familiares e professores interagem com as crianças e tem a ver com os reforços, estímulos e sanções que as crianças recebem nessas interações, por exemplo, os gestos, o carinho ou punição, o tom de voz entre outros.

Os brinquedos oferecidos às crianças também estão carregados de expectativas, simbologias e intenções. As expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para o menino e para a menina, justificadas pelas diferenças biológicas, acabam proporcionando distintas vivências corporais e determinando os corpos infantis: meninos e meninas têm no corpo a manifestação de suas experiências (VIANA e FINCO, 2009, p. 271).

As meninas serão elogiadas pela beleza, pela delicadeza e pela obediência, enquanto as crianças do sexo masculino serão elogiadas pela força e pela inteligência. As meninas terão a sua agressividade controlada e tolhida, enquanto os meninos terão suas expressões de sensibilidade e carinho desencorajadas. Toda essa construção vivenciada desde a infância faz com que as mulheres tenham uma experiência de corpo vivido que envolve uma relação entre impotência física e aceitação de seu lugar na sociedade. Assim, a falta de confiança no próprio corpo leva a uma falta de confiança em si próprio, e a vergonha do corpo também envolve renúncia à liberdade e aos prazeres (BIROLI, 2013). A relação dos homens com o corpo, diferentemente das mulheres, é vivenciada como sua expressão objetiva: no homem, há uma valorização do corpo, da força e do poder que lhe confere orgulho e segurança. Entretanto, Biroli (2013, p. 87) destaca que:

o desassossego da mulher em relação ao próprio corpo, assim como o sentimento de impotência não são um destino que se desdobra da biologia, mas dos valores, isto é, das normas e ideologias que regem a relação entre os indivíduos e seu corpo e não de uma essência fundada na natureza da fêmea ou do macho, que expõe uma relação diferenciada entre corpo e autonomia para mulheres e homens, dessa forma pode-se

entender que, mesmo com todos esses constrangimentos, as mudanças na posição social dos indivíduos, resultantes de transformações nas relações de poder, permitiriam vivências diferenciadas de si e dos corpos.

Sobre esse desassossego com o corpo que Biroli (2013) cita, é importante dizer que ele envolve quase todos os aspectos das relações que as mulheres têm com o corpo e afetam a construção das suas identidades. Mas é preciso destacar que, apesar de o controle do corpo e a consequente insegurança em relação a ele serem comuns às mulheres, esse controle não se dá da mesma forma com todas as mulheres, como alertam as feministas interseccionais. Questões como classe social e raça se somam aumentando a intensidade e promovendo desigualdades entre as próprias mulheres (SANSONE e PINHO, 2008; COLLINS, 2017).

No que diz respeito à força física, é comum o discurso de que os homens são naturalmente mais fortes e mais ativos que as mulheres, entretanto, boa parte dessa grande diferença física também está relacionada à socialização. As garotas brancas são desestimuladas a atividades que fortaleçam sua musculatura e suas habilidades físicas, a elas é dito constantemente que são mais fracas e que precisam dos rapazes para atividades que exigem força, que devem se exercitar o suficiente para serem magras, mas não para serem musculosas (SOUSA e ALTMANN, 1999). Já com as garotas negras, a pressão na relação com o corpo é diferente, sobre elas pesam não somente as questões relacionadas à feminilidade, mas também as questões raciais. Delas se espera a servidão. Às mulheres negras são oferecidos trabalhos que exigem muita força física e resistência à dor e não há essa expectativa de fragilidade (FRANKLLIN-FERREIRA e CAMARGO, 2011; LINHARES, 2015).

À medida que as meninas crescem e se tornam adolescentes, outras expectativas se impõem para elas, tanto em relação ao corpo como em relação aos comportamentos (JESUS, 2017). Um dos aspectos que passa a ter importância na construção identitária das mulheres jovens é a beleza e a feminilidade. Segundo Guimarães (2017), há um investimento de tempo e esforço para manter uma aparência atrativa, uma vez que ser desejável é “uma atividade social partilhada e valorizada entre as amigas, validando performances de menina”.

Diversos estudos apontam para o fato de que as práticas relacionadas ao estilo e beleza são fundamentais para a autoestima das mulheres e estão profundamente arraigadas em sua cultura (SKEGGS, 1997; READ, FRANCIS e SKELTON, 2011; GUIMARÃES, 2017). Nesse sentido, ser desejável pelos homens implica status social para as mulheres e manifesta um orgulho

pessoal que não apenas gera autoestima, mas uma crença de sua superioridade em relação às demais (GUIMARÃES, 2017).

Tolman (2002) discute como as jovens aprendem a olhar para si mesmas tomando como referência o olhar dos garotos e, assim, perdem contato com seus próprios desejos. Na pesquisa de Guimarães (2017), ficou claro como a classificação como “namoradas” ou “potenciais namoradas” garantiam status elevado para as adolescentes estudadas. Isso porque, além de mostrar que é desejada, ter um namorado é um recurso que afiança sua respeitabilidade sendo a prova de que a menina atende às exigências sociais de se fazer respeitar, que implica levar uma vida sexual limitada e regrada.

As histórias que lhes são contadas apresentam, em sua maioria, o mesmo final feliz, a protagonista se casa com um “príncipe”, tem vários filhos e vivem felizes para sempre (ZANNETTINO, 2008; BOTTON, 2011). Mas o “felizes para sempre” apresentado nos contos infantis se transforma, na idade adulta, em pressões que resultam em uma diversidade de violências sofridas pelas mulheres.

Guimarães (2017) destaca como as meninas precisam elaborar estratégias de identidade para lidar com as exigências contraditórias em relação à sua sexualidade. Para conseguir o status social conferido pela desejabilidade sexual, elas precisam se fazer atraentes e evitar comportamentos pouco femininos, mas essas tentativas implicam um risco de ser considerada “disponível” e “vadia” (SKEGGS, 1997; DAVIES, 2004; DOZIER, 2005). Dessa forma, elas enfrentam o desafio de equilibrar estes imperativos conflitantes de forma a parecer uma pessoa acessível, mas respeitável (GUIMARÃES, 2017)

Toda essa preocupação leva a um aspecto que é fortemente discutido atualmente pelas mulheres feministas: a pressão estética com que as mulheres precisam lidar em seu dia a dia. Essa pressão faz com que elas tenham que lidar, desde a infância, com modelos estéticos que servirão como referência de beleza e que conferirão privilégios sociais (OLIVEIRA, 2016; FREITAS, 2016).

Quando se tornam adultas, a principal expectativa social para as mulheres é a maternidade. A preparação para a maternidade é um aspecto que marca a socialização de uma mulher desde a infância, como já visto. Esse tema foi profundamente debatido por Beauvoir em meados do século passado. Segundo Beauvoir (2008), a mulher passa por restrições que não servem de nada a ela como indivíduo, para que possa servir à reprodução da espécie. Para ela, "a mulher

é adaptada às necessidades do óvulo mais do que a ela própria. Da puberdade à menopausa, é o núcleo de uma história que nela se desenrola e que não lhe diz respeito pessoalmente" (BEAUVOIR, 2008, p. 48). Nesse caso, a noção de que a mulher está subordinada à espécie leva a uma aceitação da “correspondência entre mulher, papéis sociais de gênero e determinantes biológicas” (BIROLI, 2013, p. 86).

A capacidade reprodutora das mulheres tem afetado a construção de suas identidades no Ocidente, há pelo menos quatro séculos, conforme afirma Swain (2008). Esse modelo, centrado em seus corpos, atribui às mulheres o que a autora chama de “peso de um destino, de uma fatalidade que definiria as mulheres enquanto a verdadeira mulher” (SWAIN, 2008, p. 202). Esta imagem vem conformando as representações e a autorrepresentação das mulheres em torno da figura da mãe. Ser mãe parece justificar a existência e proclamar uma identidade. Entretanto, se a capacidade de engravidar é uma especificidade do corpo feminino, esta não define a totalidade de seu ser, mesmo que o fato de procriar e reproduzir a espécie tenha passado a significar socialmente o feminino e a maternidade.

Swain (2008) adverte que por toda a sociedade ocidental a maternidade é louvada e a figura da mãe apresentada como sagrada. Há uma glorificação do “amor materno incondicional” como se esse amor fosse biologicamente inerente às mulheres como um sentimento que é considerado um dom, instintivo e puramente biológico e que as mulheres só se sentiriam completas se tiverem filhos (BADINTER, 1985; NARVAZ e KOLLER, 2006a, 2006b; EMIDIO, 2008).

Estudos com famílias brasileiras (BERNARDES, 1995; HILESHIEM, 2004; NARVAZ, 2005; SZYMANSKI, 1997) apontam estereótipos acerca da divisão do trabalho dentro do ambiente doméstico de acordo com o sexo da pessoa e demonstram a tradicional distinção entre os papéis do pai e o da mãe na chamada *família nuclear*, formada pelos pais e seus filhos dependentes. O papel da mãe ainda remete ao cuidado dos filhos, enquanto o papel do pai, além de prover o sustento, envolve questões de disciplina e de autoridade. A responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos é predominantemente feminina, trabalho (re)produtivo ocultado, negligenciado e desvalorizado pelo contexto social. Embora a participação dos homens nas famílias pobres seja precária, persiste o modelo do homem como provedor financeiro e de autoridade. O papel das mulheres no sustento econômico é invisibilizado e desqualificado, legitimando a crença de que o homem é o legítimo provedor da família, "o que confere uma posição de trabalhadora complementar à mulher, embora os fatos da realidade

revelam que as mulheres trabalhadoras muitas vezes são as reais provedoras do sustento familiar" (FONSECA, 2000, p. 46).

Se o papel prescrito aos homens na família patriarcal burguesa relaciona-se ao sustento econômico, o papel prescrito às mulheres é o de que sejam cuidadoras do marido, do lar e dos filhos. Essa prescrição parece ter atravessado os séculos, materializando-se na crença de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos, crença encontrada em estudo recente com famílias da periferia de Porto Alegre (CECCONELLO, 2003). A prescrição de que as mães biológicas criem e cuidem dos(as) filhos(as) é apregoada pelo discurso masculino desde Rousseau, para quem a maternidade é a mais bela função cívica das mulheres. A consequente culpabilização da mãe ao se afastar da prescrição patriarcal contou, desde o Brasil República, com a regulação da medicina higienista, cujo discurso atribuía ao trabalho feminino fora do lar a causa da degradação da família (RAGO, 2001). Apesar das evidências empíricas de níveis de bem-estar elevados entre mulheres que possuem um trabalho remunerado (POSSATI e DIAS, 2002), mitos e crenças que envolveram as consequências das atividades remuneradas das mulheres para sua saúde e bem-estar psicológico também legitimaram a teoria de que estas deveriam permanecer em seus papéis tradicionais de mãe e de esposa. Na atualidade, a mídia também reforça estas informações, gerando culpa para as mulheres que não se limitam à esfera doméstica e aos papéis patriarcais normativos de esposa e mãe dedicadas.

A prescrição patriarcal é regulada por mitos e por discursos (NARVAZ, 2005) que postulam a maternidade como experiência fundamental ao sentimento de completude das mulheres. A impossibilidade de cumprir adequadamente com o papel materno normativo é vivenciada como incapacidade e com culpa pelas mulheres, armadilha segundo a qual as mulheres atribuem a si a culpa pela sua condição (KEIL, 2001). Fatores que dificultam o exercício da maternidade, tais como a pobreza e a falta de suporte conjugal, comunitário ou social, em especial às mulheres chefes de família, não remetem à estrutura social desigual e sexista imposta pela ordem capitalista patriarcal. A impossibilidade de cumprir com a "maternidade normativa" é atribuída a uma falha individual, descolada do contexto histórico e social que a produziu. Ao depositarem individualmente na figura da mulher-mãe-trabalhadora a responsabilidade por sua condição de pobreza, de abandono e/ou negligência no cuidado dos filhos e filhas, discursos científicos e sociais isentam os homens, o Estado e a comunidade de sua responsabilidade social (NARVAZ, 2005; SILVA, 1993; STREY, 1998; NARVAZ e KOLLER, 2006b).

A constante reprodução de comportamentos que enaltecem e festejam a gravidez e a maternidade faz com que a questão do ser-mulher e ser-mãe perpassa a história do feminino na sociedade, e a mulher passa a ter sua identidade ligada à maternidade (EMIDIO, 2008; REIS e ALENCAR, 2017). Assim, as mulheres que não querem ou não podem ter filhos são estigmatizadas e sofrem por não cumprir essa expectativa social (REIS e ALENCAR, 2017). Segundo Swain (2008), elas perdem sua inteligibilidade social e são alinhadas na fileira dos excluídos, já que não correspondem ao modelo de mulher que reproduz infinitamente a mesma imagem, reduzida a um sentido unívoco de ser (SWAIN, 2008). A intensidade com que a socialização para a maternidade acontece acaba por promover uma ansiedade por um relacionamento estável, e uma vez nele a mulher começará a ser cobrada para ter filhos e, muitas vezes, ela mesma dirá que está sentindo o seu “relógio biológico” e precisará se organizar para atender a função de reproduzir a espécie (TANURE, NETO e ANDRADE, 2010).

Essa noção de que a mulher tem um dom natural e um instinto para a maternidade afeta inclusive as noções de relacionamento parental (NAVARRO, 2007) de tal forma que os estudos e investigações sobre o tema por muito tempo excluíram a paternidade e se centraram na relação mãe-filho. Esse enfoque na mãe contribuiu para que a maternidade assumisse responsabilidade quase exclusiva no desenvolvimento dos filhos e, quando há alguma dificuldade no processo, promove-se a culpabilização materna. No caminho oposto, a paternidade foi por muito tempo considerada como secundária no desenvolvimento dos filhos (RODRIGUES e TRINDADE, 1999; RODRIGUES, 2000; GIFFIN, 2005; FLECK, FALCKE e HACKNER, 2005; BORNHOLDT, WAGNER e STAUDT, 2007). Dessa forma, a mãe segue sendo vista como única e insubstituível, ao passo que o pai pode ser o biológico, o de criação, o adotivo ou mesmo o companheiro da mãe (BARROS, 2005; REIS, 2010).

Esse tema é especialmente importante para a discussão desta tese porque a ideia de maternidade, da forma que é concebida no contexto social, reflete a assimetria instaurada entre os sexos e limita as possibilidades de construção identitária das mulheres (PORTO, 2011). A compreensão do significado do papel de mãe passa pelos valores atribuídos à sexualidade e à reprodução e que definem a moralidade e ética da maternidade. Construída na dimensão simbólica como fato biológico, e interpretada como decorrência natural do ato sexual e da gravidez, a ideia de maternidade reflete as mesmas crenças que orientam as relações de gênero e os valores atribuídos a cada sexo (PORTO, 2011).

O fato de ter essa função biológica e social de servir à espécie leva as mulheres a uma relação com o corpo marcada pelo controle, e isso tem um peso considerável na produção das suas identidades, de forma a fortalecer a noção de que o sucesso feminino está ligado ao casamento e à maternidade (TANURE, CARVALHO NETO, ANDRADE, 2006).

Para serem aceitas socialmente, elas são pressionadas para a maternidade (SWAIN, 2007; VIEIRA, 2008), mesmo que para isso precisem recorrer a tratamentos de fertilidade caros, sofridos e traumáticos (SCAVONE, 2001). Se a mulher se vê envolvida em uma gravidez indesejada, ela não tem a opção de interrompê-la, uma vez que o aborto é crime no Brasil (PIMENTEL e VILELA, 2012). E se leva a gravidez a termo, ainda tem suas vontades e decisões sobre o corpo desrespeitadas no momento do parto e sofrendo com práticas violentas que promovem dor ou risco desnecessário (ANDRADE e AGGIO, 2014).

Biroli (2013) reflete sobre como essas desigualdades no que se refere à relação com o corpo afetam a construção das identidades. A autora apresenta o conceito de corpo vivido de Young (2005) para explicar os problemas relacionados à produção autônoma das identidades em contextos sociais em que prevalecem relações de poder desiguais e assimétricas. Para a autora, este conceito permite pensar a noção de identidade como correspondente a vivências concretas e permite dar conta da singularidade que constitui as identidades individuais ou subjetivas, sem desconsiderar o papel das interações sociais concretas em sua construção.

Biroli (2013) acredita que, a partir dessa compreensão, é possível analisar gênero e identidade levando-se em conta como os constrangimentos estruturais dão forma às identidades de gênero sem determinar completamente as experiências das mulheres. A partir dessa noção, torna-se possível que algumas mulheres transcendam ou escapem aos padrões que definem a feminilidade e que são condicionados pelas estruturas sociais, sem invalidar o impacto das situações e definições típicas na construção das identidades (BIROLI, 2013).

Assim, “dizer que uma pessoa é uma mulher pode antecipar algo sobre os constrangimentos e expectativas em geral com as quais ela precisa lidar. Mas não antecipa qualquer coisa em particular sobre quem ela é, o que ela faz, como ela vivencia sua posição social” (Young, 2005). Em outras palavras, as marcas de gênero não podem ser evitadas, mas o modo como o gênero marca uma vida individual é específico e variável. Além disso, a relação entre o sexo e outras variáveis e formas de pertencimento, como classe social, raça, ocupação, pode definir de maneiras variadas o sentido e o peso relativo que o gênero tem para um indivíduo. De modo mais abrangente, os constrangimentos estruturais se impõem, mas o modo como recortam identidades e alternativas não está contido nessa afirmação, ainda que ela seja uma premissa bastante razoável (BIROLI, 2013, p. 89).

No que diz respeito à construção das identidades profissionais, destaca-se que estas também são marcadas pelo gênero. Atualmente, as mulheres estão completamente integradas ao mundo produtivo e, portanto, os modos de constituição da identidade feminina parecem estar cada vez mais relacionados ao trabalho, sendo comum que a percepção e o julgamento de “si” e dos “outros” sejam construídos a partir de elementos do universo organizacional. (MIRANDA, CAPPELLE e MAFRA, 2012).

Chies (2010) argumenta que, no campo profissional, as configurações identitárias profissionais e de gênero sobrepõem-se no processo de socialização. Isso significa que, ao construir sua identidade profissional, as mulheres podem expressar características identitárias não compatíveis com o modelo de comportamento esperado delas em uma sociedade patriarcal, gerando divergências. Esses conflitos levam, muitas vezes, a processos discriminatórios que dificultam o avanço das mulheres em algumas áreas ou níveis hierárquicos que são associados a identidades masculinas.

A autora demonstra como se relacionam a "identidade de uma profissão" e a "identidade profissional de um indivíduo" que desenvolve uma carreira. Para Chies (2010, p. 525),

A identidade de uma profissão - sua configuração histórica como área feminina ou masculina, seu *status* adquirido, as suas transformações atuais etc. - é inseparável da identidade profissional que um indivíduo pode expressar enquanto parte de um grupo representativo dessa profissão. Uma mulher que escolhe uma profissão, que teve em sua origem e desenvolvimento uma caracterização masculina, deverá possuir os atributos valorizados no contexto de trabalho dessa carreira e a esses ela deverá se adaptar, pois esses aspectos normalmente são estimulados ou mesmo dirigidos somente aos homens em sua educação. Especificamente estamos falando de uma linguagem própria que também é um veículo de segregação do mundo masculino e feminino e que é transposto a esses ambientes de trabalho como uma forma de preservar aquela determinada atuação profissional como unicamente dos homens.

Moita-Lopes (2002) explica que, apesar de o indivíduo construir suas identidades sociais a partir de uma montagem complexa de vários elementos, ele é frequentemente posicionado e classificado com mais visibilidade em termos de sua identidade de gênero.

Note-se que as categorias sexo, sexualidade e gênero contribuem com elementos básicos para a trama identitária, reforçando visões estereotipadas da feminilidade e da masculinidade. Moita-Lopes (2002) afirma que identidade é primordialmente uma categoria de gênero e sexualidade que estabelece critérios públicos de identificação e que o indivíduo pode recusar ou aceitar essa identificação, definindo-se de forma diversa.

Para Lassance e Magalhães (1997), a diferença biológica entre os sexos é assumida como parâmetro para a hierarquização e tipificação de papéis sociais que influenciam os processos de formação da identidade de gênero e identidade profissional. Segundo os autores, a partir desses parâmetros, são estabelecidas profissões masculinas e femininas. As profissões femininas seriam aquelas que permitiriam às mulheres a realização de seu autoconceito “estereotipado”, como aquelas que envolvem o cuidado, o relacionamento interpessoal e a expressão de afeto, aspectos valorizados em seu processo de socialização. Já as carreiras masculinas necessitariam características como a autonomia, competitividade e a racionalidade; seriam também carreiras de maior status social, por demandarem competências socioculturalmente associadas à maior maturidade e ao desenvolvimento no contexto do trabalho.

Para Fabricio (2002) o indivíduo pode redirecionar seus interesses profissionais quando o prestígio social associado à carreira escolhida não corresponde à sua posição social e mais ainda quando afeta aspectos de sua identidade de gênero. Por volta dos 6-8 anos de idade, as crianças começam a perceber que o gênero influencia na determinação de profissões adequadas e inadequadas, e isso dificilmente mudará na adolescência, momento em que ocorrem as primeiras grandes decisões de carreira. Ao chegar à adolescência, as escolhas são feitas a partir do foi aprendido socialmente, e, nesse repertório, há aquelas profissões que são mais adequadas para o seu sexo, enquanto outras não o são de todo, o que significa que escolher uma profissão não tradicional do ponto de vista do gênero pode constituir-se como uma ameaça à identidade sexual (FABRICIO, 2002).

Fabricio (2002) aponta que, na construção das identidades profissionais, as mulheres passam por questões que vão desde as baixas expectativas de auto-eficácia para domínios socialmente associados ao masculino, a consciência de que certas profissões, mais associadas ao masculino, tornam difícil a gestão dos papéis profissionais, familiares e domésticos esperados delas, tendendo a baixar o nível das suas aspirações profissionais (SAAVEDRA, TAVEIRA e SILVA, 2005). Dentro dessa lógica, a criação de carreiras mais femininas e carreiras mais masculinas reproduz as desigualdades de poder e de gênero existentes na sociedade também nas organizações. Nelas, as mulheres acabam ocupando os espaços de menor prestígio e status social e que servem à manutenção da ordem social.

2.3. As desigualdades enfrentadas pelas mulheres na sociedade brasileira

As construções identitárias das mulheres têm forte influência do contexto social em que se dão, e, no caso do Brasil, as desigualdades se apresentam em diversos níveis. Conhecer esses aspectos é fundamental para entender as opressões sofridas por elas e agir para a mudança, configurando um processo de empoderamento.

Desde meados do século XX, o interesse sobre as questões de gênero vem crescendo e aprofundando-se nas ciências sociais. Os movimentos feministas, o crescimento do número de mulheres no desenvolvimento de pesquisas e a popularização da discussão a respeito da condição das mulheres na mídia de massa, dentre outros fatores, criaram condições para que essas questões ganhassem amplitude e passassem a ser estudadas em diversas áreas do conhecimento (CAPPELLE et al, 2007; FERREIRA e PINTO, 2017; SANTOS et al. 2017).

O conceito de gênero é especialmente relevante quando são observadas as diferenças sistemáticas nas liberdades de que homens e mulheres desfrutam, e essas disparidades não são redutíveis a diferenças na renda ou nos recursos. As disparidades de gênero são sustentadas, principalmente, pela divisão sexual do trabalho, pelo controle do corpo e da sexualidade, e pela exclusão das mulheres dos espaços de poder e de decisão. Durante muito tempo, essa desigualdade foi tratada como natural e imutável, configurando-se como uma das formas de perpetuar a opressão sobre as mulheres. Nas sociedades patriarcais, essas relações de subordinação, comumente, são tidas como inerentes ao gênero feminino e culturalmente consideradas como naturais (SUNG e SILVA, 1995; NUNES, 2001; DEERE e LEÓN, 2002; HIRATA, 2007; LOURO, 2010; CARLOTO, 2011; GUIRALDELLI, 2016).

Ao começar a observar a desigualdade de gênero, a primeira explicação que surge diz respeito à divisão social do trabalho. Segundo Carloto e Gomes (2011), a divisão social do trabalho existe para organizar o trabalho de homens e mulheres na estrutura social, de forma que há um arranjo de competências e atribuições designadas ao gênero feminino, e outro arranjo de funções ao gênero masculino. Para as autoras, a definição de divisão sexual do trabalho não diz respeito apenas a uma divisão de tarefas, mas expressa as relações de poder entre homens e mulheres que vêm conformando historicamente a subordinação feminina e sua invisibilização no processo histórico.

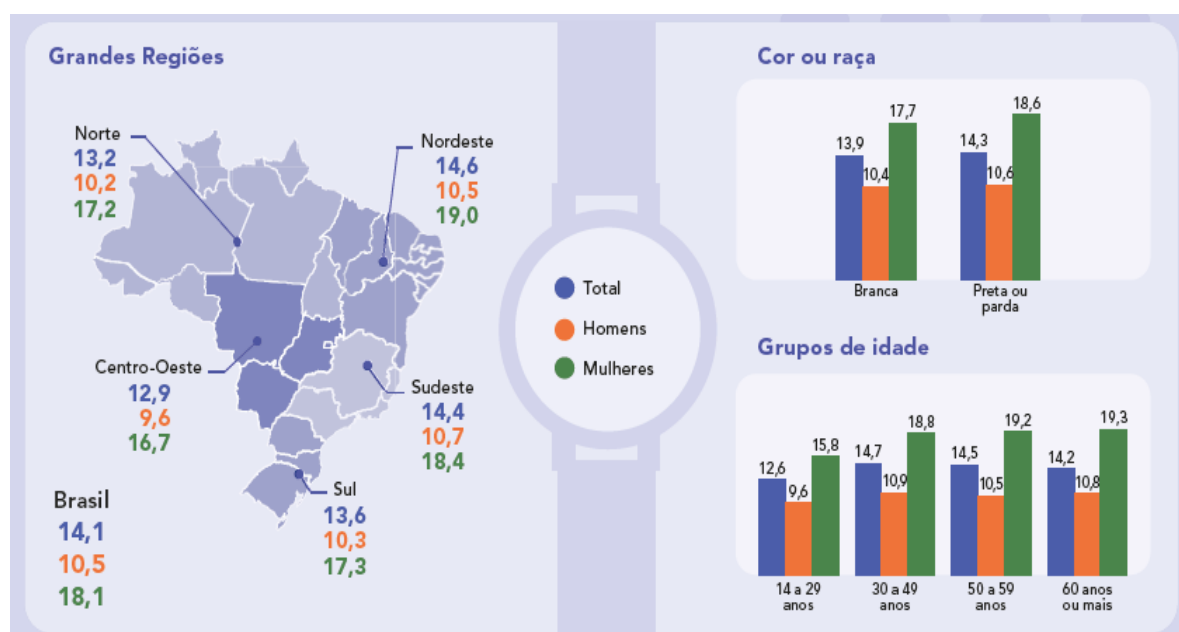
A função de reprodução da força de trabalho tem sido a atividade econômica prioritária da mulher, de forma que a divisão do trabalho entre os sexos é considerada resultado de suas atividades de reprodução, resultado este condicionado também pela natureza dos processos produtivos. Assim, as práticas sociais das mulheres estruturaram-se em torno da imagem materna e conjugal, e o trabalho feminino foi diretamente vinculado à esfera doméstica, à família e aos cuidados. Essa são funções que, na ordem patriarcal, assumem um status inferior na construção da sociedade e, por isso, invisibilizados enquanto atividades de relevância econômica (KERGOAT, 1998, 2000, 2003; HIRATA e MARUANI, 2003; HIRATA e KERGOAT, 2007; CARLOTO e GOMES, 2011; GUIRALDELLI, 2016; PEREIRA e ASSIS, 2017).

Carloto e Gomes (2011) lembram que, apesar de os cuidados e a reprodução serem reconhecidos como práticas essenciais à existência e à sobrevivência humana, o fato de se tornar um papel “feminino” em que se faz crer que a mulher apresente uma habilidade natural, movida pelo afeto e pelo amor, faz com que essas atividades não sejam elevadas à categoria de trabalho ou de atividade fundamental à economia, visto que se trata de algo quase “instintivo”. Mas, na prática, o trabalho doméstico, apesar de na maior parte das vezes ser mal ou não remunerado, é fundamental para a formação humana e sem ele seria impossível garantir oferta de força de trabalho. Esse trabalho, desempenhado regularmente pela mulher, atua como agente de manutenção da vida e, portanto, das condições básicas da força de trabalho que será potencialmente utilizada pelo capital para a produção de valor (CARRASCO, 2003).

Note-se que, a partir da segunda metade do século XX, com a reestruturação das economias capitalistas no Ocidente e a transição da economia industrial para a de serviços, as mulheres começaram a ocupar também postos de trabalho remunerados (HIRATA, 2007). O modelo de família até então constituído por um homem provedor e uma mulher cuidadora enfraqueceu, o que gerou mudanças nas referências culturais tradicionais de feminilidade e maternidade, e questionamentos sobre a posição das mulheres na sociedade. Surge daí um novo padrão desigual de divisão do trabalho, no qual as mulheres combinam trabalho remunerado e trabalho doméstico, enquanto os homens investem seu tempo prioritariamente no trabalho pago (HIRATA, 2007; AGUIAR E MONT’ALVÃO, 2017). De acordo com dados do IBGE (2018), no Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (Figura 3), e, quando é feito o recorte por cor ou raça, fica claro que as mulheres negras são as que mais se dedicam aos cuidados de pessoas

e/ou aos afazeres domésticos, com o registro de 18,6 horas semanais em média, em 2016. Já para os homens, esse indicador pouco varia quando se considera a cor ou raça ou região de residência.

Figura 3 – Média de horas dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas ocupadas, por sexo (horas semanais)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016.

No Brasil, dados recentes mostram que a jornada total das mulheres, somando-se o tempo dedicado ao trabalho principal e aos afazeres domésticos, era sempre superior à jornada total dos homens. Essa disparidade sobrecarrega as mulheres com os afazeres domésticos e de cuidado, dificultando seu acesso e permanência no mercado de trabalho, bem como a sua ascensão profissional (IBGE, 2018).

Leite (2017), em um estudo dos indicadores de gênero na última década, mostra que os dados relativos à estrutura ocupacional brasileira nos últimos anos apontam para uma relativa melhoria das desigualdades de gênero. A autora informa que, em termos de taxas de desemprego, renda média e porcentagem de trabalhadoras formalizadas, os indicadores mostram alguma melhora, mas destaca que, no que diz respeito à segregação em relação aos setores que atuam, as desigualdades persistem.

Segundo Leite (2017), há uma concentração das mulheres basicamente em três atividades: as relacionadas à educação, saúde e serviços sociais, ocupação na qual elas mais se concentram; no setor de comércio e reparação; e nos serviços domésticos. Há que se destacar que essas são atividades que se encontram entre as piores no que concerne à remuneração e condições de trabalho e que a autora considera que esse fato não é uma simples coincidência (LEITE, 2017).

Outra questão importante no que diz respeito à divisão sexual do trabalho é que o tempo de trabalho é mais extenuante para mulheres, uma vez que o trabalho doméstico, por manter relação estreita com a noção de afeto, maternidade e família, pressupõe "disponibilidade" integral de quem o exercita, no caso, as mulheres (CARLOTO e GOMES, 2011).

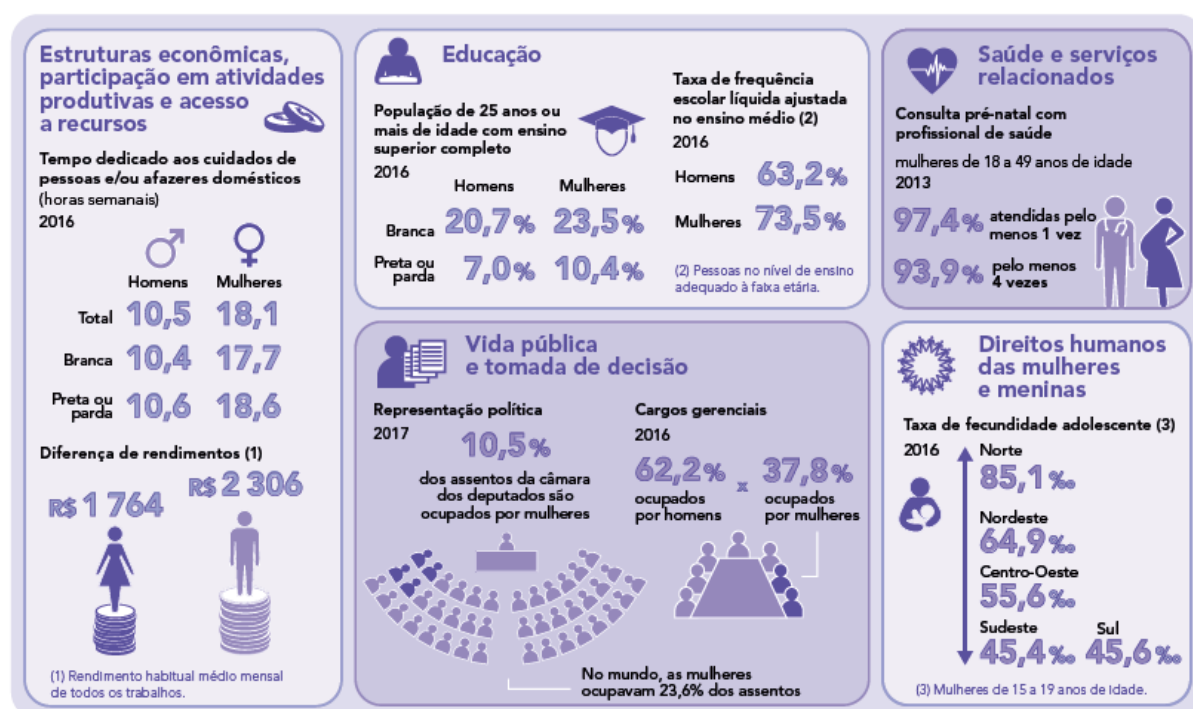
Uma questão importante a se destacar aqui é que a estrutura do mercado de trabalho foi pensada para os trabalhadores que não precisam se preocupar com responsabilidades familiares e, por isso, estão totalmente disponíveis para o trabalho. E na lógica tradicional da divisão sexual do trabalho, os trabalhadores que têm essa característica são os homens. Entretanto, esse modelo tradicional de conciliação entre trabalho e família não representa as configurações modernas de mercado de trabalho e família e acaba sendo uma fonte de pressão adicional, uma vez que as mulheres passaram a compartilhar com os homens o tempo dedicado ao trabalho remunerado, mas continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo e doméstico (LEITE, 2017).

Simultaneamente ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, acelera-se o processo de desfamíliação do cuidado das crianças pequenas, que crescentemente vai sendo compartilhado com instituições públicas ou privadas. A oferta de vagas em creches é uma das condições que permite o acesso das mulheres ao trabalho remunerado e sua autonomia econômica. No Brasil, em 2012, apenas 20,3% das mulheres com crianças de 0 a 3 anos de idade conseguiam vagas para todos os filhos. O acesso à creche é tão importante para que as mulheres com crianças pequenas possam exercer atividades remuneradas que, entre as mulheres com todas as crianças de 0 a 3 anos na creche, 72,9% estavam ocupadas, enquanto somente 42,6% daquelas sem nenhuma criança na creche tinham ocupação (RASEAM, 2014).

A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, nas últimas décadas, foi marcada pela presença de mulheres cônjuges e mães com filhos pequenos (BRUSCHINI, 2007). Segundo Hirata (2007), tanto em conjunturas econômicas recessivas como expansivas, a

participação laboral das mulheres cresce, de modo que não é mais possível atribuir às dificuldades econômicas das famílias a razão para se orientarem para o trabalho remunerado. Outros fatores, como o aumento da escolaridade para patamares superiores aos dos homens e mudanças culturais relacionadas ao papel de gênero, que valorizam a independência e autonomia das mulheres, são cruciais para entender essa transição (HIRATA, 2007). Dados mais recentes do IBGE ratificam essa perspectiva, como pode-se observar na Figura 4.

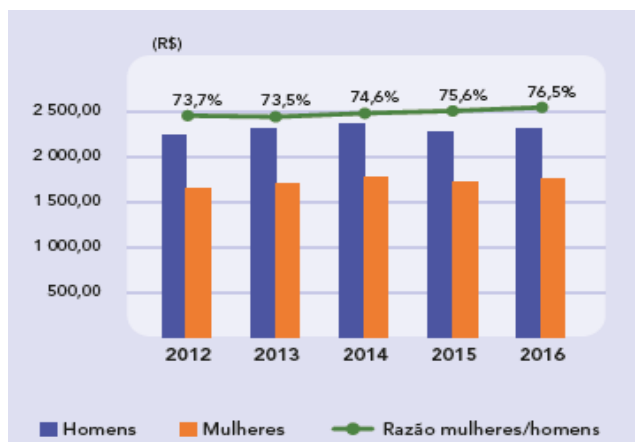
Figura 4 - Resumo dos indicadores sociais das mulheres no Brasil



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da População e Indicadores Sociais (2016).

Apesar de a orientação para o trabalho remunerado oferecer às mulheres possibilidade de autonomia econômica e acesso ao espaço de maior prestígio social, elas ingressam no mercado de trabalho em condições muito desvantajosas em relação aos homens. Embora o diferencial de salários venha declinando, a remuneração média feminina ainda corresponde a aproximadamente 76% da masculina (Figura 5). E elas continuam ocupando as posições mais precárias que o mercado oferece (IBGE 2018).

Figura 5 – Rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da População e Indicadores Sociais (2016).

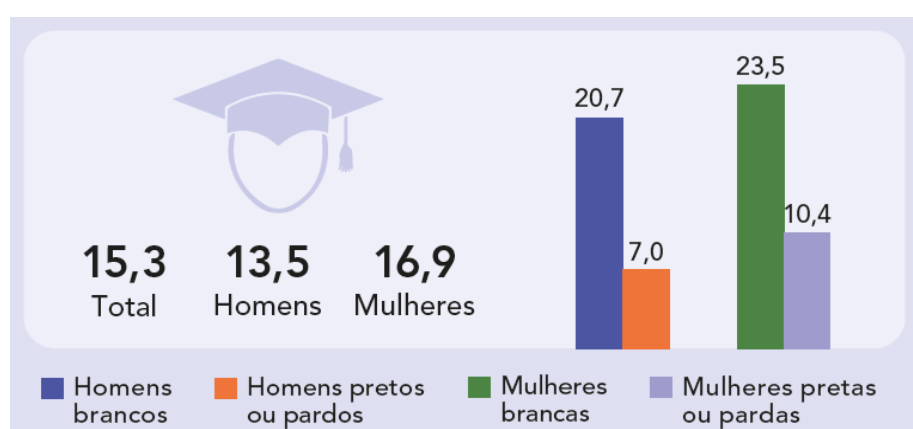
Em 2012, a taxa de atividade das mulheres de 16 a 59 anos era de 64,2%, bastante inferior à dos homens (86,2%). Essas desigualdades eram ainda mais profundas quando levadas em consideração as variáveis de raça ou cor, sendo que as menores taxas de ocupação foram verificadas entre mulheres negras (62,2%) e as maiores entre homens brancos (86,5%). Essas disparidades mostram que as opressões a que estão expostas as mulheres vão se somando e tornando cada vez mais complexa sua resolução. Não é possível encontrar soluções simplificadoras para elas (RASEAM, 2014).

Sublinha-se que a condição de mãe fragiliza ainda mais a situação laboral. O trabalho em jornadas inferiores ao padrão estabelecido pela legislação trabalhista é um dispositivo comum utilizado pelas mães para "conciliar" trabalho remunerado e trabalho não remunerado para a família, entretanto esse tipo de solução faz com que as mães não estejam disponíveis para integrar o mercado de trabalho em condições melhores, que lhes garantam mais autonomia e independência (HIRATA, 2007).

Um ponto interessante sobre a desigualdade de gênero no Brasil é o fato de que muitas vezes se recorre ao argumento de que, por ter entrado tardiamente no mercado de trabalho, as mulheres estão menos preparadas para concorrer com os homens a postos de maior prestígio. No entanto, ao observar as estatísticas sobre educação formal, percebe-se que esse argumento já não reflete a realidade. Os dados apresentados pelo IBGE em 2018 mostram que, em média,

as mulheres superaram os homens nos indicadores educacionais analisados. É importante destacar que, quando se analisa o recorte por raça ou cor, há uma grande desigualdade entre mulheres brancas e mulheres pretas ou pardas, evidenciando que a cor ou raça é fator relevante na desvantagem educacional. Ou seja, ainda que o percentual de mulheres negras com ensino superior completo seja maior que o de homens negros, quando se compara o indicador delas com o de homens e mulheres brancos, a diferença ainda é superior a 10 pontos percentuais (Figura 6).

Figura 6 – População de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo, por sexo e cor ou raça (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da População e Indicadores Sociais (2018).

Apesar de se dedicarem mais aos estudos e possuírem em média mais anos de educação formal, esse esforço tendia a se concentrar em algumas áreas consideradas tipicamente femininas, associadas a tarefas de cuidado e de reprodução, como as áreas de educação e da saúde, e que costumam ser pior remuneradas. Essa concentração fica bem visível quando se consideram os 10 cursos profissionalizantes com maior número de matrículas no país. Em 2012, os cursos com grande concentração de mulheres estavam nas áreas de: Desenvolvimento Social e Educacional; Ambiente e Saúde; Turismo, Hospitalidade e Lazer; Produção Cultural e Design; e Produção Alimentícia; enquanto prevaleciam os homens nos cursos das áreas: Militar; Controle e Processos Industriais; Informação e Comunicação; Recursos Naturais; e Infraestrutura (RASEAM, 2014).

Em relação à qualificação profissional, é interessante observar que, quanto maior o esforço e investimento da mulher em educação formal, maior a desigualdade em relação aos homens. Observando-se os indicadores sobre a concessão de bolsas de formação e fomento à pesquisa

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), percebe-se que, seguindo o padrão do número de matrículas no ensino superior, em 2012, as mulheres tinham importante representação no acesso a bolsas de pesquisa nos níveis iniciais de sua formação acadêmica (56,5% das bolsas de iniciação científica), mas viam sua participação se reduzir nos níveis superiores, com 50,6% das bolsas de doutorado, além de serem minoria entre as/os bolsistas no exterior (45,1%).

Quanto mais o olhar se dirige para os centros acadêmicos de maior prestígio no país, menor é a abertura para a atuação feminina. Na Região Sudeste, para onde se destinava a maioria das bolsas de pesquisa do país, as mulheres tinham metade das bolsas concedidas, entretanto, entre os bolsistas de Produtividade em Pesquisa - aqueles que se destacam na produção científica de um determinado campo, segundo critérios do CNPq - as mulheres eram minoria. No nível mais alto, o CNPq atribui a Bolsa de Produtividade Sênior a quem se destaca como líder em sua área de atuação, e somente 21,6% dessas bolsas eram atribuídas a mulheres (RASEAM, 2014). Esses dados evidenciam que não bastam o esforço e a dedicação aos estudos e às pesquisas para superar as barreiras de acesso às posições de maior reconhecimento, prestígio e poder no país.

É interessante observar que, apesar de ter alcançado a igualdade de gênero no que se refere à educação e à saúde (TABELA 1), o mesmo não se reflete na capacitação política e participação e oportunidade econômica. Isso significa que, mesmo sendo tão preparadas quanto os homens para o mercado de trabalho, as mulheres ainda estão muito longe de terem o mesmo acesso às posições de maior poder e prestígio na sociedade.

TABELA 1. Posição do Brasil no ranking da igualdade de gênero

Brasil	Nota	Posição
Educação	1	1 ^{o*}
Saúde e Sobrevivência	0,98	1 ^{o*}
Capacitação Política	0,148	74 ^a
Participação e oportunidade econômica	0,694	81 ^a

*empate

Fonte: Fórum Econômico Mundial, 2014.

É importante lembrar que a presença de pequeno número de mulheres nos altos escalões organizacionais ou, mesmo, a discussão do fenômeno do teto de vidro¹ pode significar uma lembrança desconfortável para a maioria masculina quanto à pressão para a divisão dos recursos de poder e dos privilégios com o grupo de mulheres previamente excluído dessa posição de destaque (STEIL, 1997; FERREIRA e PINTO, 2017; SANTOS et al., 2017). A lógica das organizações está baseada em uma lógica patriarcal que ainda é um obstáculo para a ascensão das mulheres, apesar de já ser possível identificar a presença feminina em posições de comando, mesmo que em pequena proporção. A pouca valorização da mulher expressa-se na dificuldade de ascensão profissional e na desigualdade salarial. Não se trata de simples supressão da mulher dos quadros administrativos, mas de uma inclusão subalterna (BRUSCHINI, 1998; BETIOL, 2001; HIRATA, 2007; LEITE, 2017).

A dificuldade para aceitar as mulheres em cargos de direção está relacionada à tradição cultural, que privilegia a esfera doméstica como espaço feminino, e à representação da mulher como desprovida de atributos como autoridade, comando, combatividade, dinamismo, objetividade e audácia, características ressaltadas como fundamentais ao exercício do poder e fundamentadas a partir do modelo racional burocrático de gestão organizacional (BAHIA e FERRAZ 1999; LOMBARDI, 2017). Bruschini e Costa (1992) retornam à perspectiva de que a situação da mulher na divisão social do trabalho é definida a partir de suas funções biológicas. Assim, o trabalho feminino fica marcado por entradas e saídas do mercado, devido ao frágil equilíbrio entre atividades produtivas e funções reprodutoras, que as mulheres precisam manter para garantir a sobrevivência e o bem-estar da família.

Bahia e Ferraz (1999) defendem que outras formas de organização do trabalho e do tempo poderiam permitir a administração das esferas profissional e familiar de forma mais racional. Assim, o estabelecimento de horários de trabalho flexíveis, a utilização de tecnologias modernas e a divisão de tarefas domésticas com os homens poderiam diminuir a sobrecarga feminina, facilitando uma melhor integração feminina ao mercado de trabalho.

Além da dificuldade de conciliação das tarefas domésticas e profissionais, as mulheres ainda encontram outros desafios quando entram para o mercado de trabalho. Uma pesquisa realizada

¹ O conceito do teto de vidro (*glass ceiling phenomenon*) foi introduzido na década de 1980, referindo-se a uma barreira invisível que dificulta a ascensão das mulheres a níveis mais elevados na hierarquia.

por Chênevert e Tremblay (2002) aponta motivos que podem explicar por que a carreira feminina, em média, tem menor sucesso em comparação com a masculina. Segundo os autores, os investimentos no trabalho, as expectativas de recompensa, a família, os fatores socioeconômicos, além de questões estruturais são determinantes. Dessa forma, o fato de que os homens, historicamente, serem mais incentivados e apoiados a investir em sua carreira profissional que as mulheres, poderia explicar a variação em termos salariais entre homens e mulheres, além das diferenças em termos de participação em níveis hierárquicos mais altos (TANURE, NETO e ANDRADE, 2006; ANDRADE e NETO, 2014).

Já quando se trata da família, pesquisas apontam que ela produz forte impacto no sucesso na carreira de homens e mulheres, porém de forma diferenciada. Os homens são mais favorecidos do que as mulheres com o casamento, uma vez que a mulher casada que não está inserida no mercado de trabalho pode ser considerada como um recurso adicional ao marido, possibilitando que ele invista na carreira (CHÊNEVERT e TREMBLAY, 2002; ROSA, 2013). Já o contrário não parece ser verdadeiro, uma vez que há evidências de que mulheres casadas e com filhos pequenos tendem a investir mais em suas famílias e menos na carreira (NEUMARK e MCLENNAN, 1994; SOUZA et al. 2007; LIMA, 2008; LIMA, 2011; LIMA, 2013).

Apesar disso, Stokes, Riger e Sullivan (1995) perceberam que as mulheres viam o ambiente de trabalho em grandes organizações como hostil, fato que as motivava a empreenderem em negócios próprios. Além disso, elas buscavam transpor o chamado ‘teto de vidro’ que impedia essas mulheres de saírem dos cargos gerenciais medianos para assumirem posições executivas dentro da organização (STROBINO e TEIXEIRA, 2010; LIMA, 2008; LIMA, 2011; MOTA et al, 2017).

Considerando-se o exposto, percebe-se que discutir o empoderamento feminino é um tema relevante para a sociedade brasileira e que esse processo não pode ser tratado de forma limitada e restrita, mas levando-se em consideração a sua complexidade.

2.4. Empoderamento

Os processos de empoderamento são complexos e cheios de nuances, contradições e incompletudes que coexistem. Há uma pluralidade de conceitos e aplicações para o termo e, para compreendê-lo, é necessária uma postura aberta e com poucas expectativas de se chegar a uma explicação completa ou universal.

Segundo Marinho e Gonçalves (2016), o conceito de empoderamento é marcado por debates teóricos e conflitos políticos uma vez que é utilizado de forma maleável dependendo dos interesses e do corpo ideológico de quem o utiliza (VASCONCELOS, 2003). É um conceito que permanece polêmico, contestado e avesso a definições. Tanto na literatura sobre o tema como nas mais variadas áreas em que é empregado, não se encontra um verdadeiro consenso sobre o seu significado (PINTO, 2011). Justamente por apresentar uma vasta possibilidade de empregos da palavra, em muitos casos, ainda existe certa confusão acerca das implicações do empoderamento das mulheres nos assuntos organizacionais, sociais, econômicos e políticos. Boa parte dos questionamentos e debates referentes ao conceito de empoderamento diz respeito aos riscos de considerá-lo um processo apenas individual como se fosse possível uma autonomia independentemente das condições sociais. Diversos autores ressaltam o fato de que só há empoderamento se a mudança pessoal estiver conectada a mudanças estruturais (LEÓN, 2001; CARVALHO, 2004; MAGESTE, 2008; KLEBA e WENDAUSEN, 2008, FREIRE e SHOR, 2011; MARINHO e GONÇALVES, 2016).

Nesse sentido, o empoderamento implica o reconhecimento das restrições sociais a que a categoria (as mulheres, no caso desta tese) está submetida e da necessidade de reversão dessa situação por meio de mudanças em ambientes social e político, e em contextos mais específicos ou individuais (aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc.) (CORTEZ e SOUZA, 2008).

Pinto (2011) destaca o caráter multidisciplinar e polissêmico do conceito com desenvolvimentos teóricos e metodológicos em vários campos das ciências sociais e humanas. A autora cita como exemplo os desenvolvimentos no campo da psicologia, estudos organizacionais, organização comunitária, educação de adultos, sociologia de intervenção, teoria sistêmica, teorias crítica e pós-estruturalista. Ela evidencia ainda a importância dos movimentos de cidadania, tais como os movimentos feministas, antirracistas e anticoloniais,

movimentos de antidiscriminação pela orientação sexual e movimento pelos direitos de pessoas com deficiência, que vieram enfatizar a emancipação dos indivíduos como cidadãos ativos e a defesa dos direitos humanos.

A partir desses processos, o conceito de empoderamento foi integrando as argumentações e evidências da opressão assim como as consequências da desvalorização social, autculpabilização dos sujeitos e a ausência de voz, mas incorporando a crença nas capacidades das populações oprimidas em tomar a sua história nas próprias mãos e redefinirem suas identidades (PINTO, 2011).

Implícita nos diferentes usos da palavra está a noção de pessoas obtendo poder sobre as próprias vidas e definindo o próprio planejamento; é geralmente associado aos interesses dos desprovidos de poder; e pressupõe-se que seja uma expressão de mudança desejada, sem especificação de o que esta mudança implica (DEERE e LEÓN, 2002, p. 53).

Por outro lado, a discussão sobre o empoderamento é impulsionada pela intensificação das críticas à burocratização dos serviços sociais, à eternização dos assistidos como “pacientes”, numa evidência de crise do “modelo médico” de apoio social em que o indivíduo é deixado em uma posição passiva de recebedor de ajuda (LE BOSSÉ, 1996).

Assim sendo, o que alimenta o conceito de empoderamento é um discurso que se pretende de emancipação, de libertação e autonomização dos indivíduos, em termos pessoais e coletivos, relativamente a estruturas, conjunturas e práticas sociais, culturais, econômicas e políticas que são valoradas como injustas, opressivas e discriminatórias (PINTO, 2011).

De acordo com Kleba e Wendausen (2009), dentre os diversos sentidos da palavra empoderamento, dois são os mais empregados no Brasil: o que se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência a partir de serviços públicos que atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial; e o que se refere ao processo de mobilizações e práticas para promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia.

No primeiro sentido, percebeu-se que as estratégias de desenvolvimento e as intervenções de base não obtiveram um progresso significativo no melhoramento do status dos excluídos. As principais críticas foram atribuídas ao fato de que essas ações podem amenizar o sofrimento

individual, mas não resolvem e nem procuram transformar as questões estruturais que perpetuam a opressão e a exploração (BATLIWALA, 1997).

Essa tese alinha-se ao posicionamento de Kleba e Wendausen (2009) em favor do segundo sentido, tomando como premissa que o empoderamento não pode ser oferecido para pessoas ou grupos, mas é possível que profissionais ou agentes externos possam catalizar ações ou favorecer processos de empoderamento, os quais refletem situações de ruptura e de mudança do curso de vida em que as pessoas renunciam ao estado de passividade, dependência e impotência, e se transformam em sujeitos ativos, que lutam para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, assumindo as responsabilidades pela própria vida.

Vasconcelos (2003) mostra que, apesar de o referencial teórico sobre o qual se assenta a noção de empoderamento não seja novo, há uma reapropriação e reelaboração que implica trabalhar com a complexidade do poder como fenômeno teórico, político, social e subjetivo. Assim, o empoderamento constitui-se como processo não linear, não cumulativo ou progressivo, mas que ocorre em arenas de conflito dinâmicas, relacionais, sem distinções claras, numa dialética constante entre instituinte e instituído.

Kleba e Wendausen (2009) definem empoderamento como um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. Para os autores, empoderamento diz respeito não só ao aumento de poder, mas também da autonomia pessoal e coletiva nas relações interpessoais e institucionais. Nesse sentido, o empoderamento favorece a mudança social, o desenvolvimento político e a consciência crítica.

No plano das ideologias políticas, Pinto (2011) demonstra como o conceito do empoderamento pode assumir uma evidente ambiguidade. Segundo a autora, tanto a “direita” quanto a “esquerda” utilizam o empoderamento nos seus discursos e políticas sociais e econômicas, mas a operacionalização é diferente. Enquanto a perspectiva de “direita” enfatiza o empoderamento dos indivíduos face ao poder do Estado, a perspectiva de “esquerda” tem um entendimento sobretudo coletivo do conceito, enfatizando o seu sentido de transformação social. Romano (2002) alerta que em muitos casos o termo é apropriado por bancos e agências de desenvolvimento multilaterais e bilaterais, por diversos governos e também por organizações não governamentais para dar aparência de preocupação com a transformação social ao que ele

chama de *gattopardismo*, ou seja, apropriar-se e desvirtuar o novo, para garantir a continuidade das práticas dominantes.

Carvalho (2004) apresenta uma análise interessante sobre os riscos de limitar o processo no nível individual. Segundo o autor, correntes que consideram o empoderamento como um sentimento de maior controle sobre a própria vida que os indivíduos experimentam, por meio de pertencimento a distintos grupos dos quais não necessariamente participem de ações políticas coletivas, são influenciadas por uma perspectiva filosófica individualista que tende a ignorar a influência dos fatores sociais e estruturais na condição do indivíduo. Sob esse ponto de vista, é considerado empoderado um indivíduo que se comporta de forma independente e autoconfiante; mas esse poder, segundo o autor, é ilusório uma vez que a maior parte da vida é controlada por políticas e práticas macrosociais. Essa personalização da política pode favorecer a manutenção do *status quo*. Isso significa que ter a sensação de empoderamento não tem necessariamente relação com a capacidade real de influência e um aumento do sentido de empoderamento nem sempre reflete um aumento do poder real. Não que o indivíduo não possa ter influência ou que suas ações não sejam importantes, mas se reduzir a discussão ao nível individual e ignorar o contexto político e histórico em que as pessoas atuam despolitiza o processo e pode constituir-se em mecanismo de regulação social, e não de transformação. Essa postura também serve de argumento para a adoção de políticas neoliberais que reduzem a atuação do Estado utilizando o discurso de autonomia das pessoas (CARVALHO, 2004).

A partir dessas críticas, é importante analisar o empoderamento a partir de uma perspectiva mais aberta, considerando que o questionamento da superpolitização não implica negar que os processos grupais podem ser efetivos tanto na mudança de estruturas que amparam as desigualdades como nas mudanças em nível individual, com o aumento do controle sobre recursos externos ou da autonomia e autoridade na tomada de decisões. Por sua vez, o questionamento da atomização não significa invalidar a importância da mudança na consciência sobre a subalternidade nas relações de poder, nem o desconhecimento de que essa mudança é profunda e intensamente pessoal e unívoca. Além disso, não se pode negar a importância da autonomia individual para lutar para fazer do pessoal algo político (ROMANO, 2002). Dessa forma, não se ignora que exista uma experiência subjetiva de empoderamento, mas esta deve sempre ser incluída em um contexto político amplo, uma vez que esses processos são políticos, contextualizados e visam a mudanças sociais.

Nesse sentido, para analisar o processo de empoderamento, é preciso ter um olhar além do indivíduo e pensar nas relações sociais, no contexto e nas relações de poder nas quais o indivíduo está inserido. É um processo conflituoso que leva a mudanças da posição tanto individual quanto coletiva (CORTEZ e SOUZA, 2008). É também incômodo, uma vez que desafia os que exercem mais poder, sejam eles políticos, elites econômicas, sociais, culturais ou científicas. Um só indivíduo não consegue mudar, por si só, situações e estruturas discriminatórias e opressivas, mas quanto mais indivíduos se unirem e agirem conjuntamente e simultaneamente, maiores serão as possibilidades de poderem produzir algum efeito de mudança consistente (PINTO, 2011). Sob essa perspectiva, é uma tradição essencialmente humanista que acredita nas pessoas, na mudança e na possibilidade de um mundo mais justo (PINTO, 2011). Assim como na proposta de Paulo Freire (2005), uma perspectiva de empoderamento visa promover a vocação ontológica do sujeito em “ser mais”.

O empoderamento parte da assumpção de que o indivíduo é sujeito ativo e demandante da sociedade de que faz parte. Tem direitos e deveres e só pelo exercício destes direitos e deveres pode satisfazer as suas necessidades sociais e pessoais. O empoderamento está essencialmente na ação, numa ação refletida e consciente, que não pode ser demagogia ou sentimento: tem de levar à ação, seja ela individual ou coletiva (LE BOSSÉ, 1996).

Romano (2002) lembra que, para falar de empoderamento, é necessário falar sobre poder. O autor contrapõe duas das diversas concepções sobre o conceito. A primeira, inscrita na vertente do pluralismo norte-americano da ciência política, o considera como capacidade de controle. Nessa concepção, a ideia de força é o “poder sobre”. O poder sobre se apresenta como uma substância, finita, transferível, tomável: se alguém ganha poder, outros o perdem. Ele pode ser delegado ou tirado e, caso ocorra uma mudança na sua distribuição, os que atualmente o têm não somente o perderão como também poderão vê-lo sendo usado contra elas (IORIO, 2002).

A segunda concepção tem origem na noção Foucaultiana de poder relacional. Nesse sentido, Foucault (1979) propõe uma concepção positiva, em que poder é considerado elemento transformador e produtor de saber. Ele defende que o poder está na relação e está sempre em movimento, assim, cada indivíduo na estrutura social o exerce, e as relações de poder têm como condição de existência o poder e a resistência. Sob o ponto de vista de Foucault (1979), poder é algo que se exerce, que funciona em rede e que, portanto, deve ser entendido antes como uma prática do que uma coisa, um objeto ou bem. Ele rejeita a ideia de poder inspirada no modelo

econômico, como mercadoria, como um bem que se possui, e essa perspectiva favorece a noção de empoderamento. Nela, mesmo as pessoas em condições mais desprovidas de influência econômica, política e social têm condições de exercer poder, criar resistência e transformar a rede e as relações de poder existentes.

Foucault (1976; 1979) se afasta da visão dicotômica de um sujeito com poder e outro sem. Para ele, o poder não existe fora das relações humanas, sendo por essência intersubjetivo, e funciona como um conjunto relativamente heterogêneo de estratégias e de técnicas que liga quer os dominados, quer os poderosos. Dessa forma, assim como já destacado anteriormente, o processo de empoderamento nunca pode ser apenas individual, já que está imbricado em relações sociais e institucionais. É importante ressaltar que o poder não é um bem finito que se possa dividir. É possível expandir o seu exercício ou restringi-lo.

Desse modo, o empoderamento ocorre em arenas de conflito em que necessariamente se expressam relações de poder, que devem ser encaradas não como algo estanque e determinado, mas plástico, flexível e que pode ser modificável pela ação humana, na medida em que os sujeitos compreendam sua historicidade e sintam-se capazes e motivados para interferir em sua realidade.

Torna-se, portanto, primordial discutir dimensões do processo de empoderamento, especialmente o feminino, foco dessa tese. Para tanto, serão trazidas à baila as dimensões apresentadas por Mageste (2008) e Kleba e Wendausen (2009). Mageste (2008) apresenta um modelo de análise do processo de empoderamento em três dimensões intrinsecamente relacionadas: a individual, a relacional e a contextual.

Na dimensão individual, Mageste (2008) considera o processo de empoderamento como a tomada de consciência sobre as opressões sofridas pelas mulheres e, a partir de então, uma busca ativa para assumir maior protagonismo em sua própria vida. Essa dimensão descrita por Mageste (2008) se assemelha ao que Kleba e Wendausen (2009) descrevem como nível pessoal ou psicológico. Segundo os autores, esse nível tem como aspecto central a mudança de mentalidade que ocorre quando o sujeito (nesse caso a mulher) tem a percepção das próprias forças e adota um comportamento autoconfiante. Esse nível também tem um papel fundamental na construção da identidade que é um dos pontos que serão analisados nesta tese. Como já dito anteriormente, a identidade é construída a partir de uma dinâmica dual na qual contribuem o

indivíduo com o que ele pensa sobre si e a sociedade com as classificações que nomeiam o indivíduo. A identidade só se consolida quando indivíduo e sociedade de alguma forma concordam com aquela definição (DUBAR, 2005). Isso significa que, para que a mulher consiga esse empoderamento no nível individual e adote uma identidade na qual é protagonista, ela precisa encontrar na sociedade validação para essa imagem, e é aí que o nível relacional do empoderamento entra em cena.

O nível relacional, segundo Mageste (2008), diz respeito às socializações a que a mulher é exposta, ou seja, ao repertório cultural e social sobre o qual as mulheres constroem suas identidades, se posicionam na sociedade e agem socialmente. Para a autora, o tipo de socialização vivido pelas mulheres pode facilitar ou dificultar o processo de empoderamento. As relações de poder e de gênero que permeiam a sociedade patriarcal deixam as mulheres em uma posição de subalternidade nas relações sociais, e agir ativamente para desconstruir essas relações, assumindo maior protagonismo em suas próprias vidas, tem como vantagens maior autonomia e autoconfiança, mas também custos sociais e julgamentos que não podem ser desconsiderados. Kleba e Wendausen (2009) incluem nessa dimensão (que eles denominam grupal ou organizacional) também as organizações que apoiam os sujeitos em seu processo de empoderamento, oferecendo recursos como: apoio emocional; apoio material; apoio cognitivo/informacional; manutenção da identidade social; e, mediação de contatos sociais. No caso desta tese, o principal aspecto do nível relacional são as comunidades virtuais em que as mulheres estudadas se integram e com as quais compartilham os objetivos de empoderamento e se apóiam para reconstruir suas identidades e encontrar a validação e suporte necessários para essas identidades almejadas.

Por fim, a dimensão contextual, segundo Mageste (2008), diz respeito aos sistemas culturais, legais, sociais, econômicos e de mercado da sociedade em que o indivíduo se insere. Kleba e Wendausen (2009) ainda destacam a dimensão política da conformação da vida social. É nessa dimensão, que os autores descrevem como estrutural/político, que ocorrem os conflitos para redistribuição de poder político. Nesse nível, ter acesso à informação e meios para participar das decisões políticas que afetam a sua vida são cruciais para o empoderamento e para a cidadania (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRAN-TAL, 2008). A interdependência entre as mudanças que ocorrem em nível pessoal, grupal e estrutural é que garante consistência ao processo de empoderamento.

2.4.1. Empoderamento feminino

Nesta tese, o foco do estudo do empoderamento são as mulheres. Esse recorte é importante porque, como mencionado, as relações de gênero são relações de poder construídas socialmente sobre uma noção patriarcal em que às mulheres cabe um papel de inferioridade aos homens. Essa construção é reforçada continuamente por discursos que insistem em um modelo de feminilidade baseado em fragilidade, sensibilidade, delicadeza, beleza, cuidado, maternidade, entre outras características que não incluem poder econômico, político, cultural ou social (CHIES, 2010).

As reflexões sobre o empoderamento feminino dão visibilidade a temas que dizem respeito a diversas esferas nas quais as mulheres sofrem opressão. Fala-se sobre as questões relacionadas ao controle do corpo feminino (SCAVONE, 2012) que incluem a noção de casamento como sucesso feminino e a violência doméstica que ocorre em decorrência dessa noção (CORTEZ e SOUZA, 2008), o estabelecimento de uma cultura na qual crimes de estupro não são punidos e as vítimas quase sempre desacreditadas (COULOURIS, 2010; PRADO e NUNES, 2016), o constante assédio sexual sofrido pelas mulheres que promove medo e limita sua mobilidade (TELES e MELO, 2002), a sexualização das meninas (FERREGUETT, 2014) e a pedofilia (LIBORIO e CASTRO, 2010; COULOURIS, 2010). Destacam também o fato de o corpo das mulheres servir à espécie e com isso sofrerem um cerceamento da liberdade em relação a decisões sobre ele (SWAIN, 2007; VIEIRA, 2008; SCAVONE, 2012), levando à maternidade compulsória (PATIAS e BUAES, 2012; MACHADO, 2015), à negação do direito ao aborto (PIMENTEL e VILELA, 2012; ALMEIDA, 2014) e à violência obstétrica (ANDRADE e AGGIO, 2014).

Além das pressões relacionadas ao controle do corpo no que diz respeito à sexualidade, as mulheres também apontam outras questões que afetam a sua relação com o corpo, como uma pressão estética (RIBEIRO, 2006; BERGER, 2006) que promove um ideal de beleza padronizado que as leva a um grande dispêndio de energia, esforço e dinheiro para tentar se adequar, na maioria das vezes sem sucesso (MORENO, 2008; FLOR, 2017). E esse esforço tem um custo financeiro alto, que inclusive contribui para que as mulheres tenham desvantagens econômicas nas relações de consumo. *Marimpietri (2017) fala sobre a chamada Pink tax, que*

é a prática de cobrar preços mais altos para produtos direcionados às mulheres que são equivalentes aos oferecidos aos homens com preço bem mais baixo.

No que diz respeito à pressão estética e exigência de magreza, as mulheres gordas sofrem com um tipo específico de discriminação, chamado de gordofobia (FORT, SKURA e BRISOLARA, 2016). No caso das mulheres negras, ainda é necessário lutar por ter sua beleza reconhecida, uma vez que a noção de beleza feminina que se apresenta na sociedade brasileira é exclusivamente branca (TELES, 2000).

Nas reflexões sobre o empoderamento feminino, muitas mulheres destacam a necessidade de se considerar a Interseccionalidade com outras opressões vividas pelas mulheres que fazem com que a experiência de ser mulher seja mais ou menos violenta de acordo com as intersecções em que ela se encontra (SANSONE e PINHO, 2008; COLLINS, 2017). Nessa questão, apontam o agravamento da situação de opressão experimentadas por mulheres negras, que sofrem mais violência obstétrica (SENA e TESSER, 2017), são submetidas a esterilizações compulsórias (VIEIRA, 2008), são preteridas pelos parceiros que priorizam mulheres brancas (SOUZA, 2008), ocupam posições sociais e empregos de baixo status e remuneração (LIMA, RIOS e FRANÇA, 2013), são minoria no ensino superior (SOTERO, 2013) e são muito mais afetadas pela pobreza (SILVA, 2013), o que exige que seja realizado um esforço para que essas desigualdades sejam mitigadas.

Outro aspecto muito discutido pelas mulheres na busca pelo empoderamento são as desigualdades nas relações sociais. As mulheres vivenciam situações de silenciamento e violência nas suas diversas interações sociais. No espaço doméstico, elas se veem silenciadas por meio de violência psicológica, física e sexual (CORTEZ e SOUZA, 2008; XAVIER, 2016). No espaço social, convivem com situações em que sua capacidade intelectual é constantemente desconsiderada e se deparam com pessoas (em geral homens) que não têm o mesmo conhecimento sobre o assunto sobre o qual a mulher está falando, mas insistem em explicar de maneira paternalista aquilo que ela domina; esse comportamento é chamado de “mansplaining” ou “homexplicanismo” (SOLNIT, 2017). Esse tipo de vivência acaba levando mais mulheres a sofrerem da chamada síndrome do impostor (MATOS, 2014).

As mulheres também apontam diversos fatores que promovem a desigualdade econômica desfavorecendo as mulheres. As desigualdades começam no espaço doméstico onde o tempo

de trabalho das mulheres não é remunerado (PERISTA, 2002; CYRINO, 2009; AGUIAR e MONT' ALVÃO, 2017); além disso, o fato de a maternidade e as tarefas referentes aos cuidados com as crianças serem prioritariamente das mulheres promove grandes dificuldades para conciliar a maternidade com a carreira, muitas vezes com a mulher sendo demitida da organização logo após o retorno da licença-maternidade (ALMEIDA, 2012). Algumas mulheres conseguem superar as dificuldades para construir uma carreira profissional bem-sucedida, mas precisam lidar com assédio sexual no trabalho (FREITAS, 2001; TEIXEIRA e RAMPAZO, 2017) e ultrapassar as barreiras invisíveis que as impedem de alcançar o topo das organizações (MOTA, TANURE e CARVALHO NETO, 2014; SANTOS et al. 2017).

Apesar de todas essas situações serem constantemente reproduzidas nas relações sociais, nas mídias de massa, e inclusive incorporado pelas mulheres em seu comportamento, há também um movimento constante de resistência e crítica, que questiona os valores patriarcais e busca ativamente para uma mudança nas relações de poder e de gênero (GALETTI, 2013). Esse movimento de resistência se apresenta em um nível amplo refletido pelo movimento feminista, mas também acontece nas relações sociais cotidianas e nas redes de apoio mútuo organizadas pelas próprias mulheres. As resistências oferecidas pelas mulheres encontram, por sua vez, resistências na dinâmica de poder construída sobre o patriarcado, o que faz com que esse processo seja dinâmico e parte de um contexto social, histórico e político (LEÓN, 1997).

Dentro dessa dinâmica, a noção de empoderamento foi absorvida pelo discurso do movimento feminista como práticas que buscam promover a autonomia feminina e a superação das desigualdades vivenciadas pelas mulheres (MARINHO e GONÇALVES, 2016). Segundo Lisboa (2008), o empoderamento, sob o ponto de vista do feminismo, pode ser uma fonte de emancipação, uma forma de resistência, sendo assim um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres. Segundo a autora, o empoderamento representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero e favorecendo a autonomia feminina no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações (LISBOA, 2008).

Na perspectiva dos estudos de gênero, apesar das diversas linhas que já foram apresentadas sobre o conceito de empoderamento, existe relativo consenso de que o empoderamento feminino pode ser definido, em termos bastante amplos, como um processo de superação das

desigualdades de gênero (BATLIWALA 1997; LEÓN 1997; MARINHO e GONÇALVES, 2016).

Esse processo de busca ativa pela superação das desigualdades de gênero vem sendo incentivado ativamente pelo feminismo. O movimento feminista vem se organizando desde o século XIX e suas reivindicações variam o foco de acordo com o contexto histórico em que ocorrem (GURGEL, 2010; NOGUEIRA, 2012). As primeiras reivindicações feministas no século XIX tiveram como foco o direito à educação, direitos civis e políticos, estatuto de sujeito jurídico, direito ao voto, melhora nas condições materiais da vida das mulheres, direitos sociais e no trabalho. Segundo Gurgel (2010), a reivindicação pelo direito ao sufrágio mobilizou as mulheres por sete décadas em diferentes países e regiões do mundo e chegou a envolver milhões de mulheres em inúmeras ações.

Por volta dos anos 1960, a criação da pílula anticoncepcional colocou em destaque o debate sobre a sexualidade e o corpo feminino, e a agenda feminista começou a incluir questões relacionadas ao corpo e à sexualidade. Além da luta pela valorização do trabalho da mulher, entrou para o debate o direito sobre o corpo, o direito ao prazer e o combate à violência sexual (GURGEL, 2010; MARINHO e GONÇALVES, 2016). Nesse período, propôs-se a politização da esfera privada, dando visibilidade política ao corpo. Segundo Scavone (2012), politizar o privado amplia a visão da política para além dos limites da esfera pública e de suas implicações institucionais, e envolve a noção de que as relações de poder entre os gêneros perpassam as duas esferas. Ao criticar os mecanismos de controle do corpo e da sexualidade feminina, o movimento feminista busca subverter as relações de gênero que permeiam o conjunto das relações sociais (SCAVONE, 2012)

Nos anos 1980, o conceito de gênero se popularizou nos estudos feministas mostrando que as relações de gênero são relações de poder, e, dentro desse contexto, é possível pensar o empoderamento como desafio das relações de poder entre homens e mulheres.

As diversas lutas empenhadas pelo movimento feminista muitas vezes envolviam o esforço para obter um tratamento melhor e mais justo para as mulheres com um esforço concentrado nas questões de bem-estar, mas aos poucos os objetivos foram se ampliando e passaram a enfatizar o papel ativo da condição de agente das mulheres. Sen (2000) destaca que essa ampliação é nevrálgica e que, quando se trata da busca pelo empoderamento feminino, não se pode

desconsiderar a importância de resolver as desigualdades que arruinam o bem-estar das mulheres, mas qualquer experiência prática voltada para aumentar o bem-estar feminino não pode ignorar a atuação das próprias mulheres para ocasionar tal mudança.

Para Sen (2000), ver as mulheres como pessoas que necessitam de bem-estar é importante. Mas, se restringir a isso, implica uma concepção restrita delas como sujeito. Portanto, compreender o papel da condição de agente é fundamental para reconhecer os indivíduos como sujeitos responsáveis, que podem agir ou se recusar a agir, ou optar por agir de um modo e não de outro e que precisam assumir a responsabilidade por fazer ou não fazer as coisas.

Sob esses aspectos, a mudança no ponto de vista dos movimentos feministas – de uma visão extremamente focada no bem-estar para uma visão que defende a condição de agente ativa da mulher – constitui uma ampliação crucial às preocupações anteriores, sem significar uma negação a elas. Percebeu-se que, para uma maior equidade entre homens e mulheres, é necessário mais que bem-estar (SEN, 2001). Assim, o empoderamento tem a ver com o processo de desafio das relações de poder existentes e de obtenção de maior participação nos espaços de poder (BATLIWALA, 1997; LEON, 2001; ROMANO, 2002).

Essa ampla definição tem sido refinada pelos estudiosos e ativistas feministas. Hoje, passa a se referir a uma gama de atividades que vão desde a afirmação individual até a resistência coletiva, o protesto e a mobilização para desafiar as relações de poder. Ou seja, para os indivíduos e os grupos em que a classe, a raça, a etnia e o gênero determinam o acesso aos recursos e ao poder, o empoderamento começa com o reconhecimento das forças sistêmicas que oprimem e a atuação para mudá-las (BATLIWALA, 1997). Assim, a noção de empoderamento feminino exprime a ideia de as mulheres assumirem protagonismo sobre sua própria vida nos espaços públicos e privados, bem como exercer poder nos espaços em que são tomadas decisões acerca das políticas públicas e de outros acontecimentos relativos aos rumos da sociedade e que interferem direta ou indiretamente, em seus interesses.

O processo de empoderamento implica o desenvolvimento das capacidades, no sentido dado por Sen (2000), para superar as fontes de privação das liberdades e para construir novas opções, de modo a terem a possibilidade de escolher e saber como escolher, bem como de implementar suas escolhas e de se beneficiar delas. O empoderamento feminino está, então, relacionado ao fortalecimento das mulheres nas relações de poder, considerando-se que a questão das

desigualdades de gênero não se resume à carência ou precariedade de recursos, mas na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, exigindo uma expansão das capacidades humanas e das liberdades reais. Ou seja, o empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, sua sexualidade e seu direito de ir e vir, bem como repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam toda a família. Assim, elas deixam de ser apenas receptoras passivas de auxílio para melhorar seu bem-estar e passam a ser vistas como agentes ativos de transformação social que podem alterar as suas próprias vidas e dos homens (SEN, 2000), o que está diretamente ligado ao processo de configuração identitária, nos moldes propostos por Dubar (2005).

Nesse sentido, Alvarez (1990) faz uma análise das relações de gênero, na tentativa de compreender a atuação política das mulheres, buscando um avanço no entendimento da relação entre a transformação social e o papel representado por elas. Para a autora, o conceito de gênero é, histórica e culturalmente, variável, podendo, portanto, ser potencialmente alterado por meio da luta política e das políticas públicas (ALVAREZ, 1990). No vocabulário de Dubar (2005), ambas dizem respeito a transações subjetivas e objetivas e às experiências nelas construídas, tanto no campo real como no virtual.

2.4.2. Empoderamento na *Internet*

O fato de as tecnologias mediadas por computadores oferecerem meios para mudanças nas relações de poder tradicionais na produção de conteúdo midiático permite que os indivíduos as utilizem como meio para o empoderamento em diversos níveis. Para Amichai-Hamburger (2008), empoderamento através da *internet* refere-se ao fato de que a rede pode ser considerada uma tecnologia habilitadora que permite que as pessoas façam coisas que achavam difíceis de fazer ou que sentiam que eram incapazes de alcançar em suas interações face a face. A pesquisa de Amichai-Hamburger, McKenna e AzranTal (2008) aponta vários aspectos em que a *internet* pode servir como impulsionador para o empoderamento e propõe um modelo de quatro níveis (pessoal; interpessoal; grupo; cidadania) que serve para explicar o chamado de *e-empowerment*. Os resultados encontrados pelos autores servem como ponto de partida para as análises desta

tese para buscar entender como a *internet* pode favorecer o empoderamento feminino e as construções identitárias das mulheres que participam ativamente de discussões *online*.

No nível pessoal de empoderamento, um indivíduo adquire ou fortalece os recursos psicológicos necessários que permitirão alcançar seus objetivos. Segundo os autores, muitas vezes o empoderamento no nível pessoal é confundido com construções psicológicas relacionadas, como autoeficácia, autoestima, controle e competência, que de fato estão conectadas. Para eles, os ganhos em autoeficácia ou na autoestima podem resultar em mais segurança para atuar no ambiente e fortalecer a si e à coletividade da qual fazem parte.

Embora existam muitos outros modelos teóricos que abordem o empoderamento, todos enfatizam a necessidade de aprimoramento da competência e da experiência, começando no nível do indivíduo e se estendendo ao grupo como um todo. Além disso, para que os processos de capacitação se desdobrem, eles exigem que as barreiras sejam quebradas e que as oportunidades de enriquecimento sejam reforçadas nas esferas social e ambiental. São nessas arenas, em particular, que a *internet* é uma ferramenta imensamente poderosa para abrir portas (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008, p. 1777).

Outro aspecto identificado pelos autores no nível individual é especialmente importante para essa tese: a construção identitária. Eles explicam que, quando um indivíduo tenta reformular ou fazer mudanças em sua identidade, essas mudanças só se concretizam se forem socialmente validadas, assim como esclarece Dubar (2005). O problema é que conseguir essa validação pode ser um esforço desafiador e cheio de obstáculos, uma vez que é difícil para uma pessoa efetuar mudanças no autoconceito quando seu ambiente social circundante permanece estático. Ou seja, quando alguém está interagindo diariamente no mesmo meio, predominantemente com familiares, amigos de longa data, vizinhos e colegas de trabalho, as tentativas de reformular a identidade raramente são bem-sucedidas. Isso se torna especialmente complicado quando esses “outros” importantes muitas vezes não estão dispostos a aceitar, reconhecer e fornecer validação para a identidade “reformulada” que o indivíduo está tentando alcançar (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008). É nesse aspecto que a *internet* pode então oferecer o ambiente necessário para que se possa encontrar esse reforço e essa validação necessários para que a identidade se consolide. Ao encontrar comunidades virtuais com as características identitárias desejadas e estabelecer vínculos com outros indivíduos que oferecem a validação social necessária, as pessoas conseguem, assim, completar o ciclo que compõe a construção identitária.

Barak e Sadovsky (2008) apontam o ciberespaço como um lugar importante para as pessoas se conhecerem, conversarem, discutirem, aprenderem, fazerem compras, jogarem e, até mesmo, fazer amor. Para os autores, a atuação nesse espaço tem significados que vão muito além do mero uso da tecnologia e aos aspectos relacionados à praticidade. Isso porque, no ciberespaço, as pessoas passam por várias experiências psicológicas assim como no seu ambiente físico e, às vezes, podem experimentar emoções ainda mais profundas do que em suas experiências *offline*. Assim, a *internet* e as experiências das pessoas com ela devem ser consideradas como um recurso importante e como um meio de entender a vida das pessoas, por um lado, e induzir e iniciar mudanças nelas, por outro. (BARAK e SADOVSKY, 2008).

Outro aspecto apresentado por Amichai-Hamburger, McKenna e AzranTal (2008), que pode afetar a construção identitária e o empoderamento de um indivíduo que se conecta em redes sociais *online*, é o incremento das suas habilidades e da sua percepção de autoeficácia. Segundo os autores, muitas vezes as pessoas evitam tentar adquirir novas habilidades ou entrar em situações que possam exceder suas capacidades atuais, por medo de falhar e de sofrer humilhação ou rejeição pelo círculo íntimo de suas relações, e com isso perdem boas oportunidades. Pela *internet*, as pessoas podem experimentar habilidades em ambientes não ameaçadores, muitas vezes anonimamente, valendo-se de experiências em que, se o exercício não for bem-sucedido, não haverá custos significativos para ele. Nesses casos, o custo psicológico de falhar é significativamente diminuído, em comparação com o que seria se essa falha ocorresse entre a família ou os amigos, e, nesse caso, ter um espaço onde essa sensação é diminuída abre possibilidades para que a pessoa possa arriscar ações que não conseguiria em suas relações *offline*.

No que diz respeito às questões interpessoais, os autores descrevem diversos ganhos em termos de empoderamento possíveis na *internet* sendo que o primeiro deles é a compensação social. Isso significa que indivíduos que sofrem de altos níveis de ansiedade, ou que tem dificuldades em se fazer ouvir, se beneficiam da comunicação *online* uma vez que fatores que promovem ansiedade em situações presenciais estão ausentes na interação baseada em texto. Nesses casos, os processos de interação eletrônica que ocorrem no nível interpessoal podem acabar em resultados poderosos para os indivíduos envolvidos. As mudanças podem ocorrer na autopercepção do indivíduo, no seu bem-estar emocional e psicológico e na sua construção identitária. O empoderamento eletrônico neste nível pode levar a mudanças de comportamento

e mudanças nas atitudes, no fortalecimento das relações existentes e na formação de novas (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008).

Um estudo de McKenna et al (2002) sugere que a formação de relacionamentos próximos *online* está associada a uma redução significativa nos sentimentos de solidão e ansiedade social e que, em muitos casos, indivíduos solitários e socialmente ansiosos conseguem trazer com êxito os ganhos para suas vidas cotidianas, nas interações face a face.

O segundo aspecto descrito por Amichai-Hamburger, McKenna e AzranTal (2008), no nível interpessoal, é um nível elevado de autodivulgação. Os autores citam o fenômeno dos "estranhos no comboio", descrito por Rubin (1975)², em que as pessoas divulgam informações bastante íntimas com quem eles não têm expectativas razoáveis de encontrar novamente. Para eles, esse fenômeno serve para explicar como a *internet* facilita a aproximação e o estabelecimento de relações íntimas. Em interações face a face, as pessoas se preocupam com as possibilidades e consequências de revelar informações íntimas que possam prejudicá-las e, assim, precisam primeiro estabelecer confiança para só então abrir e compartilhar informações íntimas. E isso vale tanto para amizades quanto para relacionamentos românticos. Entretanto, no ambiente *online*, as revelações feitas para outros são muitas vezes mais profundas do que aquelas feitas em um ambiente face a face. *Online*, as pessoas tendem a revelar informações íntimas pouco depois de formar um novo conhecido nesse ambiente (MCKENNA, BUFFARDI e SEIDMAN, 2005). Essa simplificação no estabelecimento de confiança permite que as pessoas criem relacionamentos profundos e duradouros com os outros e fortaleçam os relacionamentos existentes.

Outro aspecto que os autores descrevem, no nível interpessoal, é a redução do uso de estereótipos. Eles explicam que as primeiras impressões sobre um indivíduo tendem a ser duradouras e, em uma interação face a face, quase sempre se baseiam em estereótipos que são ativados automaticamente e operam inconscientemente afetando o julgamento sobre o outro. Isso significa que as pessoas usam, de forma habitual e automática, características fisicamente disponíveis ou outras pistas de identidade para classificar imediatamente os outros (por exemplo, por sua etnia, atratividade e idade). Quando as interações ocorrem *online*, as pistas

² Z. Rubin. **Disclosing oneself to a stranger: Reciprocity and its limits.** Journal of Experimental Social Psychology, 11, 1975, pp. 233-260.

físicas nem sempre são imediatamente evidentes e, portanto, não influenciam da mesma maneira as impressões que se formam nem se tornam uma barreira para relacionamentos potenciais. Em vez disso, são avaliadas as opiniões expressas, e as informações pessoais reveladas tornam-se a base das primeiras impressões. Esses critérios alternativos para a formação de impressões demonstraram ter efeitos muito poderosos na avaliação e no tratamento de outros, especialmente para as pessoas que pertencem a grupos negativamente estereotipados. Segundo os autores, se uma impressão inicial positiva for formada com base em critérios alternativos, ela tende a ser mantida e, muitas vezes, aumentada quando a interação chega a acontecer face a face (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008).

Os autores também destacam a possibilidade que a *internet* oferece para que diálogos interculturais entre pessoas em lados opostos de um conflito possam acontecer. E, por fim, apresentam as facilidades para conseguir ajuda ou supervisão personalizada à distância, facilitando processos organizacionais (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008).

No nível de grupo, os autores apontam quatro fatores importantes que encorajam o empoderamento eletrônico: (1) encontrar outros semelhantes; (2) reforço de grupo; (3) variedade de ferramentas de decisão de grupo; e (4) manutenção da proximidade com os líderes.

Para Amichai-Hamburger, McKenna e AzranTal (2008), pode ser difícil encontrar pessoas que compartilham interesses e objetivos comuns no ambiente cotidiano, mas isso não acontece na *internet* onde grupos e indivíduos com quase todos os interesses imagináveis podem ser encontrados. Os autores esclarecem que ser membro de um grupo que compartilha interesses e objetivos comuns aumenta a autoestima e promove mais contatos sociais. Além disso, quando um indivíduo participa ativamente de um grupo que compreende indivíduos semelhantes, sua participação leva a maior autoaceitação, a uma autoestima aprimorada e a uma redução adicional da alienação e do distanciamento.

No que diz respeito ao reforço de grupo, os autores encontraram evidências que, nas coletividades *online*, o estágio de normalização torna o grupo mais coeso e a identificação com ele aumenta. Essas normas criam um guia informal para o funcionamento do grupo, incluindo regras faladas e não ditas sobre o comportamento, e fornecem modelos que promovem comportamentos apropriados para outros membros do grupo. Eles encontraram evidências de

que, quando os membros do grupo interagem *online* com algum grau de anonimato, as normas dos grupos são fortalecidas e há uma maior adesão a essas normas do que normalmente ocorre em ambientes grupais face a face.

Outra vantagem identificada pelos autores e que pode promover o empoderamento por meio da *internet* é a sua capacidade de receber ideias de todos os membros do grupo de maneira eficiente e efetiva. E, por fim, os autores destacam a peculiaridade de que, nos grupos *online*, não importa o quanto cresçam, sempre é possível o líder estar em contato direto com os membros, o que dificilmente ocorre em grupos *offline* onde a estrutura provavelmente se tornará mais hierárquica e a capacidade de manter o contato direto entre o líder do grupo e os membros é reduzida (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008).

No nível da cidadania, os autores destacam que por meio da *internet* é possível empoderar os indivíduos em termos de cidadania. Os autores sugerem que, quando há confiança no governo, as pessoas podem utilizar os canais *online* para aumentar a sua participação na formulação de políticas públicas. Outra vantagem que os autores identificaram foi a maior acessibilidade a dados e informações sobre suas relações com o governo, e, por fim, a capacidade de supervisionar e influenciar as decisões governamentais (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRANTAL, 2008).

2.5. As comunidades virtuais e os processos de identidade e empoderamento

Entre as transformações provocadas pelo surgimento e popularização da *internet* está a noção de comunidade. Ela deixa de estar relacionada somente a um território geográfico e passa a ser utilizada em um novo tipo de território, o ciberespaço. Esse território forma, a partir da *internet* e das comunicações mediadas por computador (CMC), as comunidades virtuais (RHEINGOLD, 1993; WELLMAN, 1996; WELLMAN, 2003; LEVY, 2005; CASTELLS, 2009; RECUERO, 2009). Para compreender as comunidades virtuais, é necessário entender que dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores e religião) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança e crenças) são tão importantes quanto às de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter (PERUZZO e VOLPATO, 2005).

Castells (2013) caracteriza bem a sensação de comunidade que se obtém no ciberespaço:

Começou nas redes sociais da *internet*, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperança no livre espaço público da *internet*, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação de autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (CASTELLS, 2013, p. 11-12).

Segundo Recuero (2009), as CMC potencializaram uma mudança que já havia se iniciado a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte: a desterritorialização dos laços sociais. Para Levy (2005), a emergência da *internet* nas últimas décadas do século XX introduziu novos elementos à esfera pública: a interconexão geral, a desintermediação e a comunicação de todos com todos. Nesse ambiente, a distância entre as pessoas interfere menos no fluxo entre o emissor e o receptor da mensagem, e o tempo perde importância no processo, já que, por meio da *internet*, a transmissão é praticamente instantânea (SILVA, 2001).

A *internet* permitiu a criação e desenvolvimento de um novo espaço público que apresenta como característica fundamental o fato de ser um híbrido em que:

o sujeito vive a possibilidade de ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro do pseudônimo, entre a pertença e o desenraizamento, entre o ser produtor e consumidor de conhecimentos à escala global, entre a nacionalidade e o cosmopolitismo, etc. (SILVA,1999, p. 62).

Para Silva (2001), a *internet* é simultaneamente real e virtual, informação e contexto de interação, espaço e tempo, e todas essas características existem na medida em que são construção social partilhada e estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico.

Lévy (2005) tem um ponto de vista otimista sobre esse espaço construído na *internet*. Para o autor, o ciberespaço é mais inclusivo do que os demais meios de comunicação de massa, uma vez que permite a participação de qualquer um que tenha acesso a um computador com *internet*, e essa característica é favorável ao empoderamento, uma vez que indivíduos silenciados nos meios de comunicação de massa tradicionais podem se fazer ouvir. Isso porque as comunicações não estão mais centralizadas em mídias que distribuem a informação a um público específico, mas fazem parte de uma comunidade virtual distribuída em rede num mundo de ouvintes, expectadores, leitores e contribuintes.

Castells (2013) também vê a *internet* como uma possibilidade de contrapoder importante, uma vez que permite uma comunicação de massa interativa difícil de controlar:

A auto comunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições e da sociedade. É por isso que os governos têm medo da *internet*, é por isso que as grandes empresas têm com ela uma relação de amor e ódio, e tentam obter lucros com ela, ao mesmo tempo que limitam seu potencial de liberdade (por exemplo controlando o compartilhamento de arquivos ou as redes com fonte aberta) (CASTELLS, 2013, p. 18).

Tradicionalmente, o conceito de comunidade diz respeito às relações de suporte e compartilhamento de valores estabelecidas em determinado local geográfico, onde uma pessoa pode estabelecer laços fortes e duradouros. No conceito de comunidade virtual, que surge a partir do advento das CMC, as pessoas buscam novas formas de se conectar, estabelecer relações e formar comunidades, mas o espaço que compartilham não é mais um local geográfico, mas o ciberespaço (RECUERO, 2009).

Recuero (2009) cita a teoria de Oldenburg (1989)³ sobre os terceiros lugares para explicar as condições em que se desenvolveram as comunidades virtuais por meio das CMC. De acordo com essa teoria, existem três tipos de lugares que são importantes na vida de um indivíduo: o primeiro é o lar, onde está a família, o segundo é o trabalho e os terceiros são os espaços de lazer onde os indivíduos vão para construir laços sociais. Recuero (2009) aponta que as características do cotidiano contemporâneo, como a falta de tempo, o medo e mesmo o declínio dos terceiros lugares, podem levar ao isolamento das pessoas, ao atomismo e a relações sociais transitórias, mas o aumento do uso de ferramentas de CMC pode representar um caminho no sentido oposto, em direção ao social; para Rheingold (1993), esse é justamente a causa do surgimento das comunidades virtuais. Tapscott e Williams (2007) confirmam essa noção ao descreverem os *blogs*⁴ como a maior “cafeteria do mundo” onde é possível encontrar um retrato dos pensamentos e sentimentos das pessoas a respeito do que está acontecendo naquele momento e, nesse sentido, se tornam uma conversa em andamento.

Rheingold (1993) define as comunidades virtuais como grupos sociais que surgem na rede e mantêm discussões, interações e sentimentos suficientes para formar redes de relações pessoais no ciberespaço estabelecendo uma nova forma de sociabilidade com laços mais fluidos, menos fortes e mais amplos (RHEINGOLD, 1993; O'REILLY, 2007; CASTELLS, 2009; RECUERO, 2009).

Para Jones (1997), para que seja possível o estabelecimento de uma comunidade virtual, é necessário que se encontrem algumas condições:

- a) um espaço virtual público;
- b) interatividade;
- c) variedade de participantes;
- d) frequência.

³ OLDENBURG, R. The Great Good Place. New York: Molwe &Company, 1989.

⁴ Na sua forma mais básica, um blog é uma página pessoal em formato diário. Esse tipo de site ganhou destaque pela sua dinâmica e interatividade que lhes permitiram assumir um papel de filtro na imensidão de conteúdos existentes na rede. Passaram a funcionar como uma espécie de “sabedoria coletiva” que adiciona valor aos conteúdos (O'REILLY, 2007).

Passos e Silva (2012) destacam o fato de que com as tecnologias da Web 2.0⁵ passou a ser muito simples para os indivíduos navegarem, criarem e editarem conteúdos para a *internet* que podem alcançar uma grande quantidade de espectadores com orçamentos muito pequenos e sem a necessidade de negociação com emissoras.

Assim, a *internet* como novo meio de comunicação rompe com a clássica distribuição hierárquica entre emissores e receptores ao possibilitar que cada nó possa produzir e distribuir mensagens simultaneamente. Além disso, a rede é composta por uma estrutura aberta capaz de expandir-se de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se internamente, o que faz com que o processo de comunicação seja expandido de maneira exponencial (PASSOS e SILVA, 2012, p. 130).

Uma característica importante das comunidades virtuais é que os interesses parecidos das pessoas participantes podem promover empatia, compreensão e apoio mútuo, aumentando a possibilidade de formar grupos coesos com característica de comunidades (RECUERO, 2009). Simonard e Santos (2017) esclarecem que:

O sentimento de pertencimento une os sujeitos em torno de objetivos comuns, confortáveis em determinado local e, nesse sentido, a Internet, prioritariamente as mídias sociais, pode ser considerada espaço para que nela os indivíduos naveguem e produzam sentido, seja simbólico, social ou afetivo (p.15)

Além disso, conforme destaca Recuero (2009), a sociabilidade promovida no contexto da globalização e das CMC apresenta um formato de rede que favorece uma ascensão do individualismo. A aparente contradição contida na ideia de “individualismo em rede”, proporcionando a formação de comunidades virtuais, decorre do fato de que há um papel preponderante do indivíduo na construção de sua própria rede, ou seja, é ele que determina com quem interagir e construir laços sociais. Esse protagonismo na formação e na escolha das comunidades que vai participar pode ser um processo de empoderamento que o indivíduo pode utilizar para reconfigurar sua identidade. Segundo Castells (2003, p. 109):

O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é que indivíduos montam suas redes, *online* e *offline*, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos.

⁵ De acordo com O'Reilly (2007), o que diferencia a web 2.0 da sua predecessora é o fato de aproveitar o poder coletivo dos pequenos sites que compõem a maior parte do conteúdo da web. Na web 2.0, marcada por serviços como Google, e-bay, Amazon e Napster, destaca-se o *autoatendimento ao cliente* e o *gerenciamento de dados algorítmicos para alcançar toda a web, para as bordas, e não apenas para o centro, para a cauda longa, e não apenas para a cabeça*. Assim, uma parte essencial da Web 2.0 é aproveitar a inteligência coletiva, transformando a web em um tipo de cérebro global.

Costa (2011) vê com restrições essa noção de individualismo em rede. Para ele, é claro que, se nas redes sociais das quais faz parte um indivíduo, circulam recursos (informações, conhecimento, auxílio financeiro, apoio emocional, ações colaborativas, etc.), deve-se entender que os indivíduos buscam, na integração com seus grupos, usufruir de tais recursos. Entretanto, na visão do autor, tentar entender a emergência das redes sociais a partir do pressuposto de que os indivíduos se engajam em um dinâmica de rede e constroem laços sociais apenas com conexões que possam servir a seus interesses específicos, ou que possam resultar em benefícios claros, não é suficiente para entender os coletivos na rede.

Também nesse sentido Tacker (2004) define o coletivo como uma agregação de unidades individualizadas em relação uma à outra, com a qualidade das relações amplamente especificadas pelo contexto. O autor separa esse conceito da conectividade que, para ele, é uma forma de relacionar unidades individualizadas dentro de uma ampla gama de possíveis configurações.

A distinção entre coletividade e conectividade é relevante porque, embora a conectividade possa ser um pré-requisito para a coletividade, o reverso não se aplica. Isso significa que um indivíduo pode estar conectado a um grupo ou a outros indivíduos sem que necessariamente formem uma coletividade. A conectividade pode ocorrer em um nível generalizado, sem qualquer manifestação ou fenômeno de grupo que se explicita. Para o autor, há uma coletividade quando as pessoas que estão conectadas nessa rede se organizem em direção a uma ação acordada ou um objetivo em comum. Tacker (2004) propõe que seja observado, nessa tensão entre coletividade e conectividade, que agregações ou fenômenos grupais se tornem políticos.

Costa (2011) esclarece que, apesar de útil, as análises gráficas de redes sociais que mostram como se conectam os indivíduos não conseguem alcançar o fato de que, ao se pôr em relação, os indivíduos modificam-se a si mesmos e modificam suas próprias relações.

Se o que orienta um coletivo são seus propósitos comuns, isso não pode estar inscrito em uma representação, pelo simples motivo de que cada indivíduo deve se relacionar com esse propósito de uma forma diferente, deve ser afetado por ele de modo distinto, exatamente porque deve fazer um esforço singular no sentido de ajustar, no tempo, suas próprias ações ao propósito de todos. Esse ajuste, esse arranjo do coletivo, significa o constante esforço de negociação de preferências individuais, de tal forma que os propósitos individuais possam ser atendidos, ao menos em parte, em função do propósito do coletivo (COSTA, 2011, p. 18).

Essa possibilidade de ressignificação do conceito de comunidade na *internet*, intensificado pelos sites de redes sociais, também provocou transformações no movimento feminista que passou a atuar em comunidades virtuais. A *internet* permitiu o intercâmbio de ideias entre diferentes concepções de feminismos de uma forma mais rápida e dinâmica, e se tornou um meio para o diálogo com a sociedade sobre as diversas pautas dos feminismos contemporâneos (FERREIRA, 2015). Dessa forma, a *internet* passa a ser ferramenta para a crítica, debate, reação e diálogo com a comunidade feminista e com a sociedade, oferecendo resistência e questionamento do que é produzido na mídia tradicional.

Segundo Rodrigues, Gadenz e Delarue (2014), a *internet* vem reconfigurando movimentos sociais e suas relações, tanto entre si quanto com a sociedade. Isso se dá porque a tecnologia pode ampliar as formas de participação dos atores sociais, permitir novos modos de inserção, e aumentar a visibilidade das ações de um determinado movimento social. O movimento feminista tem, cada vez mais, se utilizado da *internet* para divulgar suas pautas e reivindicações, e boa parte das suas atuais discussões passam pelo ciberespaço.

O feminismo, cujas conquistas em relação aos direitos das mulheres revelam um longo processo histórico de lutas e batalhas pelo respeito à integridade física, moral e psíquica do sexo feminino, vem, a exemplo de diversos outros movimentos, se valendo da plataforma de comunicação propiciada pela *internet*, criando blogs e inserindo-se em redes sociais como forma de difundir e promover suas pautas e reivindicações (RODRIGUES, GADENZ e DELARUE, 2014, p. 3).

Nesse contexto, dentre as possibilidades de resistência, surge o conceito de Ciberfeminismo que se baseia na ideia de que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm potencial para favorecer transformações sociais e as noções convencionais de gênero, por meio da criação de uma rede de comunicação entre as mulheres que lhes ofereça espaço de fala (SOUZA, 2015). Lemos (2009, p. 9) caracteriza o ciberfeminismo como “uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia”.

Esse movimento, conforme esclarece Bañón (2013), não tem um caráter homogêneo, nem em termos de conteúdo político e nem em formato estético, mas um caráter híbrido entre atividades estéticas e políticas em que as ações se voltam para um ataque declarado aos pilares básicos do patriarcado moderno.

Lemos (2009) destaca que o Ciberfeminismo surgiu em um contexto de tecnologias e identidades cada vez mais polifônicas em que surgem novos espaços de ação coletiva, o que torna o conceito amplo e que pode ter várias abordagens, inclusive contraditórias conforme explica Bañón (2013). Mesmo sendo um movimento que se apresenta com grande diversidade de formas e grupos, é possível identificar como característica comum a utilização da *internet* pelas ciberfeministas para se reunirem, trocarem experiências e discutirem as relações entre gênero e tecnologia.

Bañón (2013) destaca a grande influência das teorias pós-estruturalistas, principalmente de Judith Butler (2008) que ampliaram o debate feminista para além das discussões entre igualdade e diferença. Nas discussões mais contemporâneas, os discursos deterministas e vitimistas perdem espaço para a possibilidade de resistência e contestação. Nessa lógica, a mesma atividade de repetição que vai fixando normas sociais é a que faz dos indivíduos sujeitos na sua história. A mesma necessidade de repetir as normas para que essas se fixem abre também a possibilidade de não as repetir e, assim, subvertê-las. Essas ideias movem boa parte do debate ciberfeminista que passa a contemplar conteúdos mais políticos e mais comprometidos com a mudança social (BAÑÓN, 2013) e, dessa forma, podem ser considerados uma coletividade, conforme propõe Tacker (2004).

Segundo Bañón (2013), a parte mais visível do ciberfeminismo tem se concentrado em explorar as possibilidades que as tecnologias da informação e comunicação oferecem para a desconstrução dos gêneros. A autora defende a ideia de que o ciberfeminismo deve buscar entender e favorecer a constituição de um sujeito político a partir da crítica e da subversão da tecnologia, e isso pode ser feito de diversas maneiras, desde a crítica mais analítica e acadêmica até a paródia ou rebelião lúdica. Para ela, a desestabilização do sistema patriarcal necessita de grandes e também de pequenas propostas, projetos coletivos e pessoais, porque o patriarcado é um sistema que se organiza e atua tanto no macro como no microespaço, assim como no ciberespaço. Assim, é importante que as ciberfeministas que estejam implicadas em um projeto político feminista trabalhem pela transformação das condições em que funcionam as tecnologias da informação e comunicação e na geração de novos modos de entender e fazer gênero (BAÑÓN, 2013).

No Brasil, o movimento feminista lida com a mídia a partir de sua lógica paradoxal: por um lado, pode ser meio para a visibilidade feminina e, por outro, serve para a manutenção do

sistema patriarcal por meio das representações e estereótipos de gênero tradicionais (PINTO, 2003; TOMAZZETTI e BRIGNOL, 2015). Assim, o movimento organiza e desenvolve sua relação com os meios de comunicação com ênfase nas esferas de ação, combativas ou negociadas, através da crítica, tanto prática quanto acadêmica, e, de outro, pelo uso alternativo de mídias no embate e enfrentamento dos discursos dominantes (TOMAZETTI, 2015).

Para encontrar novos espaços para amplificar seus discursos, o feminismo passou a conferir às ferramentas e espaços comunicacionais um papel estratégico de primeira ordem para sua causa. Nesse sentido, de acordo com Tomazetti (2015), a partir da busca pela construção de um discurso próprio, do interesse em provocar mudanças e empoderar as mulheres, o movimento feminista passa a organizar sistematicamente a produção de seus espaços de comunicação. Era necessário utilizar canais que possibilitassem às ações feministas a propagação de informações, demandas, organização e a criação de conteúdos que são habitualmente ignorados pelos meios de comunicação tradicionais, mas de grande interesse para o movimento. É então que:

o feminismo passa a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos. Assim, na perspectiva de criar espaços alternativos de visibilidade, no qual as mulheres poderiam protagonizar posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras, produtoras e transmissoras de conteúdo, já nos anos de 1990, diversos grupos feministas se lançam na disputa pelo terreno comunicativo da *internet* (TOMAZETTI e BRIGNOL, 2015, p. 5-6).

A partir do momento que o feminismo passa a integrar a *internet*, ele se situa politicamente em um ciclo de oportunidades alavancadas pela construção de laços solidários entre mulheres e feminismos de todo o mundo. Segundo Larrondo Ureta (2005, p. 381),

o feminismo é chamado a se estabelecer em novos espaços comunicativos longe do império tradicional dos meios de comunicação de massa. Para isso, o ciberespaço é apresentado como uma alternativa mais do que plausível, favorecendo a criação de modelos de disseminação menos dependentes dos canais tradicionais. Além disso, o espaço virtual da *internet* coloca ao alcance do movimento feminista poderes expressivos desconhecidos, entre outros, um novo significado de comunicação coletiva que converte as mulheres em autores, transmissores e receptores de informações.

No Brasil, é possível identificar ações feministas de diversos tipos nas redes digitais. Existem sites e portais mais profissionalizados, mas também blogs, fóruns, grupos de debates em redes sociais, páginas pessoais, vídeos, mobilizações virtuais coletivas por meio de *tags*, entre outras produções (TOMAZETTI, 2015).

Assim, se arquitetam redes de comunicação sobre as reflexões de gênero na *internet* e fora dela, nas quais as relações entre conteúdos produzidos em blogs, sites e redes sociais (*online* e *offline*) passam a ampliar a agenda e conformar táticas de organização política. A amplitude dos campos de ação é notável, e a convergência entre as dinâmicas e práticas tradicionais com o universo digital e suas possibilidades é sintomática do diagnóstico e autocrítica feminista a respeito dos espaços em que vigoram as estruturas de ação e dominação (TOMAZETTI, 2015, p. 40).

Langner, Zuliani e Mendonça (2015) destacam que a *internet* promoveu a popularização dos ideais feministas principalmente pela facilidade de produzir e divulgar o conteúdo com amplitude na rede. Segundo as autoras, as redes sociais e os blogs se tornaram uma mídia alternativa para fazer frente ao machismo da mídia tradicional, que é apresentado desde os programas de entretenimento até as propagandas comerciais e jornalismo.

Vários estudos apontam para o potencial da internet para promover o empoderamento feminino (HUYER e SIKOSKA, 2003; BONDER, 2003; REHM, 2004; ORGAD, 2005; URETA, 2005; OBAYELU e OGUNLADE, 2010; COLLEY e MALTBY, 2007; NEGRÃO e VISCARRA, 2007; BARAK e SAOVSKY, 2008; CHOUDHURY, 2009).

Um trabalho que discute profundamente a questão do empoderamento feminino e o uso da *internet* é o de Choudhury (2009). Para a autora, as possibilidades de utilização da *internet* para melhorar as condições sociais que restringem a agência e a escolha das mulheres são diversas e se tornam assim uma possível ferramenta para o empoderamento feminino. Choudhury (2009) cita como exemplo o caso de mulheres nos países em desenvolvimento que usam a *internet* para combater a injustiça e discriminação que representam ameaças ao seu avanço. A autora cita também o caso de mulheres nas áreas rurais do Marrocos que promovem seus produtos *online* e estão recebendo benefícios financeiros. A autora explica que o fato de o trabalho doméstico ser em muitos casos de responsabilidade exclusivamente feminina tem papel importante na manutenção do isolamento das mulheres. Isto, em última instância, tem um efeito sobre a sua mobilidade e oportunidades de trabalho, diminuindo seu acesso às instâncias de tomada de decisão, ao processo político e às arenas econômicas (CHOUDHURY, 2009). Entretanto, cada vez mais, estudiosos e ativistas estão vendo a *internet* como um espaço onde as mulheres podem comunicar de uma forma mais livre (HUYER e SIKOSKA, 2003; BARAK e SAOVSKY, 2008; CHOUDHURY, 2009).

Dessa maneira, a *internet* e as transformações da noção de espaço que ela proporciona oferecem possibilidades importantes para as mulheres. A liberdade de ter acesso a espaços diferentes do doméstico e, de forma total e segura, poder atuar em outros espaços públicos é fundamental

para a plena participação das mulheres no futuro do mundo (CHOUDHURY, 2009). Para Harcourt (2004), as mulheres se engajam no diálogo *online* criando links com informações estratégicas, fazem lobby e se articulam para mudanças. Segundo a autora, grupos de mulheres usam a *internet* como forma de quebrar barreiras, exclusões e silêncios. Dessa forma, a *internet* está se tornando rapidamente uma ferramenta para o empoderamento que muda a vida diária das mulheres, suas esperanças e seu futuro.

É importante destacar, aqui, que o empoderamento implica exercer ativamente escolhas sobre a sua própria vida, mas também desafiar as relações de poder e agir para que essas mudanças alcancem um nível coletivo de forma que o individual assuma também uma função política, e, nesse sentido, a *internet* tem um papel que favorece essa articulação (CHOUDHURY, 2009). O processo de empoderamento envolve mudanças na forma como as pessoas se veem (seu senso de autoestima) e sua capacidade de ação. Assim, com a *internet*, abrem-se novas possibilidades para as mulheres (VAN DOORN e VAN ZOONEN, 2008).

Para Cerqueira, Ribeiro e Cabecinhas (2009), as comunidades feministas na *internet* têm tudo a ver com o empoderamento feminino, a redefinição da sua identidade e a coexistência de identidades múltiplas e alternativas. Para as autoras, a *internet* possui potencialidades para a afirmação das vozes femininas, mas não é sozinha a solução para o problema da desigualdade de gênero. Elas esclarecem que alguns dos fatores que perpetuam as desigualdades de gênero ainda permanecem, apesar das novas possibilidades tecnológicas. Para Van Doorn e Van Zoonen (2008), a *internet* confirma as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade ao mesmo tempo em que permite transgressões aos códigos de feminilidade e masculinidade.

Apesar das limitações citadas anteriormente, Zhao, Grasmuck e Martin (2008) apontam que o advento da *internet* mudou as condições tradicionais de produção de identidade. Isso acontece porque as relações pela *internet* acontecem em uma dinâmica na qual o corpo físico está separado dos encontros sociais no ambiente *online*, e é possível que os indivíduos interajam uns com os outros em modo de texto totalmente desincorporado que só revela as características físicas que ele desejar. Além disso, é possível reter informações pessoais, como nome, residência e afiliação institucional. Para os autores, a combinação de desencarnação e anonimato cria um ambiente tecnicamente mediado no qual um novo modo de produção identitária emerge (ZHAO, GRASMUCK e MARTIN, 2008).

Essas marcas das interações *online* podem remover "características de bloqueio" físicas (aparência estigmatizada, gagueira, timidez, etc.) e permitir que algumas pessoas desfavorecidas ignorem os obstáculos usuais que impedem a construção de identidades desejadas nas configurações presenciais (MCKENNA et al., 2002).

No entanto, as relações na *internet* não acontecem só com estranhos, as pessoas também se relacionam *online* com membros da família, vizinhos, colegas e outros conhecidos *offline*. Esse tipo de relacionamento *online* baseado em *offline* é chamado por Zhao, Grasmuck e Martin (2008) de "relacionamentos ancorados". Para os autores, um relacionamento *online* pode ser ancorado *offline* de várias maneiras, como através de instituições, residências ou amigos comuns. O nível de ancoragem varia dependendo dos graus aos quais os parceiros *online* são identificáveis e localizáveis *offline*. O conceito de relações *online* ancoradas, então, refere-se a pessoas que são amigas *online*, mas podem ou não se conhecerem *offline* (ZHAO, GRASMUCK, e MARTIN, 2008).

Usuários em sites de redes sociais como *Facebook* estabelecem esse tipo de relacionamentos ancorados na *internet*. Eles podem enfatizar ou mesmo exagerar a parte de seus possíveis eus que são socialmente desejáveis, mas não discerníveis em breves encontros *offline*, como o caráter, a inteligência e outras qualidades internas importantes. Ao mesmo tempo, eles podem procurar esconder ou atenuar a parte de si mesmos que eles consideram socialmente indesejáveis. Para os autores, o *Facebook* proporciona aos usuários uma nova alavancagem para autoapresentação seletiva e, dessa forma, atuar conscientemente para sua construção identitária. Para os autores, os eus de *Facebook* parecem ser identidades socialmente desejáveis a que os indivíduos aspiram, mas ainda não conseguiram incorporar por uma razão ou outra (ZHAO, GRASMUCK, e MARTIN, 2008).

Os resultados da pesquisa apresentados por Zhao, Grasmuck e Martin (2008) sugerem que há algumas expectativas sobre a construção identitária *online* que não se comprovam empiricamente. Eles apontam que não é verdade que o mundo *online* é um país de sonhos para comportamentos desviantes. Em um ambiente não simbólico em que os indivíduos podem ser responsabilizados por seus comportamentos, as pessoas são mais propensas a se apresentar como sendo alinhadas com, ou perto de, expectativas normativas, enquanto que, em um ambiente anônimo, *online* ou *offline*, onde os indivíduos não são identificáveis e, portanto, não podem ser responsabilizados, as pessoas são mais propensas a se comportar como quiserem,

ignorando as restrições normativas. Isso significa que a associação de conformidade com o mundo *offline* e o desvio com o mundo *online* são inválidos, pois existem ambientes *offline* anônimos e ambientes *online* não-anônimos. Os autores, que estudam a construção de identidades no *Facebook*, mostram que onde os usuários precisam revelar seus nomes reais em um contexto institucional fixo, os usuários tendem a não o tratar como um local para expressar seus "eus escondidos" ou identidades marginalizadas ou contestadas (ZHAO, GRASMUCK, e MARTIN, 2008).

Para os autores, também é incorreto pensar que o mundo *online* e o mundo *offline* são dois mundos separados e o que quer que as pessoas façam *online* tenha pouca consequência para a vida *offline*. Na era da *internet*, o mundo social inclui os ambientes *online* e *offline*, e uma habilidade importante que as pessoas precisam aprender é como coordenar seus comportamentos nesses dois domínios. Entre outras coisas, a *internet* oferece novos recursos e oportunidades para a produção de identidade que podem ser usadas para superar algumas limitações inerentes às situações presenciais. Esses "eus digitais" são reais e eles podem servir para aprimorar as reivindicações de identidade e identidade de usuários e, possivelmente, aumentar suas chances de se conectar no mundo *offline*. Além disso, os autores contestam a distinção entre "eu real" e "eu virtual" ou "eu verdadeiro" e "eu falso" no sentido de "Eus virtuais" se referindo a "eu *online*" e "eu real" para *offline* uma vez que as identidades do *Facebook* são claramente reais, no sentido de que elas têm consequências reais para a vida dos indivíduos que as construíram. Os autores discordam do conceito de "eu verdadeiro" apresentado por Suler (2002) no qual ele estaria relacionado a aspectos ocultos do que a pessoa precisa ou deseja ser e, neste contexto escondido, apresenta um sentido "antinormativo" ou "desviante". O que Zhao, Grasmuck e Martin (2008) argumentam é que nem todas as identidades socialmente não autorizadas estão escondidas e, algumas vezes, elas são apresentadas abertamente, por exemplo, como atos de resistência. Os autores perceberam que as identidades apresentadas *online* também eram identidades que, aparentemente, não haviam sido totalmente estabelecidas *offline*, mas ainda assim podem ter um impacto real sobre os indivíduos. Os autores concluem que a identidade tem a ver com convencer os outros a pensar em nós como nós também pensamos, não importa se isso acontece *online* ou *offline*, ou se eles são antinormativos ou socialmente desejáveis (ZHAO, GRASMUCK, e MARTIN, 2008).

2.6. Quadro Integrativo – processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais

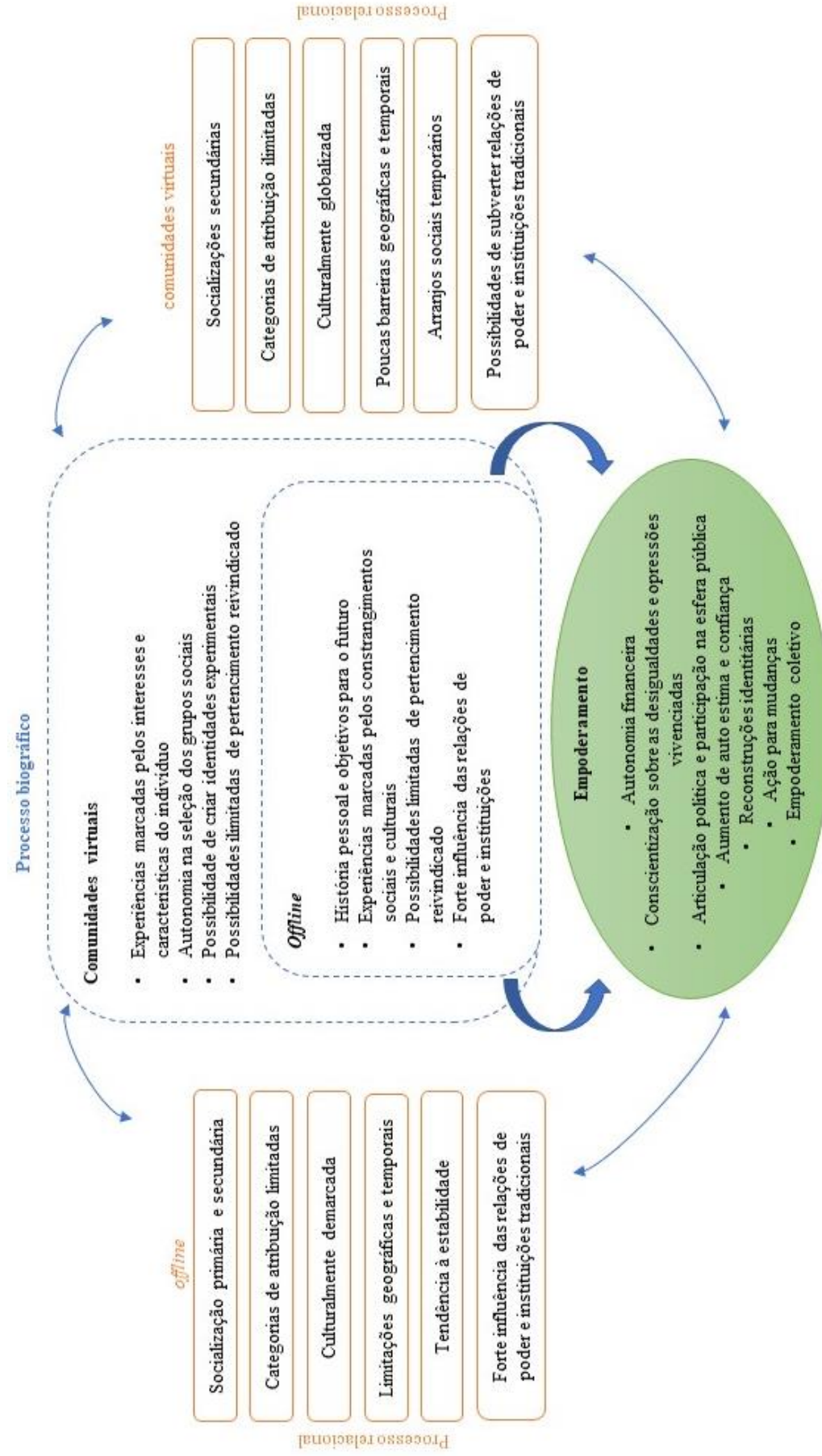
Neste tópico, apresenta-se uma proposta para a análise que integra as três dimensões estudadas nesta tese: Identidade, Comunidades virtuais e Empoderamento, que está representada na Figura 5.

A análise realizada nesta tese centra-se nos processos biográficos, uma vez que se leva em consideração apenas o ponto de vista das entrevistadas a respeito de suas histórias de vida. Sendo assim, os processos biográficos foram posicionados ao centro do quadro, sem desconsiderar o contexto e os processos relacionais por elas descritos. Os processos de empoderamento, foram posicionados em interação com os processos relacionais e biográficos, uma vez que são processos que afetam tanto as construções identitárias das mulheres como as referências culturais e sociais disponíveis nos processos relacionais.

Para elaborar esse quadro integrativo, partiu-se das categorias de análise da identidade propostas por Dubar (2005) que consideram a dinâmica dual do processo de construção da identidade a partir da interação entre os processos relacionais e biográficos, acrescentaram-se as características dos processos identitários que se dão nas relações *offline* e nas comunidades virtuais tanto no que se refere aos processos relacionais quanto aos processos biográficos.

Os processos *offline* incluem as relações mais íntimas dos indivíduos, suas socializações primárias e as comunidades a que eles pertencem. Nesse sentido, entende-se que nos processos relacionais e biográficos *offline* acontece a maior parte da socialização e da construção identitária da pessoa.

Figura 7 – Quadro integrativo de análise dos processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais



Fonte: elaboração própria

É importante destacar aqui que, nos processos *offline*, as possibilidades de interação de uma pessoa são limitadas no tempo e no espaço. Para que um indivíduo consolide uma identidade social em suas relações *offline*, ele precisa encontrar nas suas relações categorias com as quais se identifique e validação social nessa identificação. Acontece que muitas vezes o indivíduo não encontra essas categorias nos grupos sociais de que faz parte e se sente inseguro em relação aos aspectos de si que não se enquadram nas categorias demarcadas socialmente. Por exemplo, uma mulher que vive em uma pequena comunidade, em que todas as outras que ela conhece cumprem o papel tradicional de gênero assumindo as atividades domésticas e o cuidado com crianças e idosos, pode se sentir insegura e incapaz de realizar algo diferente disso e introjeta essa identidade porque é a “única” possível em seu repertório social.

O fato de nas relações face a face (*offline*) o repertório de categorias de atribuição ser limitado não significa que essas características sejam absolutamente determinantes ou inescapáveis, os sujeitos podem resistir e adotar estratégias de ajuste, ou assumirem identidades inesperadas para a sua posição social, mas suas trajetórias desviantes podem ser consideradas inadequadas e promover exclusão ou estigmas. Nesse sentido, as relações de poder construídas socialmente e as instituições estabelecidas na sociedade em que o indivíduo está inserido influenciam fortemente o seu processo de construção identitária e favorecem a manutenção das hierarquias sociais existentes.

No que diz respeito ao processo biográfico, os objetivos e aspirações de uma pessoa vão ser fortemente influenciados pelo seu repertório social e cultural vivido. As pessoas vão ter aspirações que lhe ofereçam status social em sua comunidade, muitas vezes reproduzindo opressões vividas. Por exemplo, em uma sociedade que apresenta como sucesso feminino o casamento e a maternidade, é comum que essa seja a aspiração de muitas mulheres e a identidade de esposa e mãe seja uma categoria desejada para a sua formação identitária, mesmo que para isso elas tenham que assumir longas jornadas de trabalho, ter pouca autonomia financeira e emocional, ou até mesmo suportar relacionamentos violentos.

As experiências de vida são frequentemente marcadas por constrangimentos sociais que limitam as possibilidades de identificação e pertencimento. É necessário encontrar tempo e pessoas dispostas a socializar para que se estabeleçam relações duradouras e laços fortes o suficiente para validar uma característica identitária nas interações face a face, e por isso instituições, como igrejas, clubes, escolas, entre outras, são tão importantes para a identidade.

O processo de construção identitária tem características similares ao de empoderamento, mas, enquanto o primeiro costuma favorecer a manutenção social e a reprodução das relações de poder, o segundo tem objetivos opostos. O processo de empoderamento consiste em tomar consciência dos mecanismos que reproduzem as opressões e agir para a mudança. Nesse sentido, ele pode servir como processo de ruptura e crise de identidade, uma vez que o sujeito se dá conta de que construiu sua identidade com base em categorias desfavoráveis e age para transformá-la. Mas essa mudança não pode acontecer apenas em um nível individual, uma vez que os constrangimentos sociais continuariam a existir e, com eles, todas as sanções relacionadas aos comportamentos desviantes. Por isso, o processo de empoderamento requer uma coletividade, de forma que as mudanças obtidas sirvam como novas referências de construção identitária e de possibilidades de ação para os sujeitos, fortalecendo a mudança social. Esse processo de empoderamento não é simples, como mencionado anteriormente, e requer uma constante desconstrução das estruturas introjetadas e articulação social e política para mudança social. Em um nível face a face, muitas vezes, isso coloca as pessoas em risco de violência ou mesmo morte, porque esse é um processo conflituoso que desafia as relações de poder estabelecidas.

É aí que as comunidades virtuais ganham espaço, tanto para possibilitar o empoderamento, quanto para ampliar as possibilidades de construção identitária. Nos processos relacionais que ocorrem nas comunidades virtuais há uma ampliação de repertório social que possibilitam socializações secundárias mais diversas. Uma característica importante e crucial para que a *internet* possibilite construções identitárias difíceis de se estabelecerem *offline* é o fato de que ela praticamente apaga as barreiras temporais e geográficas. Isso significa que pessoas com interesses dos mais variados tipos que teriam poucas chances de encontrar um grupo social semelhante em seus relacionamentos face a face, rapidamente conseguem encontrar pela rede pessoas de lugares próximos ou muito distantes que se reúnem no ciberespaço e se organizam em comunidades que podem então oferecer categorias de atribuição e pertencimento a que não teriam acesso de outra forma, possibilitando maior fluidez nas construções identitárias, característica da pós-modernidade.

Os três conceitos estudados nessa tese se relacionam no sentido de que o processo de empoderamento exige processos de reconstrução identitária das mulheres e de mudança social nas relações de gênero estabelecidas. Para que essas reconstruções e mudanças possam acontecer, é necessário primeiro uma tomada de consciência sobre as estruturas que as moldam

e influenciam e assim buscar estratégias para não as reproduzir. Nessa fase, a *internet* funciona como mídia de massa e possibilita visibilidade para temas relacionados ao empoderamento feminino que não encontravam espaço nas mídias tradicionais e favorece a formação de comunidades virtuais com as quais as mulheres podem se conectar e se fortalecer.

Para o empoderamento, também são necessárias a organização coletiva e as ações políticas para luta contra as opressões e desigualdades a que estão submetidas. E, nessa etapa, a *internet* também oferece uma ampliação, uma vez que possibilita o debate e a reunião de pessoas sem grandes custos, com rapidez e de forma muito mais difícil de controlar e reprimir que uma reunião em espaço público físico. A utilização de *hashtags* pode conectar rapidamente pessoas interessadas em um determinado tema e promover visibilidade de temas de interesse político para as mulheres, debates, manifestações e até mudanças legais.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A realização desta tese orientou-se por uma abordagem qualitativa na qual há uma preocupação com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades. Nesse tipo de pesquisa, prioriza-se a informação do entrevistado, exige-se uma aproximação do pesquisador com os pesquisados e o estabelecimento de uma relação de confiança. Uma característica importante da pesquisa qualitativa é que os dados são obtidos a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, o qual preocupa-se em retratar a perspectiva dos entrevistados e o significado que atribuem às coisas e à vida. Dessa forma, as entrevistadas são percebidas como as pessoas mais importantes no processo da pesquisa para compreender a dinâmica de construção identitária e empoderamento dessas mulheres que produzem conteúdo feminista para a *internet* (SPINDOLA e SANTOS, 2003).

Uma questão marcante no desenvolvimento desta pesquisa, e que Minayo e Guerriero (2014) demonstram ser uma característica inerente à pesquisa qualitativa, é a questão da reflexividade. Essa característica diz respeito ao fato de que, nesse tipo de pesquisa, o pesquisador é afetado e transformado pelo campo, e, por sua vez, o pesquisador também afeta o campo. Segundo as autoras, essa característica é permanente porque, ao manter a atenção constante sobre o que e como as coisas acontecem no contexto empírico, o pesquisador é afetado assim como os resultados do seu trabalho, o que, por sua vez, afeta o campo e a vida social tornando impossível isolar o conhecimento produzido da pessoa que o produziu. Para realizar esse tipo de pesquisa, é necessário, além da contextualização dos sujeitos e dos fenômenos no tempo e no espaço, uma postura interativa e em intersubjetividade por parte do pesquisador ao longo da busca por compreender e interpretar as informações do campo.

As pesquisas qualitativas podem se valer de uma grande variedade de estratégias de coleta e geração de material, assim como de métodos para o tratamento e análise de dados. Mesmo com essa pluralidade, Minayo e Guerriero (2014, p. 1105) apontam uma convergência de objetivos, que seria a busca por “compreender o sentido ou a lógica interna que os sujeitos atribuem a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças”.

Em uma pesquisa qualitativa, ocorre uma interação “entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida

em números” (SILVA e MENEZES, 2005, p. 20). Isso quer dizer que o interesse do pesquisador tem o foco mais na qualidade das informações e das variáveis que se apresentam do que em quantificar uma ocorrência ou quantas vezes uma variável aparece (MINAYO, 1994; FREITAS e JABBOUR, 2011, MINAYO, 2012). Esse tipo de pesquisa se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças e valores que correspondem a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, et al., 1994), como é o caso dos temas aqui tratados.

A estratégia escolhida para essa tese foi o estudo de caso que é uma das formas de pesquisa qualitativa mais utilizadas nos Estudos Organizacionais (STAKE, 2000; GODOY, 2006). Segundo Yin (2015, p. 26), o estudo de caso é um método relevante quando a investigação empírica “investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes”. Outra característica que pode ser percebida no objeto de estudo desta tese, e que Yin (2015) destaca como relevante para que seja realizado um estudo de caso, é o fato de que as condições contextuais apresentam muitas variáveis de interesse tornando o objeto muito complexo para ser investigado por meio de métodos que requerem um número limitado de variáveis.

Optou-se por utilizar um estudo multicase com fins descritivos, em que cada mulher entrevistada consiste em um caso. Cada entrevista foi analisada individualmente e posteriormente comparada com as demais para a identificação de pontos convergentes em suas narrativas. Considerou-se cada mulher como fonte de uma variedade de questões a que se detém e que integram um quadro complexo a ser analisado à luz das teorias que fundamentam este estudo.

Para a geração dos dados foi utilizada a técnica de entrevista temática e entrevista de trajetória de vida, a partir de um roteiro semiestruturado em que se buscou reconstituir a história de vida das mulheres pesquisadas, enfocando aspectos de sua socialização, de seus processos de construção e reconstrução identitária, das relações estabelecidas nas comunidades virtuais e seus processos de empoderamento com o objetivo de compreender em profundidade as motivações, as frustrações, as conquistas e os fracassos no processo vivenciado pelas entrevistadas.

3.1. A preparação da pesquisa

Durante o período entre 2014 e 2016 foram monitorados sites, blogs e perfis de redes sociais para identificar como as mulheres se organizavam para discutir temas relacionados ao empoderamento feminino, os principais temas e estratégias de ação. Nesse período, foram levantados sites, blogs, páginas e perfis que tinham como tema central o feminismo e o empoderamento feminino e foram estabelecidas conexões virtuais, em alguns casos como seguidora em outros como amiga⁶ virtual. Cada site, *blog*, página ou perfil que era incluído para monitoramento indicava aos leitores outros relacionados, e estes eram também incluídos no monitoramento de forma a compreender como se organizava a comunidade virtual relacionada ao feminismo e ao empoderamento feminino.

No período entre agosto de 2015 e agosto de 2017, foi realizada uma observação diária desses sites, blogs, páginas e perfis acompanhando suas publicações e interações e eventualmente participando de algumas ações propostas. Durante essa fase, a pesquisadora tomou notas sobre os temas de interesse, características do campo de estudo e estabeleceu interações informais com possíveis participantes. Essa fase de observação foi importante para a inserção no contexto estudado e a compreensão de sua complexidade e assim possibilitar *insights* para uma interlocução mais competente (ZANELLI, 2002).

Nesse período, foi possível observar que as configurações das comunidades virtuais feministas têm um caráter temporário e vão se reorganizando de forma a incorporar novas ferramentas de interatividade na *internet*. No início da pesquisa, observou-se que as comunidades se formavam basicamente a partir de blogs como Lola, escreva Lola; Think Olga, Blogueiras Feministas; Blogueiras Negras; Lugar de mulher; Cientista que virou mãe; Geledes; Não me Kahlo; Afronta; Nós, mulheres da periferia e AzMina. Aos poucos, os blogs mais conhecidos se profissionalizaram e se transformaram em portais de informação feminista, como o Cientista que virou mãe, Geledes e Think Olga, que fornecem informações de qualidade que servem como fonte para as discussões que ocorrem na comunidade, sendo parcial ou totalmente financiados coletivamente pelas leitoras. Também surgiram colunas específicas em publicações

⁶ Termo utilizado para conexões realizadas no Facebook e que dá acesso ao “amigo” em questão às publicações mais restritas e em alguns casos permissão para interagir com as publicações por meio de comentários.

da mídia tradicional e algumas das blogueiras mais conhecidas foram contratadas para escrever nessas revistas e sites alcançando grande visibilidade fora da comunidade virtual. Em seguida, as redes sociais como o Twitter, *Youtube* e *Facebook* passaram a conectar sites, blogs e leitoras em um debate cada vez mais interativo. As mulheres compartilhavam os textos dos blogs e sites de referência e faziam comentários. A partir desses comentários, conseguiam seus próprios seguidores e os perfis pessoais das redes sociais assumiram então o papel que antes era dos blogs, e algumas mulheres se tornaram um tipo de celebridade dentro da comunidade virtual feminista, com seus perfis conectando milhares de mulheres.

Durante a fase de observação, o termo “empoderamento feminino” se popularizou na *internet* nos últimos anos e seu significado passou a abranger qualquer conteúdo que fosse direcionado às mulheres. Por causa disso, foi necessário estabelecer um recorte sobre o que seria considerado como “empoderamento feminino” para os fins desta pesquisa. Somente foi considerado conteúdo de interesse da pesquisa aqueles que apresentassem argumentos fundamentados que promoviam a conscientização sobre a condição de subalternidade da mulher na sociedade e/ou apresentavam estratégias para mudança nessa condição.

Simultaneamente à fase de observação também foi realizada uma investigação teórica aprofundada sobre os temas em questão de forma que fosse possível uma articulação das informações coletadas em campo com a teoria já desenvolvida a respeito.

3.2. A construção do instrumento de pesquisa

A partir das informações levantadas no período de observação e na fundamentação teórica, construiu-se um quadro preliminar (ANEXO 1) resumindo e articulando os conceitos e teorias pertinentes para a pesquisa com informações e percepções levantadas na fase de observação para estabelecer pontos importantes a serem questionados em campo. A partir desse modelo, elaborou-se um roteiro de entrevistas semiestruturado (ANEXO 2) que orientou a conversa com as entrevistadas. Optou-se por um roteiro que permitisse às entrevistadas narrar suas experiências de vida a partir dos temas que são importantes para essa pesquisa. Fivush (2006, 2010) esclarece que as narrativas não são apenas a simples descrição de acontecimentos experienciados, mas fornecem modelos explicativos e avaliação emocional sobre o que esses eventos significam para o indivíduo, permitindo criar uma realidade compartilhada. Segundo a

autora, as pessoas criam narrativas que servem como uma avaliação das experiências vividas, descrevem os eventos a partir de seus significados emocionais e motivações que contribuem para definir quem são no tempo e lugar e em relação aos outros.

3.3. A seleção dos casos

A escolha dos casos para análise se deu a partir da observação do campo realizada na etapa de preparação da pesquisa. Foram selecionadas mulheres que produziam conteúdo para *internet* e que abordassem com frequência os temas relacionados ao empoderamento feminino. Os critérios estabelecidos para a seleção foram os seguintes:

1. Ser mulher;
2. Brasileira;
3. Produzir e disponibilizar conteúdo público sobre empoderamento feminino⁷ na *internet* (optou-se por não limitar o tipo de conteúdo produzido uma vez que a diversidade de sites e redes sociais que uma mesma pessoa pode participar torna essa produção de conteúdo bastante variada, entre textos, fotos, vídeos, memes⁸ e *hashtags*⁹);
4. Ter uma comunidade própria com seguidores que interagem ativamente com os conteúdos publicados.

Diversas mulheres foram contatadas para participação na pesquisa e se recusaram devido ao longo tempo exigido para as entrevistas. Entre as que se dispuseram a participar, foram escolhidas cinco mulheres que produzem conteúdo sobre empoderamento feminino a partir de diferentes enfoques (seguindo o recorte já citado anteriormente). São elas:

⁷ Para esse critério, considerou-se que a mulher em questão produzia conteúdo sobre empoderamento feminino quando o conteúdo promovia uma tomada de consciência sobre questões que colocam a mulher em condição de subordinação, e/ou apresentava possibilidades de ação para a transformação dessa condição. Não foi considerada condição obrigatória que o termo “empoderamento feminino” fosse usado, para evitar excluir do escopo mulheres que produziam conteúdo que se enquadrava no conceito e incluir mulheres que usam o conceito de forma superficial.

⁸ Um meme é uma informação que é reproduzida e espalhada rapidamente pela *internet*, também conhecidas como informações virais.

⁹ São utilizadas para categorizar conteúdos em redes sociais e permitir que outros usuários da rede que estejam interessados no assunto encontrem e interajam de forma dinâmica com o tema marcado. Quando uma *hashtag* é utilizada em uma publicação, o conteúdo ficará facilmente disponível para qualquer pessoa que a acesse, permitindo-a comentar, compartilhar ou curtir o conteúdo.

1. Sandra Amanda¹⁰ – Jornalista, Escritora e Produtora de Cinema. Escreve diariamente sobre minorias e preconceitos no *Facebook* e em seu perfil interage intensamente com os seguidores, estabelecendo debates na área de comentários das postagens. Tem 37 anos, é casada e não tem filhos.
2. Camila Bastos – Jornalista, Produtora de Vídeos e Empreendedora Virtual. Publica, em seu perfil pessoal do *Facebook* e em seu canal do *Youtube*, textos e vídeos sobre empoderamento feminino que costumam versar sobre pressão estética, liberdade sexual, aborto e maternidade compulsória. Tem 33 anos, é solteira e tem um filho.
3. Mia Balarini – Psicóloga, *Coach* e Empreendedora Virtual. Tem uma empresa virtual de consultoria e *coach* especializada em empreendedorismo para mulheres-mães que querem ter mais controle na conciliação entre trabalho e maternidade. Publica diariamente dicas sobre empreendedorismo, maternidade e sobre as dificuldades das mulheres em se manterem no mercado de trabalho após a maternidade. Tem 39 anos, é casada e tem dois filhos.
4. Stella Rabelo – Arquiteta, Escritora e Colunista. Escreve diariamente no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* sobre questões referentes às mulheres negras. Fala sobre racismo, estética negra, representatividade negra na mídia e diversos outros temas. Tem 24 anos, é solteira, está noiva e não tem filhos.
5. Laura Braga – Publicitária e blogueira. Escreve diariamente no *Facebook* sobre o discurso machista na publicidade e na mídia em geral. Trabalhou em um dos mais conhecidos sites sobre empoderamento feminino no Brasil e hoje atua como redatora em uma agência de publicidade. Tem 28 anos, é solteira, pretende se casar com o namorado americano (e se mudar para os Estados Unidos), não tem filhos.

¹⁰ Todos os nomes foram trocados para garantir a privacidade das entrevistadas.

3.4. A coleta de dados

Antes de participar da pesquisa, todas as entrevistadas receberam um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice 3) com o qual concordaram verbalmente no início das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas no período de julho a setembro de 2017 e tiveram duração de aproximadamente 4 horas cada, com exceção de uma, que somente disponibilizou 2 horas tornando mais difícil o aprofundamento em detalhes da sua narrativa. Todas as entrevistas foram gravadas integralmente em áudio e, no caso das videochamadas, também foi captado o vídeo.

O roteiro semiestruturado serviu como guia para que as entrevistadas narrassem sua história, mas foi sendo adaptado de acordo com a narrativa e as questões que elas iam destacando como relevantes.

Durante a análise dos dados, ocorreram alguns contatos com as entrevistadas a fim de esclarecer pontos que se destacaram na narrativa e permitir mais consistência aos resultados. Esses contatos não seguiram roteiros estruturados, foram realizados por meio de mensagens de texto privadas utilizando ferramentas de bate-papo na *internet* como *Messenger (Facebook)* ou *Whatsapp*, de forma que foi possível acrescentar facilmente o seu conteúdo aos dados anteriormente coletados.

3.5. O tratamento dos dados

Os áudios e vídeos das entrevistas foram transcritos integralmente e de forma literal, mantendo palavras cortadas e outras características da linguagem da entrevistada. Posteriormente, o texto foi revisto e a linguagem adaptada para melhorar a compreensão.

Apesar de manterem perfis públicos na *internet*, foi necessário garantir anonimato das histórias de vida para que elas se sentissem seguras para falar de aspectos muito pessoais de suas trajetórias de vida que, em geral, não tornam públicas. Para isso, tanto os nomes das entrevistadas como os nomes de terceiros citados foram trocados.

Após a troca dos nomes e a revisão da linguagem, os trechos da narrativa foram codificados de acordo com os temas. Quando um mesmo trecho era importante para a compreensão de dois ou mais temas, ele era codificado mais de uma vez, para garantir que a análise pudesse ter o máximo de informações possíveis.

3.6. A análise dos dados

Inicialmente, pretendia-se analisar as entrevistas em conjunto buscando temas e discursos em comum. Entretanto, a singularidade das narrativas e a forma como as experiências pessoais das entrevistadas afetavam a motivação e a construção dos temas tratados exigiu que cada entrevista fosse considerada como um caso, no qual foram analisadas as relações entre os processos biográficos e os processos relacionais na construção identitária da entrevistada em questão e como esses processos as levaram à atuação na *internet* e a processos de empoderamento, tanto *online* como *offline*.

A análise de cada um dos casos foi realizada por meio da análise temática de conteúdo (FRANCO, 2008) segundo os seguintes critérios:

1. Leitura flutuante para identificação dos principais temas tratados em cada história. Nessa etapa, ficou claro que seria mais apropriado para a pesquisa analisar cada história separadamente pois cada uma tinha um tema central que sustentava a narrativa: Sandra tinha como tema central a pobreza e sua superação; Camila centrava sua narrativa nos relacionamentos abusivos e no controle da sexualidade; Mia destacava em sua narrativa o impacto da maternidade na carreira; Stela centrou sua história nas vivências do racismo; e Laura teve como foco as relações da mídia e da publicidade com a perpetuação dos estereótipos de gênero. Todos esses temas se relacionam com as discussões sobre o empoderamento feminino, mas eram centrais nas narrativas das mulheres entrevistadas porque os vivenciaram;
2. Separação do texto a partir dos percursos temáticos principais identificados na etapa 1;
3. Identificação dos personagens e ações que serviram para construir cada um dos percursos;
4. Identificação das principais ações narradas nas entrevistas que indicavam processos de empoderamento;
5. Análise do vocabulário, metáforas, práticas sociais e interdiscursos a que as entrevistadas recorriam para construir suas narrativas;
6. Construção de uma figura que sintetiza as relações identificadas entre os processos identitários *offline* e em comunidades virtuais e como a sua integração proporcionava aspectos de empoderamento.

Isso esclarecido, passa-se à apresentação e análise dos dados.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme mencionado, cada entrevistada foi tratada como um caso, e os dados foram apresentados individualmente, por seção; ao final de cada seção, uma síntese dos dados foi realizada e explicitada no modelo conceitual integrado proposto, explicitando sua aderência aos construtos em foco.

4.1. Sandra Amanda

Sandra Amanda é jornalista, escritora e “mora no *Facebook*” (sic). Tem 37 anos, é casada e não tem filhos. Na *internet*, é conhecida como “treteira” porque escreve sobre temas polêmicos relacionados aos direitos humanos e dificilmente desiste de um debate.

Todos os *posts* de sua página no *Facebook* são públicos e neles qualquer pessoa pode comentar, desde que não a ameace ou dissemine discurso de ódio, casos em que ela bloqueia o perfil em questão. Sandra Amanda publica todos os dias conteúdos produzidos ou comentados por ela que passam por uma grande variedade de temas. Publica crônicas, enquetes, vídeos e textos ativistas.

Ela foi escolhida para ser uma das entrevistadas desse estudo porque entre os temas mais recorrentes em sua página está o empoderamento feminino, conteúdo sobre o qual debate ativamente quase todos os dias com os seus leitores e em sites diversos. Ela também escreve para revistas de grande circulação no país, prepara pautas para programas de televisão, foi produtora de um longa-metragem de ficção e tem três livros de literatura prestes a serem publicados.

A entrevista com Sandra Amanda foi a única realizada presencialmente, e ela também foi a conexão para que outras mulheres aceitassem participar da pesquisa. Um ponto importante a

ser considerado na análise da narrativa da Sandra Amanda, e que pode ser visto como uma limitação e uma vantagem em relação às demais, é o fato de que a pesquisadora a conhecia pessoalmente (contemporâneas no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG). Apesar de não terem uma relação próxima, o conhecimento prévio de parte do contexto em que se desenrolou sua história permitiu que Sandra se aprofundasse em temas que talvez não haveria tempo para contextualizar. Por outro lado, ela omitiu detalhes que pressupôs que a pesquisadora já conhecia e que deixaram algumas lacunas na análise.

A entrevista de Sandra Amanda durou aproximadamente 6 horas. Durante a análise dos dados, aconteceram outras conversas por meio da *internet* para aprofundamento em alguns pontos. A entrevista foi completamente transcrita e posteriormente organizada por temas para que fosse possível analisar o seu discurso de acordo com os objetivos da pesquisa. A seguir serão apresentados os principais percursos temáticos que Sandra constrói em sua narrativa, os personagens que compõem esses percursos e suas principais ações na narrativa que contribuem para a sua construção identitária.

4.1.1. Percursos temáticos na narrativa de Sandra Amanda

4.1.1.1. *A pobreza*

A construção identitária de Sandra Amanda foi fortemente marcada por eventos trágicos que ocorreram em sua infância e tiveram desdobramentos por toda a sua vida. A morte do pai quando ela tinha menos de dois anos de idade levou a família a restrições financeiras severas. O tema da pobreza é central no discurso de Sandra, e ela retoma essa vivência para esclarecer boa parte de sua trajetória oferecendo assim aspectos que caracterizam a sua socialização primária que fundamentam a sua construção identitária nos moldes descritos por Goffman (1985) e Dubar (2005).

Então, ele estava progredindo financeiramente e tinha a chance de dar aquele salto, assim, financeiro. Que era uma coisa mais rara, antigamente, né? Assim, uma ascensão pelo trabalho e... tal. E... ele morreu repentinamente com trinta e sete anos, quase a idade que eu tenho hoje, é... teve um infarto fulminante. É... eu tinha um ano e onze meses. É... ele morreu em uma manhã de Natal, assim, bem trágico [risos] mesmo. Aí... e foi assim. Minha, minha família estava em momento muito bom, de muita possibilidade de progresso financeiro, morando lá no Sul de Minas, tá, tá, tá. Meu pai morreu, de uma, assim, né? De repente. Assim, já chegou morto no hospital, já. Aí, minha mãe retornou para Patos, eu cresci em Patos. É... e aí, ficou muito mal, né, assim, de dinheiro.

assim, eu já, eu acho que, a minha história de vida e, o jeito que as coisas foram construídas, eu sei o que é... o pior do pior, assim, sabe?

Nesse percurso temático da pobreza, os personagens são Sandra e os integrantes de sua família mais próxima, além da comunidade de Patos de Minas, cidade do interior do Estado de Minas Gerais. Sandra descreve diversas situações para exemplificar como sua vida era cheia de restrições materiais e diz que é difícil para as pessoas que conheceu na universidade¹¹ entenderem o que é viver na pobreza. Descreve situações em que ser pobre foi motivo de vergonha, como não ter sapatos e material escolar no início do ano, o irmão lixeiro levar para casa os livros que encontrava no lixo para que ela e a família pudessem ler ou a vez em que a mãe cogitou ir morar em um abrigo para mendigos na cidade.

Dentro desse contexto, os familiares tinham uma visão pessimista sobre as possibilidades de ascensão social e esperavam que as filhas, especialmente a irmã mais velha de Sandra, deixassem a escola para trabalhar revelando práticas sociais correntes entre as famílias pobres, nas quais o trabalho infantil é comum. Esses comportamentos refletem a rotulagem social descrita por Fabrício (2002) que levam a classificações e a expectativas sobre o que cada pessoa pode realizar na sociedade.

Mas Sandra destaca uma característica de sua mãe que, apesar de ser pobre e conseguir uma renda muito pequena como costureira, deu aos filhos “permissão para ser diferente”. Ela incentivava a autonomia, a educação formal e era “absurdamente” otimista em relação às possibilidades de sucesso dos filhos, oferecendo o reconhecimento intersubjetivo descrito por Chies (2010) para que as filhas pudessem ser diferentes do que se esperavam delas. Quando a irmã mais velha de Sandra disse que queria fazer um curso superior, a família e amigos próximos na cidade foram contra porque acreditavam que faculdade não era coisa para pobre. Mas a mãe de Sandra apoiou o sonho da filha e permitiu que ela saísse da cidade para estudar em Belo Horizonte.

Essa postura da mãe, de oferecer apoio para a irmã sair de casa e ir para a capital fazer faculdade foi criticada pela comunidade, mas abriu espaço para que a irmã se tornasse uma personagem que foi referência na construção identitária de Sandra. Para ela, o fato de a irmã sair de casa

¹¹ Conheci Sandra na graduação, então ela me inclui nessas pessoas que não compreendem a sua narrativa sobre a pobreza, dessa forma ela se empenha em apresentar exemplos das situações vividas.

para estudar e se formar era algo que promovia admiração em todos e serviu como motivação para que Sandra também alimentasse o sonho de cursar a universidade.

Então, a partir do momento que a minha irmã entrou na UFMG, para mim era muito claro, assim, que eu, que eu ia estudar na UFMG, também, assim.

O papel da irmã foi fundamental na trajetória de Sandra, uma vez que ofereceu a ela novas possibilidades de identificação e reconhecimento dentro da própria família, onde estão os modelos principais de identificação de uma criança (FLECK, FALCKE E HACKNER, 2005; FALCKE e WAGNER, 2005; GOMES, 2000; KELLER, 1998; DINIZ e SALOMÃO, 2010). A partir de então, Sandra teve a possibilidade de desejar realizar um curso superior sem ser considerada tão desviante como a irmã mais velha.

4.1.1.2. *A loucura*

O fato de o irmão mais velho de Sandra sofrer de esquizofrenia trouxe para a narrativa de Sandra o percurso temático da loucura.

Então, então, eu acho que, eu, é... tive esse, é, isso, né, essas, essa, faz parte da minha história, o meu irmão e, a doença dele. E, ela é muito formativa, na minha personalidade, assim, eu acho que essa coisa de eu discutir com as pessoas, conversar com diferente, tal, tal, tal. Tem a ver com isso, assim, com a doença do meu irmão, muito.

Nesse percurso, Sandra contrapõe dois núcleos de personagens: os loucos ou excêntricos e os normais. Sandra considera sua irmã como a referência de normalidade na família. Tinha planos práticos, era determinada e teve uma trajetória de vida marcada pela ascensão social pelo mérito.

Porque, quando a minha irmã, a minha irmã era doida para falar que, ela, era a única pessoa normal da família - hoje ela não fala mais isso não, porque ela amadureceu um pouco - mas, ela brigava comigo e falava, assim, o fato dela ser a única normal.

A minha irmã é muito mais pé no chão, assim. Então, ela foi aquela pessoa que arrumou um emprego, comprou apartamento, que comprou carro, sabe? Aquela pessoa, assim, que a sociedade respeita, é... porque... Ela é normal.

O irmão era o doente mental (ela usou a palavra loucura para o irmão apenas uma vez, ela se referia a ele como doente mental, ou mencionava a esquizofrenia) que exigia da mãe cuidados especiais e era para Sandra companhia constante em casa, já que a irmã saiu de casa para estudar quando ela tinha 11 anos. Sandra narra que sempre conversou muito com o irmão, mas que ele “trabalha em outra lógica”. Para ela, essa convivência com o irmão deu a ela repertório para

dialogar com pessoas difíceis e muito diferentes entre si na *internet*. O diálogo frequente com o irmão marcou a sua construção identitária e, também, as características do seu discurso, reforçando as afirmações de Castañeda (2006), de que os discursos presentes no núcleo familiar vão auxiliar na formação de sua autoimagem.

O outro personagem nesse percurso temático é a mãe. Sandra a descreve como uma pessoa fora da realidade, que tomava decisões excêntricas e estranhas para a comunidade a que fazia parte.

Então, às vezes, eu, eu tenho dificuldade de entender algumas coisas, dos códigos sociais, assim, machistas e tal, porque, minha mãe, é... primeiro, eu não tive pai, meu irmão também não foi uma pessoa, né, não teve essa, esse tipo de presença e, minha mãe, é... na educação maluca dela que, eu vejo muitas coisas certas, ela nunca... é... foi uma pessoa autoritária, sabe, é uma coisa, até, bem doida, assim.

Ela coloca no campo da loucura o fato de a mãe educar as filhas com muita autonomia, de não exigir que elas fossem “asseadas” e se preocupassem excessivamente com os trabalhos domésticos, de não colocar o casamento como meta de vida para as filhas, de permitir que as filhas se dedicassem aos estudos mesmo que a família fosse muito pobre. Também considera excentricidade o fato de a mãe ser apaixonada por leitura apesar da pouca educação formal, de ser sonhadora e incentivar os sonhos ambiciosos das filhas. Para Sandra, essas características da mãe eram fora da realidade, mas foram positivas para que as filhas conseguissem sair do lugar social destinado a elas por serem mulheres pobres.

Durante a análise, ficou perceptível que em sua narrativa Sandra fazia mais referências à loucura da mãe que do irmão (que tinha um diagnóstico de esquizofrenia, o que tornava esperado que ele fosse considerado o “louco” da família), e então Sandra foi chamada pelo Messenger do *Facebook* para esclarecer essa percepção, e ela traz mais informações que a reforçam, como é possível perceber no diálogo abaixo¹²:

(G) Uma curiosidade. Toda vez que você conta um caso da sua mãe na entrevista você usa um adjetivo como “maluquinha, excêntrica, essa coisa doida” ... rrsrrs
(S) Hahahhahaha. Mas ela é mesmo!
(G) Eu achei tão interessante isso...
(S) de eu chamar minha mãe de doida?
(G) É. Porque as coisas que você descreve como “maluquice”, eu não usaria esse adjetivo e achei curioso.
(S) Acho que, no contexto social em que eu cresci, as atitudes da minha mãe eram muito estranhas, muito fora da realidade. É como se ela fizesse tudo errado na opinião

¹² Nesse diálogo, foram mantidas as abreviações e a linguagem típica de conversas online. Entretanto, para fins de clareza e diagramação, foram acrescentados pontos finais e vírgulas, que na conversa original foram suprimidos e substituídos por quebra de linha.

das pessoas. Daí quando minha irmã, e depois eu, entramos na UFMG, isso desconcertou todo mundo. Como "deu certo" aquela criação toda errada?

(G) Olha.... Bacana.

(S) Tipo, a minha mãe não batia na gente. Chegou a bater no meu irmão, mas mudou de cabeça e era contra castigos físicos. Até me deu uma ou outra chinelada, beliscão, mas era considerada mãe que não bate naquela realidade em que normalmente as crianças eram espancadas.

(G) E isso era questionado pelas pessoas? Como se ela devesse bater em vocês?

(S) Indiretamente era sim

(G) Entendi

(S) As pessoas o tempo todo falavam sobre como bater educava. Eu e minha irmã não tinha que arrumar casa. Minha mãe não se importava com ter uma casa sempre limpa. E isso era um orgulho naquele contexto, ser uma mulher "asseada", que limpa a casa todo dia. Minha mãe achava isso uma bobagem.

Nesse percurso da loucura, Sandra se inclui no grupo dos loucos, assumindo o papel da pessoa que ia ter uma carreira artística e ficar famosa.

Então, como a minha irmã, a única pessoa normal, saiu da casa, aí, ficou só os doidos, né? E aí, a gente sempre, eles sempre sonharam comigo, umas coisas meio assim, sabe, artística. Eu e meu irmão, a gente tinha umas brincadeiras ótimas que, ele me entrevistava, assim, sabe? É... eu pequena, assim, sabe, tipo, sei lá, cinco anos, aí, ele falava assim: "Você tem que falar assim: 'Ah, eu adoro o Gil, o... Chico.' Você não pode falar o nome completo dos artistas para mostrar intimidade". [risos]

Cita vários exemplos em que se comporta de forma parecida com a mãe: sociável, sonhadora, sem preconceitos e pouco preocupada com as expectativas sociais de comportamento reforçando o que diversos autores afirmam sobre a importância dos pais (no caso de Sandra a mãe) para a constituição identitária desde a infância (PAECHTER, 2009; PESSOA e COSTA, 2014; CARVALHO, SENKEVICS, LOGES, 2014; CARVALHO, LOGES, SENKEVICS, 2016; CAMPOS, TILIO e CREMA, 2017).

4.1.1.3. *Os pobres inteligentes*

Em sua narrativa, Sandra menciona em diversos momentos o estranhamento que sua família causava nas pessoas por serem pobres e inteligentes. Ela conta que essas características pareciam exóticas no contexto em que ela vivia.

As pessoas, conhecidos, os vizinhos... os parentes e tal se referiam às pessoas lá de casa como: os inteligentes, assim. É... ah, eu lembro um momento que, eu estava na casa de uma vizinha minha, que era minha professora da terceira série, e ela conversando com a irmã dela, que também era professora, assim, também deu aula para um primo meu e tudo. E elas falavam assim: "Tão interessante, né? Esses pobres assim, tão inteligentes." É... isso é, tipo assim, intrigante. [risos] É... inusitado.

Nesse percurso, ela elabora os personagens a partir de suas capacidades intelectuais. O pai era o homem inteligente que estava progredindo financeiramente por isso. A mãe era a mulher com pouca educação formal, mas apaixonada por livros e autodidata. A irmã era a pessoa estudiosa e determinada que enfrentou críticas e dúvidas sobre a sua capacidade, mas que foi para a capital e conseguiu se formar na UFMG e contribuir para que Sandra também pudesse estudar. Nesse percurso temático, Sandra se apresenta como a filha caçula que não tinha o mesmo perfil estudioso, mas que teve o caminho para a universidade facilitado pela irmã, que já tinha se formado e pôde contribuir para que ela fizesse o curso que queria. Já o irmão destoava na narrativa porque não conseguiu avançar nos estudos, e Sandra detalha que isso ficou explicado somente depois de adulto, quando ele foi diagnosticado com esquizofrenia.

Esse percurso temático perpassa toda a narrativa de Sandra e é importante para a sua construção identitária. Ela menciona o fato de a mãe ter sonhado em ser professora e considerar essa a profissão mais respeitável que existe. Essa referência mostra que a mãe e a irmã são para Sandra o que Dubar (2005) chama de o outro significativo. A irmã de Sandra é professora de matemática, e Sandra teve experiências profissionais como professora substituta de jornalismo na UFMG e em oficinas de escrita criativa que ela ministra eventualmente, sobre as quais diz terem sido muito boas.

Também é possível incluir nesse percurso as menções que Sandra faz ao seu esforço por simplificar e esclarecer notícias que são mal interpretadas e provocam polêmica nas redes sociais. Ela diz que é importante que pessoas com menos acesso à educação possam entender as notícias que são divulgadas e fica muito feliz quando alguém vem falar com ela que os textos explicativos que ela posta na *internet* serviram para esclarecer conteúdos que tinham ficado confusos.

Para Sandra, sua inteligência é um recurso de mudança social, porque ela usa essa capacidade para ajudar as pessoas a ter mais acesso à informação de forma mais simples.

4.1.1.4. *A faculdade*

O percurso temático dos pobres inteligentes leva ao percurso temático da universidade. O primeiro serve como pano de fundo para o segundo.

A faculdade, então, quando eu entrei na faculdade, é... o, o dia que eu entrei na UFMG, foi o dia mais feliz da minha vida, da minha vida, mesmo, assim. E-eu nunca senti

uma felicidade tão grande, quanto, assim, no primeiro dia que eu entrei lá, sabe, assim? Antes de entrar na sala, tudo, assim, eu, comigo mesma, vendo aquele campus, eu falei assim: “Não acredito que eu consegui.” Sabe? Assim, era, eu me sentia muito, muito, muito feliz, assim, era um, uma coisa que eu pensava, “não vou aguentar”, de tanto que é bom.

Sandra contextualiza a pobreza em que viveu sua infância para apresentar o contraste que encontrou quando ingressou na universidade.

Quando eu entrei na faculdade que eu, é, é... percebi o choque cultural, assim, né, que eu, não, não tinha aí, não tinha noção que eu seria uma exceção, tão exceção.

Ela narra que já tinha convivido com pessoas mais ricas que ela, pois sua mãe era costureira e atendia pessoas ricas e pessoas pobres. Mas quando ingressou na UFMG, o curso de comunicação social (que incluía o curso de jornalismo em que se formou) concentrava a maior média de renda entre os ingressantes, dado a que ela teve acesso por ter trabalhado no departamento de assistência estudantil da Universidade. Ela se deu conta do quanto era exceção naquele contexto quando soube que, no tratamento estatístico das informações sociais dos alunos ingressantes, ela era considerada um *outlier* e suas informações precisaram ser excluídas para não distorcer os resultados na análise. Ela se descobriu então como um “ponto fora da curva”.

Nesse percurso, Sandra posiciona os colegas que demonstravam preconceito de classe como antagonistas em sua narrativa. A convivência com esses colegas tornou a adaptação de Sandra à universidade um processo difícil.

eu lembro, assim, de almoçando e, as pessoas falando assim: da última vez que elas foram à Amsterdã, sabe, e eu nunca tinha visto o mar. Aí... eu, aí, eu fiquei muito retraída, assim, não conversei com ninguém, no primeiro semestre, assim, praticamente. E eu sofri, assim, de alguns colegas, preconceito mesmo. Eu lembro, assim, de alguém falar, de um colega meu lá, que falava que não dava para entender o que eu falava, porque eu era muito caipira e... e eu falava de um jeito muito esquisito e tal. Então, eu tive um choque, assim.

Ela passou a conviver com pessoas realmente ricas que a discriminavam pelo seu jeito “caipira do interior” e questionavam a sua capacidade de “acompanhar” o curso por ter estudado sempre em escola pública. Ela considerava estes questionamentos injustos e costumava reagir contra eles com irritação.

E... e esse preconceito é tão forte... que, assim, quando eu entrei na faculdade, eu vim de escola pública, né? Não, não tinha cotas, eu escutei de algumas pessoas, algumas pessoas me perguntavam, assim: “Sandra, você tem dificuldade de acompanhar?” Eu passei no mesmo vestibular que elas, a minha vontade era falar assim: “Vamos para a realidade, eu tenho mais facilidade que você. Você consegue perceber isso?” Senti

uma vontade de falar isso para a pessoa porque eu li livro de lixo e aprendi sozinha. Então, logo, quer dizer que eu tenho mais facilidade, né? De aprender as coisas com livro diretamente. “Você veio carregado até aqui. Estudou fora do Brasil.” Eu tinha colegas que estudaram, fizeram o ensino médio, fora do Brasil, assim. Assim, é uma elite que, não é classe média, é uma elite verdadeira, sabe? E... foi fazer o segundo ano, do ensino médio, na, na Alemanha, na Inglaterra, né?

Sandra conta uma situação em que ela confrontou os colegas preconceituosos, e um dos colegas ricos se posicionou a favor dela. Esse rapaz era “filho de juiz com promotora”, e ela suspeitava que ele também fosse um *outlier*, mas no extremo oposto ao dela, pois era super rico, o que o tornava uma espécie de autoridade na turma. Quando ele se posicionou ao lado dela, os colegas mudaram de postura e escutaram o que ela tinha a dizer.

E, aí, é aquela coisa, né, eu vi que as pessoas ficaram constrangidas porque ele tinha uma autoridade, moral, né? Porque, é... para os outros colegas, ele era uma pessoa admirada, né? Ele tinha estudado fora, ele, todo mundo sabia que ele era, é... uma pessoa de classe alta, né? Ele tem, tinha toda uma sofisticação e tal, tal, tal. Então, aí, teve... esse momento que me marcou, assim, é, de observar como as pessoas são, assim, é... é... de, de ficar constrangida quando é alguém de autoridade, sabe, que fala e fim.

Ao longo do curso, Sandra foi superando as dificuldades iniciais, passou a integrar a comissão de formatura, participar das festas, escrever para o e-zine¹³ do curso e a se destacar academicamente. No fim do curso, ela foi escolhida para ser oradora da turma e fez um discurso que falava sobre alguns pontos da sua trajetória de vida. Ela conta que não quis aprofundar muito em detalhes porque percebia que a enorme desigualdade social entre ela e os colegas os deixava constrangidos. No discurso, falou sobre os jornais antigos que eram doados pelos vizinhos para que a mãe, que era costureira, pudesse fazer os moldes. Sandra lia todos os jornais antes da mãe cortá-los e foram eles que a inspiraram a ser jornalista. Falou sobre algumas dificuldades financeiras que a família passou para que ela pudesse estar ali, e seu discurso soou para as pessoas que ouviram como um grande exemplo de como é possível superar as dificuldades por meio do esforço e do estudo.

Os pais e familiares dos colegas de faculdade que estavam presentes na formatura passaram a ser personagens nesse percurso temático. Segundo Sandra, ao conhecerem um pouco da sua história de vida, passaram a tratá-la com deferência, como se fosse uma heroína por ter superado as dificuldades para se formar. Conta que, se fosse visitar algum colega em casa, a mãe desse

¹³ Era um boletim semanal muito popular que publicava notícias do curso de Comunicação Social, crônicas e outros textos produzidos pelos próprios alunos.

colega fazia de tudo para agradá-la, o que a deixava desconfortável, porque sabia que, se eles não agiam com naturalidade e se sentiam desconfortáveis, era porque no fundo não achavam que lá era seu lugar.

Era muita deferência, sabe, assim? É... e aí, até os meus a, meus outros amigos falavam assim: “Não, essa é a Sandra, é a celebridade.” Assim, chegava, é... eu acho que é essa coisa, mesmo, da... da segregação e, a nossa sociedade é tão estratificada, assim, que eles não sabiam como lidar, sabe? Assim, eu causava um... certo desconforto. Era uma admiração, mas desconfortável, também, assim, sabe? “Nossa, Sandra, você... o que você quer comer, você?” Eu era tratada, assim, sempre... mais, sabe? Assim, é... e eu sabia que era por causa do discurso ou, por causa de alguma coisa que, o meu próprio colega, pode ter falado e tal.

4.1.1.1. O casamento

Sandra conheceu seu marido durante a graduação em jornalismo. Reinaldo foi seu calouro na UFMG, mas eles tiveram pouca convivência durante o curso. Após a formatura, Sandra começou a trabalhar com um grande amigo de Reinaldo, o que acabou favorecendo o relacionamento deles, que se estabeleceu pela *internet*.

Bom... então. Eu, eu estou há mais de dez anos com Reinaldo. A gente se conheceu na faculdade, mas a gente não ficou amigo na faculdade. Assim, eu... é... eu convivi muito superficialmente, com ele. Ele falava que ele sentia que eu era uma pessoa difícil de chegar perto que, sempre, eu tinha tanta gente conversando comigo e tal, que... era até difícil puxar assunto, assim. É... aí, o Reinaldo morava com o Gabriel. Eu trabalhei com o Gabriel e, nisso, a gente ficou mais próximo e a gente começou a ficar amigo, mesmo, dois anos depois de formados, pelo MSN.

Sandra conta que o namoro deles foi muito bom no início, mas quando ele precisou passar um ano em Portugal como parte de seu doutorado, o relacionamento passou por uma crise, e ela decidiu se mudar para São Paulo. Quando ele voltou de Portugal, ele foi morar com ela lá.

Sandra narra que essa situação foi interessante, porque as pessoas perguntavam o que sua mãe pensava sobre o fato de morar com o namorado sem terem se casado, o que soava estranho para ela. Segundo ela, havia um respeito muito grande pelas opiniões de sua mãe, mas nunca pensou em pedir autorização para tomar essa decisão. Alguns anos depois, foi a vez de Sandra acompanhar Reinaldo em uma mudança de cidade por motivos profissionais. Os dois foram para o interior de Goiás, onde Reinaldo passaria a dar aulas em um curso de cinema, e Sandra passaria a atuar como jornalista *freelancer* e escritora. Foi depois dessa mudança que resolveram se casar oficialmente.

No percurso temático do casamento, Sandra reúne elementos de todos os outros temas que aborda em sua narrativa. Tem referência à faculdade, que foi onde se conheceram, referência às dificuldades que teve em sua infância pobre, se comparando com Reinaldo, que cresceu em uma família de classe média e nunca sofreu privações materiais. Retoma o tema da loucura e da excentricidade, destacando comportamentos sonhadores e ambiciosos de Sandra que são parecidos com o da mãe e a dinâmica do relacionamento em que ambos têm bastante autonomia para realizar seus interesses sem necessariamente ser acompanhado pelo outro.

Reinaldo, ele não tenta me limitar, sabe, assim? Tipo, eu dou as festas... faço festa junina, se eu quiser beber até cair, eu bebo, se eu quiser dançar, eu danço, sabe, assim? Ele... fica... e-e-e, ele não tem nada, assim, dessas coisas que é tão comum dos homens, assim: “Ah, você não deveria fazer isso. Ah, você está, não sei o quê.” Ele não tem isso, assim, sabe? E, eu acho isso muito legal, assim, é... eu acho que dá certo, por causa disso, assim.

Um ponto que se destaca nesse percurso é o fato de Reinaldo se encaixar perfeitamente na imagem que Sandra constrói de uma família de pessoas inteligentes. Sandra menciona o fato de ele ter feito doutorado, as conquistas profissionais dele, os interesses por cinema, a sua atuação na criação do curso de cinema em Goiás, a criação e realização de um filme – do qual ela participou como produtora – que foi premiado em diversos festivais.

Apesar de afirmar diversas vezes que ela tem muito da excentricidade da mãe, um ponto em que Sandra se diferencia dela na sua narrativa é a forma como se posiciona intelectualmente em relação ao marido. Sandra conta que a mãe considerava o marido um homem muito inteligente, mas que tinha um complexo de inferioridade por não ter completado o ensino médio como ele. No caso de Sandra, essa noção de inferioridade não aparece no discurso. Uma possibilidade de explicação para essa diferença pode estar no fato de que, apesar de ele ter mais títulos que ela, os dois têm uma formação acadêmica avançada, ela fez uma pós-graduação, e ele, pós-doutorado. Mas o seu discurso deixa claro que a admiração pela inteligência do marido só reforça a identidade de “inteligente” que ela reivindica para si mesma. Em sua narrativa sempre que Sandra fala do marido, ele aparece como um igual, e esse posicionamento se destaca de tal forma que as pessoas às vezes confundem o percurso acadêmico dela com o dele:

Ah... eu fiz jornalismo, né, na UFMG e eu nunca fiz mestrado, apesar que as pessoas, acham que eu fiz, assim, sempre estão me indicando coisas de doutorado. (...) Mas, eu fiz só uma especialização na História: História e Culturas Políticas.

4.1.1.2. A internet

Então, ó, olha que coisa que, eu acho que é legal, assim, do *Facebook*, ele me permitiu, amizades mais, é... com maior afinidade, afinidades verdadeiras, assim, de valores e tudo. Então, é uma, pessoas que eram, lá, distantes, assim, a gente foi se identificando, conversando mais e... e são pessoas que eu quero encontrar, assim, né? Então, acabou peneirando, assim, os amigos, de um jeito bom, assim, né? A-acabou afastando gente que, já não tinha a ver, mas aí a gente força a barra. Porque quando é para encontrar em um bar e tudo, às vezes você conversa só amenidades e dá certo. Mas vendo o que eu realmente penso, por dentro e eu vendo o que elas realmente pensam, assim, na essência, não dava. Então, eu gostei, assim. Acho que só melhorou minhas relações. Aproximou gente que eu queria que se aproximasse, e afastou gente que era para afastar mesmo.

Sandra é uma pessoa que se mantém conectada constantemente no *Facebook*, onde se dá a maior parte de sua atuação na *internet*. Nesse percurso, Sandra representa dois personagens diferentes, que inclusive têm públicos diversos também. O primeiro personagem é a “treiteira”¹⁴. Nesse papel, Sandra discute as polêmicas que surgem na *internet*, especialmente as relacionadas às desigualdades sociais, preconceitos, sexualidade e sobre posicionamentos políticos. Em sua página do *Facebook*, ela utiliza duas estratégias principais para debater com os leitores. A primeira é escrever textos explicando as polêmicas e apontando argumentos que esclarecem porque determinado posicionamento é problemático. Nessa estratégia, ela assume um papel de educadora e faz pesquisas para responder às perguntas, apresenta argumentos fundamentados e mantém a discussão enquanto os leitores estiverem dispostos ao diálogo naquele tema. A segunda estratégia é fazer um *post* que promove o debate. Em geral, esses *posts* contêm uma pergunta para os leitores que muitas vezes debatem entre si, sem a necessidade da mediação de Sandra.

Isso que é o legal, eu acho que é o mesmo sentido de eu fazer festa, sabe? Falar assim: “Gente, você e você, conversa aí, entre vocês.” Eu não preciso estar junto, sabe? (...) eu acho muito importante toda a linguagem da militância, a palavra é importante (...), mas, assim, o meu compromisso não, não é ser fiscal, sabe? Eu não quero ter esse papel. Eu gosto mais do papel educativo, assim, de falar assim: “Gente, parece que não tem nenhum problema em falar assim, mas, pensa bem: isso quer dizer isso e isso, então, evita falar isso.” E não falar para a pessoa assim: “Ah, você é um racista porque você usou essa expressão.” (...) Deixa ela participar, né, da, da coisa, assim, do, com a linguagem que a pessoa tem, né, assim. (...) Então, as pessoas são do Brasil inteiro... de escolaridade diferente, sabe? Eu quero que seja possível, que elas conversem, assim.

¹⁴ Pedi a Sandra para definir o sentido de “treta” e “treiteira”, e ela deu a seguinte explicação: “olha, treta pra mim é uma discussão em que várias pessoas discordam entre si. Eu acho discutir uma coisa boa, mas já entendi que a maioria das pessoas não. Então treta resulta muitas vezes na pessoa se sentir ofendida e não querer mais falar com vc”.

Sandra acredita que esse perfil que ela assume nas “tretas” ajuda as pessoas a refletirem sobre seus próprios preconceitos e pode contribuir para a mudança social. Ela conta que, às vezes, pesquisa quantos “amigos” curtem determinado tema problemático, e aí faz uma sequência de *posts* sobre aquilo e depois verifica, de novo, e vê que diminuiu. Ela diz que não tem como ter certeza de que seus textos influenciaram aquela mudança, mas acredita que o que faz é importante.

É... isso é um processo, as pessoas são muito imediatistas, né? Elas acham que vão dar um bom argumento, e a pessoa vai falar assim: “Ah tá, agora... entendi.” Eu não tenho essa expectativa. Por isso eu acho que o que eu faço não é inútil, entende? (...) É... e, já aconteceu de eu explicar assim: “Gente, por que, que tem orgulho gay e tem orgulho hétero?” E, às vezes, eu vejo lá, eu vou lá e vejo, quantos amigos estão curtindo e, eu vejo que diminui, sabe? Às vezes, não é imediato, depois de uns meses, eu vou lá e vejo que diminuiu, sabe? Pode não ter sido o meu *post*, mas pode ter sido, assim. É... que a pessoa refletiu, o tempo de reflexão é muito longo, não, não combina com, com a coisa da *internet*. Então, assim, eu acho que você ir jogando os argumentos, jogando e tal, faz diferença.

Em oposição a essa protagonista treteira, Sandra atraiu alguns *haters*¹⁵ que se apresentam como antagonistas em sua narrativa. Ela descreve algumas estratégias adotadas por esses personagens para atacá-la e cita como exemplo a mensagem que recebeu quando um dos seus textos que fala sobre a socialização de meninos viralizou¹⁶:

Tipo, uma vez um cara me escreveu que eu era uma ‘boiolizadora’ das crianças. Porque... [risos] **Desculpa.** ‘Boiolizadora’! É. Que eu era uma ‘boiolizadora’. Aí, eu falei assim, que eu queria transformar todos os homens em ‘boiola’, aí, eu ri muito dessa ‘boiolizadora’, sabe? **Aham.** É. É... mas não é sempre que eu consigo ler e falar assim: “Gente, que loucura.” [risos]

Diz que há alguns que vão até seu perfil comentando todas as publicações em sequência, de forma que ela não consiga responder ou debater adequadamente em todos os questionamentos. Há também aqueles que a ameaçam com mensagens privadas, e, nesse caso, ela sabe que provavelmente não são ameaças reais, mas que geram desconforto.

É esquisito, né? Não acho que esse cara vai chegar e vai me matar. não vai. Assim, mas é estranho, parece que a pessoa, o desejo dessa pessoa era viver em um mundo, tipo uma ditadura que, ela pudesse me denunciar, para outra pessoa me bater, entendeu? É... e é estranho você pensar: “Ah... e, essa pessoa deseja isso.”

¹⁵ Termo utilizado na *internet* para classificar pessoas que atacam e criticam um indivíduo, desvalorizando suas ações e vitórias perante seu grupo social. Os principais alvos dos *haters* são as celebridades e figuras públicas, e as redes sociais são suas principais ferramentas de “ataque”.

¹⁶ Conteúdo que se espalha rapidamente pelas redes sociais da *internet* como uma epidemia viral.

O outro personagem que Sandra representa no *Facebook* é a escritora. Ela utiliza a sua página pessoal para publicar crônicas, casos e histórias cotidianas. Ela conta que nem sempre as pessoas que gostam das suas crônicas gostam do seu posicionamento político e que ela percebe isso pelas interações com cada tipo de *post*. Tem leitor que comenta todo tipo de postagem e tem leitor que só reage aos textos literários. Sandra conta que sempre gostou de escrever e que tem o sonho de ser uma escritora que vive de suas publicações. Ela está iniciando essa carreira de escritora de literatura agora, com o apoio dos leitores da sua história que financiaram a produção dos seus primeiros livros. O Quadro 1 sintetiza Temas e Personagens identificados no discurso de Sandra.

Quadro 1 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Sandra Amanda

PT	Personagens	Função na narrativa	Ações importantes
Pobreza	Sandra	Protagonista	Teve uma infância marcada pelas restrições materiais.
	O pai	Coadjuvante	Morreu quando Sandra era apenas um bebê, e sua ausência deixou a família em situação de pobreza.
	A mãe costureira	Coadjuvante	Ganhava o suficiente apenas para a sobrevivência da família, mas incentivava os filhos a estudarem e terem grandes sonhos.
	O irmão lixeiro	Coadjuvante	Trabalhou como lixeiro e catava livros para levar para casa.
	A irmã determinada	Coadjuvante	Saiu de casa para estudar e conseguiu se formar na UFMG, fazer mestrado e doutorado.
	A comunidade de Patos	Coadjuvante	Acreditavam que Universidade não era coisa para pobre e que Sandra e a irmã deviam trabalhar para ajudar a mãe.
A família de pobres inteligentes	Sandra	Protagonista	Estudou em escola pública; lia livros do lixo; pôde fazer cursinho pré-vestibular pago pela irmã; ingressou no curso mais “elitizado” da UFMG.
	O pai inteligente	Coadjuvante	Abriu uma empresa de manutenção de bombas de gasolina, se mudou para o Sul de Minas com a família e estava prosperando.
	A mãe leitora	Coadjuvante	Mesmo tendo pouca educação formal, teve uma formação autodidata e é apaixonada por livros; apoiou os sonhos das filhas de estudar fora mesmo com sérias restrições econômicas; priorizava a autonomia das filhas na educação.
	A irmã estudiosa	Coadjuvante	Estudiosa, foi a primeira da família a se formar na universidade e contribuiu financeiramente para a educação de Sandra.
	O irmão doente	Coadjuvante	Destoava da família por não conseguir avançar nos estudos, mais tarde descobriram que ele tinha esquizofrenia.
	As pessoas do interior	Antagonista	Criticavam o estilo de educação da mãe que prezava pela autonomia das filhas; criticaram o fato de a irmã se mudar para a capital para estudar insinuando que ela iria se prostituir; “pagaram língua” quando ela se formou e teve sucesso profissional.

(Continua...)

Quadro 1 – Síntese de temas e personagens destacados na narrativa de Sandra Amanda (cont.)

PT	Personagens	Função na narrativa	Ações importantes
Loucura	Sandra – a artista	Protagonista	Ensaiaava com o irmão como seria suas entrevistas no programa do Faustão quando fizesse sucesso em sua carreira artística.
	O irmão esquizofrênico	Coadjuvante	Era a companhia de Sandra durante a infância, e ela precisava dialogar com uma pessoa que "trabalha em outra lógica".
	A mãe excêntrica	Coadjuvante	Priorizava a autonomia das filhas, se importando pouco com os costumes locais em relação à educação de meninas e por isso era considerada excêntrica e às vezes maluca.
	A irmã normal	Coadjuvante	A irmã é a referência de "normalidade" na família. A irmã criticava o estilo sonhador da mãe, da irmã e do irmão, e dizia que era a única normal na família.
Faculdade	Sandra - o ponto fora da curva	Protagonista	Sua turma na Universidade concentrava a maior média de renda dos ingressantes naquele ano. Ela foi considerada <i>outlier</i> e seus dados foram excluídos da análise; foi fortemente discriminada por ser pobre e ser pouco sofisticada.
	Os colegas preconceituosos	Antagonistas	Debochavam do jeito caipira de Sandra; criticavam alguns espaços mais populares por só ter gente feia; não percebiam seus privilégios.
	O filho super rico de juiz com promotora	Coadjuvante	A apoiou em uma crítica que ela fez aos colegas por serem elitistas e foi ouvido por todos por ser considerado "autoridade"; Sandra acredita que ele era o ponto fora da curva no extremo oposto ao dela.
	Sandra – a oradora da turma	Protagonista	Foi escolhida para ser oradora da turma e fez um discurso que contava um pouco da sua trajetória desde a infância pobre até a formatura.
	Os familiares dos colegas da universidade	Coadjuvantes	Depois de ouvir seu discurso, passaram a tratá-la com deferência, quase como heroína por ter superado todas as dificuldades para se formar.
Casamento	Sandra	Protagonista	Lida de forma criativa com as dificuldades que surgem; se comporta de forma autônoma no relacionamento realizando muitas atividades sem o marido.
	Reinaldo	Coadjuvante	É nerd (reproduz a imagem da família inteligente), é jornalista, professor universitário e diretor de cinema. Cozinha melhor que a Sandra. Respeita a personalidade independente de Sandra, mas critica o excesso de "tretas" que ela se envolve na <i>internet</i> .
	O casal	Protagonista	Produziram juntos um longa-metragem de baixo orçamento que foi premiado em diversos festivais.
Internet	Sandra - a treteira	Protagonista	Discute incansavelmente com os leitores temas relacionados à desigualdade social, feminismo, sexualidade e direitos humanos em geral.
	Os leitores que interagem entre si	Coadjuvantes	Debatem na área dos comentários a partir das provocações de Sandra produzindo reflexões coletivas muito interessantes.
	Os <i>haters</i>	Antagonistas	A acusam de ser "boiolizadora de crianças"; fazem ameaças e desejos de que ela seja espancada ou assassinada.
	Sandra - a escritora	Protagonista	Publica crônicas de teor leve e bem-humorado; tem o sonho de viver de escrever livros.
	Leitores das histórias	Coadjuvantes	Financiaram a publicação dos seus primeiros livros por meio de um site de financiamento coletivo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: PT = Percursos temáticos.

4.1.2. O processo de empoderamento de Sandra

O processo de empoderamento individual de Sandra é marcado por dois aspectos centrais, o primeiro diz respeito ao contexto familiar e à educação para a autonomia que recebeu.

Minha mãe é... na educação maluca dela, que eu vejo muitas coisas certas, ela nunca... é... foi uma pessoa autoritária, sabe, é uma coisa, até, bem doida, assim. Minha mãe era muito assim, se eu falasse: “Ah, mãe, eu quero matar aula.” Ela falava assim: “Uai, mata, assim. Eu não acho legal, você fazer isso mas, depois, você arca com as consequências. Se você perder alguma coisa, se você perder prova e tal.” E, ela falava isso para mim, criança, entendeu? Se ela falasse “pode matar aula”, eu mataria, se ela falasse “não pode”, eu poderia até desobedecer, mas, como ela me colocava nessa, nessa questão ética, entendeu? Eu sempre tinha que tomar a decisão, então, é... aí, eu lembro bem disso, assim, dessa questão, eu perceber nas minhas amigas, mesmo, assim. “Gente, mas eu nunca perguntaria nada para minha mãe. Apesar de eu gostar muito da opinião dela, mas, assim, isso é uma questão só minha.” Sabe?

Como sua mãe não se importava em reproduzir estereótipos de gênero muito arraigados na cidade onde viviam (como exigir que as filhas realizassem o trabalho doméstico, deixassem a escola para trabalhar ou fazer do casamento meta de vida para elas), Sandra construiu uma identidade autônoma e confiante, que chegou a ser motivo de críticas em sua cidade.

Aí, uma menina, falou para mim assim, no meio de outros meninos, assim: “Ah, você é uma pessoa muito egoísta. Porque... você, é, fala que quer estudar, parece que essa é a coisa mais importante para você. Você não está nem aí para o seu namorado, nem para sua mãe.” Falei: “Olha, realmente, me-meu namorado não quer que eu vá, mas a minha mãe quer. É... minha mãe está muito feliz que eu queira estudar fora, daqui de Patos e tal.” Mas, eu lembro das outras meninas falando assim: “É...” tipo... e-ela falou assim: “Você é uma pessoa muito ambiciosa, é... isso é ruim e tal.” E as outras meninas concordaram, sabe? Isso sempre me marcou, assim. É... porque que, naquele contexto, assim, eu falasse: “Nossa, eu quero muito estudar, essa é coisa que eu mais quero.” Soar como... é... Algo extremo, é... arrogante.

O fato de a mãe ter favorecido a autoestima das filhas, permitido que elas assumissem riscos que muitas vezes são negados às mulheres, fez com que a mãe de Sandra fosse considerada por muitos como excêntrica ou “maluquinha”, mas também possibilitou que Sandra assumisse o controle da própria vida, se arriscasse em experiências profissionais desafiadoras e estabelecesse um relacionamento amoroso em que as relações de poder são mais equilibradas.

O segundo aspecto importante no processo de empoderamento de Sandra é a superação da pobreza. Em sua narrativa, ela aponta, como o auge do seu sucesso, o momento em que ingressa na Universidade. Esse ponto é crucial porque marca a virada necessária para a ascensão social. É lá que ela se dá conta que chegou ao espaço que todos afirmavam não ser para pessoas pobres, e sente que ingressar na UFMG foi a maior realização da sua vida.

Eu... eu acho que foi ter entrado na universidade, assim, com certeza. É... para mim foi muito significativo, assim, é... porque, era um desejo que uma coisa que eu queria muito, desde os quinze anos, assim, muito, muito, era uma coisa assim: “Nossa, vou morrer se eu não conseguir.” Sabe? Então, assim, eu queria demais e... e depois que eu entrei, eu vi o tanto que era uma coisa rara, assim, nas minhas condições... né? Então... eu acho que foi a maior realização, assim.

Partindo desses pontos cruciais para o empoderamento individual, Sandra passa a atuar também no nível social. Como jornalista, trabalhou em uma revista feminina e buscava apresentar pontos de vista menos estereotipados nos textos que produzia. O público que ela formou a partir dos textos que publicava na revista (que atualmente saiu de circulação) migrou para a sua página do *Facebook* e passou a interagir nos textos que ela publica por lá, possibilitando a formação de uma comunidade virtual em torno de suas publicações, que se expandiu à medida que os conteúdos viralizavam. Com a formação dessa comunidade virtual, Sandra ganha influência e consegue ampliar o processo de empoderamento para os participantes. Sandra destaca o fato de que falar das experiências pessoais faz com que o público se identifique com as situações e reflita sobre as ações possíveis. Ela esclarece como se dá esse processo:

Eu não acho que eu convenço ninguém a nada. mas acho que ajudo muitas mulheres a expressar o que sentem.

Eu gosto de mudar de opinião, eu me sinto bem, parece que é uma luz mesmo, sabe? Quando um argumento vem e me revela algo que jamais imaginei. Eu penso, nossa, que bom que tive essa chance de saber disso, que bom que pude mudar. Sei que muita gente não sente isso, mas algumas sentem também. Tem mulher que me escreve no face que mudou muita coisa me vendo discutir e que nunca comentou nada, mas queria me contar isso.

No Quadro 2, foram resumidas as principais ações apresentadas por Sandra que podem ser consideradas importantes para o processo de empoderamento feminino por meio da *internet*.

Quadro 2 - Ações de Sandra Amanda que favorecem o empoderamento

Ações	Características
Compartilhar experiências pessoais	Ao compartilhar suas experiências pessoais, Sandra evoca situações que são comuns na sociedade e promove reflexões. Nesse sentido, o individual assume um forte papel político na <i>internet</i> .
Incremento das possibilidades profissionais	A atuação na <i>internet</i> dá visibilidade aos projetos profissionais que Sandra realiza (como a publicação de seus livros e a divulgação do filme), o que possibilita empoderamento econômico e social.
Oferecer repertório de argumentos para que as mulheres possam se fortalecer	Sandra acredita que os seus textos e os debates que promove oferecem argumentos para que as mulheres consigam expressar melhor os seus sentimentos e reivindicações.
Aumentar a diversidade das suas redes sociais	Utiliza as redes sociais na <i>internet</i> para criar vínculos com pessoas muito diferentes e que provavelmente não estariam juntas em uma comunidade <i>offline</i> . Ela cita uma crente lésbica; um professor de Rondônia que usa <i>Stiletto</i> ; um menino negro, de Recife, gay e que estuda medicina; uma menina autista e uma mulher judia ortodoxa que são seus amigos.
Busca por reflexão e mudança	Sandra escreve constantemente sobre temas que dizem respeito às desigualdades sociais, aproveitando temas que estão em pauta no dia ou propondo alguns a partir de situações do cotidiano. Segundo ela, a transformação e a conscientização levam tempo para amadurecer, então ela mantém a constância como forma de levar as pessoas a repensarem suas práticas sociais cotidianas e mudarem comportamentos preconceituosos.
Paciência para o debate e uso de linguagem simples	Sandra tem como característica apresentar os temas que estão sendo discutidos da maneira mais clara e simples possível. Às vezes reescreve matérias que estão sendo mal interpretadas explicando claramente os dados apresentados, às vezes faz <i>posts</i> explicativos sobre temas que estão gerando polêmica nas redes sociais.
Debates com leitores em seu perfil pessoal do <i>Facebook</i> .	Sandra faz questão de debater ideias com os leitores, responder às suas dúvidas ou contrapor seus argumentos. Mesmo quando leitores insistem em pontos de vista contrários ao dela, ela não desiste da conversa a não ser que a pessoa passe para ataques pessoais. Seus leitores mais assíduos costumam participar ativamente do debate e trazem informações e argumentos para o tema em questão, estabelecendo uma comunidade muito ativa.
De jornalista a escritora de literatura	Foi possível experimentar as suas habilidades como escritora na comunidade virtual antes de publicar um livro impresso, o que diminui a possibilidade de fracasso. A própria comunidade virtual de leitores fortaleceu e legitimou essa identidade reivindicada e patrocinou a publicação dos livros.

Fonte: Dados da pesquisa

4.1.3. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Sandra Amanda

Para analisar como se integram *internet*, identidade e empoderamento na narrativa de Sandra, levou-se em consideração os aspectos relacionais e biográficos a partir da teoria da identidade proposta por Dubar (2005), as possibilidades de ampliação dessas categorias por meio da *internet* e as experiências que podem impulsionar o empoderamento.

A narrativa de Sandra apresenta evidências de que a *internet* ampliou as possibilidades de construção identitária e de empoderamento. Em seu processo relacional, Sandra vivenciou mais situações de desigualdade de classe do que de gênero, uma vez que ficou órfã de pai quando ainda era um bebê e, apesar de ter um irmão mais velho, este tem uma doença mental que o tornou incapaz de assumir o estereótipo de homem provedor na família. Essa característica familiar de Sandra reforça indícios que já haviam aparecido na pesquisa de Mageste (2008) de que a ausência paterna favorecia o empoderamento feminino, uma vez que, sem a figura do homem provedor na família, as mulheres assumiam uma postura mais ativa em relação à própria vida.

A mãe de Sandra, que não se importou em assumir o papel de excêntrica na comunidade em que viviam, deu a ela estímulo e confiança para realizações que não eram comuns para mulheres como ela. Sandra diz que sua mãe lhe deu permissão para ser diferente. A primeira grande reconstrução identitária de Sandra se deu quando ela ingressa na universidade e percebe que é uma exceção em um grupo de elite. Nesse processo de metamorfose (CIAMPA, 2005) identitária em que ela sai da identidade herdada de menina pobre do interior para se identificar como universitária na UFMG, Sandra foi hostilizada, e levou bastante tempo até que sua “nova” identidade fosse legitimada pelos colegas na comunidade universitária. Ela conta que estar ali, entre os colegas ricos ou muito ricos, gerava um desconforto nas pessoas e que foi muito difícil conseguir ser aceita por eles. Ao fim do curso, Sandra já estava integrada ao grupo e inclusive foi escolhida como oradora da turma na formatura.

Simultaneamente ao seu desenvolvimento na carreira profissional como jornalista, Sandra passou a utilizar a *internet* como espaço para se expressar, criar e manter vínculos pessoais e profissionais, ampliar a sua rede de relacionamentos e amizades. Ela escreveu blogs, artigos, crônicas que publicou em suas páginas pessoais ou nos veículos que trabalhou. Essa experiência

de publicar constantemente textos com reflexões pessoais e literatura levou Sandra a uma segunda metamorfose identitária. Ela decide priorizar a carreira de escritora de literatura, mantendo a carreira de jornalista como fonte de renda até a consolidação desse plano. Essa segunda transformação foi fortemente marcada por sua atuação na *internet*, uma vez que ela cativou um público leitor para suas crônicas e foram esses leitores que se dispuseram a financiar a publicação de seus livros por meio de uma plataforma digital de financiamento coletivo. Esse processo envolve vários aspectos de empoderamento. É possível identificar o incremento da autoeficácia quando ela vai utilizando a *internet* para experimentar a identidade de escritora e testar a sua possibilidade de sucesso (ou fracasso) sem grandes riscos à sua reputação profissional. Quando ela finalmente decidiu investir na publicação de seus livros, ela já tinha uma comunidade formada de leitores que a incentivaram e apoiaram nessa mudança.

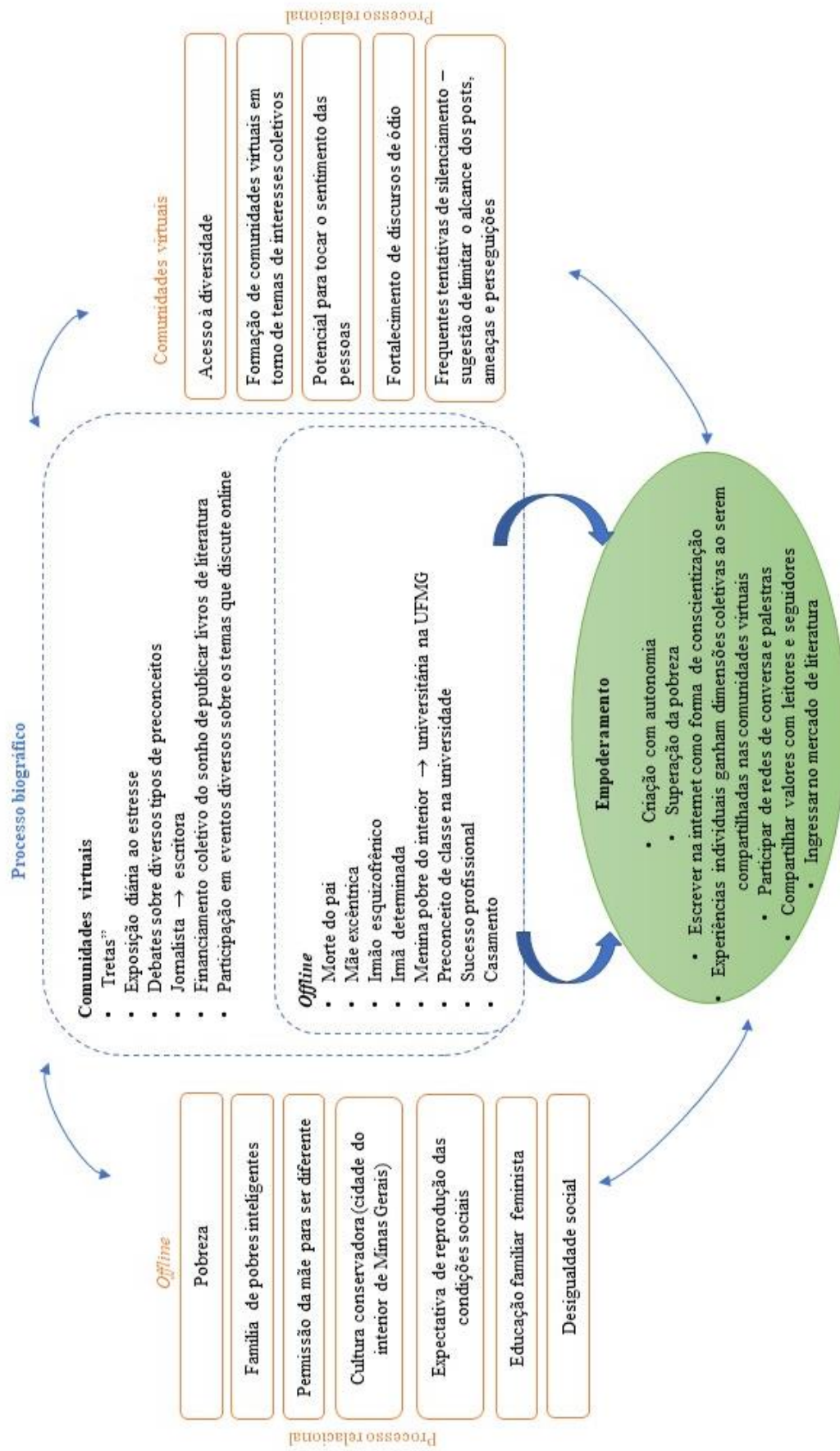
Há também um aspecto econômico do empoderamento. Segundo dados levantados pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UNB e divulgados na Revista Cult¹⁷, mais de 70% dos autores publicados nas grandes editoras brasileiras são homens. O fato de ela ter acesso a um financiamento realizado pelos próprios leitores possibilitou que ela pudesse ingressar no seleto grupo de autores publicados sem a necessidade de enfrentar as barreiras impostas às mulheres nesse mercado.

Outro aspecto importante a ser destacado no processo de empoderamento de Sandra é a sua contribuição para um empoderamento coletivo por meio da conscientização e educação que promove em seus conteúdos, os quais oferecem informação para que as mulheres consigam realizar ações e identificações que não acreditavam possíveis.

Os pontos cruciais da narrativa de Sandra foram organizados na Figura 6.

¹⁷ <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>

Figura 8 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Sandra Amanda



Fonte: Dados da pesquisa

4.2. Camila Bastos

Camila Bastos é jornalista, apresentadora e produtora de vídeos que tem um site onde oferece consultoria para pessoas que querem fazer vídeos para o *Youtube* para divulgar seus negócios. Tem 33 anos, é solteira e tem um filho de cinco anos de idade. A *internet* é para Camila parte essencial da sua vida. É por meio dela que obtém sua renda, começou e mantém o seu relacionamento com o namorado que vive em outra cidade, constrói relações profissionais e de amizade, e publica conteúdos sobre empoderamento feminino que foram os que a levaram a ser escolhida para participar nessa pesquisa.

Camila utiliza a *internet* constantemente para questionar o controle da sexualidade feminina e para isso utiliza como estratégia falar abertamente sobre sexo e sexualidade. Ela também questiona questões sobre maternidade compulsória, compartilhando a própria experiência de não gostar da função da maternidade. Sandra também fala muito sobre empreendedorismo virtual e a autonomia possibilitada por esse tipo de negócio.

A entrevista com Camila foi realizada utilizando uma chamada de vídeo por Skype que foi gravada (áudio e vídeo) e posteriormente transcrita. A conversa durou aproximadamente 4 horas. No dia da entrevista, Camila estava em seu apartamento em São Paulo, que também serve como escritório e estúdio de gravação.

A entrevista transcrita foi organizada por temas para que fosse possível analisar o seu discurso de acordo com os objetivos da pesquisa. A seguir, serão apresentados os principais percursos temáticos que Sandra constrói em sua narrativa, os personagens que compõem esses percursos e suas principais ações na narrativa que contribuem para a sua construção identitária.

4.2.1. Percursos temáticos na narrativa de Camila Bastos

4.2.1.1. *A família tradicional*

Camila começa sua narrativa apresentando o contexto familiar em que cresceu. Segundo ela, a sua família seguia os moldes tradicionais de pai provedor e mãe dona-de-casa.

É... e os meus pais são aquele casal, né, que, é, são mais tradicionais. É uma família mais tradicional, conservadora, em partes, digamos assim, é, o meu pai sempre foi

muito opressor, machista, teve, é, eu e minha irmã. Então ele era o dono da casa, ele era quem mandava na casa.

Ela relata que os pais são católicos e muito devotos a Nossa Senhora Aparecida, inclusive lhe deram esse como segundo nome. O pai trabalhava como operador de empilhadeira em três turnos, o que o mantinha muito tempo fora de casa. A mãe, que não tinha uma formação profissional, deixou o trabalho para cuidar da casa.

Então, assim, antes de se casar, ela trabalhou muito como também pessoa que fica na linha de produção de empresa, nos processos de produção em série. E, né, ela trabalhava em empresa, ela trabalhava como secretária. Ela sempre trabalhou em subempregos, digamos assim. E aí como ela não tinha nenhuma formação e ela queria mesmo encontrar o amor da vida dela, um homem que, que sustentasse ela, para ela ficar em casa, cuidar dos filhos lá. Quando ela encontrou meu pai, foi isso na vida dela, entendeu? Então ela ficou do lar e é assim desde então. Já faz mais de 30 anos.

Camila narra que, apesar das características do pai, sua infância foi maravilhosa, que tinha a irmã como cúmplice e tinha poucas limitações em relação ao tipo de brincadeiras e aos espaços que frequentava.

É, mas, enquanto crianças, tipo, não tinha nenhum, digamos muito problema, porque nós éramos muito crianças, e criança... né. Então, nós éramos meninas, tratadas como tal, socializadas como tal, mas a gente teve sempre aval de brincar com tudo que nós quiséssemos. Tudo, tudo, tudo. Então, a nossa infância foi um período muito saudável para a gente, porque a gente brincou muito na rua. Eu sou de Mogi das Cruzes, que é uma cidade da região metropolitana de São Paulo e nós morávamos em casa térrea, em uma ruinha supertranquila. Então a gente teve o privilégio de ter uma infância muito recheada de coisas maravilhosas, e muita brincadeira, muito joelho ralado, muita correria, muita bicicleta e... e foi isso, foi lindo.

Foi a partir da adolescência que Camila passa a ter mais conflitos com a família e assume o personagem que ela mantém ao longo de toda a sua narrativa, que é a imagem de rebelde e autônoma. Ela conta que o pai não lidou bem com o fato de ela insistir em manter o controle sobre a própria vida e as relações deles se deterioraram pelas constantes brigas.

Foi que quando a gente começou a ficar adolescente é... Realmente, para ele foi um choque, porque uma pessoa machista, um homem machista, ver a filha aflorando, desabrochando... Eu sempre gostei muito de ler, então eu tinha uma... é... Eu sempre fui rebelde, de bater de frente e tudo mais e já querer sair por aí, fazendo as minhas coisas e tudo mais e isso foi uma coisa que eu acho que ele não lidou bem e nem eu, né. Então a gente passou a minha adolescência e um pouco da minha fase adulta inteira brigando, sempre em cabo de guerra, é... ele mais comigo do que com a minha irmã, muito embora minha irmã também quisesse mais liberdade. Só que eu era mais rebelde do que a minha irmã. Então eu me rebelava muito mais do que ela.

A mãe de Camila, que tinha deixado o trabalho para assumir o cuidado com as filhas, muitas vezes era acusada pelo pai de ter errado na educação das filhas e sofria com o comportamento abusivo do marido.

A minha mãe ficava nesse fogo cruzado. Era do tipo “Cida, fala tal coisa para essa menina, porque ela não pode fazer isso, isso e aquilo”, sabe? A minha mãe ficava nesse meio.

(...) ele ficar a noite inteira, até 3 horas da manhã, falando alto com a minha mãe, xingando a minha mãe, porque a minha mãe tem culpa, porque eu sou uma vagabunda, porque eu sou uma vadia, que como assim ficar saindo por aí. Com certeza ela estava dando para alguém, essa coisa, é isso, tipo de situação constrangedora, horrorosa, opressora, que eu tinha que viver ali dentro da casa dele, porque é a casa dele.

O comportamento do pai de Camila fez com que ela decidisse sair de casa para que pudesse ter mais liberdade e autonomia.

Até que chegou um momento que eu falei “não aguento mais mesmo”. Foi em um dia lá que ele não me deixou assistir um filme na televisão. Falei “cara, não aguento mais”. Trabalho para caramba, já ajudo em casa, ele não me dá mais nada, só teto, comida, né, que é o que o pai, um pai, né, uma família precisa dar até um certo momento. Mas eu falei “eu não aguento, vou embora, mesmo aos trancos e barrancos” e fui.

4.2.1.2. A escola

O segundo percurso temático destacado na narrativa de Camila foi as experiências escolares. Camila conta que era considerada feia na escola e sofria *bullying* dos colegas, por ser muito magra, alta e *nerd* mas buscava compensar essa suposta falta de beleza sendo muito estudiosa.

Porque hoje eu dou risada, hoje eu olho até para baixo falando “ah, coitados”, tipo, olha o corpo que eu tenho hoje, olha a mulher que eu me tornei hoje. E eu nada nada sabia que eu ia me tornar essa mulher. Eu sabia que eu ia deixar todos eles no chinelo um dia. É... Mas não deixava de às vezes me magoar com essas coisas. E eu sempre queria me superar. Eu falava assim “Hm, beleza, é assim? Ou realmente fico feia para sempre, mas pelo menos eu vou ser inteligente. Estou estudando. Então eu vou ser uma mulher feia. Beleza, ok está de boa se eu for inteligente. Então vamos compensar com alguma coisa”. Então eu sempre queria, eu sempre tinha um plano B, eu sempre tive que me, me, é... superar de alguma forma. Então, se em um ponto eu não vou ser boa, no outro eu vou e de um jeito ou de outro eu vou me dar bem.

Quando Bernardo, um garoto gay que também era perseguido pelos colegas, entrou na escola, Camila se aliou a ele e se tornaram melhores amigos. Eles e mais alguns colegas formavam o que ela chamou de a “galera esquisita” da escola.

Essa turminha do Bernardo e da galera, né, da galera esquisita. E eu era sempre da galera esquisita, sempre da galera, entendeu? Não era da galera comum, eu nunca fui da galera normal. É... Então isso para mim foi muito bom assim.

Camila considera que essa postura estudiosa e dedicada foi motivada pelo desejo de uma recompensa futura e que ela acredita ter alcançado.

É, é... a coisa que me marcou mesmo foi isso, de ter sido muito severa assim na escola. De desde a primeira série, desde muito criança, olhar a meu redor, falar “caralho, eu vou passar aqui muito tempo do meu dia, que seja de alguma serventia”. Eu lembro na primeira série, eu criança, 6 anos de idade, ter esse tipo de pensamento sofisticado, sabe? De falar essa reflexão sofisticada. Falar “cara, que eu faça alguma coisa de útil”. Aí, claro eu também queria me divertir, conversava muito, dava risada, mas eu sabia que eu estava ali para aprender e que, de alguma forma, algum dia aquilo me seria interessante, importante e iria me valer, sei lá, talvez dinheiro. Eu não pensava, acho, que em termos de dinheiro, mas eu pensava em termos de vida, em termos de recompensa, algum, algum tipo de recompensa. Eu não sabia qual, mas eu sabia que alguma coisa teria. Tanto é que foi, porque, hoje, eu alcancei, de verdade, a vida que eu gostaria de alcançar e... né? Não tem nada, não tem muita coisa além do que eu queria hoje assim.

4.2.1.3. *A necessidade de autonomia*

Um dos percursos temáticos mais complexos na narrativa de Camila é a forma como ela apresenta a sua necessidade de autonomia. Camila descreve uma sequência de relacionamentos abusivos marcados pelo gênero e que a levaram a uma busca incessante por autonomia e liberdade.

Eu só tinha tido relacionamentos mais abusivos, digamos assim. A minha, o meu primeiro relacionamento sério de verdade, que não foi de adolescentinho, foram quase 3 anos com um cara que era muito ciumento e me controlava em todos os sentidos. E era ciumento e ao mesmo tempo não me dava o acolhimento emocional que eu precisava. E eu sofri, porque eu era muito carente. Eu achava que se eu separasse dele, eu não ia encontrar ninguém legal, eu estava apaixonada... Enfim. Aí, depois, graças a Deus, chegou em um momento em que eu consegui me separar, consegui me desvencilhar.

Em sua narrativa, a primeira ação que marca essa busca é quando ela sai da casa dos pais e vai morar com uma amiga em São Paulo. A relação com o pai foi marcante, pois sentia que ele a humilhava e agredia verbalmente por causa do seu comportamento rebelde e independente.

Um ano depois de sair da casa dos pais, Camila conhece o pai do seu filho e vai morar com ele. Ela descreve essa relação como uma relação muito abusiva e violenta, na qual ela se sentia muito oprimida.

Mas enfim, eu passei quase 7 anos com essa pessoa, que é o pai do meu filho, e no final, foi mais abusivo do que nunca. O tempo todo foi meio que abusivo da parte dele, não que eu não tenha errado. Eu errei muito também, mas, da parte dele, a gente sabe que uma relação homem e mulher é assimétrica, então o homem sempre tem mais vantagem do que a mulher, só que é óbvio que eu não ia ver isso, né. Nunca vai ver. Então sempre ficava aqui, sempre, sempre. Aí você vê, teve algumas agressões físicas,

foram coisas bem complicadas, né. Não só dele comigo, os dois se batendo, né. E foi bem difícil, não foi nada saudável.

Nessa relação, ela acabou tendo uma gravidez não planejada, e a maternidade foi para ela uma situação com a qual ela teve muita dificuldade de lidar.

Há um tempo atrás, eu realmente tinha vários conflitos com a maternidade, eu não curtia. É, não é, não é que eu não curtia ele. Ele sempre foi uma criança linda, maravilhosa e gostosa e querida e... e, e plena. É, mas eu não... não gostava do ofício de ser mãe, então, para mim era duro, para mim era... Qualquer coisa eu perdia a paciência e eu transpassava isso para ele.

Esse ponto é tão marcante na história de Camila que ela considera a gravidez como um fracasso em sua narrativa.

É um fracasso e não é, né, mas foi ter... não sei se eu chamo de fracasso, mas uma das coisas que eu, há um tempo atrás, se eu pudesse voltar, eu voltava, era ter engravidado. Há um tempo atrás, se eu pudesse voltar e ter falado “olha, não goza dentro não”, para meu ex-marido, eu faria. Mas eu estou em uma fase que eu estou tão bem resolvida que não. Nem isso, eu não me arrependo.

Quando Camila decidiu se “libertar” do marido, ela decidiu que ia se libertar de outras coisas que a oprimiam também. Ela conta que a maternidade era para ela uma prisão muito grande, mas como dessa responsabilidade ela não poderia desistir, resolveu se separar do marido e sair do trabalho “CLT”. E conta que se sentiu muito aliviada de ter conseguido romper com essas situações que a faziam se sentir aprisionada.

E, no final (...) Gizelle, foi um nível, foi um ano que eu realmente já estava, digamos que encontrando a minha pessoa que eu queria ser, que é a que eu sou hoje, né. Me descobrindo, é, descobrindo o feminismo, descobrindo a *internet* como uma forma de ganhar a vida, é, eu estava, eu, eu fui mãe, né, em 2013, meu filho estava com 1 ano e foi no momento que eu falei “eu preciso me libertar”. Senão de ser mãe, porque eu, pra mim, ser mãe no começo era uma prisão muito grande, eu não escolhi e tudo mais. Eu falei “bom, se eu tenho a minha obrigação com o meu filho, eu não vou abandoná-lo, eu vou dar o meu melhor”, que eu consiga me libertar em outras áreas da minha vida. Uma delas era o trabalho, que era uma coisa superimportante que me, me... sufocava muito, trabalhar CLT, o dia inteiro [grunhido de raiva]. E a outra era o casamento, monogâmico, né. Era o casamento que eu tinha monogâmico com ele, e não só com ele em si, na verdade. Na verdade, era com ele em si, não era que o modelo monogâmico estava me atrapalhando. Não era isso. O que me atrapalhava era ele e eu nem sabia. Então eu fui caminhando para fazer a ruptura da separação. Eu lembro da que a última vez foi realmente muito difícil, eu estava em um momento financeiro difícil e tudo mais. Mas eu consegui romper. Beleza, todos os dias da minha vida eu sinto alívio muito grande, Gizelle, de ter ido embora, de ter parado. Foi a coisa certa.

Ela fala com intensidade das conquistas que teve nessa busca por autonomia e por viver por conta própria. Ela deixa evidente que não tem segurança financeira garantida, e que não tem acesso a luxo e conforto (mostrou pelo vídeo o pequeno apartamento em que vive em São Paulo

e narra como muitas vezes não tem certeza se terá renda para suprir as despesas). Entretanto, mostra-se muito feliz por conseguir se manter sozinha em São Paulo.

Eu me orgulho de morar sozinha agora, de ter a minha casinha, de ter a minha quitinete no centro de São Paulo, como eu sempre sonhei. É uma realização e é uma realização sempre conseguir pagar o aluguel. Hoje é um dia muito especial, porque eu consegui pagar o meu aluguel, o dia dele é hoje. Eu tive dinheiro para isso, porque eu não tenho uma renda fixa. Eu, é, o cliente que me pagou a grana do aluguel esse mês eu não sei se ele vai renovar mês que vem, entendeu? Então eu não sei se eu vou ter dinheiro mês que vem, mas eu vou trabalhar para isso [risada]. Am, então para mim é sempre uma realização, todo mês é uma realização para mim. Pagar cada um dos boletos que eu pago.

Camila explica que, após a separação, a guarda do filho foi compartilhada com o pai. Eles dividem todas as despesas e alternam os dias em que cada um cuida do filho. Na época da entrevista, o filho ficava com ela de sexta a segunda e com o pai nos outros dias. Ela conta que esse arranjo foi fundamental para que a relação com o filho fosse ficando cada vez melhor e mais saudável, porque ela conseguia ter tempo para si enquanto o filho estava na casa do pai e, assim, podia se sentir menos aprisionada nos dias em que o filho estava com ela.

Então, é isso, a relação com o meu filho é muito gostosa, muito linda, muito saudável. Tem trancos e barrancos, né, às vezes, mas, no mais, eu só posso dizer que está a cada vez melhor. Cada final de semana que eu pego ele, porque eu fico de sexta a segunda, já amanheço com ele, ou sexta, ou de sexta até segunda à tarde, é... a cada vez que a gente se encontra as coisas estão melhores, mais gostosas, mais fluidas, mais tranquilas. E acho que para ele também, espero. (...) Aí uma outra coisa que eu queria acrescentar na relação minha com ele, Gizelle, é que talvez essa relação só seja tão boa e tão tranquila e tão melhor é, a, é... a cada... a cada semana que passa, porque eu não preciso ficar com o pai e com ele. Eu tenho os meus momentos de solidade, eu tenho os meus momentos de mulher, eu tenho os meus momentos de profissional, eu tenho os meus momentos para não fazer nada, só para ler, entendeu? Eu tenho os meus momentos sozinha. Então, por causa disso, eu consigo dar o meu melhor para o meu filho, porque eu não me sinto mais aprisionada. Eu tenho os meus momentos, né? Enquanto o pai está com o filho, eu estou de boa.

4.2.1.4. *A internet*

No percurso temático da *internet*, Camila conta que representa um personagem e que, na *internet* e nas relações estabelecidas por meio dela, ela é considerada como uma “celebridadezinha”. Diz que não é famosa o suficiente para ser reconhecida em qualquer lugar, mas que evita lugares como o escritório do *Youtube* porque se sente constrangida quando as pessoas a reconhecem, se aproximam e pedem para tirar fotografias.

Apesar desse constrangimento de ser reconhecida em sua vida fora da *internet*, Camila diz gostar muito da pessoa que ela é *online*, mas deixa claro que a identidade apresentada pela

internet para os clientes é uma identidade visada, representada e editada por ela. Ela tem dificuldades em explicar que online ela “finge” ser quem ela é, porque ela tem consciência de que o que é mostrado ali faz parte de sua identidade, mas são informações selecionadas para mostrar apenas a sua “melhor performance”.

Porque os clientes sempre elogiam a gente. A gente está no modo automático com o cliente. A gente é, entendeu? A gente quer, a gente está dando um show para os clientes, a gente está fingindo. Não é que está fingindo, a gente está interpretando um papel, que somos nós, não é com fingimento, é a gente mesmo. A gente está na performance de ser a gente, mas a gente não está tão relaxado. A gente está trabalhando. Depois, nas relações pessoais, a tendência é a gente ser um pouquinho menos fingidora, né.

Ela se apresenta como uma pessoa cheia de energia e usa o Sol como metáfora para se autodefinir. Essa forma de se apresentar e se promover reflete o discurso do empreendedorismo que ela usa como referência para o seu negócio e o discurso de vendas, que fez parte de sua atuação profissional como apresentadora de televisão para o varejo.

Nas minhas [relações] profissionais eu me defino como uma pessoa cheia de alto astral, cheia de energia, um sol. Sol, tipo, o núcleo do sol. Com as minhas relações profissionais, o núcleo do sol, querendo atingir todo mundo, todos os meus clientes com o meu brilho. Focar todos com o meu brilho. Por que eu já tenho muito brilho próprio e eu quero fazer é passar para todos eles o que eu tenho. Então, nas relações profissionais é mais ou menos isso.

4.2.1.5. *Empreendedorismo*

Um percurso temático importante na narrativa de Camila é o discurso do empreendedorismo. Ela fala desse trabalho com satisfação e orgulho, se apresentando como uma pessoa muito realizada com o negócio que “inventou” para atuar.

É poder ser, é poder empreender aqui, aquele trabalho inventei, o trabalho dos sonhos, porque ele não existia, então eu inventei ele. Então essa é a minha maior realização.

Ela apresenta o empreendedorismo digital como algo libertador, que dá a ela um controle sobre a própria vida que, mesmo não garantindo total segurança financeira, oferece a ela uma possibilidade de viver com “tesão pela vida”, de organizar o próprio tempo, de ter momentos de ócio, de tirar miniférias e de decidir os processos de trabalho.

Hoje, a minha prioridade, o meu trabalho só é tão importante, ele só me define, Gizelle, porque é ele que me dá condições de, por exemplo, tirar microférias, de tirar uma semana para ficar com o meu namorado, de tirar 2 dias off ou mais ou menos off para eu ficar “deboando”, sabe?

Essa é a minha motivação todos os dias. É não precisar voltar para um trabalho fixo. Como dizia o meu namorado: “voltar para um trabalho honesto”. Trabalho honesto que ele fala. Nossa... Deus me livre voltar para um trabalho honesto! [risada].

Ela destaca a autonomia que ela conseguiu ter assumindo as responsabilidades pela própria vida, ao se separar do marido e passar a trabalhar por conta própria:

Porra! Nota mil. Eu só, só não tenho autonomia nas coisas que seres humanos não têm autonomia mesmo, sei lá, amanhã eu posso ter um câncer, né? Amanhã ou depois pode acontecer uma merda e eu ficar internada na cama. Mas no dia de hoje, na nossa conversa de agora, eu sou plenamente autônoma. Talvez eu não seja autônoma para ir, sei lá, para Paris, se eu quiser. Para ir para os Estados Unidos, como eu adoraria ter ido e não consegui visto [risada]. Então assim, eu não sou autônoma para certas coisas muito amplas.

Outro ponto que reforça a satisfação de Camila em atuar na *internet* é o fato de ser reconhecida pelo trabalho, ser procurada pelas pessoas e poder ter acesso ao resultado do seu trabalho. Ela gosta da identidade que tem na *internet* e de sentir que o conteúdo que produz é útil para as pessoas.

Eu acho uma delícia ser quem eu sou na *internet*. (...) Meu trabalho está sendo feito, eu tenho sido procurada cada vez mais por pessoas. As pessoas querem comprar coisas de mim. Então está bom! Então eu descrevo essa minha atuação como uma coisa linda, as pessoas se impactam, elas compartilham os meus vídeos, os meus conteúdos, elas fazem, elas se transformam com o meu conteúdo. Elas pegam aquilo, fazem seus vídeos, usam aquilo como algo útil. Então eu, de fato, estou bem satisfeita com essa minha atuação na *internet*. Bem feliz mesmo.

Entretanto, apesar de ser muito satisfeita com a decisão de empreender na *internet*, Camila também é crítica ao discurso do “marketing digital” que faz parecer que é um percurso fácil. Ela explica que gosta da imagem de “mulher empreendedora” e que “se fez com bastante trabalho”, mas que há um risco nessa decisão. Ela afirma ter coragem para lidar com os riscos de não ter certeza se vai conseguir pagar o aluguel ou colocar comida na mesa para o filho, mas que muita gente não conseguiria lidar com isso.

Eu gosto, principalmente, dessa imagem assim. Mulher empreendedora, esforçada, que, que não nasceu rica, ao contrário, que não está nem rica agora, mas que está agora em um bom momento. Está conseguindo pagar suas contas, morar sozinha, que se fez com bastante trabalho. E fazendo trabalho que ama. E eu gosto principalmente de ser esse exemplo, porque eu, a, eu quero que as pessoas vejam que é possível. É possível conseguir, entendeu? Só que precisa de trabalho. Eu sou uma pessoa que mostra também que trabalha para caralho, que não é fácil, assim, no estalar de dedos. É só possível, só que não é tão fácil, né. Você tem que trabalhar, exigências tem muitas. (...) Você tem que assumir esses riscos de empreender também, porque empreender também não é para qualquer um. Tem que ter bastante coragem. E eu tenho, entendeu? Eu tenho bastante coragem de falar “sei lá se eu vou pagar aluguel mês que vem, me viro. Um jeito eu dou”. Tem gente que não consegue trabalhar nessa hipótese. Tem gente que não consegue dormir direito se não sabe se vai conseguir pagar o aluguel, entendeu? Não sabe se vai botar comida na mesa para o filho. E tipo eu não sei se eu

vou, eu realmente, ter dinheiro para com, dar comida para o meu filho mês que vem, mas que, que ele vá passar favor ele não vai, porque um jeito eu vou dar, entendeu? Então assim, eu quero passar essa imagem. De mulher empreendedora, destemida e generosa com o que aprendeu.

Esse discurso de Camila mostra que a sua situação como empreendedora ainda é vulnerável e de certa forma precarizada. Entretanto, considerando a história de abusos a que foi submetida ao longo da vida, ela considera essa uma escolha empoderadora e libertadora.

4.2.1.6. *Dificuldades nos relacionamentos pessoais*

Um ponto interessante na narrativa de Camila é que, se por um lado ela fala animadamente sobre as relações com sua comunidade virtual e clientes, quando menciona as suas relações pessoais, ela assume uma postura mais triste, demonstra certa frustração por ter dificuldades nesses relacionamentos e se apresenta de maneira mais negativa.

Nas relações pessoais, já não é essa Camila tão intensa. É, é difícil para mim te responder como é no pessoal assim. É uma Camila, agora, agora tendo essa visão um pouquinho menos egocêntrica na parte pessoal, é tentar ser essa Camila menos mala, menos, que grita menos, que, né, que fala mais baixo, que é menos chata. Nas relações pessoais, Gi, eu estou tentando equilibrar bastante isso, porque eu acho que eu ainda erro bastante. Porque eu sou uma, eu sou mimada, eu sou, eu falo alto demais, eu sou vaidosa demais. Eu quero tudo para mim, eu quero que façam as coisas para mim, entendeu? Eu sou que nem aquela rainha. Eu quero que me sirvam, entendeu? [Risadas] Então eu acho que está na hora de mudar, entendeu? É, e talvez é isso também que minha irmã também está de saco cheio comigo, minha mãe também, inclusive, meu... Minha família, minhas, as pessoas que estão muito perto de mim percebem isso. Meu companheiro já vê isso.

Então é muito difícil para mim falar pra, pra, é, p... É muito difícil para mim falar para você o quanto, o que eu sou nas relações pessoais, porque as relações pessoais são muito delicadas, são muito diferentes das, com os clientes. (...) nas relações pessoais, a tendência é a gente ser um pouquinho menos fingidora, né. É a gente se, a gente relaxar, a gente ser a gente mesma e é aí que está o erro, porque aí que a gente passa a ser defeituosa mesmo. A gente passa a ser aquela pessoa que às vezes é chata com a outra, que a gente é grosseira, etc. Inclusive, às vezes eu estou gritando, eu grito com o meu filho, do jeito que eu gritava com o meu ex-marido.

A grande diferença que Camila percebe entre as relações pessoais e as relações pela *internet* vai ao encontro do que Barak e Sadowsky (2008) apresentam em sua pesquisa de que a *internet* possibilita conexões emocionais profundas e de Amichai-Hamburger (2008) de que a *internet* favorece pessoas que têm dificuldades nos relacionamentos pessoais a construírem relações mais saudáveis, o que poderia inclusive ajudar a melhorar as relações *offline* à medida que a pessoa se sinta mais segura com as relações que constrói na *internet*.

4.2.1.7. O sexo e a sexualidade

O percurso temático do sexo e da sexualidade tem grande destaque na narrativa de Camila. Ela fala muito abertamente sobre como exerce sua sexualidade e como o sexo tem importância central em sua vida. Ela conta que esse fato era um ponto que gerava conflito na família. Esses conflitos têm relação com as práticas sociais que geram uma expectativa de que mulheres tenham um comportamento sexual recatado, nas quais ela não se enquadra.

Eles [se referindo aos pais] não sabem, mas o meu hobbie é sexo [risadas]. É disso que eu gosto. Se tem alguma que me dá barato na vida, essa coisa é sexo e ler. (...) Então assim, o dia que o meu pai surtava era o dia que realmente dei para caralho assim. Então [risadas] ele sabia que a filha já estava chegando nesse ponto com a buceta [risadas] [faz um gesto com a mão dando a entender que estava aberta]... Ele sabia, gata. Se não, ele... né? Ficava puto.

Ela usa metáforas sexuais ao longo da narrativa para explicar o prazer em realizar suas atividades.

Eu sou uma pessoa que tenta extrair prazer de tudo, tesão de tudo, em tudo. Tudo, tudo. Se uma coisa para mim é *boring*, eu quero mudar disso, entendeu? Então, (...), se o meu presente momento está sendo *boring* ou não, porque eu tento extrair, eu sou hedonista, né, eu quero prazer com tudo. É, então, eu penso também que eu sou muito sexual, né, então, o sexo para mim é a coisa mais intensa do mundo, assim.

Quando eu vendo e vejo que uma pessoa me compra... Cara, é um orgasmo! **[Risada]** [Risada] Sabe? É um orgasmo, é uma vitória.

É poder continuar seguindo essa linha mesmo de padrão de vida, de, de tesão pela vida que eu tenho tido com essa realização profissional. Essa é a minha motivação todos os dias.

Como coloca o sexo como algo muito importante na sua vida, Camila relata as estratégias que utiliza para lidar com o fato de que seu namorado mora em outra cidade e ficam muito tempo sem se encontrar:

E eu sou uma pessoa muito fogosa sexualmente. Eu preciso de mais sexo inclusive do que ele. E a gente passa, Gizelle, 2, às vezes 3 semanas sem se ver. Então eu preciso de sexo mesmo e tal. Tanto é que, no começo, eu nem transava com outros caras, eu estava bem de boa. Mas ultimamente eu não tenho conseguido. Eu tenho saído com uma aqui, outro ali de vez em quando. São pessoas queridas também, não é com qualquer um também. É um ou outro que é amigo, amigo colorido e... só transo, mas a paixão da minha vida mesmo, o amor da minha vida, o homem com quem eu estou, o homão da porra com quem eu estou é o Alexandre.

Além disso, ela inclui o sexo e a masturbação em sua lista de atividades cotidianas, de uma forma incomum:

Eu fico pagando umas continhas que estavam atrasadas, eu fico em casa sem fazer nada, me masturbando, sabe? [risada]. Eu fico conversando com o namorado, eu fico lendo.

Eu, sexo, para mim, é a melhor sensação e, e, leia-se sexo como se masturbar, e como, né, o sexo em si, tal. Para mim, essa prática é a coisa mais deliciosa, mais intensa, mais prazerosa do mundo. Então eu tento ver prazer em todas as práticas que eu faço na minha vida. Desde, desde, de um cafezinho até, sei lá, o próprio sexo. Então é isso.

A forma como Camila se expressa sobre a sexualidade demonstra uma forma de resistência aos estereótipos de feminilidade. Ela escolhe deliberadamente um vocabulário obsceno que deixa implícito uma afronta. Essa afronta fica clara quando é questionada se se preocupa com o que as pessoas pensam dela:

Eu não fico pensando em termos de “será que eles me acham uma puta? Será que eles me acham não sei o quê, uma feminista cabeluda?” E não sei o quê. Essas preocupações que, em geral, a gente pode vir a ter, não é isso não. O que me preocupa é se eles estão achando que o meu trabalho está sendo bom, se eu, se, se eles estão se sentindo acolhidos e bem atendidos, entendeu? Se estão tendo sucesso com o negócio deles. A minha preocupação é essa.

A partir desses dados, elaborou-se o Quadro 3.

Quadro 3 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Camila Bastos

P T	Personagens	Função na narrativa	Ações importantes
A família tradicional	Camila	Protagonista	Rebelde, questionava os controles machistas do pai, brigava por mais liberdade.
	A mãe dona-de-casa	Coadjuvante	É católica e devota. Trabalhava antes de se casar, mas parou para cuidar das filhas. Ficou no meio da briga de Camila com o pai.
	O pai operário	Coadjuvante	Trabalhava como operador de empilhadeira em três turnos. Se tornou opressor quando as filhas ficaram adolescentes e controlava violentamente o comportamento sexual delas.
	A irmã	Coadjuvante	É cúmplice e amiga de Camila.
A escola	Camila - CDF	Protagonista	Era considerada feia na escola, mas era estudiosa e dedicada
	Bernardo - o amigo gay	Coadjuvante	Uniu-se a Camila na escola e sofria <i>bullying</i> como ela. Enfrentaram juntos a hostilidade dos colegas na escola.
	A galera esquisita	Coadjuvante	Era como Camila se referia à sua própria turma de amigos no colégio.
	Os bullies	Antagonistas	Hostilizavam Camila pela aparência e o Bernardo por ser gay

(Continua...)

Quadro 3 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Camila Bastos (cont.)

A necessidade de independência	Camila	Protagonista	Orgulha-se de ter a própria casa, ter "inventado" seu trabalho e garantir sua autonomia.
	O pai opressor	Antagonista	Reprimia o comportamento sexual de Camila; chamava Camila de vadia, vagabunda e acusava a mãe de ser culpada pelo comportamento dela.
	O ex-marido violento	Antagonista	Camila foi casada durante 7 anos e teve um filho desse casamento. Relacionamento abusivo e violento; ela se sentiu muito aliviada em conseguir romper essa relação.
	A maternidade	Antagonista	Foi difícil para Camila assumir a função da maternidade. Ela se sentia presa e irritada. Quando se separou do marido, combinaram a guarda compartilhada de forma que ela ficasse com o filho aos fins de semana e o ex-marido, durante a semana.
	O emprego fixo	Antagonista	Era sufocante para Camila. Para ter mais controle sobre o próprio tempo, decidiu pelo empreendedorismo virtual.
A internet	Camila – celebradezinha	Protagonista	É reconhecida pelo seu público e recebe reforços positivos constantes dos seguidores.
	Camila - a personagem	Protagonista	Com seu público e clientes, ela representa “o sol” que ilumina a todos com seu brilho.
	Os clientes	Coadjuvantes	Gostam do show que Camila faz e sempre a elogiam; não se interessam pela sua militância feminista
	Os amigos virtuais	Coadjuvantes	Alguns seguidores e clientes passam a se relacionar com Camila por meio das redes sociais na <i>internet</i> e se tornam seus amigos.
o sexo e a sexualidade	Camila	Protagonista	Fala abertamente sobre sexo e masturbação; prefere relacionamentos abertos porque sente necessidade de variedade e frequência, aspectos difíceis em um relacionamento monogâmico.
	Alexandre - o namorado	Coadjuvante	Mora em outra cidade e não consegue visitar Camila com frequência. Para ele sexo não é a prioridade no relacionamento como é para ela e concorda que ela se relacione sexualmente com outros homens quando ele não está na cidade.
	Camila com tesão pela vida	Protagonista	Usa termos sexuais para descrever todas as coisas boas em sua vida. Se ela consegue comprar um novo equipamento, diz que "foi um orgasmo", se ela está empolgada com um novo projeto diz que "está com tesão" e assim por toda a narrativa.
Relacionamentos	Camila - a mala	Protagonista	Tem mais dificuldade em suas relações pessoais <i>offline</i> do que as relações pela <i>internet</i> . Ela explica que sabe que é mala - egocêntrica, inconveniente, que grita em espaços públicos. Diz que tenta mudar essas características e consegue pela <i>internet</i> , mas nas relações pessoais acha mais difícil.
Empreendedorismo	Camila – empreendedora	Protagonista	Inventou o próprio trabalho e tem conseguido sucesso em sua empresa e em seu canal no <i>Youtube</i> .
	Camila - trabalhadora	Protagonista	Gosta da imagem de trabalhadora e competente. Diz que empreender pela <i>internet</i> tem como vantagem ter mais controle sobre o tempo de trabalho, mas que é preciso muito trabalho e dedicação.
	Camila - assume riscos	Protagonista	Afirma que para empreender é preciso aguentar a pressão da instabilidade da renda e dos riscos que implicam ter um negócio próprio.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: PT = Percursos temáticos.

4.2.2. O processo de empoderamento de Camila

A narrativa de Camila é repleta de relacionamentos abusivos e dificuldades de relacionamentos. Camila sofria *bullying* na escola, era oprimida pelo pai, saiu de um namoro com um homem ciumento e controlador para um casamento abusivo em diversos aspectos. Superar esses relacionamentos é um processo empoderador para ela. Em sua narrativa, ela narra as dificuldades para se afastar desses relacionamentos e o fato de assumir o risco de se manter sozinha, mas “libertar-se” das relações que a oprimem foi um processo importante na sua construção identitária e em seu processo de empoderamento.

Esse processo de empoderamento envolveu deixar o trabalho como apresentadora de televisão para se tornar “empreendedora virtual”. Camila precisava de um trabalho que lhe garantisse autonomia financeira para que conseguisse se manter e encontrou na *internet* a possibilidade de utilizar as competências que já tinha desenvolvido em sua experiência como apresentadora para criar um negócio digital.

Outro ponto que se destaca no processo de empoderamento virtual de Camila é o fato de que divulgar suas experiências pessoais pela *internet* contribui para que pessoas que se identifiquem com suas histórias se aproximem e estabeleçam relações profundas com base em interesses em comum. Esse ponto leva a dois ganhos principais para Camila. O primeiro é que ela consegue estabelecer relações mais saudáveis em que ela se sente mais segura e reconhecida, ajudando-a a superar as dificuldades que tem no relacionamento com as pessoas com as quais convive intimamente e em relação às quais ela tem uma autoimagem muito negativa. Além disso, por meio da *internet*, ela consegue formar uma comunidade virtual onde não se sente “o patinho feio” ou “da turma dos esquisitos” e consegue validação para características identitárias reivindicadas.

Em um nível mais amplo, Camila aproveita a visibilidade do seu canal para apresentar algumas reflexões sobre liberdade sexual feminina e maternidade compulsória que são os pontos que mais afetaram a sua vida.

No Quadro 4, apresentam-se as ações de Camila na *internet* para favorecer o empoderamento feminino.

Quadro 4 - Ações de Camila que favorecem o empoderamento

Ações	Características
De apresentadora a empreendedora	Camila trabalhou por muitos anos como apresentadora de TV para varejo, mas tinha dificuldade em se adaptar a uma rotina rígida de trabalho em empresa. Ela afirma que foi libertador para ela "inventar um trabalho" que seja alinhado à sua personalidade e ter a possibilidade de controlar mais o tempo e as práticas organizacionais.
Autonomia financeira	Camila destaca o fato de que o empreendedorismo virtual lhe possibilitou aumento de sua renda, capacidade de viver sozinha e ter mais controle sobre seu tempo e sobre a própria vida.
Autodivulgação	A autodivulgação de experiências pessoais na <i>internet</i> faz com que as pessoas se identifiquem e se aproximem considerando as características que ela divulga sobre si.
Superação das dificuldades de relacionamento	Camila conta que suas relações pessoais são complicadas, que ela é considerada inconveniente, egoísta e mimada. Pela <i>internet</i> ela considera mais fácil construir relações em que ela pode ser quem é, sem os julgamentos morais a que estava exposta nas relações <i>offline</i> .
Formar uma comunidade virtual	Camila conseguiu formar uma comunidade virtual na qual se apresenta como uma mulher alegre, competente, independente e bem-sucedida, e por meio da qual recebe apoio e reforço positivo para a consolidação dessa identidade reivindicada.
Questionar a maternidade compulsória	Um dos principais pontos que Camila discute na rede é a maternidade compulsória. Ela fala abertamente sobre o fato de não gostar de ser mãe e sobre as críticas que recebe por causa disso.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.1. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Camila

Camila cresceu em uma família de classe média baixa, que morava em uma casa em “uma ruinha tranquila” na região metropolitana de São Paulo onde podia brincar livremente e estudou sempre em escolas públicas.

No seu processo biográfico, Camila enfrentou uma série de violências que deixaram marcas em seus relacionamentos pessoais. Ela conta que sofria *bullying* na escola e era considerada esquisita e buscava compensar essa dificuldade nos relacionamentos com os colegas sendo estudiosa e dedicada. Em casa, Camila tinha sérios desentendimentos com o pai conservador que ficava furioso com o fato de ela ter uma vida sexual ativa. Os relacionamentos amorosos que teve também tinham uma dinâmica violenta e abusiva, o que levou Camila a uma busca por autonomia e liberdade.

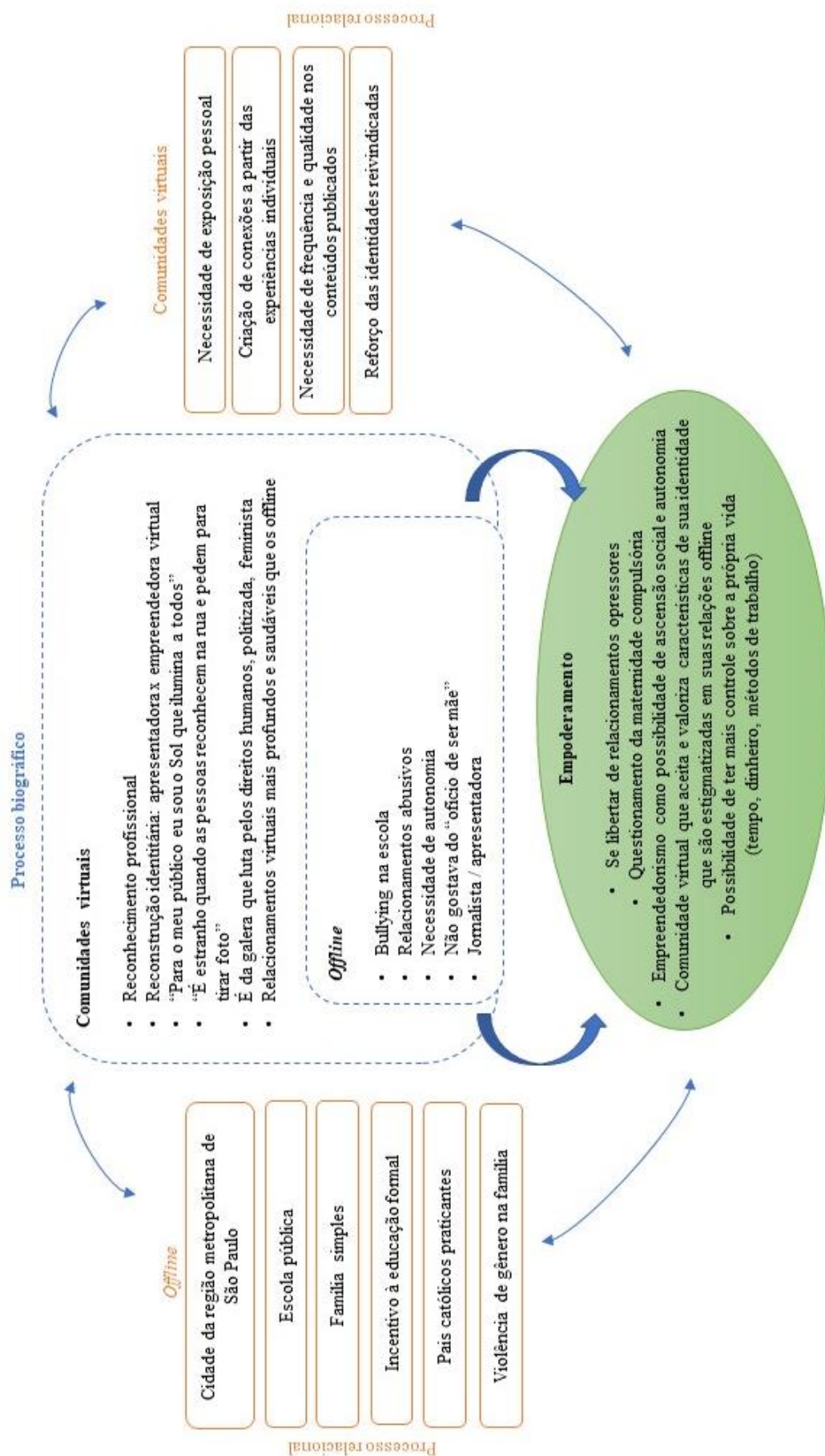
A *internet* ofereceu a ela o espaço para construir relações mais saudáveis e agradáveis para ela. Além disso, possibilitou uma mudança na carreira que lhe oferecia mais autonomia e retorno financeiro. Por meio dos seus conteúdos, ela formou uma comunidade virtual com a qual ela se mantém conectada frequentemente, compartilha seus pontos de vista, sua rotina e seu trabalho atraindo pessoas com interesses e características identitárias semelhantes que ajudam na consolidação da sua identidade visada.

Nesse processo, destacam-se alguns pontos que podem ser considerados como empoderamento em sua narrativa: sair de relacionamentos abusivos e, mesmo sem muita segurança financeira, conseguir se manter sozinha em São Paulo; criar um negócio virtual que garantisse uma valorização das suas competências profissionais e mais controle sobre a própria vida, especialmente no que diz respeito à organização do tempo, dos métodos de trabalho e do dinheiro.

A Figura 9 sintetiza como se relacionam os processos identitários, o empoderamento e as comunidades virtuais na narrativa de Camila Bastos

.

Figura 9 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Camila Bastos



Fonte: Dados da pesquisa

4.3. Mia Balarini

Mia Ballarini é psicóloga, mãe e *coach* de carreira e empreendedorismo para mulheres. Ela é casada, tem 37 anos e dois filhos. A sua atuação na *internet* se dá principalmente por meio do seu trabalho como *coach* de carreira e empreendedorismo para mães, via *internet*, em uma empresa virtual que ela criou após ser demitida ao voltar da licença-maternidade do primeiro filho, em 2013. Em suas páginas no *Facebook*, Twitter e Instagram, ela posta mensagens motivacionais, informações sobre conciliação de carreira e maternidade e faz conversas ao vivo com o público sobre os temas relacionados às questões de maternidade e carreira. Nessas redes, ela também divulga as turmas de *coach* e mentoria que ela vende e ministra pela *internet*. Mia foi escolhida para participar da pesquisa por suas discussões sobre as questões que pesam na carreira feminina e as dificuldades de conciliação com a maternidade.

A entrevista de Mia foi realizada com agenda rigorosamente fechada, combinada para durar duas horas, o que foi cumprido, mas que comprometeu o aprofundamento em algumas questões narradas. Ela fez questão de que a entrevista fosse realizada por meio da plataforma virtual que ela utiliza para suas sessões de *coach*, e o vídeo e áudio originais da conversa foram gravados por ela e depois compartilhados com a pesquisadora¹⁸. Mia estava em seu escritório em casa, e a sua narrativa tinha um estilo objetivo e planejado. A narrativa de Mia recorre muito ao discurso organizacional e corporativo, evocando conceitos como carreira, sucesso, empreendedorismo, esforço, trabalho duro entre outros. Como Mia disponibilizou pouco tempo para aprofundamento em sua narrativa, algumas informações foram coletadas em suas redes sociais ou em fontes secundárias de forma a aprofundar a compreensão do seu relato.

¹⁸ A pesquisadora utilizou um gravador externo para registrar o áudio da entrevista e garantir a coleta de dados, caso o sistema da entrevistada tivesse algum problema.

4.3.1. Percursos temáticos na narrativa de Mia

4.3.1.1. *Contexto familiar*

Na narrativa de Mia, o contexto familiar que ela apresenta é o de uma família de classe média alta. Seus pais tinham formação superior e esperavam que os filhos também tivessem. Em sua narrativa, ela menciona “os carros da família”, a empregada doméstica, a formação acadêmica avançada dela e dos irmãos, e outras características familiares que deixam claro que ela vem de uma família com recursos financeiros.

Nesse percurso temático, ela apresenta a mãe, o pai e a empregada doméstica. Já os irmãos ela apresenta em bloco, se referindo a eles sempre em conjunto. Um dos irmãos aparece depois, no percurso temático do empreendedorismo, como o sócio minoritário com quem ela se aconselha para as decisões de negócio.

Para Mia, a mãe foi um exemplo de mãe com carreira para ela e que sua vivência a possibilitou acreditar que era possível. Nesse ponto, fica claro o que Dubar (2005) descreve como processo relacional na construção da identidade. Ela tinha acesso a essa categoria de mãe com carreira e se identificou com ela, incorporando-a à sua própria identidade.

e... a minha mãe, eu falo que, é a primeira mulher, mãe, com carreira, que eu conheci, né? E... e é por, por ela que, eu vi que era possível, eu acreditei nisso, sabe?

A falar sobre a mãe, Mia apresenta a empregada doméstica que trabalhava em sua casa. Mas ela não usa essa expressão. Ela se refere à empregada como “rede de apoio”.

E, assim, ela sempre teve rede de apoio, é... ela, a minha vó morreu muito nova, mãe dela, então, a minha vó, nunca cuidou de mim, por exemplo, morreu bem antes de eu nascer e a minha outra vó, não era uma vó... presente, assim. Então, é... minha mãe tinha uma pessoa de apoio em casa, que trabalhava lá, que era da confiança, que ficou muitos anos, é... lá, inclusive, assim, tem laços de amizade até hoje, minha mãe é madrinha de uma das filhas dela...

Essa expressão é muito usada nas discussões *online* sobre maternidade em que as mulheres destacam a sobrecarga a que são expostas as mães devido às necessidades intensas de cuidado das crianças pequenas. Essa rede de apoio reivindicada diz respeito a aspectos sociais e coletivos, como o apoio de familiares, amigos e vizinhos, assistência social, delegacia da mulher, escolas e creches em horários expandidos e próximas ao local de trabalho, divisão das tarefas domésticas, apoio psicológico, políticas públicas, entre outros. Mas Mia utiliza a expressão para designar a relação da mãe com a empregada doméstica. Ao fazer essa redução

do conceito, ela reproduz um discurso de classe muito criticado pelas feministas interseccionais em que as mulheres saem de casa para ter uma carreira e contratam outras mulheres que estão em situação mais vulnerável para substituí-las nas tarefas domésticas. O ponto principal da crítica é que essas mulheres são triplamente subordinadas: pelo gênero, pela classe e, na maioria das vezes, pela raça. Dessa forma, as mulheres que contratam as empregadas domésticas têm acesso a espaços de maior status social, e, com isso, há uma impressão de avanço no que diz respeito às relações de gênero, mas na prática as relações que designam à mulher todo o trabalho doméstico permanecem inalteradas. Isso significa que o trabalho doméstico e de cuidado continua sendo realizado por mulheres, mas ele passa a ter também um componente de classe e raça. As mulheres que realizam o trabalho doméstico e permitem a ascensão social das patroas são, na maioria das vezes, pretas, pobres e têm inclusive sua identidade como profissionais negadas uma vez que são descritas como uma amiga ou quase da família. No discurso de Mia, as relações profissionais entre a mãe e a empregada doméstica são atenuadas quando ela destaca que a pessoa era um “apoio” em casa e que estabeleceram uma relação de amizade e confiança que se mantém até hoje.

Ontem mesmo, minha mãe comentou que foi comprar o presente de casamento, da outra, então, até hoje elas tem relacionamento, né? E... é... e foi uma pessoa que ficou... ela ficou muito tempo, muitos anos lá em casa e... e ajudou mamãe.

Apesar de Mia narrar que empregada doméstica era uma pessoa “da confiança”, “que ficou muitos anos”, “que tem laços de amizade até hoje” com a mãe, ela conta que a mãe dava “incertas” o que mostra que essa relação não era tão íntima e de confiança como ela descreve e que havia uma relação de poder implícita ali, que ela poderia aparecer a qualquer momento para verificar se o trabalho estava sendo realizado como ela esperava.

Uma coisa, ela brinca que, assim, ela dava incertas. Então, por exemplo, às vezes, não era dia dela estar em casa, mas, aí, ela aparecia lá, uma quinta-feira, duas e meia da tarde, para ver o que que estava rolando, entendeu? A mamãe estava sempre, sabe, dava essas incertas, assim, então, tinha manhãs que ficava com a gente e tardes e, tinha dias que aparecia assim.

Para ela, a mãe adotou posturas diferentes para educar os filhos homens e as filhas mulheres. Com eles teve muito mais rigor e com elas muito mais apego, mais colo. Mas ela nega o fato de que havia uma questão de gênero marcando essa diferença. Ela justifica isso afirmando que a mãe ensinou “meus irmãos a cozinhar”. E reforça que nunca foi questão de machismo, mas de amadurecimento da mãe, já que os irmãos são mais velhos.

Então, assim, e, é... eu vejo com nitidez, assim, a maneira, a criação, a maneira de conduzir que, foi comigo e com a minha irmã, diferente que foi com os meus irmãos. Com meus irmãos, eles tiveram muito mais rigor, assim, uma, sabe, não que, a gente, não tivesse ajuda, ou tivesse dado errado, por não ter. mas eles foram mais... vamos dizer assim, o que, hoje, a gente chama de criação com apego... de ouvir a criança... de mais colo, mais com a gente, do que com os meninos. Não é uma questão de sexo, não, porque minha mãe não tem esse negócio, mamãe... mamãe ensinou meus irmãos a cozinhar... minha mãe, minha mãe é uma mãe que, assim, ela preparou eles muito para a vida, sabe? É... então, nunca foi nada, por causa de machismo, mas pela questão de amadurecimento mesmo, assim, de entender, assim: “Calma, criança chora, normal criança chorar.” Né? Coisas assim, mas eu tenho lembranças muito boas, da minha infância, assim, com eles.

Essa contradição deixa implícito que Mia se apropriou do discurso do empoderamento feminino liberal que analisa as desigualdades de gênero quase exclusivamente no campo econômico. Ou seja, para ela, o comportamento da mãe não poderia ser machista já que ela era uma mãe com carreira que servia de exemplo para as filhas e que ensinava os filhos a cozinhar. Ela busca outras vozes para confirmar a sua percepção de que sua mãe não reproduzia os padrões tradicionais de gênero na educação dos filhos e diz que as cunhadas comentam sobre a participação deles nas tarefas domésticas, o que, segundo ela, não é vantagem, mas que a sociedade tem uma visão diferente.

Tanto que, assim, é... eu vejo, minhas cunhadas, mesmo, comentam, sabe, que... é... uma... dentro da geração deles, o que não é vantagem nenhuma, né, mas, dentro da geração deles, é diferente dos amigos, sabe, a participação deles, a forma que elas falam... É. Não é vantagem nenhuma, não é... né, é tipo... aquela piadinha do... do marido da... Fernanda, Fernanda... **Lima, né, o Rodrigo.** É, homão da porra, não sei o quê, não tem nada disso... tipo, é obrigação o cara, pô, o cara teve filho, o cara tem casa, ele dorme, come ali, né, mas a sociedade, às vezes, tem uma visão diferente, né?

Em outro momento, falando sobre a relação com a mãe, mais uma vez aparece a questão de gênero e de classe. A mãe não queria que ela estudasse à noite “porque é perigoso”. Essa noção de que à noite é perigoso para as mulheres estarem fora de casa é um forte limitador da mobilidade das mulheres que as mantêm inseguras e excluídas de diversos espaços. Ela relata que a mãe a pressionava sob “tortura”, e essa tortura significava que ela teria que pegar dois ônibus e andar sozinha à noite por três quarteirões, sendo que ela tinha a opção de ir de carro se a mãe ou o pai se dispusessem a buscá-la na universidade. Essa necessidade de se expor ao risco de andar sozinha à noite a deixava aterrorizada. Fica claro que a pressão para ela mudar o turno na universidade tinha um componente de gênero e de classe uma vez que os pais tentaram manipulá-la negando-lhe um conforto a que estava acostumada e promoveram um medo que está associado à noção machista de que uma mulher não deve andar sozinha à noite.

Ela: “Não, faz faculdade de manhã, porque você tem que dedicar, porque à noite é perigoso.” Inclusive, assim, é a preço de tortura, tipo: “Você vai ter que voltar de ônibus da faculdade, porque eu não vou te buscar. Você não tem carteira.” Gizelle, eu voltava da faculdade, chorando, porque tinha medo (...) eu descia a pé e ia, andava, assim, uns três quarteirões até minha rua, onze e meia da noite (...) e a mamãe: “Não, não.” Assim, eles são muito assim, sabe? “É a sua escolha, é a sua escolha, então, vai bancar sua escolha.” E eu banquei, eu fiquei um ano para tirar a carteira, eu fiz quatro exames de rua, custei tirar a carteira e, aí, no dia que eu tirei a carteira, papai falou: “Não, agora você pode ir para a faculdade de carro.” E, aí, [suspiro] deu aquela aliviada, mas, no início, eu peguei, eu fiquei o primeiro o ano da faculdade inteiro de ônibus, dois ônibus, à noite e, assim, não sei, né? É... mas eu, hoje eu não ando essa hora da noite na rua mais, sozinha, mas eu lembro que eu tinha medo de verdade, assim, sabe? Tinha medo de violência urbana e... mas eles não cederam, não, sabe, tipo: “Você que, você que escolheu. Quer mudar para de manhã? A gente vai lá na PUC e tenta conseguir a vaga para você de manhã, você não quer, não? Então, você banca.”

Mia relata que os pais sempre deixaram implícito que esperavam dos filhos que eles “dessem certo na vida”. Esse “dar certo na vida” significava, na visão dela, bons resultados profissionais.

Eles sempre quiseram que, a gente, “desse certo na vida”. E, o que, que esse desse certo na vida que, eu imagino, que foi, tem coisas que são comunicadas, Gizelle, assim... entre linhas, né? É... então, assim, se todo mundo trabalhasse, se todo mundo estudasse, tivesse faculdade, pós-graduação, e tivesse um, um bom trabalho, né, na visão deles, um bom emprego, é um bom, é... é... como é que fala? Uma, uma posição, um, em uma empresa pública, que fosse.

E aí ela afirma que, enfim, todos alcançaram os objetivos e a mãe tem muito orgulho “do resultado que deu”.

Assim, é, a mamãe fala que, ela, tem muita... muito orgulho, assim, sabe, da... do resultado que deu, sabe, porque... ela fala que não foi fácil... a luta de ter cinco filhos, né? (...) mas, assim, todo mundo trabalha, todo mundo constituiu família e, cuida das..., tem suas coisas, realiza seus sonhos, enfim.

Ao apresentar o pai como personagem em sua narrativa, Mia não se aprofunda como fez com a mãe. Ela descreve sua relação com o pai como carinhosa e menciona lembranças da infância, brincadeiras no final de semana, mas também se recorda de ficar magoada pelo fato de o pai não se ausentar do trabalho para participar da festa de dia dos pais e conta que quem a acolheu foi a mãe. Isso reforça o estereótipo de que os pais se envolvem pouco no cotidiano da criação dos filhos, assumindo principalmente as atividades de lazer em momentos de folga.

Uma vez, uma festinha de escola (...) meu pai, por uma questão profissional, ele não se ausentou do trabalho e perdeu a festinha do dia dos pais. Eu chorei muito, assim, tipo, ‘piti’ mesmo, assim, chorei muito, não aceitei aquilo e tal. Mamãe falou: “Não, eu vou te levar no trabalho, papai está no trabalho, ele pediu para eu vir para a festinha e te levar para o trabalho, você vai buscar o papai no trabalho.” Mas eu fiquei, assim, revoltada, para mim, era uma coisa imperdoável, assim, como é que ele não, sabe? Naquele dia eu senti muito, assim, e... é...

Apesar de não se aprofundar na descrição do pai como personagem em sua trajetória de vida, ela destaca o trabalho como algo muito forte em sua vida e que se tornou exemplo para ela e seus irmãos.

É interessante a escolha que ela faz sobre as inspirações dela nas identificações profissionais. Da mãe veio a potencialidade de conciliar a carreira e a maternidade, do pai, o exemplo de trabalho, seriedade e comprometimento, características que ela reivindica para si, constituindo-se no que Dubar (2005) chama de processo biográfico, quando afirma “eu absorvi isso também”.

Mas teve isso, eu lembro disso, assim, que ele, ele tinha uma coisa do trabalho muito forte na vida dele, assim, sabe? Exemplo de trabalho, exemplo de seriedade, exemplo de comprometimento e, aí, eu absorvi isso também, sabe, os meus irmãos também absorveram, todos os meus irmãos são muito... rigorosos, assim, sabe, todos. Com históricos profissionais muito bons, assim, sabe? Onde passam, deixam um legado e eu vejo que isso é muito meu pai, sabe?

Apesar de dizer que o pai era um exemplo de profissional para ela, Mia não disse que profissão era essa que ela admirava tanto, então, durante o processo de análise, a pesquisadora entrou em contato pela *internet* e perguntou sobre isso, e a informação que ela deu foi a seguinte:

Ele fez carreira em uma grande empresa. Entrou como office boy e chegou a gerente geral de uma grande área da companhia (suprimentos).

A explicação, apesar de curta, está completamente alinhada com o discurso que Mia apresenta sobre o trabalho. Ela faz uma topicalização na fala. Coloca como ponto importante a “carreira em uma grande empresa”, definição com a qual ela também se identifica. Depois, esclarece que ele entrou como office boy e chegou a gerente geral, reforçando a noção que ela tem de sucesso pelo mérito individual.

4.3.1.2. *A carreira profissional*

Ao abordar o tema da carreira profissional, Mia adota o discurso da *coach* de carreira e se apresenta sempre de forma positiva, como protagonista e vencedora. Nesse percurso temático, ela apresenta o período de formação acadêmica como um prefácio para a sua narrativa principal – que é a carreira profissional de sucesso. Assim, em sua narrativa, o período da universidade serve para construir uma identidade para si que enfatiza atributos que atualmente são úteis para reforçar a identidade de empreendedora de sucesso que ela quer consolidar. Ela se apresenta como uma pessoa determinada que, ao ingressar na universidade, ainda muito jovem, já estava

decidida a trabalhar e estudar, mesmo sabendo que a família tinha recursos para que ela pudesse se dedicar exclusivamente aos estudos.

O trabalho, Gizelle, sempre teve um espaço gigante na minha vida. Sempre amei trabalhar, amei. Eu me sentia sempre, assim, útil. Tanto que você vê, com dezoito anos, eu briguei com a minha mãe, porque eu quis fazer faculdade à noite, porque eu queria trabalhar de dia.

Ela destaca essa escolha como um ponto positivo em sua trajetória, já que mesmo chegando atrasada frequentemente para as aulas, nunca foi reprovada e conseguia contribuir muito com os professores porque tinha vivência. Nesse percurso, ela destaca ainda que cursou duas pós-graduações enfatizando a importância da formação acadêmica em sua trajetória de vida.

Mia conta que desde o início de sua formação profissional tinha como objetivo uma carreira executiva, e que alcançou esse objetivo rapidamente em sua carreira profissional sendo registrada como gerente aos vinte e quatro anos.

Ela destaca que “adorava, adorava” as atividades que realizava como gerente utilizando jargão da área de gestão e mostrando que estava familiarizada com o discurso gerencial e organizacional. Nesse trecho, em que ela descreve a sua atuação anterior, ela reúne diversos elementos que sinalizam para a grande responsabilidade que ela assumia dentro das organizações que trabalhou, destacando atividades que realizava mesmo não sendo a sua área de formação básica, mas que ela “puxava” para dentro da área de Recursos Humanos (RH) porque gostava. Ela ainda menciona o fato de ter cursado pós-graduação em gestão.

Eu adorava, adorava trabalhar com lideranças... times... com performance, com remuneração, trabalhava, fazia planos de... desempenho, é... com reflexo na remuneração, adorava desenvolver isso, adorava. Trabalhar com clima organizacional também, gestão de clima e campanhas e endomarketing, gosto muito dessa parte de comunicação interna, muito. Então, assim, as empresas por onde eu passei, eu, eu instituí jornal da empresa, revista da empresa, essas coisas todas de comunicação interna, junto com a área de marketing, mas eu sempre puxei a parte do endomarketing para o RH, porque eu gosto. Apesar de não ser publicitária, eu amo a parte de comunicação, amo. É... inclusive foi uma das, uma das cadeiras da pós-graduação - eu fiz pós em gestão -, que eu mais amei, foi marketing, gostava muito mesmo.

A narrativa de Mia indica que ela se sentia satisfeita e realizada na função gerencial até o momento em que a maternidade passou a ser uma opção para ela. A partir do momento em que a gravidez passa a fazer parte de seus planos pessoais, ela percebe que as características da organização e as demandas do trabalho seriam inconciliáveis com a ideia que ela tinha de

maternidade. Ela passa, então, a ter um olhar mais crítico sobre as contradições no trabalho e na cultura da empresa e avaliar que o tempo que passava na empresa era muito grande.

Em seguida, questiona o sentido do próprio trabalho e as motivações das pessoas para estarem naquela organização. Segundo ela, as pessoas se sentiam atraídas pela organização pelo fato de que ser uma empresa grande, pelo status de trabalhar em uma multinacional e ter ótimos salários, numa relação semelhante à descrita por Pagès et al (1993).

Eu não via muito sentido no que eu fazia, porque eu via que tinha muito mais... é... como é que eu vou dizer? Eu não via, ali naquela empresa, é... a importância do trabalho, eu via... o status da multinacional, as pessoas estavam ali, porque era uma empresa grande, mundialmente reconhecida, com ótimos salários, mas eu não via as pessoas dedicadas, eu não via as pessoas, assim, querendo impactar as outras pessoas, impactar o mundo, sabe, eu não via isso e aquilo me incomodava para caramba.

Quando Mia afirma que as pessoas na organização não se importavam em “impactar as outras pessoas” e “impactar o mundo”, ela se utiliza do discurso do *coach* que foi o caminho que ela encontrou para superar essa relação com uma organização que não “ia rolar” para ela. Ela descreve que só começou a olhar criticamente para o comportamento das pessoas na organização quando pensou em ter filhos e percebeu que a cultura de valorizar “que vocês estão ralando pra caramba até essa hora da noite”, mesmo que essa dedicação fosse mera encenação, era prejudicial e tornava quase impossível a possibilidade de conciliar a carreira com a maternidade.

Mia relata que, ao perceber que a forma como o trabalho era organizado inviabilizaria seus planos de ter filhos, decidiu deixar a empresa. Ela não menciona se, como gestora de RH na empresa, tentou sugerir outra forma de organização do trabalho ao assumir esse olhar crítico. Daí subentende-se que ela não sentiu que teria forças para modificar a organização do trabalho e preferiu pedir demissão, mesmo sendo criticada por sair de uma organização que lhe conferia status social.

Então, aquilo começou a me incomodar muito e quando eu pensava que, eu ia ter filho, eu falava assim: “Não, gente, aí que não vai dar mesmo, né? Não vai dar mesmo.” E eu pedi demissão nessa empresa, demissão e, aí, todo mundo, na época, falava: “Ah, você está maluca, como é que você, não sei o quê, nã, nã, nã.” Aí, eu falei para o meu marido, falei que, nesse lugar, eu não conseguia engravidar, não tem energia aqui, o lugar, não dá e, ele: “Tá!”

Mia relata que cogitou a possibilidade de ser funcionária pública, mas que mesmo com uma “pontuação brutal” não conseguiu se classificar. Ela então decide que ia voltar para o mundo

corporativo, mas que ia escolher o tipo de empresa de forma que ela pudesse ter mais voz ativa e mais acesso às pessoas. Subentende-se aí que ela queria escolher uma empresa em que fosse possível conciliar o trabalho com a sua vontade de ser mãe, uma vez que ela tinha argumentado que deixou a empresa anterior por causa dessa dificuldade.

E, aí, é... eu falei: “Não, vou voltar para o mundo corporativo, mas vamos ver, eu quero escolher o tipo de empresa.” E, aí, eu já entendia também que precisava de ir para uma empresa que eu pudesse ter mais... voz ativa, que eu pudesse... é... falar com o dono, sabe? Mesmo que fosse uma empresa grande, que eu sempre gostei de trabalhar em empresas grandes, mas uma empresa que não fosse uma multinacional, mas que o, que o dono fosse da, fosse brasileiro... e tal, que eu tivesse acesso às pessoas. E, assim, eu consegui uma outra empresa que, era uma multinacional também, mas o dono daqui e, aí, eu tinha acesso, respondia o diretor direto e tal.

Entretanto, apesar de a escolha de Mia ter se pautado pela possibilidade de conciliar o trabalho com a maternidade, na prática isso não aconteceu. Ela conta que, ao retornar da licença-maternidade, se sentiu como “um ET”, “flutuando” e que ficou dois dias “esperando a ficha cair”, como se estivesse “anestesiada”.

aí, era final de ano o meu retorno. Ele com quatro meses e meio, porque, é... o período da licença, mais férias e... e como era finalzinho, perto do Natal, meu marido falou: “vai, eu vou ficar com ele então, de fê.” Meu marido tirou férias, ficou esses dias com ele e falei: “Em meio de feve... em janeiro a gente resolve o que, que a gente faz.” Aí fizemos matrícula e tudo, né? Aí, voltei a trabalhar, na semana de Natal e Ano Novo e, aí, voltei na empresa, Gizelle, parecia que eu estava igual um ET, sabe? Flutuando, assim... Eu tinha, na época uma equipe, diretamente tinha umas doze pessoas e, indiretamente umas trinta pessoas, porque eu tinha coordenadores e... equipe também de terceirizados. É... eu fiquei dois dias na empresa, assim... sem conversar com as pessoas, sabe? Sentei na minha mesa, quem viu que eu passei, dei ‘bom dia’ e não falei, não procurei falar com meu diretor, não procurei falar com os meus funcionários, não fiz reunião, não fiz nada... fiquei sentada na minha mesa esperando a ficha cair. Sabe, quando você fica assim? Não sei te explicar, eu acho que estava meio anestesiada.

Ela descreve uma imagem de si como uma pessoa que tinha adotado um comportamento estranho na organização e deixa a impressão de que isso teria motivado sua demissão. Mas o fato é que, no Brasil, é prática corrente a demissão de mulheres que se tornam mães (ALMEIDA, 2012), situação que afeta em torno de 48% delas nos dois primeiros anos após a licença-maternidade (MACHADO e PINTO-NETO, 2016). Não fosse o fato de ela se tornar mãe, dificilmente os dois dias pouco produtivos entre o Natal e o Ano Novo seriam percebidos ou seriam justificativa para a demissão de uma gestora. Mia conta que ficou ansiosa quando o diretor a chamou para conversar. Ela diz que ela não queria voltar para casa e ficar com o filho, mas que percebeu que a empresa não era mais o seu lugar. Nessa fala, fica claro que ela percebeu que não havia espaço para ela, mas em sua narrativa fica implícito que o problema

estava nela, que não conseguia mais se encaixar. Entretanto, a sua experiência reflete práticas sociais sobre as quais se estruturam a sociedade nas quais as mulheres ficam com a maior parte das responsabilidades de cuidado com os filhos pequenos e acabam sobrecarregadas e, portanto, menos produtivas e atrativas para as organizações.

Aí... quando foi na sexta-feira, é, eu percebo uma ansiedade dentro de mim, sabe, uma coisa esquisita e, assim, eu não queria, eu não estava, eu não estava querendo voltar para casa, para ficar com o Gabriel, não era isso, eu tenho clareza que não era isso, mas aquele lugar, já não era o meu lugar. Sabe, quando você sente que, não é mais aquilo ali? Não era.

Mia conta que o presidente da empresa a chamou para conversar e diz: “Mia, quero que você seja verdadeira comigo, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã.” Note-se que Mia deu destaque para a postura do gestor de fazer parecer que a decisão foi acordada, que ele queria a opinião dela sobre uma decisão que obviamente já estava tomada. Ela descreve o restante da conversa com uma sequência de “nã, nã, nã” que deixa claro que não importa o que foi dito, o resultado é que ela foi demitida pelo fato de ter se tornado mãe, conclusão que ela deixa clara ao citar estatísticas de mulheres que são demitidas depois da licença-maternidade. Ela relata que se sentiu confusa pois não queria ser demitida, mas, ao mesmo tempo, já tinha percebido a exclusão no ambiente da empresa e já estava se sentindo agradecida por não ter que lidar com a difícil conciliação das tarefas relacionadas à maternidade e um ambiente organizacional hostil às mulheres mães.

Aí... na sexta-feira, o presidente da empresa me chamou, para reunião e, aí, me chamou, já conversando comigo e falou: “Mia, quero que você seja verdadeira comigo, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã.” No final da conversa, ele me demitiu e, aí, eu não sabia se eu ria ou, se eu chorava, né? Porque eu nunca tinha sido demitida na vida, eu falei com ele que, eu estava meio área, falei: “Eu estou meio área, assim, e tal. Não sei se eu vou, se eu te agradeço... não sei o que eu faço.” Falei com ele assim, brincando, sabe? Mas eu vi que eu estava, naquele momento, é... entrando para aquela estatística de muitas mulheres, que são demitidas depois da licença-maternidade, eu vi isso.

Mia narra que ao fim da conversa o presidente da empresa ainda insiste em dar a impressão de que a decisão era compartilhada e diz “você pode ficar o tempo que quiser” como se fosse uma vantagem para ela “poder” ficar e preparar a equipe para substituí-la e deixa para ela tomar a decisão de sair imediatamente.

Eu, assim, na hora que eu acabei de conversar com ele e tal, eu falei: “Então, eu vou embora.” Ele falou: “Olha, mas você pode ficar o tempo que você quiser... pode cumprir uma parte do aviso... preparar sua equipe.” Eu falei: “Não... eu estou há... quase seis meses fora da empresa, a equipe está mais do que preparada, errado vai ser se eu me fizer presente, né? E depois sair de novo. Então, assim, vamos tocar como está tocando e você vai de decidir daqui para frente, o que, que você vai fazer. Se você movimenta as pessoas, enfim, é uma decisão que é sua... o que eu posso te dizer, é das

peessoas que eu, que eu deixei preparadas.” E, eu falei para ele, falei: “Olha, fulano, tal e não sei o quê.” Quem que eram as pessoas, que eu tinha deixado antes de eu sair, né? E, realmente assumiram e tocaram o barco, o período todo que eu fiquei fora. É... desci e fui embora para casa.

Então Mia começa a apresentar o ponto de virada da sua narrativa. Ela diz que essa situação tinha para ela uma grande oportunidade e cita o texto de Rubem Alves “A pipoca” para explicar a dor de ter que lidar com a demissão e a transformação que esse episódio provocou em sua vida. Ela conta que, mesmo sendo uma pessoa muito saudável, teve febre nesse dia.

Mas, ao mesmo tempo, tinha ali uma... uma grande oportunidade, não sei se você gosta do, do Rubem Alves... tem um texto dele que fala, chama ‘A Pipoca’, que fala que a transformação acontece pelo poder, poder do fogo. Gizelle, eu juro para você, eu tive febre neste dia, eu sempre fui muito saudável, eu sou, assim, uma mulher adulta que, nem criança, tive doença nenhuma, sempre fui muito saudável e... é... nem essas doenças infantis, eu nunca tive nada, alergia, esses negócios, nunca tive, assim, de... tive alergia a leite, bebê. Mas, assim, de, de bronquite, essas coisas que, criança, muita criança tem, eu nunca tive nada e... eu tive febre!

Mia diz que imediatamente começou a repensar a sua carreira e a reorganizar a vida a partir daquela nova situação de desemprego. Ela desiste de colocar o filho na escola e decide que não vai voltar ao mercado de trabalho imediatamente. Usa mais uma vez a metáfora do “fogo de transformação” e associa esse fogo à febre que teve no dia em que foi demitida, e a transformação, à decisão de não trabalhar mais com RH.

Ela menciona o fato de que a sua demissão causou espanto em seu meio profissional, afinal ela tinha boa reputação na área de RH. Conta que recusou alguns convites para participar de processos seletivos e que o marido ficou assustado e com medo da decisão que ela tomou de se afastar da carreira em RH, mas ela conta que estava determinada a mudar a própria vida.

A associação que Mia faz entre a maternidade e a mudança na sua carreira e identidade profissional fica explícita quando ela é questionada sobre a sua relação com os filhos, e ela responde falando sobre a carreira profissional. Ela reflete sobre como tomou a decisão de empreender pensando em estar próxima do filho, mas percebeu que também se relacionava com a própria identidade que tinha no trabalho e no sucesso profissional, um componente muito importante.

E... com os seus filhos, como é a sua relação com eles? Ah, é ótima, é ótima, é... essa escolha que eu fiz, de empreender, foi uma escolha... no início, engraçado isso, né, no início, por eles e, depois, eu descobri que era por mim, né? Depois que eu

descobri que era um sonho meu, mesmo, e hoje, eu incentivo mulheres fazerem por elas, né? É... mas no início foi por ele, pelo Gabriel, que foi o meu primeiro filho, eu não queria abrir mão de estar com ele, mas o, o trabalho, Gizelle, sempre teve um espaço gigante na minha vida, sempre amei trabalhar, amei. Eu me sentia sempre, assim, útil.

Mia narra que, quando se preparava para a maternidade, investiu intensamente em sua carreira profissional, estudou, trabalhou como gerente e como *coach* e, nessa narrativa, reforça a identidade de mulher trabalhadora. Para ela, todo esse investimento foi uma preparação e ela tinha consciência de que tinha recursos para retomar a carreira ou empreender. Mia conta que trabalhando em RH descobriu que havia um “gap” na atuação como psicóloga quando fez a formação em *coach* e que conseguiu trazer essa “pegada mais prática” que faz referência direta ao que ela vende atualmente em seu site: um caminho prático para o sucesso profissional de mulheres mães.

Depois, assim, depois do ‘*coaching*’, então, eu consegui... trazer, o que eu precisava trazer para a psicologia que é essa, essa pegada mais... prática, né?

Para descrever o processo de transformação profissional e identitária, Mia adota o discurso da fé católica, que é característica importante na formação da sua identidade e menciona outras práticas como meditação que ela utilizou para lidar com esse momento de crise. Segundo ela, era “entregar, confiar, aceitar e agradecer”, um discurso que destoa da imagem de “realizadora” que ela tinha apresentado até então.

As coisas estão acontecendo, como tem que acontecer.” E, eu tenho uma fé muito grande, sabe? Depois, eu fui descobrindo outras coisas, assim, de meditação e tal, que... é, que... traduziram aquilo que eu já fazia e, eu não sabia que tinha nome, sabe? E essa coisa, meio de, de entregar, confiar, aceitar e agradecer, sabe? E eu parei, eu falei assim: “Espera aí, gente, é, é, não é por acaso isso que está acontecendo comigo.” Então, neguei todas as oportunidades que eu tinha de fazer entrevista, nessa época de tal, eu neguei e...

Os argumentos que ela apresenta a seguir contêm uma crítica às relações de trabalho capitalistas em que o trabalhador vende o seu tempo para a empresa e perde autonomia para decidir o quanto de trabalho é necessário para garantir a sua remuneração.

Se tiver que vender carro, vender apartamento, mudar... vai ter que, eu faço qualquer coisa, mas eu não vou... vender meu tempo, como eu estava vendendo. Eu não vou vender, eu quero vender o valor que eu gero, eu quero fazer coisas, que vão me gerar... o que eu quero. Não quero vender as minhas horas ali... tipo, minha alma, igual a gente vende, quando é gerente de RH.” Eu falei: “Não quero.” Tomar uma agulha aqui, porque. [6” em silêncio] Aí, menina, eu, é, fiz isso e... comecei a atender.

Mas essa crítica às relações de trabalho nas grandes empresas não se aprofunda, ela vai o suficiente para embasar o seu principal argumento de vendas: que o empreendedorismo é uma saída para as relações de trabalho que exigem “a alma”. Ela cria um negócio para pessoas que passaram por situações semelhante às que ela viveu, oferecendo consultoria para mães que buscam boa remuneração e autonomia para organizar o tempo de trabalho de acordo com as demandas da maternidade. Esse discurso do empreendedorismo como possibilidade de renda e autonomia é útil para ela tanto para a manutenção da sua autoimagem de mulher realizadora e bem-sucedida quanto para a imagem do seu negócio, já que sua história de vida é o seu produto principal: ela tinha uma carreira na qual era bem sucedida mas que era incompatível com o seu sonho de ser mãe e encontrou uma solução que resolve seus problemas, em que ela pode estar presente com os filhos e ter um trabalho que lhe remunere bem e lhe proporcione autonomia.

Foi o modelo de negócios que eu desenhei e o que eu falo hoje, na minha empresa, né, de você poder trabalhar com uma coisa que você ama fazer, que você pode ajudar muita gente, ser bem remunerada e poder ter a liberdade de... viver na sua medida, maternidade e a carreira, né? Tem mulheres que querem trabalhar cinco horas por dia, seis horas por dia, outras, querem trabalhar doze e está tudo bem, mas você tem que ter clareza do que você quer, né? E do resultado que você vai ter, com aquela dedicação, que você vai ter, né?

Mia cita algumas referências que a inspiram. Todas essas referências são de pessoas que produzem conteúdo motivacional, de *popmanagement* e autoajuda. Essas referências dão a ela o repertório para que seu negócio na *internet* seja atraente para o público. Além disso, esse discurso de que “basta acreditar e se esforçar” se conecta com as aspirações das mulheres que se encontram em situação vulnerável em seus percursos profissionais por causa da maternidade e das práticas sociais disseminadas que as mantêm excluídas do mercado de trabalho nos períodos em que os filhos demandam mais cuidados.

É... eu já li muito Jack Welch, tem um livro dele chama ‘Paixão Por Vencer’, que eu amo, é um cara que eu me inspirei muito nele. É... tem uma mulher, tem até um livro dela aqui oh, Sharon Lechter (Pense e Enriqueça), gosto muito desse livro, me inspira muito essa mulher, é... quem mais que me inspira muito? Kalu Brum, (...) esse livro (Reinventing the Entrepreneur), ‘Inventando Empreendedorismo’. E eu, amo... assim, estou super inspirada, é, quem me indicou esse livro, dessa MaryEllen, eu não conhecia ela, foi o Conrado Adolpho, que é um cara que também, eu admiro para caramba, muito, assim. E ele me indicou... no último evento que teve de empreendedorismo, foi lá no Palácio das Artes, do ‘Hotmart’, evento de marketing também e (...) E... e ela me inspira muito, porque eu sinto que, ela faz fora do Brasil, o que eu estou fazendo aqui e não tem ninguém no Brasil fazendo o que eu faço, hoje, exatamente como eu faço e, essa mulher, faz lá, sabe? E ela é muito ‘foda’, assim, eu estou muito feliz com... com o que eu estou lendo dela. Ah, tem mais, assim, no ‘coaching’ tem o Brendon Burchard, tem a Paula Abreu, tem mulheres e tem homens, que eu admiro. Aí, tem o... aquele... esse eu vou fazer até um ‘webnário’ com ele, eu admiro ele para caramba e ele me convidou para fazer um ‘webnário’ com ele, o...

Bruno Gimenes, 'Luz da Serra', não sei se você conhece. **Não, não.** É muito bom e a gente vai fazer um 'webnário' juntos. E é isso, são as pessoas que eu admiro, que eu me inspiro.

Apesar de, em seu discurso, Mia apresentar a decisão de empreender como a solução para os seus problemas e como uma possibilidade de autonomia e bons rendimentos, ela narra uma série de dificuldades que precisou enfrentar até que o negócio se estabelecesse, o que vai ao encontro aos resultados de Strobino e Teixeira (2010). Ela menciona que o início foi difícil, que ela pensou em desistir, que as pessoas criticaram suas decisões, mas que ela persistiu e decidiu lutar por isso. Essa narrativa de Mia se alinha com a narrativa do discurso do empreendedorismo que ela já tinha citado como suas referências. Há uma disseminação da noção de que o empreendedor é uma pessoa resiliente, que consegue suportar as críticas e as dificuldades iniciais de estabelecer um negócio, que arrisca sua segurança financeira para alcançar resultados melhores e que luta para quebrar as “paredes de vidro” (SANTOS, 2017) que encontra nesse processo, e Mia se identifica com esse discurso, trazendo para si essa identidade de empreendedora.

Olha, já houve período, o início do negócio é muito difícil, Gizelle, a fase que eu estou do negócio, estou em uma fase mais madura, já tenho empresa, já tenho, sabe? É... mas, no início, me deixou assim, no início, quando a gente começa a empreender, a gente quer desistir, a gente acha que não vai dar conta... a gente tem medo... a gente fica muito sujeito as in, as interferências externas, né? Então, por exemplo, a minha família mesmo, quando eu comecei a empreender, eu falei: “Eu vou ter um negócio de ‘coaching’ e vai ajudar mulheres, tal e tal.” Assim, muita gente falou que eu era doida, falou: “Você vai largar a sua carreira de RH? Quanto tempo vai levar pra você, para você ter no seu trabalho novo, o que você já conquistou e já ganha, com o salário de RH?” Falei: “Não me interessa, é o que faz sentido para mim e eu vou lutar por isso.”

Mia então apresenta o argumento que funciona bem para o seu negócio de *coach*: “não existe quem não consiga, existe quem desiste”. Esse argumento coloca toda a responsabilidade sobre o sucesso ou fracasso sobre o indivíduo e minimiza a interferência de agentes externos nos resultados alcançados. Nesse sentido, ela apresenta o sucesso como a capacidade de suportar os momentos de “muita angústia, de muita tristeza, de muita dúvida” para que “de repente, aquilo ‘uf’ e vem a resposta”.

E é isso que eu falo com, com as meninas, assim, não existe, Gizelle, isso, é... eu te falo com todo, todo amor do mundo, para a sua vida, não existe quem não consiga, existe quem desiste. A questão é que muita gente desiste antes, às vezes, está ali na hora mais difícil, é a hora da virada, eu vejo isso acontecer com muita clareza, às vezes, assim, a minha, as minhas viradas, todos os momentos meus, de mudança de nível profissional, eu tive um vale antes, assim, um momento de muita angústia, de muita tristeza, de muita dúvida, de: “Uf! E agora, será que vai?” De repente, aquilo ‘uf!’ e vem a resposta, sabe, empreender é isso.

Ela apresenta a sua visão sobre os resultados que ela alcançou com o próprio esforço. Sua narrativa tem características comumente vistas nos discursos sobre empreendedorismo. Ela passa por uma série de dificuldades, desistiu de uma carreira em que tinha bons resultados, passou por crises no casamento, teve “jogo de cintura” para lidar com as inseguranças do marido, mas conseguiu. E tem muito orgulho desse sucesso.

Mia então começa a explicar a sua visão de empreendedor como uma pessoa que tem características especiais. Ela usa expressões como “chamado”, “fazer algo por paixão”, “ganhar dinheiro fazendo aquilo que você já faz”. Ela conta que se a pessoa quer empreender só para ter mais tempo com o filho é melhor “fazer um concurso” ou “fazer outra coisa” o que implica uma contradição no seu argumento de negócios, já que ela afirma que o empreendedorismo é a saída para ter autonomia de organizar o tempo e ficar mais tempo com os filhos. Ela sabe que, na prática, o empreendedorismo nos moldes que ela oferece em seu site vai exigir muito tempo e promover sobrecarga para as mulheres. Ele pode ser uma saída para que elas tenham renda, mas não para diminuir a sobrecarga que pesa sobre a mulher que tem filhos pequenos.

Ela quer, realmente, porque aquilo que eu falo: A gente, o fi, a maternidade, ter um filho, é como se fosse um chamado para você olhar para dentro, mas quando você vai empreender, não é pelo filho, para ter mais tempo com o filho, só. Porque, se fosse só isso, melhor, às vezes, fazer um concurso, fazer outra coisa, entende? A, a coisa do empreendedorismo, é você fazer algo por paixão, não é um quebra-galho, uma coisa, assim, que você faz... você faria, mas, com certeza, você já está fazendo sem perceber, de graça. E, aí, o que eu ensino é, você ganhar dinheiro fazendo aquilo que você já faz.

Ela escolhe a expressão “impactar muito mais mulheres” para falar sobre os seus planos para o futuro. Ao escolher esse vocábulo, ela traz um significado emocional para o trabalho. Em seguida, adota um discurso mais comercial, que faz referência aos conteúdos que ela vai lançar em seu site e passa a utilizar qualificadores como “conteúdo de primeira”, “científico”, “especialistas”, “um time super de primeira”, “várias vantagens”, reproduzindo os argumentos que apresenta em seu site para atrair seu público.

Quero muito mais do que isso, quero impactar muito mais mulheres, muito mais mulheres. É, eu não trabalho mais hoje, individual, Gizelle, eu atendia, eu comecei atendendo individualmente, né, hoje eu não atendo mais individual, eu só atendo grupos. Exatamente pela capacidade de impactar mais pessoas, eu estou agora com... cinquenta e poucas pessoas na turma, mulheres, cinquenta e poucas mulheres, mais as mentorias que eu faço, mentorias são turmas de cinco, faço uma turma de cada vez, exatamente porque eu me dedico muito, muito, muito mesmo, a mentoria. E... assim, eu que, o meu próximo trabalho que vai ser lançado, acredito que nas próximas semanas, né, pelo planejamento, vai ser um... um clube de assinantes para mulheres, com conteúdo de primeira, então, conteúdo... científico, de pessoas especialistas, cada um na sua... na sua área, é... falando sobre feminino, falando sobre maternidade e

sobre carreira. Então, eu estou reunindo um time super de primeira e... vai ser um... um trabalho de empreendedorismo digital, né, então, um-uma assinatura, que as mulheres vão fazer. É... e... a... a entrega de conteúdo, conteúdos novos todas as semanas... conteúdo gravado, conteúdo ao vivo, enfim, várias vantagens assim, para assinar, assinantes mensais, semestrais, anuais, enfim, essa coisa toda.

Ela diz que tem grandes ambições, que quer ser referência mundial, uma vez que ela se considera uma referência local com projeção nacional. Segundo ela, essas ambições, além da motivação pela vaidade, estão relacionadas a uma vontade de “ajudar a promover mudança no mundo”. E suas estratégias envolvem parcerias com essas pessoas que vão “ajudar a levar para mais e mais pessoas pelo mundo afora”.

Gizelle, eu quero ser referência mundial. **Aham.** Daqui eu sei que eu já sou. Local, assim, em Belo Horizonte, em Minas, nesse eixo Rio, São Paulo, eu sou bem forte, no que eu faço. É... então, isso acaba te projetando a nível nacional, mas eu quero, é... abrir, assim, eu tenho grandes ambições, sabe? E não é ... assim, pode ter um lado vaidoso nisso? Pode ter, mas a minha vontade é pela questão do impacto, sabe? Eu acho que, quanto mais pessoas eu alcançar, mais eu consigo ajudar promover mudança no mundo, sabe?

Esse discurso de impactar mulheres e promover mudança no mundo vem ao encontro do seu argumento de que seu trabalho é uma missão. Ela enuncia uma série de requisitos para que a atividade profissional assuma esse caráter. Ela diz que é importante que o trabalho seja “algo que faça sentido”, “que seja uma paixão na sua vida”, “que seja uma missão”, “que você vai deixar um legado”. Ela cria uma narrativa na qual as mulheres que “estão vivendo mais superficialmente, no piloto automático” vão para o programa dela e “é muito mágico” como elas deixam de “não ter controle de nada” e passam a se sentirem capazes “de coisas grandiosas”. Fica claro que a atuação de Mía diz respeito a um empoderamento no sentido descrito por Amichai Hamburger (2008) de melhoria da autoeficácia e da autoestima. Nesses cursos e mentorias, elas podem experimentar e arriscar realizações que não se sentiam competentes e preparadas para fazer, encontram um discurso de encorajamento e reforço positivo difícil de obter em suas relações pessoais e conseguem visualizar futuros que não faziam parte de seus repertórios sociais inicialmente, garantindo um incremento da autoeficácia dessas mulheres. Além disso, podem fazer parte de uma comunidade de mulheres que passaram por situações parecidas e que buscam formas de valorizar suas competências e resistirem de alguma forma à exclusão a que são submetidas.

Eu acredito, assim, de todo o meu coração, que a gente tem uma missão, sabe, Gizelle, assim? (...) aí, eu sempre brinco. (...) “Se te ligarem da produção da Fátima Bernardes, querendo te entrevistar para você contar a sua história, que história que você quer contar? (...) Às vezes, aquelas que estão vivendo mais superficialmente, no piloto automático, que falam: “Nossa, Mía, eu vou contar que eu não fiz nada, que eu vivi

correndo.” “Então, vamos parar, o que, que você quer? O que, que é importante para você, a sua paixão?” Então, assim, aí, é muito legal, assim. aí, aí, tem gente assim é... era cantora na adolescência e depois foi fazer faculdade de Direito e foi, e, aí, descobre que tudo o que queria na vida, era ser artista, mas por questões familiares, não, sabe, não conseguiu ser e, aí, vem para o meu programa, depois da maternidade e é muito mágico isso, porque depois de mãe... a gente se sente por um lado, frágil, né, porque, assim, não tem controle de nada mas, por outro lado, a gente se sente assim, capaz de coisas grandiosas, né?

Mia relata que a maior satisfação em sua atuação na *internet* é receber os *feedbacks* das mulheres que ela aconselhou e que conseguiram trilhar caminhos diferentes daqueles que as estavam deixando infelizes, mudaram o rumo de suas atividades profissionais e se sentem mais realizadas profissionalmente. Ela destaca a importância de compartilhar os resultados em suas redes sociais de forma a criar uma comunidade em que uma “estimula a outra”. Esse estímulo a que Mia se refere tem relação com o processo relacional descrito por Dubar (2005) na construção das identidades. Naquela comunidade construída em torno do site e das redes sociais de Mia, essas mulheres-mães constroem a sua identidade de mães bem-sucedidas profissionalmente e reforçam essas construções identitárias umas com as outras. O discurso de Mia gira em torno das práticas sociais estabelecidas de exclusão das mães dos espaços de maior status na carreira profissional em contraposição à possibilidade de resistir a essa exclusão por meio do empreendedorismo.

Ah, ver o resultado delas, ver cada uma empreendendo, cada uma ganhando dinheiro, fazendo aquilo que amam fazer, sabe, amo, assim, ‘nó’... amo quando elas me mandam mensagens, eu recebo muitos *feedbacks*, muitos, porque eu acompanho de perto e, oh, elas me dão *feedbacks*, *feedbacks* diários. Eu posto com frequência também, nas redes sociais, porque eu acho importante as pessoas verem essas coisas e uma estimula a outra, né?

Toda a narrativa de Mia é focada no trabalho. A principal identidade que ela reivindica é a de profissional realizada e reproduz o discurso do sucesso por meio do esforço pessoal. Mia se apresenta como uma pessoa que tinha o “sonho de trabalhar de dia e estudar de noite” e que brigou com a mãe para realizar esse sonho. A narrativa de Mia recorre ao discurso da meritocracia e do trabalho duro como meio para o sucesso.

Eu lembro também, quando eu... fui fazer a faculdade de psicologia, a minha mãe não queria que eu fizesse faculdade à noite, ela queria que eu fizesse faculdade de manhã e, eu quis fazer à noite, isso foi uma briga, na época. Porque eu queria trabalhar, queria muito começar a trabalhar, logo quando eu entrasse na faculdade, tinha um sonho assim, sabe, aquela vida de, trabalhar de dia e estudar de noite. Eu tinha esse modelo na minha cabeça. Eu via os meus irmãos fazendo isso. Eu, sabe, eu, eu tinha isso como um modelo. E, aí, eu lembro que a minha mãe, por algumas questões emocionais, né, assim, da relação mãe e filha, ela quis dar uma travada nisso. Na época ela falou que não... que era para eu esperar e tal, tal. Mas, aí... é... como ela mesmo diz, assim, eu nunca fui fácil, assim, de se convencer, de ser convencida e, aí, eu, eu, a gente

conversou muito e, eu, fiz, aí, fizemos a minha matrícula, direitinho, à noite. E eu, no segundo período, eu já estava trabalhando dentro de um RH que era o que eu queria, né? E, aí, foram anos e anos.

Mia apresenta uma imagem de profissional bem-sucedida e destaca o controle que teve sobre a própria carreira quando ela afirma que “era o que eu queria” e repete essa expressão diversas vezes. Ela encadeia um percurso profissional no qual ela trabalha em boas empresas, conhece ótimas pessoas, faz duas pós-graduações e vai crescendo. Fica implícito de que ela se orgulha e se sente no controle de sua carreira.

Essa imagem que Mia constrói para si é reforçada quando ela fala que não consegue se lembrar de seus fracassos porque ela já os reescreveu, transformando-os em outras vitórias. O que ela explica com a frase “caio, vou lá no fundo, pego impulso e volto”.

Eu acho que eu já, eu já... eu já reescrevi eles tanto, que eu não lembro mais um fracasso, né? (...) E... então, assim, eu, eu transformo as minhas frustrações, sabe, em... em outras vitórias, sabe? Caio, vou lá no fundo, pego impulso e volto.

Nesse sentido, ela se vê como uma pessoa muito realizadora e que faz acontecer. Em seu discurso, Mia passa a mensagem de que o indivíduo é o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso e, nesse contexto, ela se descreve como a pessoa que consegue acreditar em seu potencial e realizar o que quer. Ela demonstra que se sente vitoriosa e bem-sucedida em seu percurso profissional:

Ah, eu sou... mulher, mãe, profissional, realizada. Consegui trazer para a minha vida, é... esse equilíbrio, né? E mostro para as mulheres que é possível, você ser uma profissional ‘foda’ naquilo que você faz e estar muito presente na vida dos seus filhos, saber o que está acontecendo com eles, saber o que eles gostam mais, acompanhar, ser referência, sabe, é possível isso.

Ela escolhe quatro palavras para resumir a sua identidade: mulher, mãe, profissional, realizada. Essa escolha não é aleatória e está repleta de significados e práticas sociais. A sua narrativa identitária é toda construída a partir da imagem de profissional bem-sucedida, mas ela começa a se apresentar como mulher e mãe e só depois como profissional e realizada deixando implícita a contradição que ela vê entre essas identificações: uma mulher-mãe comum não seria uma profissional realizada. Mas ela conseguiu esse equilíbrio e pode ensinar a essas mulheres como ser uma “profissional foda” e estar muito presente na vida dos filhos. Sendo assim, ela se torna uma referência de sucesso que é digna de admiração por outras mulheres. E então ela dá a sua receita de sucesso:

Basta que você tenha coragem de descobrir o que você ama fazer e de, é, fazer um passo a passo, né, para conseguir ter resultado nesse sentido.

Ela deixa implícito no uso da palavra “basta” que sua solução é simples e com característica individual, só depende da pessoa. Para ter o resultado que ela teve, é preciso: “coragem”, “descobrir o que você ama fazer” e “fazer o passo a passo” – que ela vende em seu site. Mas essa receita, apesar de parecer envolver só a mulher que está buscando o sucesso, só pode funcionar para uma pequena parcela de mulheres: aquela que tem recursos para investir em um negócio, para contratar um programa de *coaching* e que tenha formação acadêmica suficiente para dar conta de seguir “o passo a passo” oferecido.

Então, eu sou muito realizada, por ter feito a escolha profissional que eu fiz e poder hoje, ajudar mulheres com... esse conhecimento que eu vim... conhecimento e experiência que eu, que eu venho, né, e ainda continuo estudando... e trabalhando... aprendendo.

Mia defende a ideia de que é preciso acreditar no potencial de realização e destaca como é importante para ela manter o entusiasmo, a energia e a positividade para “mover montanhas”. Quando ela utiliza essa expressão, ela faz referência à sua formação cristã e a um trecho do evangelho de Mateus (17:20) que versa sobre o fato de que nada é impossível para quem acredita. E ela considera esse valor o legado que vai deixar para os filhos. O discurso que Mia apresenta coloca sobre o indivíduo a responsabilidade única de realização e o que ele precisa é acreditar que pode fazer e fazer.

Realização, no sentido de... fazer o que a gente ama fazer, família... é muito importante para mim, é... entusiasmo, sabe, é, é... essa energia, é-é... positividade, isso move montanhas, né, quando você acredita. Quando você acredita que você é capaz, você realmente, assim, o que você acreditar é verdade, né, se você acreditar que você pode, você pode, se você acreditar que você não pode, você não pode, né? Então, você escolher, isso para mim é um valor muito, e é um legado para eu deixar para os meus filhos.

4.3.1.3. *Casamento*

No percurso temático do casamento, Mia deixa claro que o relacionamento é muito importante para ela, mas também fonte de tensão e insegurança. Em sua narrativa ela sempre demonstra segurança sobre como consegue conciliar a maternidade com a carreira, mas se mostra reticente quando menciona o seu relacionamento com o marido, que parece se fragilizar sempre que

surtem dificuldades na vida de Mia, como a perda de uma gestação, o nascimento dos filhos, a perda do emprego ou a mudança de carreira.

E, ai, é... lá... eu tive um, eu engravidei e perdi o bebê com três meses e foi horrível, uma perda gestacional, com três meses, foi muito ruim mesmo, fiz curetagem, aquelas coisas todas. E, aquilo abalou de mais o meu casamento, muito, muito mesmo. (...) E, ai... e aquilo ia me afastando muito do meu marido, porque eu só pensava em ficar grávida e tal.

É... eu sou muito apaixonada por ele, gosto muito dele, é... e escolho estar com ele todos os dias, a gente tem dificuldades, principalmente, depois do... segundo filho. Incomoda muito, muito, porque assim, se com um filho, a gente já fica com pouco tempo para o casal, com dois filhos, a gente fica com, praticamente, nenhum tempo para o casal. (...) Então, assim, eu vejo movimento para resgatar, mas com filhos muito pequenos é difícil você, principalmente, com o pequenininho, tem um de um ano e cinco meses, né? (...) Então, assim, a gente tem uma relação boa... é, construída. Agora, a gente está em outra, vamos dizer, um outro capítulo da nossa história, né, pós filhos. Eu acredito que o mais difícil já passou, que é quando estão bebezinhos, bem bebezinhos mesmo, né? Agora, eles já começam a falar... já estão, assim, o Samuel, né, já está andando, falando. Eu acredito que, daqui há um ano, um ano e pouco, ai, eu consiga resgatar meu casamento, assim, como era antes, né?

Meu marido ficou muito assustado, na época, eu ganhava três vezes o que ele ganhava, então, ele queria que eu voltasse a trabalhar, no outro dia, né? [riso] Ele ficou com muito medo, mas eu vou ser sincera, Gizelle, assim, eu, naquela hora, eu falei assim: “Não. Eu... eu vou mudar minha vida.”

Mia conta ainda que esse período de mudança na carreira provocou “problema” com o marido, o que vai ao encontro do que Santos (2017) descreve como “paredes de vidro” para descrever as dificuldades encontradas pelas mulheres quando decidem empreender.

É, meu marido ficando doido, foi a época que eu tive mais problema com ele, porque ele falou assim: “Eu não dou conta.”

4.3.1.4. *Maternidade*

Na narrativa de Mia, a maternidade foi um ponto de virada em sua identidade. Atualmente, a sua identidade é profundamente marcada pelo fato de ser mãe. Ela narra que quis ter filhos desde quando se casou. Mas teve dificuldade para engravidar, e essa dificuldade a fez ressignificar a sua percepção de feminino. Quando ela usa essa palavra “ressignificação”, ela faz referência aos significados sociais que relacionam feminilidade à maternidade. Uma mulher que não consegue ser mãe perde sua inteligibilidade social e se sente excluída.

Quando eu... é... eu tive uma história, também, de dificuldade para engravidar do Gabriel, isso ressignificou várias coisas, assim, do meu feminino... e da maternidade, na minha vida.

Ela narra que sofreu uma perda gestacional com três meses e que essa perda abalou demais o casamento, sentimento reforçado pela expressão “muito, muito mesmo”.

E, aí, é... lá... eu tive um, eu engravidei e perdi o bebê com três meses e foi horrível, uma perda gestacional, com três meses, foi muito ruim mesmo, fiz curetagem, aquelas coisas todas.

Ela diz com ênfase “queria muito engravidar” e, em seguida, a frustração “eu não consegui”, como se fosse um fracasso pessoal. E aí ela diz: “Você começa a ficar louca, né?”, uma expressão que retoma a noção da maternidade compulsória na qual uma mulher só pode ser considerada adequada e completa se for mãe. Essa perspectiva exclui aquelas que por algum motivo não são ou não querem ser mãe.

E, aí, é... eu quis, depois e, queria muito engravidar, queria muito engravidar, mas não consegui engravidar e já estava naquela coisa, assim, de... você nem namora, por ser... é... já está em período de menstruar e não está grávida, sabe, aquela coisa? Você começa a ficar louca, né?

Essa pressão pela maternidade foi sentida de maneira tão intensa que Mia decidiu fazer uma fertilização *in vitro*, mesmo não tendo nenhum problema de saúde que impedisse a concepção natural.

Até que chegou em um ponto, mesmo, que a gente decidiu... fazer uma FIV, a gente procurou uma Clínica, e, aí, o Dr. falou: “Mia, não tem nenhum problema nos seus exames, nem do seu marido. Demorar um ano para engravidar, ter perda gestacional, isso é normal.” Só que, assim, normal quando é com o outro, quando é com a gente, parece um, uma coisa arrebatadora, né?

Quando narra o fato de o médico ter dito que o que aconteceu com ela era normal, Mia deixa explícito que ela não conseguia aceitar a sensação de fracasso de não conseguir engravidar imediatamente. Ela estava acostumada a estar no controle e ter sucesso no que fazia e assim também foi com a maternidade. Ela estava determinada a engravidar, queria isso no tempo dela e diz para o médico “Tá, mas se eu quiser pular todas as etapas e fazer a FIV, tem algum impedimento?”.

E, aí, fez várias... assim, explicou como é que seria, até chegar na FIV e eu falei com ele: “Tá, mas se eu quiser pular todas as etapas e fazer a FIV, tem algum impedimento?” aí, ele olhou para a cara do meu marido assim: “Não, não tem, se vocês quiserem fazer, né?” [riso]

A sequência que ela narra faz um percurso interessante. Ela se coloca no papel da pessoa que tem o controle, que tem consciência de que a FIV não era indicação para o caso dela, mas que preferia que fosse assim para chegar logo ao resultado desejado. Em seguida, ela descreve a

resignação do médico que “olhou para a cara do meu marido”, expressão que deixa implícito que os dois estavam se rendendo às exigências dela, e concordou em fazer o tratamento.

“Aí, combinamos e, aí, a gente fez e... vinte e cinco dias depois eu estava grávida, igual eu queria, né, foi perfeito, assim, de primeira e o Gabriel e tal”.

A conclusão que ela apresenta para o tratamento da FIV demonstra aí o orgulho de ter alcançado o seu objetivo. Ela conta ainda sobre dificuldades que enfrentou durante a gravidez, quando teve um sangramento e precisou ficar de cama, mas que no fim ela teve “um menino lindo, saudável e tudo ótimo” e deixa a impressão de se sentir vitoriosa.

Mia relata ainda algumas frustrações relacionadas à maternidade e como ela “reescreveu” essas frustrações e as transformou em vitórias. Ela narra o fato de não ter conseguido ter um parto natural quando teve o segundo filho. Essa sensação de fracasso que Mia sentiu por ter sido submetida a uma cesárea tem a ver com um debate intenso que aconteceu nos últimos anos pela *internet* sobre a “epidemia” de cesáreas no Brasil. Diversos grupos e páginas da *internet* voltadas às questões da maternidade discutiam o empoderamento feminino no momento do parto, incentivando as mulheres a lutarem pelo direito de ter um parto natural sem procedimentos desnecessários para acelerar o processo e, principalmente, a lutarem para evitar a cesárea. Nessas páginas, há uma celebração das mães que conseguem esses partos naturais como guerreiras vitoriosas e uma narrativa que coloca as mulheres que passaram por cesárea como vítimas de um sistema que desconsidera a humanidade da mulher e as submete a procedimentos desnecessários e arriscados, visando apenas ao lucro. Dessa forma, fazer parte do primeiro grupo é motivo de orgulho e sinal de vitória, por outro lado, fazer parte do segundo grupo a coloca no rol das vítimas, o que se torna um fracasso e é motivo de frustração. Mia relata como “investiu” nesse parto natural, buscando enfermeira obstetra, doula e abrindo mão do plano de saúde para ter o filho em um hospital público referência em parto normal e, mesmo assim, terminando em cesárea.

Oh, é... não ter conseguido... ter o Rafael de parto natural, foi um fracasso para mim, porque eu tentei mui, assim, eu estudei muito, eu investi, eu busquei uma enfermeira obstetra, uma doula, fui ter em um hospital público, que tem o maior índice de parto normal, abrindo mão de plano de saúde, de tudo e, acabei em uma cesárea. Isso foi muito frustrante para mim, muito, só que assim, igual estou te falando, é... eu reescrevi isso, sabe?

Apesar de se sentir frustrada com o parto, Mia narra que reescreveu esse fracasso e teve a sua vitória ao amamentar o filho em livre demanda por seis meses (outro ponto muito celebrado

nos grupos de militância materna que lutam contra a pressão para alimentar as crianças com fórmula láctea) e ser doadora de leite materno.

Como, assim, no caso de, do Rafael, especificamente? Amamentando ele de livre demanda durante seis meses e sendo doadora do banco de leite, por seis meses, eu fui, fui doadora do Odete enquanto ele mamou, exclusivo, eu era doadora semanal do banco de leite. E... ah, isso é uma vitória.

Mia vai descrevendo a frustração de não cumprir os seis meses esperados de amamentação exclusiva no peito com o primeiro filho e, assim, manter a imagem que fazia de mãe e mulher perfeita e, em seguida, como se organizou para não repetir o fracasso com o segundo filho que “não ia ter mamadeira”, “não ia ter bico”, “ia engordar no peito e assim foi”. Mais uma vez, a história termina com ela mantendo o controle e realizando o que queria.

E uma outra frus, frustração, eu não consegui... nossa, essa foi horrível, eu não consegui amam, amamentar o Gabriel, meu primeiro filho, não consegui. Ele, com três meses, desmamou e... ele tomou a primeira mamadeira dele com... um mês, mais ou menos. E... a partir daí, ficou... é... aleitamento misto, até três meses, com três meses ele largou o peito e foi muito frustrante. E, aí, eu fiz esse... combinado comigo de, com o Rafael, não ia ter mamadeira, não ia ter bico, não ia ter nada disso, ele ia mamar no peito e ele ia engordar no peito e assim foi. aí, eu comprei ordenhadeira... grávida ainda, para poder estimular e tirar o leite e, aí, que foi assim, que eu virei doadora, durante bastante tempo, no, no banco de leite, né?

Quando questionada sobre a relação com os filhos, Mia concentrou sua narrativa na conciliação da carreira com maternidade. A intensidade que este tema aparece em seu discurso relaciona-se ao fato de que a maternidade mudou completamente os rumos de sua carreira, em que deixou uma vida de executiva para se tornar uma empreendedora digital. Em seu discurso, Mia faz questão de destacar o fato de ser bem-sucedida na sua empresa e, ainda assim, cumprir o papel tradicional da mulher de ficar em casa com os filhos.

Mia começa a descrever sua relação com os filhos a partir da presença em casa. Ela diz que tem uma relação ótima com eles porque escolheu estar presente, mesmo não querendo abrir mão do trabalho. Ao escolher a expressão “não queria abrir mão”, ela faz referência às práticas culturalmente aceitas de as mulheres deixarem suas carreiras por um tempo ou, até mesmo, definitivamente após serem mães para se dedicarem ao cuidado dos filhos.

Com os meus filhos, o que, que acontece, assim, eu tenho uma relação ótima com eles, eu escolhi estar, ser presente na vida deles, trabalho, eu não queria abrir mão mesmo, de ter carreira, não queria abrir mão.

Ela conta que as alternativas que tinha para voltar ao trabalho a deixavam desconfortável. Ela não achava justo que outra mulher deixasse os filhos em casa com outra mulher para cuidar dos

filhos dela. Ela não se aprofunda na análise da situação de uma mulher contratar outra para realizar os afazeres domésticos enquanto ela se dedicava à carreira, mas demonstra que, em algum momento, já refletiu sobre as relações de poder e de gênero que estão envolvidas nesse processo. A escolinha também não era uma escolha que a deixava tranquila, uma vez que aumentava a exposição do bebê às doenças infantis.

E, aí... Gizelle, eu, eu... é... quando eu comecei a me preparar para voltar, da licença-maternidade, né, eu fiz várias tentativas, várias, tentei colocar alguém aqui em casa para cuidar dele e, aí, eu, para eu voltar a trabalhar, aí eu não achava justo, porque as pessoas todas que vinham trabalhar aqui em casa, tinham filhos pequenos e eu ficava nessa lógica, falando: “Gente, que coisa absurda, eu estou deixando o meu filho com outra mulher, para cuidar de uma empresa de um.” Sabe, assim, enquanto, e a mulher vai deixar os filhos dela, provavelmente, com uma outra mulher, falei: “Está tudo errado, né? Tudo err, que lógica louca que é essa, do mundo que a gente vive, né?” E, comecei a questionar muito isso e tentei escolinha também e, aí, coloquei ele para fazer ambientação... o menino nunca tinha tido uma febre, de repente, teve diarreia, teve vômito, não sei o quê, em dois dias que estava na escola, pegou uma virose, assim. aí, falei para o meu marido, falei: “Nossa, não sei como vai ser e tal.”

Mia conta que foi demitida poucos dias após seu retorno à empresa e decidiu que ficaria em casa com o filho durante o primeiro ano, mas essa decisão não foi satisfatória para ela. Ela tinha uma história profissional de sucesso e era difícil para ela abrir mão dessa identidade, ainda que gostasse da ideia de estar com o filho. Segundo conta, em dois dias que estava com o filho começou a pensar que precisava voltar a trabalhar. E aí fica claro que o incômodo não era o fato de ficar o dia inteiro com o filho, pois ela já tinha ficado durante a licença, mas o fato de não ter mais a carreira como definidora da sua identidade – “Não, esse negócio de só mãe... sem carreira, não vai dar, não...” – e ela queria fazer alguma coisa para mantê-la.

Então, a questão da conciliação com a maternidade voltou a ser um ponto de preocupação para ela quando decide retomar a carreira atendendo como psicóloga clínica. Ela volta a tocar na questão de contratar uma babá para cuidar do filho e diz que não o fez por uma questão de valor - “eu vou ter que cuidar” -, mas precisou contar com a ajuda das mulheres da família enquanto trabalhava durante o dia e, quando trabalhava à noite, era o marido que cuidava do bebê.

Mia vai contando como essa conciliação vai ficando cada vez mais complicada à medida que o filho cresce e a demanda de cuidados aumenta. Ela diz que hoje não aconselha suas alunas de mentoria e *coach* a fazerem a escolha que ela fez porque foi muito desgastante. Ela fala sobre ter uma “rede de apoio de verdade” se referindo a “uma pessoa” para ter uma rotina de trabalho. O que fica implícito é que a conciliação que ela tanto diz ter alcançado, na prática, não existe. A ajuda que ela tinha da família não parecia uma rede de apoio “de verdade”. Ela precisava se

desdobrar para conseguir tempo para o trabalho e a ajuda que recebia da mãe, da sogra e do marido era fragmentada e não permitia uma rotina de trabalho consistente, o que a deixava sobrecarregada. Essa situação só melhorou quando o bebê foi para a escola, com um ano e sete meses, em meio horário, e ela pode organizar sua rotina de trabalho enquanto ele não estava em casa.

Quando chegou a vez de ter o segundo filho, Mia já sabia que conciliar o trabalho e a maternidade sozinha era quase impossível. Ela não queria pausar a carreira de novo por causa da maternidade e acabou optando por contratar uma babá, o que ela conta rindo porque sabe que está contradizendo a sua decisão inicial e escolhendo um caminho que vai contra os valores que ela defendeu na primeira vez. Ela conta que, apesar da mudança no discurso, não sente que há esse conflito de interesses, porque a babá é avó, ou seja, não está deixando os filhos em casa para cuidar dos filhos dela. Quando ela diz que a babá fica e “curte os meninos”, “maior gracinha”, ela retoma o discurso da empregada que é quase da família, reforçando os laços de afeto em vez das relações de trabalho.

É... e, aí, quis ter o Rafael e me organizava, assim, então, ficava de manhã com o Gabriel e... e à tarde trabalhava, enquanto o Gabriel estava para a escola, aí, quando quis ter o Rafael, é... eu sabia que, com ele, teria que fazer diferente, porque eu não ia esperar... o Rafael fazer dois anos, para poder ir para a escola, eu não, eu não... não desejava ter essa pausa na minha carreira de novo. E, aí, o que, que eu fiz? [risos] Eu tenho uma babá hoje, mas uma babá que é vó, [riso] ela já criou os filhos dela, né? E, aí, assim, é ótimo, uma pessoa mais velha... e... e, aí, eu não tenho esse conflito de interesse, assim, sabe, de... contra, de entrar em contradição, sabe? E, aí, ela fica, ela curte... os meninos e tal, maior gracinha, assim, e, ela, e, ela cuida, é... do Rafael, enquanto o Gabriel está na escola, principalmente, né?

Mia diz que fica durante a manhã com os filhos e que trabalha “de dez às cinco”, mas almoça com os filhos todos os dias, reproduzindo as tradições familiares, porque a opção de trabalhar em casa permite isso.

Ela diz que a convivência que tem com os filhos hoje é como ela sempre sonhou, retomando a narrativa de sucesso, mas nesse caso a de sucesso como mãe, já que presenciou as primeiras palavras deles, o dia que andou e coisas do tipo. Mia enfatiza sua presença na vida dos filhos repetindo diversas vezes o pronome “eu”. Ela cita os marcos de desenvolvimento dos filhos retomando um discurso comum entre mulheres que trabalham e que se sentem culpadas por não estarem presentes quando os filhos realizam esses aprendizados.

Então, é isso, e, aí, hoje, eu, eu tenho, assim, uma convivência com, com o Rafael e com o Gabriel, assim, como eu sempre sonhei, né? De poder estar com eles... eu, eu

que ouvi a primeira palavra de cada um, eu que vi... o, o dia que andou, foi como, tudo é comigo, assim, né, por eu estar em casa, né?

Ela também descreve as vantagens de trabalhar em casa e ter uma pessoa que possa dividir com ela as tarefas com os filhos. Ela usa como exemplo o dia que pode escolher entre levar ou não o filho à escola após uma vacina. Ela sabia que, se fosse necessário mantê-lo em casa, teria condições de cuidar dele ou, se ele fosse para a escola e acabasse se sentindo mal, também seria possível buscá-lo. E entende essas possibilidades como uma vantagem do tipo de trabalho que exerce e da possibilidade de ter uma empregada doméstica que a auxilie na conciliação entre o trabalho no site e o trabalho doméstico.

teve um dia desses que eles tomaram vacina, eu, eu deixei para dar na sexta-feira, porque é perto do final de semana, para ser mais fácil, também, para mim, mas eu dei a vacina de manhã, eu e o pai, saímos para dar a vacina de manhã e tal, foram vacinados e, aí, fiquei a manhã inteira com eles, quando foi à tarde, falei com a Luzia, que trabalha comigo, falei: “Luzia, eu acho que não vou mandar o Gabriel para escola. Porque vacina costuma dar reação, eu acho que vou deixar ele em casa.” Ele está com quatro anos, né, ele chorou... porque ele queria ir para escola. “Quero ir para escola, quero ir para escola.” E chorou, chorou, eu falei: “Ô, filho, então vai, filho. Mas se você sentir mal, você pede para a professora ligar para a mamãe?” Gizelle, não deu outra, minha filha, deu umas... umas três e pouco, tocou o meu celular, ele vo..., teve vômito lá, um monte de coisa, reação da vacina; aí, fui, corri, busquei e trouxe para casa, né? Então, assim, são coisas assim, eu, eu pude, é... eu tinha as duas opções, deixá-lo em casa, porque eu ia estar em casa, tem uma pessoa aqui... e eu estar em casa cuidando, pude respeitar a escolha dele de: “Não, mamãe, deixa eu ir para escola, eu estou bem, eu quero ir para escola.” E pude, na hora, parar o que eu estava fazendo e buscar, na hora, parei e fui lá, entende?

Mia conta que espera que os filhos vejam pelo seu exemplo que podem ser o que quiserem, reproduzindo o discurso que utiliza em seu site onde afirma constantemente que só é preciso fazer “com amor” e “com alma” que serão reconhecidos e bem remunerados. Como eles fazem parte do perfil mais privilegiado na sociedade brasileira - homens, brancos, cristãos e de classe média alta -, é bem provável que essa previsão se concretize para eles.

Você me perguntou o que, que minha mãe e meu pai esperavam de mim. Assim, o que, que - e eu não sei se você vai me perguntar sobre isso, mas eu, já antecipando, assim -, o que, que eu espero dos meus filhos? Eu, o que eu quero que, eles, eu quero mostrar para eles a vida que eu tenho hoje, mostro isso para eles, que eles podem fazer o que eles quiserem, contanto que seja com amor... e que eles vão ser bem remunerados e, eles vão ser reconhecidos e as coisas vão acontecer. Então, assim, não importa carreira X ou Y, sabe, não importa, eles têm que fazer com a alma e é isso que eu quero mostrar para eles.

Mia também conta que se sente orgulhosa da educação que dá aos filhos, que ela considera meninos maravilhosos.

Ah, eu tenho orgulho de ter os filhos que eu tenho, de conseguir educá-los da forma que... né, que a gente cuida deles, sabe, tenho muito orgulho disso e são meninos maravilhosos, assim, maravilhosos mesmo. Eu até acho que uma parte, uma boa parte é deles, da índole deles, mas eu acho que tem também da, da criação... e da forma que a gente se relaciona.

Mia diz que se esforça para criar homens melhores para o mundo e “trabalhar” as “coisas culturais muito arraigadas”. Essas coisas culturais a que ela faz referência é a educação sexista que faz com que as meninas acreditem que seu lugar é dentro de casa e os meninos acreditem que o seu lugar é a rua. Como eles ainda são muito pequenos, a sua ação é oferecer um repertório de brincadeiras mais livre e deixar claro que não há brinquedos de meninas e de meninos.

Eu tenho filhos homens, mas, assim, tem uma questão, porque, o que acontece? É... tem muitas... muitas... é, é, é, coisas culturais ainda, que ficam, são muito arraigadas, né? Então, por exemplo, eu tenho todo um cuidado de... criar, é... meninos melhores para o mundo, né? E... então, assim, uma coisa que eu falo muito aqui em casa: “Ah, não tem brinquedo para menina e para menino, brinquedo é brinquedo. Se tiver a ver com menino ou menina, é porque não é brinquedo, deve ser para fazer outra coisa. Porque não, menino ou menina, né?” Tipo, não pode ter isso. E, aí, coisa desse tipo, assim, sabe, que eu trabalho muito e, aí, elas vão entrar nisso também. E que, e que, coí, quis, que na cultura, na criação de mulheres, é muito forte isso, né, a menina ganha boneca, de cara... a menina ganha fogãozinho, de cara... a menina ganha... dificilmente a menina, de cara, vai ganhar uma bola... vai ganhar um... sabe, um jogo... não, normalmente a menina ganha coisas assim, né? E o menino, o contrário, né, você vai olhar nas lojas, dificilmente você vai achar um fogãozinho que não seja rosa, né? Então, tem uma coisa cultural muito forte, assim, que a gente tem que... trabalhar, né?

Por fim, Mia conclui que está em uma fase muito boa com os meninos em que pode acompanhar de perto o crescimento deles e se realizar profissionalmente também.

4.3.1.5. *Internet*

Como Mia teve uma carreira executiva antes de começar a sua empresa pela *internet* e fez especializações em gestão, ela compreende bem o discurso e as técnicas organizacionais e consegue falar com fluência sobre esses temas, utilizando jargões administrativos. Ao longo de sua narrativa, ela descreve seus planos e estratégias para organizar seus negócios *online*, e sua narrativa pode ser útil para compreender como se estruturam as organizações virtuais.

Durante a entrevista, Mia foi questionada sobre como definia a sua atuação na *internet* e ela explicou que ela é uma empreendedora digital. E quando explica o que é o seu negócio, é possível perceber que essa definição não foi improvisada durante a entrevista, mas já foi cuidadosamente pensada e planejada para que ela possa oferecer seu serviço. Em uma frase, ela explica que tem negócios pela *internet*, do que se trata esse negócio, faz referência a clientes

no Brasil e fora do Brasil, que servem para oferecer credibilidade, e ainda oferece a motivação e a aspiração para contratá-la.

Eu sou empreendedora, empreendedora digital, o que, que é isso? Eu tenho negócios pela internet, eu ajudo mulheres, é... no Brasil e fora do Brasil, que querem conciliar maternidade e carreira, na sua medida, tendo um negócio próprio, que seja sua expressão no mundo.

Ela explica que nomeia a sua atuação como empreendedora digital porque faz todo o seu trabalho pela *internet*. Segundo ela, o serviço que ela oferece é semelhante ao que uma consultora ou *coach* faria em reuniões presenciais em um escritório tradicional, mas que ela o faz por meio da *internet* e esclarece que não é “blogueira”, “youtuber” nem “nada disso”, fazendo referência às pessoas que possuem muitos seguidores, se tornam populares na *internet* e passam a receber patrocínio de marcas para produzir seus conteúdos. No caso dela, sua atividade é patrocinada pelas próprias clientes, que recebem conteúdo exclusivo e atendimento personalizado em ambiente restrito na *internet*.

Essa nomenclatura? Porque é um negócio digital, né, o que, que eu faço hoje? Eu faço cursos online, eu faço mentoria online, né? É... é um trabalho, eu poderia, por exemplo, ser... na minha atua, a minha atuação como ‘Coach’, tendo uma consultoria com, de consultora, tendo uma consultoria física em algum lugar da cidade, que as pessoas fossem lá e eu desse o atendimento lá, eu faço isso, eu poderia dar palestras e dar cursos presenciais. Eu faço tudo isso, mas eu faço pela internet. Por isso que eu falo de empreendedorismo digital. Mas não sou Blogueira, não sou Youtuber, não sou nada disso.

Para tornar o seu negócio viável, é importante que ele seja conhecido e facilmente encontrado na rede e, para isso, ela se expõe muito. Mia explica como consegue essa visibilidade utilizando os sites de redes sociais. Ela criou uma agenda diária em que ela fala ao vivo com seu público por meio do *Facebook* e do *Instagram* e compartilha suas histórias, com a intenção de “ajudar” e “inspirar”, mas que também aprende com as histórias que as pessoas contam nessas interações.

Eu tenho as redes sociais, né? Então, eu falo muito, eu me exponho muito, né, muito, Gizelle, assim, [riso] eu estou, hoje, muito exposta, assim. Eu faço lives¹⁹ no Facebook e no Instagram, diariamente, à, à uma da tarde, na sexta que eu faço uma e meia, porque é um dia que eu tiro, é uma programação um pouco diferente, eu fico a manhã toda com os meninos mesmo, levo o Gabriel na escola e... sexta-feira é um pouco diferente. Mas, segunda à quinta é uma da tarde e... compartilho, através de minhas histórias, as pessoas aprendem muito, eu aprendo muito com as histórias de

¹⁹ São chamadas de *lives* publicações em vídeo, transmitidas em tempo real. A pessoa que transmite pode ver quem entra para assistir e interagir com ela. Dessa forma o público pode participar por meio de mensagens de texto e por meio dos botões de reações predefinidas. No *Facebook* essas transmissões são gravadas e podem ser vistas (ou revistas) em outros momentos. Já no *Instagram* essas publicações ao vivo desaparecem assim que são encerradas e tem um caráter mais efêmero.

outras pessoas e... eu, é... compartilho as minhas histórias também, com a intenção de ajudar, de inspirar, né?

Mia relata que, apesar de ter consciência de que o fato de atuar na *internet* exige uma exposição que pode oferecer algum risco, ela fez essa escolha “com muita tranquilidade e com muita paz no coração”. Ela destaca que, eventualmente, expõe fotos dos filhos ou de situações da vida pessoal como forma de dar legitimidade aos seus argumentos de que é possível trabalhar com os filhos.

Tem o impacto de exposição, né? Então, assim, eu tenho alguns cuidados, é... mas o que eu exponho, o que acontece? O que acontece? Gizelle, não tem jeito de se trabalhar pela internet sem se expor, sem querer se expor, é uma escolha, né? É igual uma pessoa, um... cara quer trabalhar como um ator de televisão e não quer ser conhecido, não tem jeito, é uma escolha. É... agora, o que eu faço e, eu faço com muita tranquilidade isso e com muita paz no coração, é... ter muito claro, assim, o momento que eu estou trabalhando, é... e o momento em que estou com os meus filhos, que pode virar até assunto de trabalho, por exemplo, às vezes estou brincando com eles, tiro foto e posto, para mostrar minha liberdade de trabalhar com eles, de brincar com eles, uma quinta de manhã, eu posto. É... mas eu, eu, eu encaro como transparência, como legitimidade, entende?

Ela tem noção de que o fato de se expor na *internet* reduz a sua privacidade e que isso gera preocupações por parte de sua mãe, mas, segundo ela, o fato de não ser blogueira diminui o impacto da falta de privacidade, uma vez que ela não precisa informar ao público com antecedência sobre as situações de sua vida íntima e pode escolher divulgar apenas as informações úteis para construir a identidade que quer apresentar para as clientes.

Eu faço isso, o cuidado que eu tenho é esse, a minha mãe tinha umas preocupações assim: “Aí minha filha, é muita exposição, você vai falar muito da sua vida, dos seus filhos, foto, não sei o quê.” Eu falava: “Mãe, não é isso, não é isso que, isso não atrai coisa ruim, não.” [riso] “O que atrai coisa ruim, é a gente pensar em coisa ruim. Então, você para de pensar coisa ruim, que não tem nada ruim aqui acontecendo.” Então, assim, para algumas pessoas pode ser problema, eu não vejo problema, não vejo. Eu não ó, assim, eu não fico falando coisas da minha vida íntima, assim, tipo, eu não fico avisando antes se eu vou via, fazer uma viagem, avisando antes, quando eu falo, eu falo depois que eu voltei, eu não sou Blogueira, entendeu? É diferente. Eu falo do meu trabalho, eu falo de maternidade, eu falo de feminino, de maternidade, de carreira, é isso que eu falo. Então, eu não fico falando de, onde eu fui, onde eu viajei, da escola do meu filho, não sei o quê, eu não fico falando da minha vida, assim, entendeu?

Ela explica que ela é conhecida pelas pessoas que tem interesse em seu trabalho e no conteúdo que ela publica, mas não chega a ser famosa, o que lhe permite ter uma vida “completamente normal”. Ao mencionar o fato de que ela não é “o tipo da pessoa” de se “impedir de fazer nada na minha vida”, ela se refere a celebridades da *internet* que reúnem milhões de seguidores e precisam lidar com os fãs em seu cotidiano.

Então, assim, eu gosto disso, assim, não me... eu não sinto, é... incômodo, eu não sou famosa, sabe, Gizelle, eu não sou. Eu não so, eu sou, eu sou conhecida, mas eu não sou fa... eu não sei se você está percebendo a diferença, assim. Eu sou conhecida pelo o que eu faço, mas eu não sou tipo da pessoa... de me impedir de fazer nada na minha vida, nada, eu tenho uma vida normal, completamente normal.

Mia explica que, apesar de saber que na *internet* existem práticas de perseguição, ela não atrai ‘haters’.

Eu até não, eu não sofro muito essas coisas de... ‘hater’, sabe, eu não, eu não tenho, engraçado, assim, eu não sofro, até hoje uma... uma ‘live’ minha teve uma, entrou uma pessoa fazendo piadinha, ou, uma, eu faço, eu faço muitas. Então, eu não atraio muito esse perfil, assim, de gente querendo, odiador profissional, não. [riso]

Mia relata que as redes sociais digitais são fundamentais para o seu negócio e considera uma vantagem o fato de a *internet* possibilitar que ela atenda mulheres que estão em locais muito distantes, coisa que seria muito difícil em um “empreendedorismo *offline*”. Ela usa adjetivos como “maravilhoso” e “encantador” para descrever o fato de ter acesso a essas clientes.

Ah, eu amo [a *internet*], porque me dá... acesso, me dá alcance, uma coisa que eu, que eu falo aqui, oh, do outro lado do mundo a pessoa me acompanha. Então, assim, isso para mim é maravilhoso, do empreendedorismo digital, é diferente de empreendedorismo ‘*offline*’, sabe? Isso, assim, não é, é muito encantador para mim, eu poder fazer uma coisa aqui e do outro lado, sabe, a pessoa contratar um curso meu, fazer mudanças, eu tenho uma...

Mia conta que atrai as pessoas para as suas redes sociais por meio das histórias pessoais que ela publica. Essa estratégia de atrair as pessoas por meio da sua própria história pode explicar a construção identitária que Mia faz em sua narrativa, na qual se apresenta sempre como uma pessoa que consegue o que quer, que supera e reescreve os fracassos e serve como inspiração para o seu público. É interessante que Mia utiliza a palavra “mulheres” para se referir ao público que pretende alcançar, mas para se referir àquelas que já a contrataram ela usa a palavra “meninas” sinalizando um tratamento mais íntimo, mas também paternalista na relação com as clientes.

Então, eu uso muito as redes sociais pra isso hoje, a *internet* tem um papel hoje, assim... fundamental no meu negócio. Eu consigo hoje, eu tenho nessa turma agora, eu tenho duas meninas que moram no Canadá, eu já tive em outras turmas, meninas que moram na França, que moram na Holanda. Então, eu consigo impactar mulheres que estão muito longe que... sem a *internet* eu não conseguiria impactar e a maneira que... a gente atrai essas pessoas é através das histórias da gente, né? E... então é isso.

O destaque que Mia dá para a ausência de barreiras geográficas na *internet* vai ao encontro do que Amichai-Hamburger, Mckenna e Azran-Tal (2008) apresenta como a possibilidade de intercâmbio cultural que acontece na *internet*. Ela relata que, apesar de a legislação trabalhista

no Canadá ser diferente da brasileira, sua cliente ainda não considera que as condições são ideais para ela, decidiu empreender e a contratou assim que soube que estava grávida.

É, não existe barreira geográfica, não existe. Então, assim, é, eu tenho, uma das meninas que está hoje, no Programa, e é aluna da mentoria também, ela mora no Canadá. Ela está grávida. Imagine, entrou grávida no Programa. Assim que soube que estava grávida, me procurou e, tudo. E... porque ela quer fazer essa transição profissional, hoje ela trabalha em um escritório e tal, e ela quer empreender também e tal. Quer ter o negócio dela, para ter flexibilidade, lá é diferente, um pouco, a realidade, lá é um ano de licença-maternidade, com metade do salário, tem condições diferentes de trabalho, do que aqui. Mas, ainda sim, é, não são a, as condições ideais para ela.

Esses relatos estão sintetizados no Quadro 5.

Quadro 5 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Mia Balarini

P T	Personagem ou subtema	Função na narrativa	Ações importantes
Contexto familiar	O pai	Coadjuvante	Trabalhava muito; fazia questão de almoçar em casa todos os dias; exemplo de seriedade, trabalho e comprometimento.
	A mãe	Coadjuvante	É psicóloga como Mia; é a primeira referência de mãe com carreira de Mia; era uma mãe presente e tinha carreira profissional.
	A igreja	Coadjuvante	Toda a família ia à missa aos domingos. Tem forte influência no discurso de Mia, que cita trechos bíblicos e menciona a fé diversas vezes em sua narrativa.
	A rede de apoio	Coadjuvante	Representada pela empregada doméstica. Foi a forma que a mãe de Mia encontrou para manter a carreira e garantir o cuidado dos filhos. Era de confiança da família, mas a mãe "dava umas incertas" em casa para garantir o controle.
	Os irmãos	Coadjuvante	São quatro, três homens e uma mulher. Todos "deram certo na vida" e se encontram com frequência. O mais velho é sócio de Mia na empresa de consultoria virtual.
Universidade	Mia - a determinada	Protagonista	Decidiu que ia fazer faculdade à noite, para que pudesse trabalhar durante o dia, mesmo contra a vontade dos pais. Enfrentou a "tortura" de ir de ônibus para a aula durante um ano antes de conseguir a carteira de motorista e ter acesso aos carros da família.
	Mia - a aluna que trabalha e estuda	Protagonista	Nunca foi reprovada, chegava atrasada na aula porque ia direto do trabalho; contribuía muito porque tinha vivência.
	Mia - pós-graduada	Protagonista	Cresceu rapidamente na carreira e cursou duas pós-graduações.
Casamento	Mia	Protagonista	É muito apaixonada pelo marido, mas percebe muitas dificuldades no relacionamento com ele. Menciona diversas vezes a intenção de "resgatar" o casamento.
	Marido	Coadjuvante	Quase desistiu do casamento quando Mia sofreu uma perda gestacional, "ficou louco" quando Mia desistiu da carreira executiva, cobra programação adulta com Mia em momentos nos quais é muito difícil para ela conseguir alguém que cuide das crianças.

(continua...)

Quadro 5 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Mia Balarini (cont.)

P T	Personagem ou subtema	Função na narrativa	Ações importantes
Maternidade	Mia - a mãe com carreira	Protagonista	Não consegue separar maternidade e carreira. Quando fala de um, sempre fala do outro e sobre como estão sempre interconectados.
	A perda gestacional	Coadjuvante	A primeira gestação de Mia terminou em aborto aos três meses e fez com que ela questionasse a própria feminilidade.
	Gabriel - o primeiro filho	Coadjuvante	Foi concebido em uma fertilização in vitro; no final da gravidez houve o risco de parto prematuro e foram necessários repouso e afastamento do trabalho; ao final da licença-maternidade de Gabriel, Mia foi demitida do emprego como executiva.
	Rafael - o caçula	Coadjuvante	Quando nasceu, a mãe já era empreendedora virtual e não queria "dar uma pausa" na carreira de novo.
	A rede de apoio	Coadjuvante	Assim como a mãe, Mia contratou uma babá para ser sua "rede de apoio" para conseguir atender as demandas do trabalho.
Carreira	Mia Executiva	Protagonista	Prioriza o trabalho; cresceu rápido; tinha cargo gerencial em grande empresa multinacional; bem-sucedida; bem remunerada; foi demitida pela primeira vez assim que voltou da licença-maternidade.
	Mia empreendedora	Protagonista	"Foi uma transformação pelo fogo"; após a demissão decidiu não voltar para o "mundo corporativo" e decidiu empreender pela <i>internet</i> para ter mais controle do próprio tempo e ficar mais próxima dos filhos; como tinha formação em <i>coach</i> , escolheu atuar no nicho com o qual se identificava, ajudando mães a empreenderem.
Internet	Negócios pela <i>internet</i>	Subtema	Foi a solução encontrada por Mia para aproveitar toda a sua formação acadêmica e experiência profissional em gestão para manter seu status profissional mesmo tendo sido excluída do "mundo corporativo" após a maternidade.
	Clientes internacionais	Coadjuvante	Encontraram Mia pela <i>internet</i> e a contrataram mesmo estando geograficamente muito distantes. São citadas clientes do Canadá, França e Holanda.
	Mia em exposição	Protagonista	Os familiares se sentem inseguros com a exposição necessária para viabilizar o negócio. Para minimizar o impacto sobre eles, Mia publica mais informações sobre o trabalho e divulga informações incompletas sobre a família para garantir autenticidade sem tanto risco.
	Clientes amigas	Coadjuvante	As relações estabelecidas com as clientes pela <i>internet</i> frequentemente evoluem para uma amizade mais profunda do que as construídas <i>offline</i> .

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: PT = Percursos temáticos.

4.3.2. O processo de empoderamento de Mia

O relato de Mia demonstra que o seu processo de empoderamento tem componentes sociais e individuais. O fato de ser uma mulher socialmente lida como branca²⁰, com alta escolaridade e de classe média alta, já garante a Mia mais empoderamento que mulheres negras, pobres e com

²⁰ Apesar de ser socialmente lida como branca, Mia relatou uma situação em que sofreu racismo de uma pessoa da família do marido (que é de origem holandesa) por causa de suas características mestiças.

pouca escolaridade. Mia tem acesso a recursos que garantem a ela maior controle sobre a própria vida, capacidade de autonomia financeira e possibilidade de tomar decisões que lhe garantem um certo nível positivo de empoderamento individual.

Entretanto, mesmo fazendo parte da elite da população brasileira, ela não escapou de ser demitida após ser mãe e precisou buscar estratégias para manter o seu status social e profissional.

A *internet*, nesse caso, funcionou como um espaço em que ela conseguia atuar sem precisar transformar muitas práticas sociais que já pesavam sobre ela. Ela passou por um processo de reconfiguração identitária em que deixou para trás a identidade de executiva bem-sucedida e assumiu a identidade de empreendedora digital. Além disso, a formação da comunidade virtual possibilita relações pessoais profundas, de forma que elas se sintam mais conectadas e próximas entre si do que com as pessoas que estão próximas geograficamente.

A sua atuação na *internet* favoreceu a formação de uma comunidade virtual que atrai outras mulheres que vivem situações parecidas e que buscam formas de se manterem ativas e não perderem os avanços sociais que tinham alcançado antes da maternidade. Essa comunidade tem características empoderadoras em nível coletivo, porque em grupo elas compartilham estratégias, fortalecem as suas competências, elaboram estratégias que podem inclusive, a longo prazo, transformar as práticas organizacionais que promovem a exclusão de mães dos espaços de poder na sociedade.

Apesar de sua atuação se resumir a uma pequena parcela de mulheres da elite, as reflexões promovidas sobre as condições de trabalho das mulheres nas organizações e a interação *online* com mulheres com outros perfis e demandas podem fazer com que as ações se tornem mais amplas. Isso fica claro quando Mia fala sobre o seu desconforto em contratar uma empregada doméstica. Ela teve acesso a informações que mostravam que há um “conflito de interesses” na relação entre as feministas brancas que podem contratar empregadas domésticas, mas essa reflexão não foi profunda o suficiente para que fosse possível encontrar outras soluções.

Tal análise está sumarizada no quadro 6.

Quadro 6 - Ações de Mila que favorecem o empoderamento

Ações	Características
De executiva a empreendedora	Após ser demitida do emprego ao voltar da licença-maternidade, Mia decidiu que não ia retornar para um modelo que a desfavorecia no mercado de trabalho. Ela se deu conta de que assim como ela tinha sido excluída do mercado de trabalho ao se tornar mãe, outras mulheres também passavam pela mesma situação e criou uma comunidade e um negócio para orientar essas mulheres a empreenderem e superarem essa exclusão sistêmica.
Formação de uma comunidade virtual	Mia passou a formar uma comunidade virtual de mulheres que passaram por situações semelhantes à dela no mercado de trabalho, oferecendo conteúdo gratuito diariamente em suas redes pessoais e conteúdo pago para mulheres que têm interesse em orientações específicas e personalizadas.
Estabelecimento de relações de amizade com as clientes	Mia conta que as clientes são atualmente as amigas mais próximas que ela tem. As relações que são estabelecidas <i>online</i> se tornam mais profundas e constantes que as estabelecidas <i>offline</i> .
Fortalecimento coletivo de mulheres-mães no mercado de trabalho	A <i>internet</i> serve como fonte de conhecimento, rede de contatos, espaço de trabalho e fonte de renda para mulheres que são excluídas do mercado de trabalho ao serem mães.
Organização virtual possibilitando práticas organizacionais mais adequadas às mulheres-mães	O fato de as mulheres assumirem a maior parte do trabalho de cuidado com as crianças faz com que modelos organizacionais tradicionais com horários de trabalho rígidos sejam muito difíceis de conciliar com as demandas da maternidade. O trabalho pela <i>internet</i> permite uma flexibilidade, que se não resolve a sobrecarga de trabalho, ao menos facilita a conciliação das tarefas.

Fonte: Dados da pesquisa.

A interação com outras comunidades de mulheres periféricas, negras, pobres pode levar a comunidade de feministas brancas a repensar suas práticas e incluir as demandas dessas mulheres em suas práticas organizacionais.

4.3.1. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa Mia

Ao analisar como empoderamento e identidade se integram na história de Mia, fica claro que, no processo relacional de sua construção identitária, os privilégios de classe favoreceram o seu processo de empoderamento no nível individual. Ela teve acesso a espaços de poder desde muito jovem, o que promoveu sua autonomia e autoestima. Entretanto, ao vivenciar uma situação de exclusão baseada no gênero, foi necessário que ela mudasse os rumos de sua carreira profissional, deixando de trabalhar como executiva empregada e passando a assumir uma identidade de empreendedora autônoma.

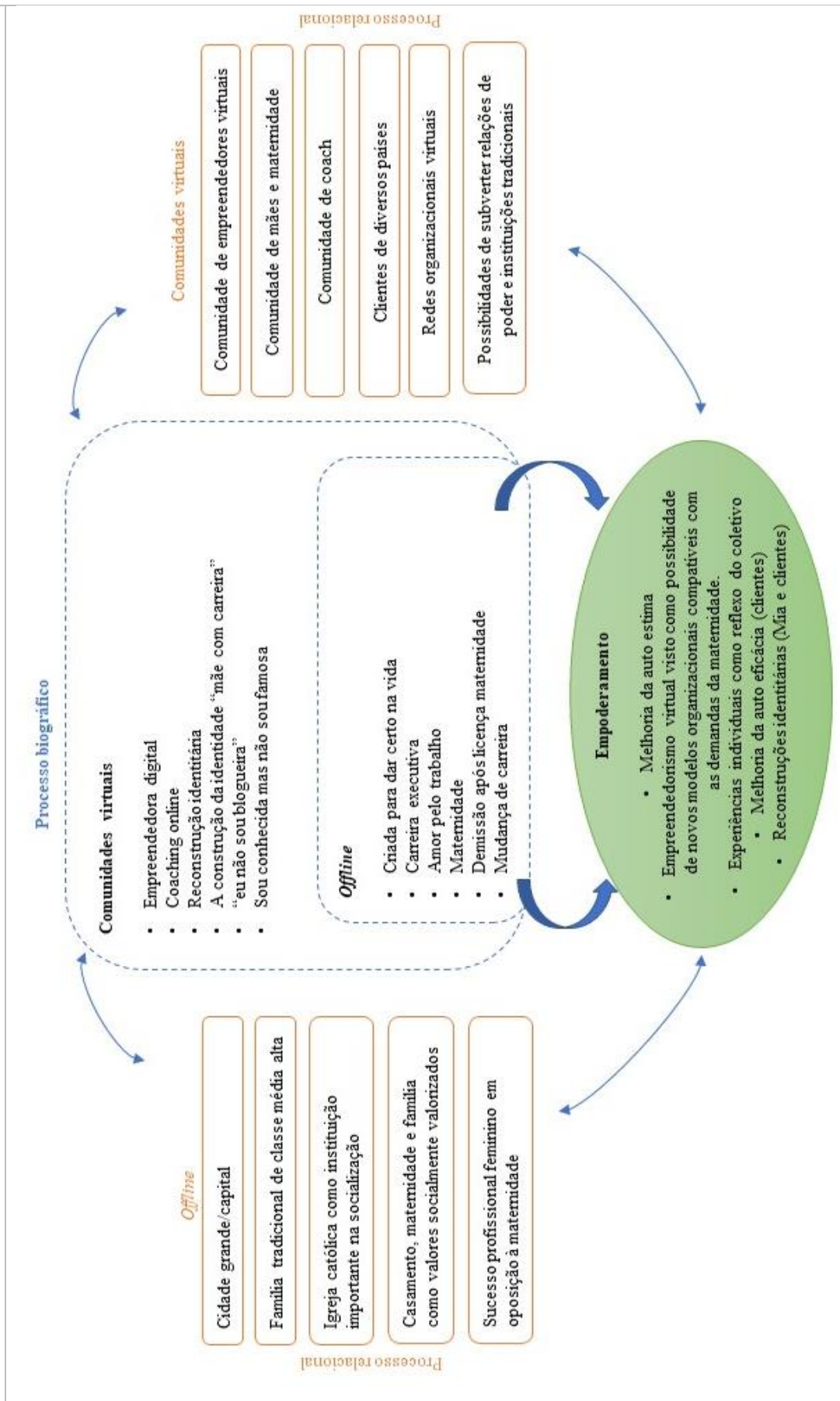
Essa transição, caracterizada pelo empreendedorismo por necessidade, muitas vezes é promovida como alternativa para o empoderamento, mas que também pode levar à informalidade e falta de proteção dos direitos trabalhistas. Por outro lado, o fato de a escolha de Mia ter sido a criação de uma comunidade que está repensando as relações de trabalho das

mulheres que são mães, buscando soluções e práticas que permitam sua reinclusão imediata, pode levar à criação de práticas de gestão que levem em consideração as necessidades das mulheres que trabalham e que têm filhos.

A atuação de Mia na *internet* pode favorecer processos de empoderamento coletivo, uma vez que a formação da comunidade virtual, em que uma apoia a outra, transforma o ambiente em que elas atuam quando buscam empreender. Em vez de encontrarem as “paredes de vidro” construídas em suas relações mais próximas (SANTOS, 2017), elas encontram pessoas que dão reforço positivo, colaboram com a divulgação, oferecem ideias e informações técnicas que podem favorecer o sucesso de seus empreendimentos.

A Figura 8 ilustra esse processo.

Figura 10 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Mia Balarini



Fonte: Dados da pesquisa

4.4. Stela Rabelo

Stella Rabelo é arquiteta, blogueira, colunista de revista feminina e feminista negra. Tem 25 anos, é solteira e não tem filhos. Em seu perfil pessoal no *Facebook*, ela publica intensamente sobre temas relacionados ao feminismo negro, comentários sobre política, direitos humanos, interseccionalidade e cenas do seu cotidiano. Todos os seus *posts* são públicos, mas só se você for um dos seus 5 mil “amigos” poderá deixar comentários. Em seu perfil pessoal do Instagram, ela posta fotos de seu cotidiano e prioriza assuntos relacionados ao trabalho como colunista em uma revista feminina de grande circulação nacional.

Ela foi escolhida para ser uma das entrevistadas desse estudo porque debate diariamente sobre as questões das mulheres negras e apresenta a necessidade de observar as interseccionalidades das opressões sofridas pelas mulheres, de forma a entender que o movimento feminista precisa levar em conta que a mudança social e a equidade de gênero só será possível se incluir todas as mulheres e que, portanto, classe, raça e gênero se sobrepõem afetando de forma muito mais violenta as mulheres negras e pobres.

A entrevista com Stella foi realizada em dois encontros. O primeiro encontro foi realizado em uma videochamada por meio do *Facebook*. Stella estava em casa, acompanhada de seu cachorro. Ela estava cansada, rouca - devido à sua participação em um grande evento de visibilidade internacional - e ansiosa porque, em alguns dias, iria participar de um programa de televisão na emissora mais importante do país para falar sobre sua história de vida, com foco no abandono paterno. O fato de estar se preparando para falar sobre esse tema em um programa de grande visibilidade nacional pautou a sua narrativa e apareceu diversas vezes em sua fala nesse dia. Ela se aprofundou bastante nas reflexões sobre como o fato de ter passado pela experiência de abandono paterno marcou sua existência, a construção de sua identidade e as consequências disso para suas relações atuais. Stella também narra, nessa conversa, diversas experiências de racismo que viveu e como elas afetaram a sua construção identitária.

O segundo encontro foi realizado por meio de aplicativo de celular, o WhatsApp, por solicitação da Stella que estava em uma viagem de trabalho. A entrevista foi realizada a partir de áudios gravados e compartilhados pelo aplicativo. Esse método comprometeu um pouco a interatividade, uma vez que era necessário gravar tudo e enviar, em seguida esperar que ela escutasse a pergunta e gravasse a resposta, depois era preciso ouvir a resposta antes de enviar

uma nova pergunta. Esse diálogo por WhatsApp durou uma tarde inteira e parte da noite. O fato de a conversa não acontecer no face a face e em tempo real possibilitou que a Stella elaborasse mais suas respostas e disfarçasse o desconforto e a timidez (que apareceram diversas vezes na conversa por vídeo), o que corrobora os achados de Amichai-Hamburger, Mckenna e Azran-Tal (2008) de que as ferramentas da *internet* que permitem mais controle sobre a mensagem que vai enviar favorecem pessoas que são muito tímidas a conseguirem se expressar melhor. O estilo da fala dela, nessa segunda parte da entrevista, é mais elaborado, refletido e seguro.

Nessa conversa, o tema da narrativa foram as suas experiências na *internet*. Stella acredita no potencial da *internet* e das redes sociais *online* para o empoderamento feminino, mas seu olhar é crítico também para esse espaço e tem muita consciência de que as relações de poder que existem na sociedade, também se refletem no ciberespaço.

4.4.1. Percursos temáticos na narrativa de Stella Rabelo

O estilo da narrativa de Stella é predominantemente crítico, com foco nas dificuldades e violências vivenciadas por ela ou pessoas com quem convive. Em todas as situações que relata, procura apresentar uma análise sobre como essas situações se articulam com a sua identidade ou com a sua militância.

A linguagem utilizada é culta e, em sua fala, faz referências a conceitos teóricos das ciências humanas e sociais. Fica claro que a sua fluência teórica está relacionada muito mais ao movimento negro, uma vez que, ao longo de sua fala, ela recorre a jargões dos discursos feministas, como relacionamentos abusivos, pressão estética, desigualdade salarial e mulheres fortes, mas não se aprofunda nas análises como faz quando está analisando as relações raciais.

O enredo em que sua narrativa se desenvolve se dá em torno do tema da luta. Ela usa os vocábulos luta, disputa, ocupar, arma, violência, agressivo, em diversos momentos. E deixa claro que esse contexto de disputa é difícil para ela; note-se que a palavra difícil aparece 61 vezes ao longo da narrativa.

Os personagens que ela utiliza para contar sua história ajudam a entender quem são os protagonistas e quem são os antagonistas nessa luta que ela narra. De um lado, a grande protagonista da história: a mulher negra, identidade que ela reivindica para si. Essa mulher sofre todo tipo de violência racial e de gênero, mas não se cala e faz questão de expor todas as mazelas

para mudar a sociedade. Essa mulher negra é diferente da mulher negra periférica, que ela diz estar em outro lugar, mas não detalha que lugar é esse. Outro personagem que ela apresenta é a mãe incrível, que foi abandonada grávida pelo companheiro e abriu mão da própria vida para cuidar das filhas. A *internet* é um personagem que tem uma personalidade contraditória, ora está do lado da protagonista lhe dando voz e visibilidade, ora está do lado antagônico, possibilitando o fortalecimento de grupos de ódio contra os quais ela luta.

Há ainda os fãs e seguidores que fazem parte da sua comunidade, mas com quem mantém relações de desconfiança uma vez que dizem estar ao seu lado, mas fazem exigências que lhe negam a humanidade. No campo de batalha que Stella constrói em sua história, há um personagem que figura entre a protagonista e os antagonistas, o homem negro. Esse homem é oprimido pelas relações raciais e, portanto, se aproxima da mulher negra na questão da raça, mas ele também oprime no que diz respeito ao gênero e, muitas vezes, abandona a mulher negra para se relacionar com uma mulher branca e, assim, obter maior status social.

Do outro lado da história, está o grande vilão: o homem branco hétero. Esse personagem é o que, na história de Stella, mantém todos os privilégios sociais e promove a opressão contra a qual ela luta. Ao lado desse vilão está o racista, que é aquele que inflige sofrimento às pessoas negras, e, muitas vezes, as suas agressões passam despercebidas.

Entre os antagonistas em sua narrativa, aparece também o pai ausente cujo comportamento abusivo deixou traumas e marcas em sua identidade.

Outra expressão que ganha status de personagem na história de Stella são as “coisas”. Ela usa essa expressão diversas vezes quando quer resumir situações negativas, racismo, machismo e violências.

Os temas mais frequentes na narrativa de Stella são a ausência paterna, o racismo, o silenciamento das mulheres negras e a precarização do trabalho das pessoas negras.

4.4.1.1. *Timidez*

Ao longo da sua narrativa, diversas vezes Stella frisou o quanto é tímida e como essa característica afetou suas relações e seu ativismo. Essa característica, que torna difícil para ela as relações face a face, favoreceu a sua atuação na *internet*, em uma situação que corrobora os

achados Amichai-Hamburger, Mckenna e Azran-Tal (2008) sobre o fato de o ambiente da *internet* favorecer a expressão social de pessoas extremamente tímidas.

Eu sou tímida, assim. Eu tenho muita dificuldade inclusive de me relacionar assim. Eu sou supertímida. E eu acho que faz sentido. Por isso que eu prefiro escrever. Eu sou muito fechada, muito na minha. Então eu foco muito nessa coisa da escrita e da leitura porque eu sou muito já tímida, muito introspectiva. Acho que nas relações pessoais eu sou essa pessoa mais introspectiva, eu sou muito na minha, mesmo.

Stella destacou essa característica com muita ênfase diversas vezes ao longo da entrevista, o que sugere que essa característica de sua personalidade afeta profundamente sua construção identitária e suas relações interpessoais. O processo de escrever na *internet* e seu ativismo *online* permitiu que ela conseguisse se expressar publicamente de uma maneira que seria muito difícil nas interações face a face.

Eu era muito tímida também. Então eu, eu, eu lia muito, eu não gostava muito de falar. Era muito insegura, tinha muita vergonha, eu era muito fechada, assim. Não era uma pessoa pública, assim. Tanto que é muito mais fácil eu escrever do que eu falar ou me expressar em público. Hoje eu trabalho mais isso. Eu acho que eu aprendi muito isso com o próprio ativismo. Por que eu era muito fechada, assim.

Apesar de se sentir limitada pela timidez, Stella descreve um processo de socialização que favoreceu a forma como ela se expressa, que foi a convivência com mulheres fortes, que não aceitavam serem silenciadas e que serviram como exemplo para ela se posicionar e expor suas opiniões, mesmo que a timidez dificulte.

E eu sempre fui muito tímida, assim, fui muito na minha, mas ao mesmo tempo, na minha família, sempre eu vi mulheres que eram a força, né. Que elas eram a, elas eram tudo daquele espaço. E as minhas tias eram muito fortes. Minha mãe era muito forte. Minha vó era muito forte. E a história que o meu avô contava da mãe dele, das primas, irmãs dele, eram sempre mulheres muito para frente, né, frente da batalha. Então, eu não fui criada para não me posicionar. Eu não fui criada para não falar. Eu fui criada para expor, mesmo dentro do que eu representava enquanto personalidade e subjetividade, que eu era uma pessoa muito fechada.

Mesmo sendo muito requisitada para trabalhos, Stella ainda tem dúvidas se o fato de ser tão tímida pode prejudicá-la, no campo profissional, e se cobra bastante em relação às questões profissionais.

No campo profissional eu acho que eu me cobro bastante assim. Eu sou muito... Eu tento me dedicar muito, né? Mas eu continuo nessa timidez. Então eu sou muito essa pessoa que fica assim olhando assim, sabe? Fico observando, absorvendo e tentando entender e aí eu me posiciono muito pela escrita. Eu sou muito essa pessoa. Ou demoro meses até entender e conseguir falar. É um processo. Eu sou muito essa pessoa do processo, de ficar observando e tentando entender. Eu sou muito na minha, né? Eu não sei se isso é bom. Dependendo do lugar isso é bom e dependendo do lugar não. Mas eu também me cobro muito.

Em sua narrativa, Stella coloca o foco principalmente nas experiências dolorosas que sofreu devido ao racismo. Nesse ponto, é possível identificar a intertextualidade com as discussões que ela estabelece diariamente na *internet* buscando expor as violências e os sofrimentos provocados pelo racismo. O seu discurso constantemente se volta para as dificuldades vivenciadas por ela - mesmo sem o estímulo da pesquisadora para isso - e raramente se detém em boas lembranças e experiências felizes. Mas, em sua construção identitária, ela tem uma visão positiva sobre si e acredita que ela é a pessoa que gostaria de ser.

Eu não sei...Eu acho que eu estou sempre tentando. Eu acho que é importante tentar, né? Eu tento não ficar na zona de conforto. Mas acho que é um processo de construção sempre. Eu acho que a gente está sempre se construindo e se reconstruindo e se revendo. Mas acho que no atual momento eu sou a pessoa que eu gostaria de ser. Eu acho que eu estou trabalhando bem nesse sentido.

4.4.1.2. *A família*

No dia que a primeira entrevista com Stella foi realizada, ela se preparava para dar uma entrevista na televisão sobre abandono paterno. Obviamente, esse tema teve grande impacto em sua construção identitária e em suas relações sociais, mas certamente ele apareceu nessa entrevista com mais destaque do que provavelmente teria aparecido se ela não estivesse com a atenção voltada para ele. A reflexão que ela faz sobre como passar por esse abandono afetou sua vida e suas relações é profunda e oferece informações preciosas sobre questões de gênero e de raça que permeiam as relações familiares.

Quando foi perguntada sobre sua infância, Stella hesita um pouco antes de falar sobre o pai, mas percebe-se o peso que sua ausência tem em sua história pela forma como ela resume sua infância a “muito, muito boa” e ao fato de ter primos, vida, escola, presença e cuidado da mãe e a irmã. Ela lista uma série de relações que são comuns na infância sem dar nenhum detalhe sobre elas. E termina a sua narrativa com uma reticência que serve como gancho para ela falar sobre a ausência do pai e que, aí sim, passa a ser repleta de detalhes.

Ah, é muito complexo e [silêncio de 4 segundos]. É... Eu [silêncio de 4 segundos] eu, como eu vou explicar? Quando, quando, eu vivi uma infância muito, muito boa. Dentro das possibilidades da minha família. Tinha meus primos, tinha uma vida, escola, tinha tudo, assim. A minha mãe sempre foi muito cuidadosa, muito presente. Tipo, minha irmã também. Então a gente vivia, mas como...

Quando ela finalmente chega na história do pai, ela coloca o fato de ele ter ido embora de casa como marco em sua infância. Isso porque a mudança não foi apenas a ausência dele, mas toda a reorganização de vida que foi necessária depois que ele saiu de casa.

Tipo, ah, eu acho que um dos marcos da minha infância foi, é, esse processo do meu pai ter ido embora de casa. Eu tinha 3 anos. (...) Quando a minha mãe engravidou da minha irmã, ele simplesmente foi embora. E aí foi uma mudança muito forte, assim. Por que aí a gente mudou de casa, eu tive que me mudar de escola. Tipo, mudei minha vida toda.

Stella narra que foi morar com os avós e que a família se esforçou para compensar a falta que o pai fazia em sua vida tratando-a com mimo. Stella faz questão de frisar que os avós tinham dificuldades para suprir as necessidades dela, da mãe e da irmã, mas que faziam o que podiam para garantir o cuidado que elas precisavam.

Então tinha um cuidado muito grande dos meus avós. É, mesmo dentro das dificuldades deles, deles assim, meu avô tinha problemas com alcoolismo. Tinham várias questões. Mas ele tinha um cuidado muito grande comigo e com a minha irmã por causa disso assim.

Fica implícito nessa fala, ao focar especificamente o problema do avô com o alcoolismo, um ressentimento, que mais tarde ela explicita, de o pai justificar sua ausência pelo fato de ser muito difícil para ele participar da vida delas. Para ela, o avô também tinha suas dificuldades, mas ainda assim ele tinha um cuidado grande com ela e a irmã.

Mesmo, e eu sempre falo, o meu avô, ele tinha sérios problemas com bebida, ele era uma pessoa alcoólatra. Era difícil, óbvio, as pessoas sabem que é difícil, mas eu não, eu sempre me senti muito amada, assim. Sempre eu me senti, sempre senti uma presença e um cuidado muito grande, mesmo dentro dessas dificuldades que ele tinha. E ele também era um homem negro. E aí eu fiquei, eu sempre fico pensando o quanto, é, para o meu pai, não foi uma escolha porque “aí, eu vivi e nessa vida eu ia ser difícil”. Na vida, as pessoas têm de a hora de ser difícil. Tipo, foi uma escolha muito individual, mas acho que se você quer ser um indivíduo solitário, então você não fica fazendo filhas por aí, né. E não fica, é, em, em, e depois, pagar pensão.

Ela conta que a avó assumia as tarefas de cuidado no cotidiano e o avô, as necessidades financeiras, o que reproduz bem os papéis tradicionais de gênero em que às mulheres cabem os cuidados com a casa e com as crianças e/ou idosos e aos homens, o provimento financeiro.

E a minha vó também, no sentido de, mesmo de cuidar da gente nos horários depois da escola, pentear o nosso cabelo, sabe, fazer comida. O meu avô era sempre quem supria, também, as nossas necessidades financeiras maiores assim. Eu acho que a gente vivia com eles, mas nunca faltou nada.

Ela reforça que a família a mimava “super” e, ao olhar para essa infância mimada, ela percebe uma contradição e diz que “fugia um pouco da norma”. Fica implícito que a norma a que se

refere seria ter mais privação material por serem uma família “simples”. Ela justifica a existência dos mimos que recebeu na infância com fato de viverem no interior e ser possível viver muito bem com pouco, sendo que, com esse pouco, subentende-se que ela quis dizer dinheiro, se tivessem morado na capital, morariam muito mal. A escolha da palavra “simples” em vez de “pobre” ou “de classe média” é uma escolha de vocabulário que mostra que, apesar de não ter sofrido nenhuma privação material que pudesse caracterizar como pobreza, e de ter tido muitos mimos, também não tinham recursos suficientes para que ela classificasse a família como de classe média. Ela parece considerar que alcançou essa “categoria” e que o fato de ser hoje uma mulher de classe média foi uma ascensão social, mas que a família ainda mantém as características da sua infância.

Eu era super mimada assim. Super mesmo. É meio, é, foge até um pouco até da norma, mas tem muito a ver também com o contexto que eu nasci. Eu sou do interior, então a gente era uma família simples. Simples. Se a gente tivesse vivi... se a gente tivesse morado na capital, a gente moraria muito mal. Mas dentro do contexto da gente ser do interior, a gente vivia muito bem com pouco. E hoje ela vai mantendo assim.

Stella considera esse acolhimento recebido dos avós e das tias como uma parte importante de seu desenvolvimento. Quando ela diz “hoje eu estar aqui” subentende-se que esse aqui é um lugar de destaque, de sucesso, que foi impulsionado pelos recursos e cuidados oferecidos por sua família materna e destaca que muitas mulheres não recebem esse apoio. E suspeita que o fato de a família ser de maioria de mulheres favoreceu essa empatia.

Então, foi, eu acho que, hoje, eu estar aqui se deve a essa somatória de fatores, mesmo. E, inclusive, o fato da minha mãe ter recebido apoio da família, que é uma coisa que não são todas as mulheres que, dentro dessa situação, conseguem ter, assim. E era uma família de maioria de mulheres, então teve uma empatia maior, nesse sentido.

Após explicar como a ausência do pai foi suprida pela família, Stella vai detalhando como foi a sua relação com ele e como ela afetou sua vida. Ela conta como viveu boa parte da vida sem o registro do pai que só a registrou e incluiu seu sobrenome (que é o que ela utiliza em sua assinatura) quando ela tinha 11 anos.

Quando eu, quando eu tinha 11 anos, tanto que o meu nome, eu não tinha o Rabelo. O Rabelo é do meu pai. Eu cresci até os 11 anos, eu tinha só o Mendes. E aí, depois, é, ele, ele voltou, me registrou, registrou a minha irmã e começou a pagar pensão.

Stella conta que esse retorno não foi fácil para ela e que o pai voltou a ter alguma convivência com ela, mas cobrava uma relação de afeto que ela não tinha conseguido estabelecer devido ao abandono. Quando ela coloca a questão “como se ele fosse nosso pai, sério?”, Stella deixa

implícito que para ela a paternidade biológica não é suficiente para o estabelecimento do vínculo. Seria necessário também uma paternidade afetiva, o que vai ao encontro ao que Cunico e Arpini (2014) identificaram em sua pesquisa. Ele é o pai, mas não tinha exercido a paternidade afetiva, se manteve ausente por muitos anos e, quando voltou, cobrava dela uma relação de intimidade que não tinha sido construída e que sequer se esforçava para estabelecer.

Mas, assim, am, foi um processo meio difícil, porque ele achava que a gente tinha que, ah ele, como se ele fosse nosso pai, sério? Ele super se colocou em uma posição que não fazia nem sentido. Com uma posição mesmo de vir cobrando, sabe? E, talvez um tempo, ele até continuou sendo super ausente, assim. Vivia esquecendo a gente na escola, falava que ia fazer alguma coisa e não ia. É, ele era, ele sempre foi assim.

Ela descreve a frustração de estar sempre esperando por uma paternidade mais afetiva, por mais participação em sua vida, mas essa convivência se mantinha em promessas que nunca eram cumpridas.

Stella narra que as relações com o pai não melhoraram ao longo dos anos, que se falavam muito pouco e se tornaram especialmente tensas quando ela ingressou, com bolsa, na Universidade e passou a ter direito à pensão alimentícia por mais tempo. Aquele pai não disponibilizou tempo para ela, que não participou da sua criação, não ofereceu afeto, atenção e carinho, ficou bravo por ter que oferecer contribuição financeira para a sua educação superior.

Hoje a gente quase não se fala, assim. Acho que é muito raro, né. Eu falo com ele umas 3 vezes por ano, assim. Então é muito difícil. Quando eu entrei na Universidade, ele ficou bravo. Ele falou que era absurdo. Que eu queria fazer arquitetura porque era elite. Que eu era metida, que minha mãe tinha mimado eu demais.

A fala do pai que Stella narra mostra um sentimento comum em pais ausentes, conforme apresentaram Cunico e Arpine (2014), de que a pensão alimentícia é uma espécie de extorsão. Isso fica claro quando ele entra com um processo na justiça contra ela para não ter que pagar pensão durante o tempo que ela estava na universidade. Além disso, a forma como ele desqualifica a escolha profissional de Stella como “absurdo”, que ela é “metida” e “mimada” mostra que ele acredita que ter escolhido uma profissão de “elite”, fora do que é esperado de uma mulher como ela, foi uma forma de atacá-lo. Essa narrativa lembra muito o ditado popular “ponha-se no seu lugar” em que o lugar do negro é um lugar de invisibilidade (FERNANDES, 2016). Para ele, ela não deveria estar ali e, se estava, era só para manter o benefício da pensão alimentícia.

E aí, ele me entrou com um processo, é, para não pagar pensão, né. (...). Inclusive, é, o que aconteceu: ele entrou com um processo para bloquear isso, porque não

queria mais pagar pensão. (...) É, foi muito, é, agressivo, assim. Mas ele fez, é difícil. (...) Eu me formei esse ano e ele nem foi na minha formatura, assim. Eu acho que... ele não tem diploma, né. Ele, minha mãe... Eu fui o primeiro diploma da minha família. E ele não está nem aí, assim, ele não liga. Ele não é nem um pouco presente na minha vida assim. Ele, am, mesmo, e às vezes ele me manda mensagem do tipo “ah, não me incomoda”. É muito difícil.

Apesar de demonstrar pouco interesse em participar da vida de Stella e não desejando contribuir financeiramente para sua formação, quando Stella começa a ganhar destaque público e ficar conhecida, ele quer mostrar para as pessoas esse sucesso, o que Stella considera como um abuso.

Ao mesmo tempo que, por exemplo, digamos que eu saia em uma revista, uma coisa “nossa”. Ele acha, ele quer compartilhar pra mostrar para as outras pessoas. Como se... **O seu sucesso fosse dele?** Não é tipo como se fosse uma coisa para mim assim. Eu acho um relacionamento muito abusivo dele comigo e com a minha irmã assim. Não consigo chamar de amor, de família, não consigo assim.

Stella apresenta duas consequências principais em sua construção identitária da sua relação de ausência e conflito com o pai. A primeira foi em relação ao racismo. Ela acredita que poderia ter tido mais consciência crítica sobre as experiências que teve e mais recursos para reagir se tivesse convivido mais proximamente do pai, uma vez que ele participava de movimentos negros e tinha a noção política do que é ser negro no Brasil. Essa consciência política, que ela precisou buscar em outros lugares motivada pelas violências que sofreu, não poderia ter sido oferecida pela família materna, que era mestiça e não se envolvia em movimentos sociais.

Então, uma das coisas que eu falo sobre a ausência do meu pai é que tem esse também processo racial, porque ele é negro. Ele é evidentemente negro, lido como tal e ele participa de movimentos que estão interligados com essa questão. Então quando ele se privou de estar com a gente, ele impactou também na minha vivência enquanto indivíduo negro nessa sociedade. E da minha irmã também, porque a gente, a minha mãe não tinha a vivência negra e meu avô era em um outro momento, onde ele não fazia parte politicamente desses processos. Meu pai fazia. Então ele era uma pessoa que era politicamente ativa, participava dos movimentos, tinha essa visão política. Até porque a família dele não era uma família que tinha passado por um processo da mestiçagem até então. Então, é, quando ele foi embora, eu também fui, é, jogada em um mundo de violência racial sem saber evidentemente o que eu iria passar, sabe?

A segunda consequência que Stella apresenta sobre a sua personalidade e sobre a sua identidade é a forma como ela, e inclui aí também a mãe e a irmã, se relaciona com os homens. Nessas relações com os homens, ela cita como consequências principais a naturalização de modelos abusivos de relacionamento, que ela chama de “modelo das migalhas”.

Eu realmente acho que faltou responsabilidade de uma das partes. E como essa não responsabilidade afetou tudo na nossa vida e, inclusive, a forma como a minha mãe, como eu e como a minha irmã nos relacionamos com outros indivíduos na sociedade.

Acho que é exatamente isso. A forma, até o tipo de modelo de homem que, por exemplo, você passa a se relacionar e a naturalizar esse modelo abusivo, porque você está vendo ele na sua casa. Que é esse modelo das migalhas, que eu, que era o que o meu pai dava para a gente.

Outra consequência que ela atribui à ausência paterna é o fato de se sentir revoltada com os homens em geral. E essa revolta ela associa com o fato de se identificar como feminista.

Então eu tive sempre muito medo, porque eu quando comecei a me identificar de fato como feminista, porque eu já era meio revoltada em relação a homens desde muito cedo [risada]. Mas quando eu comecei a me escavar, a minha preocupação era mínima, porque ela [mãe] naturalizava o que o meu pai fazia, ela poderia naturalizar o que outros homens fariam, sabe? Por que eu nunca vi como um mal. Eu sempre achei que foi uma escolha dele, uma escolha egoísta.

A associação da sua identidade feminista com o fato de ser “hater” de homem apareceu novamente em outro momento da entrevista, quando ela descrevia suas relações com as amigas, e foram as únicas vezes em que Stella falou especificamente sobre ser feminista.

Acho que eu era meio, eu já era meio hater de homem assim, de verdade. É que quando a gente fala, acho que as pessoas acham que é brincadeira, mas é verdade. Eu era aquela menina que tipo “ah, os meninos, que idiotas” tipo “ah, eu não gosto muito deles”. Brigava com os meninos no intervalo, no recreio. Eu lembro que o primeiro livro feminista que eu fui ler eu tinha, eu era muito nova. Eu estava no ensino, eu estava no colégio, o que que era? Oitava série, sabe, quinta série, essas coisas. Por que eu já era tipo “ah, nossa, os homens são inferiores”, eu era muito assim.

Em oposição à construção do personagem do pai como antagonista, Stella apresenta a mãe como heroína na sua narrativa adotando um discurso bem mais positivo do que o que ela adotou para falar sobre o pai. Ela começa com o adjetivo “incrível” e em seguida diz “é muito difícil eu não falar bem da minha mãe” como se justificasse a sua escolha de palavras. Essa frase resume o tom que Stella assumiu em toda a sua narrativa. Ela faz questão de apresentar as suas experiências de forma crítica, evitando romantizações comuns e buscando dar visibilidade às violências implícitas inclusive nas relações de afeto. Entretanto, ela deixa claro que não é fácil para ela ter esse olhar em relação à mãe e, a cada crítica que coloca, ela apresenta justificativas que amenizam seu efeito. Ela diz que a mãe abriu mão da própria vida para criá-las, o que deixa implícito um sentimento de dívida com a mãe.

[silêncio de 4 segundos] eu acho, é, a minha mãe, a minha mãe é incrível, assim. Eu acho que é muito difícil eu não falar bem da minha mãe. Ao mesmo tempo que eu acho que é muito triste ela ter aberto a mão própria vida, sabe, para criar nós.

Stella fala sobre a pouca convivência que tinha com a mãe por causa da sua intensa jornada de trabalho. Ela conta que participou de discussões sobre maternidade e que escutou críticas aos

pais que passam pouco tempo com os filhos. Ela deixa claro que achava que esse argumento era injusto, porque nem sempre essa ausência era um desejo pessoal das mães. Ela tenta explicar que a mãe não podia ser julgada por ficar tanto tempo fora de casa porque não fazia isso por ser *workaholic* ou desejar ter sucesso na carreira, mas fazia isso por elas, para sustentá-las, não por si mesma. Ao tentar defender a imagem que ela tinha da mãe, Stella acaba deixando implícito um discurso machista: se a mulher for *workaholic* ou querer sucesso profissional por desejo pessoal, não é boa mãe. Esse discurso valoriza as mulheres que abrem “mão da própria vida” pelos filhos e que reproduz as práticas sociais que deixam a cargo das mulheres todas as tarefas de cuidado com os filhos e as que não se enquadram nesse ideal maternal são fortemente julgadas.

E, ao mesmo tempo que, é, eu hoje, eu participo de várias discussões sobre paternidade, maternidade, até por conta da questão de gênero, e eu vejo as pessoas falando “ah, hoje os pais não passam nem 40 minutos com os seus filhos”. É verdade, a minha mãe não passava isso, mas não é porque ela era *workaholic*, porque ela queria, sabe, ter sucesso na carreira. É porque ela tinha dois empregos, porque ela tinha que sustentar a gente.

Stella narra que a mãe tinha uma preocupação muito grande de que as filhas tinham que “dar certo na vida” porque sabia que o fato de as ter criado sem a participação do pai e de ter ficado muito tempo fora de casa, devido às longas jornadas de trabalho, seriam agravantes na culpa que lhe seria atribuída, caso elas não fossem bem sucedidas. Nessa relação com a mãe, Stella relata a culpa que a mãe sentia por não estar dentro de casa e que qualquer problema que as filhas tinham gerava a impressão de que a culpa era dela. Stella acredita que esse sentimento de culpa acaba por tornar a mãe superprotetora para tentar compensar a ausência em casa.

Em relação ao seu sucesso acadêmico e profissional, Stella coloca a mãe em uma posição oposta à do pai, com um papel de valorização e incentivo. Quando ela narra o orgulho que a mãe sente em relação ao seu sucesso, ela considera um sentimento genuíno e recíproco. A sua narrativa dá a entender que ela está correspondendo ao sacrifício que a mãe fez por ela, sendo a filha que “deu certo na vida”.

[silêncio de 3 segundos]. É, a minha mãe, ela que, pelo menos assim, para mim, ela sempre foi muito cobrança, assim, até às vezes muito brava em relação a estudar, porque ela falava que eu tinha que estudar. Então ela tinha essa cobrança muito forte de incentivo à leitura, de incentivo à escola. Então assim, uma parte do dinheiro dela, ela pagava van para levar a gente para a escola, porque mesmo ela não podendo pagar escola particular, ela, é, escolhia as escolas públicas que tinham nota maior. Ela ficava sempre de olho e ela colocava a gente só nessas escolas. Então, para a minha mãe, eu ter feito universidade foi uma vitória muito grande. Tipo assim, ela chorava na formatura e ficava gritando que era um diploma nosso, assim.

4.4.1.3. *Racismo*

Em suas falas, a identidade mais reivindicada é a de mulher negra. A questão da raça permeia toda a sua visão sobre si e sobre suas relações. Stella relata que, desde a infância, dentro da família, que é interracial, já percebia que havia uma hierarquização racial, mas ainda não tinha muita consciência sobre como esse processo se dava. Observe que ela começa a falar da família como uma relação positiva, de cuidado, mas logo trata de descrever as dificuldades que vivenciou por sofrer com o racismo dentro de casa.

[as relações com a família] São muito positivas. Eu realmente acho que foi muito positivo mesmo entre tantas dificuldades. Dentro da minha casa assim. Acho que tinha um cuidado grande comigo e com a minha irmã. Mas existe uma questão racial também, porque a minha família é inter-racial. Então, o meu avô é negro e a minha avó é branca. Tipo, das filhas, todas são mestiças, né. Uma tia é que é geralmente lida como negra. Minha mãe não é vista como negra. E... eu, dos netos, eu e minha irmã, nós somos as netas negras, assim, a gente é vista como negra dentro de casa. Cabelo, cor, é, não dá para esconder, ao contrário de alguns outros membros que são todos de relacionamentos de pessoas negras com outros... é... com outras pessoas, mas que não são vistas como tal.

A experiência que Stella descreve no trecho anterior mostra um processo que é muito discutido no movimento negro no Brasil, que é o da mestiçagem como forma de “branqueamento” da população. Nesse processo, uma pessoa negra que tenha traços e cor de pele mais parecidos com os de pessoas brancas recebem alguma vantagem social quando conseguem não serem “lidos” como negros. No caso de Stella, ela e a irmã são as mestiças que não conseguem esconder os traços negros e que, portanto, são alvos do racismo inclusive na família. No trecho a seguir, ela utiliza as palavras “violento” e “maldosos” para descrever o tratamento que recebia, mas que não conseguia compreender na época.

Então, tinha uma questão de eu sofrer muito racismo desde muito nova, que é muito violento, mas não saber o que fazer assim. Não tinha, não tinha compreensão do que era, né, do que, do porquê que as pessoas me tratavam de uma forma, por que que as pessoas [suspiro], por que que as pessoas me xingavam, por que que os apelidos eram tão maldosos e violentos [suspiro]. É, tinha toda, toda essa questão também.

Ao narrar as situações de racismo na família, a fala de Stella é cheia de silêncios. Fica claro que, para ela, não é fácil ter consciência de que as pessoas pelas quais sente afeto também reproduzem discursos violentos dentro da família.

E mesmo dentro de casa com a minha vó, ela é filha de italiano, assim, a minha bisavó é super racista, e a minha vó também tem esse ranço racista. Então era muito difícil, porque é uma vivência de uma pessoa que...

Em seu discurso, a escolha das palavras para descrever a avó que ajudou a criá-la mostra como ela tenta diminuir a acusação de racismo. A bisavó é super racista, mas a avó “tem esse ranço”. Em seguida, descreve como era ter essa vivência e não completa a frase deixando subentendido que era difícil sofrer racismo de uma pessoa com a qual tinha uma relação afetiva.

A minha avó, se ela andar na rua, ela vai atravessar quando está vindo um negro, mas eu não sou a mesma negra que eles assim. Eu sou uma negra diferente, eu sou uma negra boa, eu sou uma negra da família. E ela fala desse jeito! Então, ao mesmo tempo que você... entendeu?

Mais uma vez, ela termina o argumento com uma frase incompleta deixando subentendido em seu silêncio as contradições e o sofrimento de ter consciência de que sofre opressões, mas ainda assim nutrir afeto e respeito pela pessoa que a violenta. Ela esclarece que a avó fazia um esforço para não ser racista com ela e frisa que o racista não é uma pessoa do mal e que ela também tinha em si questões que a faziam “tentar fugir do que eu era”:

Estou dizendo: tem um discurso racial, mas ao mesmo tempo eu tenho que conviver com racista dentro de casa, porque o racista não é uma pessoa do mal, não é um monstro. Ele é um cidadão comum, sabe. O racismo mora no cidadão comum. E também está dentro da sua casa, está dentro de você mesmo. Então até eu tive que rever as minhas visões sobre raça, sobre o tentar fugir do que eu era, é, saber as questões que eu tinha. Mas, foi um processo difícil, assim, sabe? porque, é isso.

Ainda sobre os processos de racismo que sofreu na infância e que ajudaram a consolidar a sua identidade de mulher negra, Stella explica que a escola foi o espaço mais violento.

É muito... isso aí é um fator que eu sempre falo, porque o racismo, é... vem da escola, vai, vai e vai e vai e vai e vai e nunca para, assim. Escola para mim é uma das coisas mais violentas que existe nesse sentido.

A escolha das palavras “vai, vai e vai e vai e vai e vai e nunca pára” para descrever o processo do racismo vivenciado na escola explicita que as situações eram recorrentes e tornavam toda a sua experiência muito difícil. Para ela, foi nesse espaço que ela começou a ter consciência e se entender como negra.

Olha, eu, quando eu, quando eu entrei na escola (silêncio) é... Eu, ah, eu tive, eu comecei a entender o que eu era, acho. Por que, é isso, acho que não tem nenhum momento na vida de uma mulher negra que você não vai entendendo as coisas assim. Fui entendendo e fui. De um lado, foi difícil, acho que foi difícil de fazer amizades. Foi difícil. Mas, depois, eu tive algumas amigas que hoje eu tenho até hoje. Que elas também são muito parceiras.

Na escola, as experiências de racismo despertaram em Stella uma cobrança que ela enfatiza em sua fala, repetindo “muito, muito, muito” e “melhor, melhor, melhor”, quando percebeu que, caso contrário, não teria chances.

É, eu me cobrava muito durante algumas coisas que eu devia ter... Eu acho que eu deveria ser mais livre né. Que eu me cobrava muito, muito, muito. Que eu achava que eu era, que eu achava assim que eu tinha que ser a melhor, melhor, melhor porque senão eu não ia ter chances. Acho que eu tinha muito essa visão.

Como para Stella a escola foi uma experiência muito difícil, ela esperava que na Universidade a situação fosse diferente e o que ela encontrou lá foi uma continuação das dificuldades que ela vivenciava na infância e que trouxeram sofrimento para ela.

E eu acho que na própria Universidade eu fui impactada com isso, sabe? Então, é, quando eu fui para a Universidade, eu acho que eu tinha fantasiado um pouco sobre como ia ser a realidade universitária e acho que foi difícil quando eu percebi que era uma continuação da escola, assim. Que era tão violento quanto. Acho que foi difícil, de verdade.

Durante a entrevista, ao falar sobre as experiências vivenciadas na universidade, Stella estava visivelmente desconfortável e falava de forma reticente. A sua postura demonstrava como essas experiências deixaram marcas dolorosas em sua vida, e a escolha das palavras que descrevem a sua experiência - difícil, terrível, cansada e violento - reflete esse sofrimento

Nossa, eu não sei. Eu acho que foi, acho que foi, acho que teve o processo da Universidade que foi muito difícil, mas... Nossa, eu, eu realmente, é, eu falo menos do que deveria do que eu passei na Universidade, as coisas que eu passei lá, é, foi muito terrível e eu realmente... Às vezes eu tenho que falar, porque às vezes eu estou meio cansada, sabe? Pensar, sabe, é... O nível que as pessoas chegaram... **Que tipo de coisas... Que são essas que você passou?** Eles picharam o meu, picharam o meu armário, falaram que eu merecia apanhar. Tudo por conta das coisas que eu falava e, claro, do que eu era, né? Foi muito violento, então acho que isso está... Tipo, já falou assim para mim no meio da sala que você é escurinha. É, é difícil, assim, sabe?

Mesmo hesitando em dar detalhes sobre as violências que sofreu na Universidade, ela esclarece que essas experiências foram fundamentais para a sua postura ativista hoje, porque ela tomou consciência de que o problema não estava no indivíduo racista, mas em uma estrutura que reproduz essas violências no cotidiano. Aí pode-se identificar um marco em seu processo de empoderamento. Ela tomou consciência de que era preciso agir para mudar essas práticas, e sua estratégia foi a de expor essas vivências e práticas cotidianas e repetitivas que marcam violentamente a vida das mulheres negras:

Mas eu acho que é importante também falar sobre isso e entender que foi um marco na minha história no sentido de ver. Não que eu não sofria racismo antes, mas de como

eu consegui perceber realmente como essa estrutura funciona, é, aí realmente que eu tive a dimensão, porque eu percebi que o problema não era o racista. O problema era de não expor o racismo, porque as pessoas querem falar que a gente vive em uma sociedade sem problemas raciais, quando, na verdade, elas só querem fingir que os problemas raciais não existem, porque é feio, é real. Foi isso que eu vivi na faculdade. E hoje eu acho que... teve um impacto na forma como eu lido, com as coisas raciais e com as coisas de gênero que eu não quero esconder. Não gosto de camuflar, sabe? Eu acho que a gente tem que expor.

Quando a entrevista com Stella aconteceu, ela estava recém-formada em arquitetura e, portanto, estava fora da universidade há alguns meses. E para ela, esse afastamento teve um efeito positivo, uma vez que ela deixou de conviver com as pessoas que a hostilizavam com frequência.

Eu acho que foi importante dar um tempo, porque eu falo, minha faculdade foi muito pesada para mim. Acho que sofrer racismo na faculdade da forma como eu sofri... Acho que assim, dar um tempo da Universidade foi bom, assim. Dar um tempo daquele espaço e, e essa pressão, acho que está sendo positivo, pelo menos para mim.

Stella narra como as questões de raça, classe e gênero se sobrepõem e como afetam as suas relações sociais. Em seu depoimento, ela mostra que não se enquadrar no estereótipo da mulher negra subserviente e buscar um espaço de fala incomoda as pessoas com as quais se relaciona. Ela narra algumas situações em que os amigos de seu namorado (que também é negro) questionam a escolha dela como parceira por ser uma mulher negra.

Agora, no que diz respeito aos amigos, acho que teve uma questão de eu ser uma mulher negra, mais nova, querendo falar, assim. O tempo inteiro eu falava sobre isso, teve uma, uma tentativa de silenciamento. Teve um processo racial ali. Mas é isso. É difícil. É, acho que teve alguns amigos do Júlio que foram meio violentos. Foi uma das maiores questões do nosso relacionamento. As pessoas não estão acostumadas a ver o seu amigo namorar uma pessoa negra, mesmo que ele seja negro. Tanto que as pessoas falavam para ele “ah, mas ela é negra”. E ao mesmo tempo as pessoas, elas... Como eu vou explicar? Que elas não estão acostumadas a verem mulheres negras falando, né. Mulheres negras se posicionando, que é muito... A gente está em uma sociedade naturalizando o lugar da mulher negra como um silêncio, como essa coisa meio subserviente.

Esse tipo de comportamento entre os homens, brancos e negros, que questionam a escolha de uma mulher negra como parceira, reforça uma prática social que leva à solidão da mulher negra. A estranheza que os amigos do seu namorado têm com a escolha de Stella como parceira tem a ver com a prática de homens negros, que ascendem socialmente, frequentemente escolherem mulheres brancas como companheiras, buscando maior status social e branqueamento para os descendentes. Como ele é um homem de classe média, os amigos achavam natural que ele escolhesse uma mulher branca para se relacionar.

É, então eu acho que os amigos dele levaram um susto [risadas]. Acho que teve muita gente que falou “oh, Jesus, ele está namorando uma pessoa...”. Acho que devem ter umas, devem ter pessoas que falou um milhão de coisas. Então deve ter isso. Agora, eu nem, não me importo mais, entendeu? Eu acho que foi, é uma questão, é, desse meio, de ele ser um homem negro de classe média, sempre foi [telefone tocando]. Então, nesse meio de uma ilha branca, onde algumas pessoas ainda se chocam.

Em outra situação, Stella narra uma conversa com amigos do namorado Júlio que a incluem em um status social que ela nunca ocupou de forma a diminuir a distância social entre eles.

Essa semana eu saí com umas amigas do twit, um amigo dele falando que eu era burguesa [risada]. Eu ficava: tipo, como assim eu sou burguesa? Porque são algumas pessoas que partem da própria vivência, né? Tipo ah, tipo a gente vive bem hoje em dia. Então, eu vivo bem, sim, ok. Mas, meu, não dá para pegar a minha narrativa e me falar que eu sou uma mulher burguesa sendo que não tenho os meios de produção.

Ela tem um olhar bem crítico sobre essa questão da classe social. Ela tem consciência de que faz parte da classe média, mas que é estranho para a sociedade vê-la nos mesmos espaços ocupados pelas pessoas brancas. Ela explica que para ela é três vezes mais difícil que para o homem com o qual conversava e nesse “três” ficam implícitas as interseccionalidades: 1. gênero, 2. raça, 3. classe. Ou seja: ele tinha privilégios por ser homem, branco e de classe média. E ela precisava compensar as desvantagens sociais que tinha por ser mulher, negra e de origem “simples”, sendo três vezes melhor que ele para ocupar o mesmo espaço.

E, mesmo sendo hoje uma mulher de classe média, eu não nasci nessa classe média, eu não nasci nesse lugar. Inclusive, é muito fácil eu não estar mais nesse lugar, porque esse lugar ele é um lugar, é, que tem a ver com a ver com raça e com classe e com gênero, querendo ou não. É uma sociedade onde mulheres ganham menos do que homens. Então, para eu estar nesse lugar, é três vezes mais difícil do que ele, que era um homem branco, que nasceu na classe média, tipo, que tinha um pai que era professor da USP. Eu fiquei muito chocada. Ele virou para mim e falou assim “ah não, porque a gente, todo mundo aqui é burguês”. Eu falei “meu, não, não tem isso”, entendeu? Os amigos do Júlio são essas pessoas. Que aí às vezes eu tenho que ficar dando umas aulas gratuitas assim. Esses ainda são de boa. O problema foi com pessoas que realmente não aceitaram. E aí foi bem violento, foi bem agressivo.

Todas essas experiências contribuíram para que Stella assumisse essa identidade de mulher negra. Mas, apesar de reivindicar o pertencimento a essa categoria, ela tem consciência de que mesmo entre as mulheres negras há histórias diferentes e opressões diferentes, o que remete ao discurso da Interseccionalidade.

Eu sempre me vejo como uma mulher negra. Só que uma mulher negra que tem uma pele mais clara. Jovem. Isso significa que isso já me coloca em um outro lugar, não tenho uma outra experiência. Do interior. Eu acho que é totalmente diferente você ser uma mulher da capital, das periferias da capital, ou ser do interior de São Paulo. Acho que isso faz muito parte da minha narrativa.

Eu, Stella, não sinto, não é digno dizer que eu sou uma mulher negra periférica, que eu tenho uma vivência parecida com uma mulher negra periférica porque não é o meu lugar. Eu tenho que ser honesta comigo mesma e com as outras pessoas.

Stella deixa subentendido que tem vantagens em relação a mulheres negras “periféricas” e não acha digno que as experiências de vida dela sejam comparadas às dessas mulheres que podem sofrer com opressões que ela não viveu e pode não conhecer.

4.4.1.4. *Internet*

A atuação de Stella na *internet* começou quando ela estava na universidade e passou por situações violentas de discriminação racial e de classe. Ela sentia que sua voz era silenciada nesse espaço elitista em que as pessoas faziam questão de deixar claro que ela não era bem aceita lá. Como já foi mencionado anteriormente, Stella tem a timidez como característica de sua personalidade e precisa refletir muito antes de reagir às situações que vivencia e, então, ela escreve. O *Facebook* foi o primeiro espaço que ela utilizou para publicar esses textos que escrevia na universidade e foi por meio dele que ela ganhou visibilidade no ciberespaço. No trecho que se segue, ela narra como se deu esse processo:

Na *internet* começou de forma inesperada assim. Eu comecei na faculdade a escrever *posts* no *face* e expor as minhas opiniões, porque eu não conseguia ter um espaço na universidade, então eu escrevia no *Facebook*. Aí quando eu vi, eu estava ocupando muitos espaços, vendo meus *posts* sendo compartilhados, sendo chamada para mesas, e os seguidores sempre aumentando.

Ela descreve uma característica comum nas redes sociais *online* que é facilidade para criar conexões com pessoas que têm os mesmos interesses, dificuldades e necessidades. Stella começou a falar sobre sua experiência individual, mas como essa experiência é pautada por práticas sociais compartilhadas, muitas pessoas se identificam, se conectam e começam a construir uma narrativa coletiva a partir daquelas experiências compartilhadas. Aquelas pessoas que têm mais habilidade para se expressar nesse espaço passam a funcionar como líderes, que vão ganhando seguidores que multiplicam o alcance do conteúdo para suas redes pessoais. Muitas vezes, essa liderança não é planejada e pega de surpresa a pessoa em questão, como foi o caso dela.

Ao assumir esse papel de liderança, ela assume também uma identidade valorizada nesse espaço: a de blogueira. Entretanto, ela acrescenta a essa identificação a identidade de escritora, porque é o que ela faz na *internet*. Ela reivindica a identidade de escritora e questiona o fato de que nem sempre há a confirmação social de que quem escreve o é. Mais uma vez, ela apresenta

essa identificação como uma escolha política, de apropriação de identificações que eram negadas às pessoas negras.

Eu fico mais como blogueira. Eu gosto desse termo blogueira. Mas eu coloco mais que eu sou escritora. Eu acho que é importante valorizar isso, sabe? Acho que qualquer pessoa que escreve pode ser escritora sim. Acho que tem muito essa mania de colocar que é escritor depois que publicou não sei quantos livros, e tal... Acho que não, acho que a gente tem que se apropriar de alguns nomes, se apropriar de alguns usos. Se apropriar do próprio, significado da palavra escritora. Se apropriar desse lugar. E enquanto mulher negra eu acho essa uma apropriação importante.

O que Stella descreve faz parte de um processo profundo de empoderamento possibilitado pela sua produção *online*. Ela fala que, nesse espaço, ela consegue negociar sua existência. Quando ela usa essa expressão, ela sugere que sem sua atuação na *internet* ela estava sujeita aos discursos que eram construídos sobre ela. Ela percebe a atuação virtual como um espaço onde ela consegue ter voz, ocupar seu “espaço de fala” e ser relevante, coisa que ela não conseguia encontrar em suas relações *offline*.

Acho que foi um processo muito importante essa atuação virtual para mim. Eu acho que é um lugar que eu consigo negociar minha existência, né? Ao mesmo tempo é um espaço onde eu consigo ter a minha voz, onde consigo ocupar o meu espaço de fala. Porque a gente vive em uma sociedade que falar para pessoas negras é uma dificuldade porque a gente não encontra lugares para falar, sabe? A gente... A nossa fala não é vista como... relevante.

Apesar de ver o ciberespaço como uma possibilidade de se expressar e conseguir uma visibilidade que dificilmente alcançaria nos meios de comunicação tradicionais, Stella tem consciência de que outras vozes também ganham espaço e afirma que há uma disputa de narrativas. Quando fala dessas disputas de narrativas, ela faz referência a teorias do discurso, que destacam o fato de que as narrativas que ocorrem na *internet* disputam espaço com as narrativas apresentadas na mídia tradicional e com os discursos correntes na sociedade e funcionam como contra poder (FOUCAULT, 2008; ATOUN e MALINI, 2010)

Isso é um lugar que eu disputo narrativas, acho que essa é a palavra, disputa de narrativas.

Stella explica que, por ter um espaço de grande visibilidade na *internet*, também fica exposta a críticas e ataques, e lidar com essas críticas reforça a noção de que está em um espaço de disputa. Ela tem sim mais visibilidade e possibilidade para encontrar pessoas que têm os mesmos interesses e problemas, mas também se expõe aos ataques de pessoas que pensam diferente e que não aceitam seus argumentos.

Nossa, eu recebo muitas críticas, né. Se expor é muito crítico. É muito difícil. Escrever é se abrir de alguma forma. Ao mesmo tempo que é um exercício de auto perdão, você também se expõe às críticas de várias pessoas, assim, e essas críticas tendem a ser muito violentas. Não é fácil a forma como as pessoas, é, a forma como as pessoas lidam com o que você fala. Muitas pessoas sentem ódio, muitas pessoas sentem raiva e [silêncio de 3 segundos]. Nossa, é difícil.

Ela recebe mensagens cruéis que questionam a sua inteligência. Os argumentos que ela conta que são usados para silenciá-la são baseados na sua capacidade intelectual. Fica claro nesses ataques que o objetivo é minar a sua confiança e fazê-la desistir de falar porque, mesmo em uma conversa informal, como foi a entrevista para essa pesquisa, Stella utiliza uma linguagem muito culta, bem embasada, repleta de referências teóricas sofisticadas e demonstra possuir um perfil muito crítico e analítico.

Eu recebo muitas mensagens horríveis, assim. Que eu sou burra, que eu devia ficar quieta, que eu escrevo errado. Eu escrevo, eu recebo muitas mensagens assim.

A forma como ela lida com essas críticas depende de como são apresentadas e sua disposição para enfrentá-las.

E eu, tem dia que eu falo “nossa, foda-se”. Mas tem dia que você já está cansada, né, porque não é fácil. (...) acho que vai depender muito, sabe? Mas eu tento absorver as críticas, quando elas de fato são críticas, e não algumas violências.

Um ponto que Stella destaca é o fato de as relações no campo virtual promoverem uma desumanização. Ela lembra que o campo virtual também é real. E que há uma pessoa por trás do conteúdo que ela produz.

Acho que tem uma questão que é: eu trabalho muito no campo virtual, mas é tudo campo real também, né. Eu vivo a vida real.

Na relação com os fãs, ela explica como se dá desumanização pelos fãs. Segundo ela, as pessoas que a seguem a imaginam a partir de um modelo que eles criaram baseado em seus *posts* e esperam que ela aja e se comporte sempre de acordo com esse modelo imaginado por eles.

Muitos fãs desumanizam sim. Porque eles acham que você é uma coisa, sabe? Um modelo do que eles imaginam. Mas nem sempre você é um modelo. Você é uma pessoa. E isso as pessoas te cobram de um jeito muito desumano. Então eu acho meio... Eu tenho um pouco de medo de algumas coisas assim...

Stella destaca aqui uma característica das interações *online* de que indivíduos que se comunicam por esse meio experimentam uma percepção reduzida dos outros indivíduos com quem estão se comunicando (JOINSON, 2001; GUADAGNO, OKDIE e ENO, 2007). O que é apresentado no perfil das redes sociais *online* é uma parte daquela pessoa, mas é tudo ao que as

pessoas que têm conexões exclusivamente *online* com ela têm acesso. Dessa forma, ela não é vista como uma pessoa. Ela é vista “de longe”, e essa visão acaba sendo diferente do que a que ela tem de si mesma.

Eu não sei. Eu acho que sempre todas essas definições elas vêm de pessoas que às vezes não me veem como uma pessoa. Ou que me veem de muito longe num lugar que eu não sou vista também como pessoa. É um processo de desumanização.

Nesse sentido, Stella nega a imagem que o público faz de si. Ela percebe que a imagem que as pessoas fazem dela é muito mais forte e extrovertida do que ela reconhece em si mesma. Esse descompasso pode ser explicado pelo fato de, nas comunicações mediadas por computador, é mais fácil ocultar características de personalidade pouco desejáveis, como a timidez, a insegurança e a fragilidade, e apresentar uma versão de si editada e, assim, refletir uma identidade desejada, mas não necessariamente consolidada.

Eu não me identifico com a imagem que as pessoas fazem de mim. Eu acho que elas pensam que eu sou muito mais... muito mais forte... ou talvez muito mais... é... tipo essa coisa de eu ser tímida. A maioria das pessoas não percebe assim. E aí é difícil. Porque você é cobrada pela percepção do outro sobre você e não sobre o que você realmente é. Eu acho que as redes sociais também. É muito nesse sentido de a gente ser cobrado pela percepção do outro. E isso acontece muito comigo.

Esse tipo de relação reificada lhe faz mal. Ela conta que ficou tão magoada com as críticas que chegou a ficar doente. Segundo ela, as críticas de mulheres negras (que são seu principal grupo de identificação) são as que doem mais.

Às vezes eu fico mal quando as pessoas falam algumas coisas. (...) Eu já cheguei inclusive a ficar doente. De receber umas críticas e elas me magoaram tanto que eu fiquei mal fisicamente. Acho que foi doloroso porque críticas de mulheres negras sempre doem mais.

Então sim, eu já fiquei doente, em relação às críticas e não foi só uma vez. Então sim, eu me incomodo muito. Eu fico triste quando as pessoas falam alguma coisa. É triste nesse sentido de ver como eu ainda sou frágil para essas coisas.

Stella diz que ficou muito magoada, doente e triste, porque as críticas não eram relacionadas ao conteúdo ou a ela especificamente, mas ao fato de ter ficado conhecida e ser reconhecida também nas mídias tradicionais.

E críticas que eram mais sobre não achar justo eu ser conhecida, do que sobre a estrutura em si, sabe.

Outra questão frente a qual Stella tem uma posição de desconfiança é a relação com os fãs. Ela diz que os seguidores se colocam como seus fãs e a tratam como se fosse especial, criando

expectativas que ela não é capaz de atender. Ela recusa essa posição de ser especial e reforça “eu sou uma pessoa”.

Essa cultura de me ver como [bufa]. As pessoas dizem que são meus fãs. Ah, eu te sigo, te acho incrível. Acho que também tem essa cultura de desumanizar de achar que o outro é especial e tal. Eu não gosto muito disso. Eu acho que eu sou uma pessoa, eu erro, eu acerto, eu acho que eu... Eu não gosto de ser colocada... de colocarem nas minhas costas talvez até umas responsabilidades que eu não posso assumir porque eu nem tenho como.

Eu acho que eu sou uma pessoa. Eu acho que eu sou um pouco de tudo.

Nesse sentido, Stella é crítica em relação aos elogios que recebe. Ela não os considera uma medida confiável da qualidade do seu trabalho, uma vez que não há um debate com essas pessoas, portanto, não há discordância.

E eu também tenho cuidado com os elogios, porque eu acho que hoje a gente tem que começar a entender... eu não gosto muito desse sentimento de que as pessoas são fãs, sabe? Eu acho que fã é meio que alguém que às vezes nem consegue ter senso crítico sobre as coisas que você faz. E eu quero que as pessoas tenham, sabe? Discordem e tal.

Quando questionada sobre a sua percepção acerca do que o público pensa dela, Stella mais uma vez descreve um cenário de disputa. Ela vai contrapondo imagens utilizando palavras para isso: corajosa, metida, dano, importante.

As pessoas acham que eu sou corajosa. Outras acham que eu sou metida. Tem pessoas que dizem que eu sou um dano, sabe? Que eu faço mal para a sociedade. Tem pessoas que acham que a minha narrativa é importante.

Para Stella, que já tinha relatado ter dificuldades em fazer amigos em outros espaços, o fato de a *internet* aumentar sua visibilidade e fazê-la conhecida tornou esse processo ainda mais difícil. Isso porque, segundo ela, as pessoas criam expectativas que ela não dá conta de corresponder.

Eu acho que é muito mais difícil criar relações afetivas. Porque as pessoas veem você na *internet* e acham que você está fazendo tudo, podendo tudo. E não é verdade. Às vezes as pessoas me pedem coisas que eu não consigo alcançar assim. Eu não consigo dar conta. Eu sinto que as relações se tornaram até mais difíceis nesse sentido, sabe? Porque eu realmente não consigo dar conta de tudo que me pedem.

Eu acho mais difícil fazer amigos hoje em dia por conta disso.

Ela diz que “vive sendo bloqueada” e, quando diz isso, se refere a uma tática comum nas disputas no *Facebook* que é a de denunciar o perfil da pessoa por conter material ofensivo e, dessa forma, silenciar a pessoa em questão por meio do bloqueio temporário realizado pela plataforma.

Eu tenho um sério problema porque vivo sendo bloqueada porque muitas vezes sou vista como agressiva.

A narrativa de Stella é permeada por diversas situações em que ela sofreu racismo. O mesmo acontece em suas experiências na *internet*. Ela conta que, em situações de discordância, ela sente que o ataque que ela recebe é baseado na raça. Ela diz que as críticas que recebe são estigmatizadas uma vez que a colocam como “uma menina negra que se acha”, ou seja, aquela que não se põe no seu lugar ou, então, com uma dessas “meninas negras raivosas”, evocando os estereótipos sociais de que negros são violentos e selvagens. E mais uma vez, ela retoma a sensação de ser desumanizada nas relações ao afirmar: “porque eu sou uma pessoa”.

Mas é que eu sempre vejo as pessoas muito... Muito no sentido de ofender. E sempre vai para o racial. Sempre é a coisa de ser uma menina negra que se acha, essas meninas negras raivosas, sempre... o fundo racial me define muito assim. E é triste, né? Porque eu sou uma pessoa. Eu tenho nuances e erros e acertos como qualquer pessoa. Mas sempre vou ser colocada dentro do estigma racial.

Stella narra uma situação em que recebeu ataques racistas muito ofensivos em uma rede social anônima e foi procurar a polícia para registrar como crime de racismo e acabou não recebendo a proteção que esperava, sentindo-se injustiçada e desamparada.

Teve uma vez que foi muito terrível e eu tive que fazer boletim de ocorrência, porque as pessoas me mandaram mensagens do tipo: “macaca, volta para a África” numa rede social anônima. E foi muito difícil, muito. Porque as ofensas eram muito pesadas. E eu não sabia o que fazer. E na delegacia também é difícil. Porque é um espaço violento. Os policiais não estão preparados... E ler que você é feia, que você é uma preta feia que você tem que voltar para África e ver que isso não tem importância para a legislação brasileira. Tipo, qualquer pessoa pode fazer isso e mesmo que eu me sinta mal, não importa, porque as pessoas minimizam a violência. Falam: foi só alguém que estava bravo, ou um menininho mal-educado. É isso que as pessoas falam. Mas não! É racismo! É violência. Isso me feriu muito.

Stella diz que essa situação a fez perceber que as pessoas negras são desconsideradas como vítimas, mas nunca como agressores, como se pode entender quando ela diz que há um descaso para prender um racista, mas não para prender um menino negro que está na delegacia.

Esse caso me chamou a atenção de como a polícia tem um descaso para prender um racista, mas não tinha descaso nenhum, não tinha essa mesma sensação de “ah! Dane-se”, quando se tratava de um menino negro que estava lá na delegacia... Eu acho que é isso.

Essa experiência permitiu que Stella vivenciasse o racismo institucional que favorece o estereótipo de que os negros são criminosos e, nesse sentido, não há esforço em atender às demandas das pessoas negras que chegam até lá, configurando uma dupla violência.

O racismo para as pessoas não importa. Parece que só importa para as pessoas negras que sofrem racismo. Isso também é absurdo. Ainda mais que eu procurei a lei e o próprio policial disse: isso não vai dar em nada. Foi naquele momento que eu percebi como eu sou vista no Brasil, sabe? Como a minha dignidade, a minha vida não importa.

Assim sendo, foi possível construir o Quadro 7, com os temas e personagens destacados pela entrevistada.

Quadro 7 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Stella Rabelo

P T	Personagem	Função na narrativa	Ações importantes
Timidez	Stella	Protagonista	Muito tímida; tem dificuldades para fazer amizades e se expressar oralmente; prefere escrever para expor suas ideias.
Família	O pai ausente	Antagonista	Abandonou a família, negou afeto ao longo da vida e processou Stella para não pagar pensão durante o período da universidade.
	A mãe incrível	Coadjuvante	Abriu mão da própria vida em função do bem-estar das filhas.
	A avó	Coadjuvante	Assumiu os cuidados com Stella e a irmã para que a mãe pudesse trabalhar.
	O avô	Coadjuvante	Era alcoólatra, mas cuidava de Stella e da irmã com carinho.
Racismo	A mulher negra	Protagonista	Sofre racismo e sexismo simultaneamente; luta para mudar as estruturas que a oprimem.
	O homem branco	Antagonista	Recebe privilégios sociais e econômicos que ajudam a perpetuar o racismo.
	O racista	Antagonista	Pode ser qualquer pessoa, mesmo aquelas pelas quais se tem afeto.
	O homem negro	Coadjuvante	São oprimidos pela raça, mas conciliadores em questões de gênero.
	A avó	Coadjuvante	Era racista com outros negros, mas carinhosa e cuidadosa com Stella e a irmã.
Internet	Stella - A blogueira	Protagonista	Escreve para deixar explícitas as situações de racismo estrutural e de comportamentos racistas como forma de modificá-los; disputa de narrativas; existência negociada.
	Os Fãs	Coadjuvantes	Exigem opiniões e comportamentos "desumanos". Esquecem que por trás do perfil há uma pessoa real.
	Os seguidores	Coadjuvantes	Garantem visibilidade para os conteúdos publicados, interagem com elogios e críticas.
	Os Haters		Denunciam o perfil na <i>internet</i> para que seja bloqueado, fazem ofensas racistas e machistas
	Stella - A escritora		É uma identidade apropriada que garante mais valorização do que a de blogueira.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: PT = Percursos temáticos.

4.4.2. O processo de empoderamento de Stella

Para analisar o processo de empoderamento de Stella, foi perguntado a ela qual o seu conceito de empoderamento, e ela responde sobre a relação entre o nível individual e o coletivo.

Então eu acho que o empoderamento ele nunca é uma ação... Muitas pessoas falam que o empoderamento, ele não é... Ele tem que ser coletivo... Mas eu sempre vejo o empoderamento mesmo quando você se sente individualmente... passa por um processo de empoderamento passa a se ver de uma outra forma, ele tem impacto no coletivo.

Stella tem consciência de que o empoderamento “tem que ser coletivo”, mas ela vê o empoderamento como um processo identitário. Um processo em que “você passa a se ver de uma outra forma” e “tem impacto no coletivo”. Essa dualidade que Stella descreve mostra como o empoderamento é um processo de mudança nas construções identitárias que tem a ver com a reivindicação de novas categorias de identidade que, por sua vez, vão alimentar o processo de construção identitária de outras mulheres, ampliando o processo do individual para o coletivo.

Acho que empoderamento feminino é esse processo pelo menos para mim, de começar a entender o seu lugar na sociedade, de começar a pleitear e lutar pela emancipação de gênero e com isso influenciar outras mulheres para ocupar outros espaços, para lutar por outras coisas e principalmente no sentido de não aceitar esse modelo de sociedade que a gente tem e então eu me vejo nesse processo. Para mim o empoderamento vem nesse sentido. Sabe? De me entender mulher, de entender o que isso significava e de que há possibilidades que outras mulheres passassem também por esse processo.

Ela também tem uma visão de empoderamento feminino como luta coletiva, em que as mulheres se organizam para buscar novos lugares, novos espaços. Stella apresenta uma crítica à banalização do uso da palavra empoderamento como categoria comercial. Ela aponta algumas apropriações do uso da palavra para sentidos que não refletem a luta coletiva, como fazer dieta ou ter cargo de CEO (*Chief Executive Officer*, ou seja, o executivo principal de uma organização).

Eu não acho que é empoderamento fazer dieta, ou sei lá, virar CEO de uma empresa...

Eu acho que hoje tem muitas pessoas que gostam dessa palavra empoderamento, é... e não entendem que ela tem um outro significado, né? Não é um significado comercial.

Mas, apesar de criticar o uso comercial do conceito de empoderamento, ela justifica o fato de as mulheres negras defenderem o empoderamento por meio da estética. Segundo ela, as pessoas (e aí subentendem-se as feministas brancas) acham que lutar pela valorização da beleza não é empoderamento “porque veem isso como fútil”. Ao se justificar sobre isso, ela faz referências

a críticas que o movimento de mulheres negras recebe por reivindicar a valorização da estética negra. Essas críticas estão relacionadas ao fato de que as exigências em relação ao padrão estético são diferentes para mulheres brancas e mulheres negras. As mulheres brancas lutam contra um padrão estético que as oprime para que mantenham uma imagem de beleza constante e as faz gastar tempo, dinheiro e esforço para isso. Já as mulheres negras têm sua beleza negada em todas as suas características como o cabelo, a cor da pele, os traços, os acessórios e estão acostumadas a serem consideradas feias independentemente do esforço que façam para serem aceitáveis socialmente. Dessa forma, ela cita o processo de deixar de alisar e utilizar o cabelo crespo como forma de afirmação da estética e da beleza negra. Nesse sentido, a estética passa a ser um aspecto do empoderamento dessas mulheres, uma vez que contesta as classificações sociais que prejudicam a autoestima da mulher negra e a faz se sentir mal com o próprio corpo. Ela explica detalhadamente como a questão da estética negra é um processo coletivo, que cria narrativas nas quais uma mulher negra pode ser considerada bonita sem precisar modificar suas características para se assemelhar aos traços das mulheres brancas.

Ao mesmo tempo que por exemplo, eu acho sim, que o processo das mulheres negras em relação à desmistificação de que o cabelo crespo é feio foi um processo de empoderamento de muitas meninas que começou como individual, mas que se tornou coletivo, porque teve um impacto na vida das mulheres negras. A gente construiu uma nova narrativa e está construindo uma nova narrativa estética. A gente está retomando a nossa estética como bonita. Eu acho que sim, a gente não pode achar que o empoderamento não pode estar ligado a coisa como estética. Como as pessoas acham que não porque veem isso como fútil.

Stella faz uma reflexão sobre o seu papel nesse processo coletivo de empoderamento. Em sua visão, ela precisa se fortalecer e encontrar um lugar para si na sociedade, se encaixar e, assim, modificar os espaços. Ela usa metáforas como “construir um lugar para mim nessa sociedade”, “tentar me encaixar”, “modificar os espaços”. A forma como ela constrói o seu argumento deixa claro como ela se sente excluída da sociedade e que busca uma forma de ser incluída e se encaixar, construir uma identidade diferente daquela tradicional da mulher negra, o que ela destaca que não é uma tarefa fácil e que, para isso, será necessária uma mudança nos espaços, que ela deixa subentendido que são os espaços de poder e status social.

E tem muito a ver com os lugares que eu ocupo e como eu ocupo esses lugares. E eu acho que eu sou uma mulher que está tentando encontrar um lugar nessa sociedade, sabe? Construir um lugar para mim nessa sociedade. E eu acho que é difícil assim, acho que não é fácil, mas é um processo que eu estou buscando assim de construir essa minha identidade, de entender onde eu ocupo, de tentar me encaixar e ao mesmo tempo modificar os espaços.

Ela esclarece que essa posição, de ser uma pessoa que está em um espaço que socialmente não é destinado a ela, não é uma posição de muito conforto, é sempre muito difícil. Ela transita nesses espaços, mas não compreende muito bem qual a sua posição ali, o que mostra que seu processo de empoderamento ainda está em andamento. Fica claro que a sua participação nesses espaços que são tradicionalmente ocupados por pessoas brancas ainda causa estranhamento, tanto para ela como para as pessoas com as quais se relaciona. Ou seja, essa identidade de poder não está consolidada.

Não é uma posição de muito conforto, uma posição clara. Porque eu acho que ser negra na nossa sociedade é sempre muito difícil. Sempre muito complexo, mas acho que eu sempre fico de fato tentando entender onde eu estou me encaixando.

Stella descreve que, nesses lugares elitizados pelos quais transita (“faculdade”, “editora” e “escritórios de arquitetura”), ela pensa em como se encaixar e modificar esses lugares para que mais pessoas como ela possam também participar. Isso mostra que ela tem consciência de que ainda é uma exceção à regra e que, se esse processo não se estabelecer de uma forma mais coletiva, incluindo outras mulheres como ela, ela será apenas a exceção que confirma a regra e não haverá empoderamento de fato.

Eu acho que em todos os lugares que eu passo, na faculdade, na própria editora, todo meu, os próprios escritórios de arquitetura, sempre eu fico tentando entender qual o meu lugar, quais as minhas possibilidades, e o que eu posso fazer para impactar e para incluir outras pessoas como eu nesses espaços.

Stella explica que a visibilidade que ela tem não foi planejada ou desejada, mas que lhe é útil na busca para a transformação desses espaços. Mas a dificuldade que ela encontrou em sua vida a levou a se expor para tentar garantir o mínimo, uma vez que ela percebe muitas barreiras para a inclusão profissional de pessoas negras, mesmo com formação universitária.

Nunca imaginei ter muita visibilidade, estar muito exposta. Eu sempre quis ter uma vida mínima, com dignidade, com conforto. Mas no Brasil, quando você é uma pessoa negra, isso é uma barreira gigante, né? Você ter um trabalho com carteira assinada, pós-graduação, pós-graduação, já é uma barreira gigante, né?

Ela acredita que a visibilidade funciona para que ela possa incluir essas pessoas nos espaços a que teve acesso. E nesse sentido, a *internet* foi uma ferramenta poderosa para ela, uma vez que, ao estabelecer uma comunidade virtual que reúne muitos seguidores, ela assume um papel de liderança e representatividade para essas pessoas e consegue espaços na mídia tradicional; assim pode oferecer novas referências de identidade, incentivar outras pessoas a reivindicar essas identificações e modificar o contexto de produção de suas identidades de forma coletiva.

Ela explica que as estruturas sociais que excluem as mulheres negras dos espaços de poder exigem que elas precisem ser “duas vezes melhor” para que as empresas vejam que terão vantagem em contratá-la.

Então eu fico tentando... Eu vou percebendo que, no nosso caso, a visibilidade funciona exatamente para colocar a gente nesses espaços. Porque se você não é visível, mesmo que você seja bom, você não tem nem ainda o mínimo garantido, sabe? Você tem que estar sempre... Aquela máxima sabe, que a gente fala: tem que ser duas vezes melhor. Ou seja, mostrando o quão você é importante e o quão você vai fazer bem para a empresa, e não o contrário. No sentido de o mercado... pensei no mercado de trabalho.

Para tanto, Stella afirma que seus principais valores estão assentados na busca pela emancipação e pela mudança da sociedade.

Olha sobre os valores, eu acredito muito, meu foco é sempre emancipação. Eu acho que a gente está num processo de construir uma nova sociedade e para isso a gente tem que estar sempre entendendo que os valores dessa sociedade não nos servem, então eu vejo várias coisas que sempre eu sigo assim.

Ela destaca que se sente desconfortável inclusive dentro do movimento feminista que ela percebe ser seletivo. Para ela, muitas mulheres focam apenas nos problemas que as afetam e deixam de lutar por todas as mulheres, selecionando as atitudes e as violências contra as quais elas precisam lutar e excluindo as pautas de mulheres diferentes dos seus grupos sociais.

Eu não me sinto à vontade com uma certa seletividade que eu vejo no próprio feminismo. Acho às vezes muito difícil falar sobre algumas questões porque na verdade as pessoas não levam a sério que o discurso feminista é um discurso geral. Não é um discurso que eu aplico só quando é minha amiga ou minha irmã ou quando é uma mulher parecida comigo. A gente não pode ser seletiva no nosso feminismo.

Ela faz questão de destacar que “mulheres” não são um grupo coeso e com as mesmas características, mas que elas precisam se aliar na luta contra todas as violências contra as mulheres para que essa emancipação seja coletiva.

A gente tem que entender que nós estamos lutando por mulheres dentro da sua pluralidade, de lugares diferentes, e que para que a gente realmente lute pela emancipação de mulheres, pela emancipação de gênero a gente não pode ser seletivo, acreditar que só tem determinado tipo de mulher que vale a nossa luta, ou determinado tipo de atitude ou violência que valem a nossa resposta. Eu também acredito na coletividade como uma saída. Eu não consigo ver a emancipação vindo do individual, vindo solitária. Inclusive acho que para isso a gente tem que começar a entender que o racismo é um problema da sociedade toda, o machismo é um problema da sociedade toda, e não só dos negros e não só das mulheres.

Nesse sentido, Stella conta que busca ser honesta nas discussões que realiza sobre gênero e raça, porque ela reivindica a identidade de mulher negra, mas sabe que mesmo entre as mulheres

negras há vivências diferentes, que ela tem vantagens em relação a algumas e se esforça para não reproduzir opressões que estão naturalizadas nas relações sociais hierarquizadas.

Eu, Stella, não sinto, não é digno dizer que eu sou uma mulher negra periférica, que eu tenho uma vivência parecida com uma mulher negra periférica porque não é o meu lugar. Eu tenho que ser honesta comigo mesma e com as outras pessoas. Eu tenho que ser honesta com as coisas que eu faço. E aí a honestidade é nesse sentido de a gente entender e ser honesto com o que a gente é e ser honesto inclusive com as opressões que a gente reproduz.

Stella vê a sua contribuição para a mudança a partir da exposição. Ela se propõe a falar publicamente sobre “as coisas”, e essas coisas a que ela se refere são as práticas sociais machistas e racistas, as dinâmicas de silenciamento e exclusão das mulheres e das pessoas negras, com a intenção de favorecer em seus leitores a tomada de consciência sobre as opressões a que estão submetidos para que possam assim questioná-las para a mudança.

Eu sempre me proponho a falar publicamente sobre as coisas. Eu acho que tem isso também. A gente vive muito numa sociedade que a gente está muito condicionada a não querer se expor, e também porque a gente não quer entender o que significa essa exposição. Significa cobrança e significa que a gente vai ter que estar cada vez mais estar buscando as respostas sobre os nossos próprios questionamentos.

Stella critica a noção de que “a ignorância é uma dádiva”, de que é mais fácil não saber “as coisas” porque assim elas não incomodam e as pessoas vivem mais confortáveis. Quando ela pergunta: “mas que conforto é esse de viver em uma sociedade em que você acha que está tudo bem quando não está, sabe?” Ela deixa subentendido que essa ignorância reforça as estruturas, deixa-as invisíveis, mas não menos ativas. Para ela, expor essas mazelas é um ponto crucial para que as pessoas possam questioná-las e resistir de maneira mais consciente.

Porque a gente vive em uma sociedade que se entende que a ignorância é uma dádiva. As pessoas falam sobre isso. Que é muito mais fácil não saber as coisas. Você vive mais confortável, mas que conforto é esse de viver em uma sociedade em que você acha que está tudo bem quando não está, sabe? Que conforto é esse que eu posso até ter, mas os outros não têm.

Stella acredita que expor as mazelas é um processo importante, porque por meio dessas narrativas é possível repensar os valores e colocá-los em prática. Ela se preocupa em como apresenta seu discurso para não excluir dele as vozes de outras mulheres negras que possam ter experiências diferentes das dela. Ela usa a expressão “lugar de fala”, que é um conceito muito utilizado pelas feministas interseccionais, que diz respeito ao fato de que é preciso ouvir as pessoas que têm vivências diferentes a partir do seu ponto de vista, dar voz às pessoas que costumam ser silenciadas.

Eu acho que a gente tem que estar sempre expondo as mazelas. E eu acho também que expor vai das diferentes formas, das diferentes linguagens, mas eu acho que isso é um processo. Escrever publicamente sobre isso para mim é muito importante. Porque não é só repensar os valores é colocar eles em prática, né? Eu não posso ser uma feminista seletiva. Eu realmente luto cada vez mais para isso não ser a verdade, para isso não ser um fato. Eu me cobro em relação a isso. Assim como mulher negra eu me cobro para não estar ocupando lugares que eu acho que não são meus. Lugares de fala que não me cabem. Porque eu parto de um lugar de fala enquanto mulher negra que tem uma outra vivência que não é a mesma de todas as mulheres negras. Então acho que a autocobrança ela tem que vir e ela vem no sentido que você vai expondo isso, permitindo errar e permitindo aprender e para mim falar sobre isso publicamente é esse processo.

Outro ponto de grande preocupação de Stella está relacionado às práticas sociais de precarização do trabalho a que são submetidas as pessoas negras. Ela diz que busca para si uma vida mínima, digna. Note-se que ela usa a expressão “vida mínima” em vez de bem-sucedida. Essa escolha sugere que ela tenta se esquivar da impressão de que a sua ascensão social é egoísta ou que está se aliando aos oponentes buscando apenas o próprio sucesso.

Então hoje, eu fico muito pensando que eu quero ter uma vida mínima, digna, é... Coisa que eu não vejo entre as pessoas negras.

Ela afirma que a realidade das pessoas negras é precarizada e, mesmo as que conseguem alguma forma de ascensão (nesse caso faz referência a si mesma), têm dificuldades em quebrar esse ciclo. E coloca como um objetivo pessoal a luta contra essa precarização.

A gente vive em uma realidade precarizada. E mesmo os que conseguem alguma forma de ascensão o ciclo de precarização é muito comum dentro da comunidade negra. E eu quero tentar quebrar esse ciclo e é muito difícil eu acho. A precarização está sempre batendo à sua porta. Então eu me vejo no futuro, tentando, ou caminhando para isso ou quem sabe conseguindo isso na melhor das hipóteses. Quebrar o ciclo da precarização, quebrar a ideia de que a gente não tem que ter uma vida digna. Porque eu sinto que hoje até isso é representativo para a nossa comunidade, para as pessoas negras, para as mulheres negras em especial.

É possível que ela faça essa escolha cuidadosa das palavras ao se referir à sua atuação pelo fato de ter recebido críticas por trabalhar em uma empresa cujos valores são considerados opressores. Então, ela se justifica explicando que, apesar de ser uma empresa excludente, foi lá que ela conseguiu um trabalho que não era tão precário e que teve acesso a todos os direitos trabalhistas, inclusive remuneração mensal, coisa que ela não tinha conseguido nos “meios de produção intelectual feministas e raciais” que criticaram sua decisão, mas nos quais ela afirma ter sido muito explorada sem saber.

Mas é a primeira vez que eu tenho, am, de fato a preocupação em receber por mês e tudo direito, porque é muito violento como, no fundo, a gente naturaliza a precarização da mulher, até mesmo nesses meios de produção intelectual feministas e raciais, onde

as pessoas falam sobre isso, mas, meu, é extremamente precarizado, assim. Então eu acho que eu já fui muito explorada e nem sabia, porque não tinha muito...

Stella aponta a frustração de lidar com a contradição de ter consciência da existência do racismo e do machismo e seu papel nocivo, mas não conseguir necessariamente mudar as estruturas. Ela sente que viver nessa contradição é também uma violência psicológica, que gera desgaste mental e emocional, o que reforça a noção de que o processo de empoderamento é doloroso, conflituoso e processual.

É... é... é... eu não sei assim... Porque por mais que você fale, por mais que você queira mudar, a gente vive em uma estrutura que é tão nociva e ela é tão forte que não basta, sabe? É isso que as pessoas não entendem. E aí a gente passa a viver um outro momento do racismo que não é mais essa violência necessariamente física, mas essa violência psicológica, essa limitação mental, esse desgaste emocional. É muito difícil eu acho.

Ela exemplifica essa impressão narrando como se sentiu quando aconteceu uma “coisa” na sua família que ela não conseguiu evitar, que ela questionou a sua capacidade e o seu lugar como feminista negra. Tal fato levou-a a perceber que o seu trabalho tem uma influência muito pequena individualmente, então, ela conclui: “meu trabalho é de formiga. Eu acho que é menos que uma formiga. É menor do que isso inclusive”. Isso dá a entender que ela se sente fraca demais para mudar as estruturas sozinha e que, se não houver um esforço coletivo, é muito fácil massacrá-la.

Stella conta que se em algumas situações se sente pequena, em outras ela sente que o seu trabalho é importante. Ela percebe seu impacto quando mulheres, em especial as negras, falam com ela como se sentem representadas pelo que ela escreve. Ela vê a importância de falar publicamente sobre as questões de interesse das mulheres, que são socialmente silenciadas. Ela diz: “A gente entende que uma mulher falar sobre si é errado, então imagina uma mulher negra, né?”, marcando a sua postura de resistência, ao se fazer ouvida mesmo sendo uma mulher negra que discute seus interesses. Ela compreende esse reconhecimento do público frente ao seu papel como porta-voz como uma vitória para ela, mais uma vez evocando o tema da disputa.

É muito importante quando, para mim, quando uma mulher, em especial mulheres negras, elas vêm falar comigo do quanto elas se sentem representadas assim. E, e quanto é importante falar sobre algumas questões publicamente. Acho que a gente vive em um contexto onde a mulher em si é muito silenciada. A gente entende que uma mulher falar sobre si é errado, então imagina uma mulher negra, né? Então, hoje, um dos impactos maiores do meu trabalho é esse reconhecimento de ver mulheres de diversas idades, de diversos lugares, que elas são empáticas e ao mesmo tempo elas dizem que se sentem representadas pelo o que eu falo, assim. Isso para mim é uma vitória gigante, assim.

Stella insiste no tema da disputa e fala que busca “ocupar espaços” e que por isso não fica quieta: “sou meio barraqueira nesse sentido”. Ela entende que as mudanças são processos conflituosos, com avanços e retrocessos, e que o que ela consegue fazer hoje foi precedido pelas pessoas que “batalharam para a gente viver uma vida melhor”.

Não fico quieta, eu sou meio barraqueira nesse sentido [risada]. E acho que isso é muito importante para outros alunos negros. Ter uma vivência um pouco melhor, assim. Acho que tudo que a gente está fazendo, até o lugar que estou hoje, ele é, ele foi um lugar construído por pessoas negras que vieram antes de mim e por mulheres que batalharam para a gente viver uma vida melhor.

A entrevistada descreve como compartilhar suas experiências no *Facebook* promoveu a conexão com outras meninas negras que também queriam fazer arquitetura e que a consideravam um exemplo. Ela destaca que o seu exemplo serve como referência, ajudando outras mulheres que pensam que aquele espaço não é para elas ocuparem.

Eu lembro que quando eu fui fazer arquitetura e eu comecei a falar mais sobre arquitetura, muitas pessoas começaram a me adicionar, muitas meninas negras, porque elas também queriam fazer arquitetura. Então para a gente a necessidade de se criar exemplos, ela é urgente.

Ela tem consciência de que a *internet* não é um campo neutro e que as disputas acontecem nesse espaço também. Ela menciona receber críticas de militantes que acreditam que a militância *online* é fácil e que só é possível resistir na rua. Ela discorda dessa visão e acredita que militar pela *internet* é muito difícil, mas acredita que há impacto sim, já que percebe que a *internet* consegue fazer chegar sua mensagem a espaços que de outra forma não chegaria.

Na *internet* parece muito fácil, né? Porque muitas pessoas inclusive falam: “ah, vem para a rua, vocês não têm impacto na rua” eu acho que isso é uma inverdade. Eu acho que a *internet* tem o poder sim de chegar a alguns espaços que talvez é... outras propostas não chegariam, mas acho também que é muito difícil porque a *internet* não é um ambiente neutro.

Ainda usando a metáfora da disputa, ela descreve a *internet* como uma arma que abre possibilidades a ela de quebrar o próprio silêncio.

É óbvio que eu acho que a *internet* é uma arma para mim, sabe? É o único espaço que eu consegui de fato me ver quebrando o meu próprio silêncio.

Stella está sempre recorrendo às metáforas de guerra, de luta, de disputa porque percebe que, apesar de existir um discurso de que a *internet* é um espaço democrático, ela percebe que na prática ele não é. Isso porque os discursos que circulam no ciberespaço refletem os discursos que circulam na sociedade e eles são violentos com mulheres, com negros e com outras

minorias. Ela menciona o fato de que, assim como ela encontrou na *internet* uma comunidade de mulheres que passam por situações parecidas com a dela, os grupos de ódio também conseguem se articular e ganhar força nesse espaço.

A gente está falando de um espaço que se diz democrático, mas não é. Até mesmo na questão de nem todo mundo ter acesso à *internet*, mas também no fato que muitas vezes na *internet* se entende que o discurso... Discursos violentos não são violentos, e que discursos que são respostas a essas violências devem ser censurados.

Ela avalia que a dificuldade de controle sobre o que acontece na *internet* leva à dificuldade de lidar com crimes de ódio que acontecem nesse espaço. Apesar de considerar a *internet* uma arma que ela utiliza para não ser silenciada, ela discorda da visão de que é um ambiente em que todos têm o mesmo espaço. Ela destaca que vê potencial para o empoderamento na *internet* e o utiliza para quebrar o próprio silêncio, mas mantém a característica das suas argumentações de analisar os pontos críticos e, nesse caso, ela coloca o fato de pessoas negras e mulheres serem agredidas nesse território impunemente.

E não é porque eu quebrei meu próprio silêncio que eu não vou ser crítica de que existe toda uma estrutura vigente em que as pessoas negras são totalmente silenciadas nesse território. E são agredidas também como mulheres. Eu não sei. Eu acho que a *internet* é importante, mas também tenho sempre as minhas ressalvas.

Para finalizar a entrevista de Stella, foi solicitado a ela que imaginasse que ela ganhou uma máquina do tempo e uma lâmpada mágica, e que ela poderia fazer o que quisesse com ela. A intenção era justamente desativar a postura crítica e as ponderações sobre a viabilidade de seus desejos e falar livremente sobre mudanças que gostaria de ver acontecer na sociedade. E seus desejos refletiram bem o que ela afirmou ao longo da entrevista. Diz que ia pedir ao gênio a igualdade de gênero, mas antes disso uma troca de papéis para que as pessoas que estão acostumadas a viver com privilégios saibam como é estar na pele das minorias. E depois, ela explica que ia pedir igualdade de gênero porque, com a máquina do tempo, ela ia tentar impedir o processo de escravidão no Brasil.

De posse dessa análise, delineou-se uma síntese das ações *online* de Stella para favorecer o empoderamento feminino (Quadro 8).

Quadro 8 - Ações de Stella que favorecem o empoderamento

Ações	Características
Superar as barreiras impostas pela timidez	Stela se descreve como uma pessoa extremamente tímida. Ela explica que a <i>internet</i> a favorece porque consegue, por meio dos textos que escreve expressar suas opiniões e sentimentos sem ter que enfrentar a barreira da timidez.
Escrever para relatar as experiências de racismo que vivia	Quando começou a estudar arquitetura na PUC- Campinas, Stela sofreu com o preconceito em um espaço elitista que a fazia se sentir excluída. Como é muito tímida, ela usou o <i>Facebook</i> para falar sobre essas experiências e acabou conquistando muitos seguidores que se identificavam com os textos que escrevia, suas reflexões foram ficando cada vez mais profundas e sua influência ficando cada vez maior.
Buscar se encaixar e criar um espaço para si na sociedade	A formação universitária e o status e influência conquistados com sua atuação na <i>internet</i> permitiram que Stela tivesse acesso a espaços que não costumam ser ocupados por mulheres negras. Ela narra que essa situação é desconfortável e a obriga a tentar se "encaixar" ao mesmo tempo que precisa "criar um espaço" para si nesse ambiente. Apesar do desconforto, ela considera essa situação empoderadora porque abre espaço para que outras mulheres negras possam tomá-la como referência e busquem ocupar esses espaços.
Ocupar espaços elitizados como forma de provocar mudanças	Stela usa a expressão "ocupar" sempre que se refere a espaços que ela frequenta, mas que não são tradicionalmente frequentados por negros. Ela dá aí uma função política para a sua atuação individual. Ela diz que, em todos esses locais que ocupa, busca formas de abrir espaço para outras pessoas negras de forma que ela não seja usada para camuflar a desigualdade racial naqueles espaços.
Respeitar lugares de fala que não lhe cabem	Stela tem consciência que, apesar de sofrer racismo constantemente, o fato de ser jovem, magra, de classe média e de não ter a pele retinta faz com que suas experiências sejam muito diferentes de outras mulheres negras e ela busca a "honestidade" de não falar por essas mulheres sem ouvi-las.
Disputar narrativas na <i>internet</i>	Stela explica que a <i>internet</i> é um espaço muito importante para a sua atuação, mas que não é neutro. Ela conta que, assim como narrativas como a dela ganham destaque na <i>internet</i> , outras que promovem ódio também ganham. E a disputa de narrativas é constante.
Dar visibilidade a mulheres negras	Stela faz um esforço consciente para não ser a única mulher negra em destaque em sua rede. Ela busca constantemente abrir espaços para que outras mulheres negras tenham visibilidade e status como ela. Ela tem consciência que, estando sozinha nesses espaços, a chance de mudança real é pequena.
Valorização da estética negra	Stela destaca que há muitas críticas das feministas brancas quando as mulheres negras reivindicam questões estéticas. Esses conflitos se dão pelo fato de que a forma como mulheres brancas e negras são avaliadas em termos de beleza é fortemente marcada pelo racismo, o que torna esse ponto especialmente importante no feminismo interseccional. Enquanto as mulheres brancas lutam para não terem a obrigação de serem lindas e manter um padrão de beleza que as oprimem, as mulheres negras lutam contra o estereótipo de que negro é feio e contra o estereótipo de sexualização do corpo negro, buscando uma valorização da estética negra. A busca das mulheres negras por terem sua beleza reconhecida muitas vezes parece contraprodutiva para mulheres brancas que não levam em consideração o racismo que as primeiras sofrem e que têm um grande peso sobre sua autoestima.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.4.3. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Stella Rabelo

A narrativa de Stella apresenta dois momentos bastante distintos: a sua vida no interior e a sua vida após ingressar na faculdade. Na primeira fase da narrativa, Stella descreve diversas

situações em que ela se sentiu vulnerável como o abandono paterno, as situações de racismo vivenciadas dentro da família e as dificuldades de relacionamento na escola. Por outro lado, ela dá indicações de aspectos que favoreceram o seu empoderamento como o fato de a mãe incentivar muito os estudos, os avós suprirem as necessidades financeiras e emocionais deixadas pelo abandono do pai e as características de sua personalidade que a impulsionavam a se esforçar para ser muito melhor que os demais para que conseguisse se destacar.

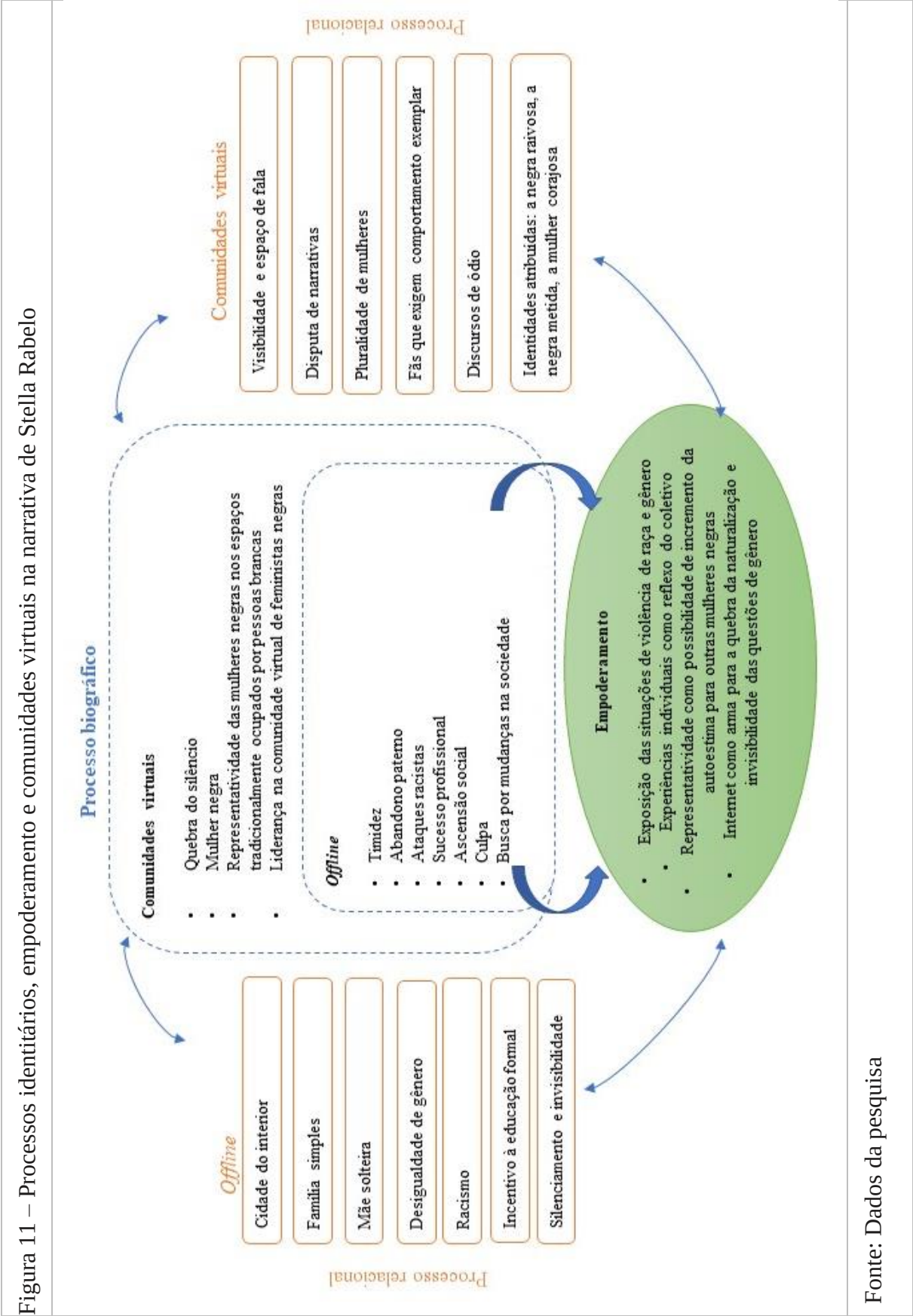
Apesar de narrar muitas dificuldades vivenciadas na infância e adolescência, foi quando Stella ingressou na universidade que ela encontrou os maiores desafios da sua vida. Ela, uma mulher negra, que vinha de uma família simples do interior, tinha ingressado em um curso de elite em uma universidade particular de renome. A sua presença nesse espaço era incômoda, e ela sofreu preconceito em vários níveis. Stella citou comentários racistas de professores, ataques violentos de colegas e a recusa de seu pai em manter a pensão alimentícia durante os estudos. Foi nesse período que Stella passa a utilizar a *internet* para se fazer ouvir, uma vez que naquele ambiente ela sentia que era constantemente silenciada.

As estratégias de empoderamento que Stella adota passam por expor as violências de gênero, de classe e de raça como forma de desnaturalizá-las, oferecer representatividade para mulheres negras como forma de garantir categorias de construção identitária mais empoderadas e lutar por mudanças nas relações de trabalho precarizadas a que estão expostas as pessoas negras.

No seu processo biográfico *online*, Stella considera a *internet* um espaço de disputa em que ela busca ocupar lugares dos quais vinha sido excluída por questões de raça e gênero e onde ela consegue quebrar seu silêncio e ocupar um lugar de fala. Nesse processo, ela assume a identidade de mulher negra e uma função de liderança na comunidade virtual de feministas negras, buscando destaque para si com o objetivo de oferecer representatividade coletiva nos espaços de poder a que tem acesso.

Em seu processo relacional *online*, Stella explica que, ao expor na *internet* suas opiniões, ela conquista visibilidade e espaço de fala, mas para isso precisa disputar as narrativas que são apresentadas nas redes. Ela também explica que as relações no ciberespaço marcadas por fãs e *haters* leva a uma desumanização. Ela diz que se espera dela um comportamento exemplar, mas que ela precisa lembrar sempre aos leitores que ela é humana e que, assim como todos, comete erros, tem dúvidas e inseguranças.

A Figura 9 resume o processo percebido na fala de Stella Rabelo.



Fonte: Dados da pesquisa

4.5. Laura Belz

Laura Belz publicitária, blogueira desde a adolescência e feminista interseccional. Suas publicações têm como tema principal as relações que existem entre mídia, gênero e violência contra a mulher. Tem 28 anos, é solteira, namora um rapaz norte americano que conheceu pela *internet* e não tem filhos. Foi criada no Rio de Janeiro (capital) em uma família de classe média alta, com a configuração tradicional: pai provedor e mãe dona-de-casa.

Entre as entrevistadas que participaram desta pesquisa, Laura é a pessoa que tem a relação mais intensa com a *internet*. Ela começou a escrever blogs e a construir uma comunidade virtual há mais de 15 anos, quando ainda era adolescente. A sua intensa atuação na *internet* e a sua posterior formação profissional na área de comunicação fizeram com que a suas construções identitárias social e profissional estivessem de alguma forma relacionadas ao ciberespaço.

Laura se mudou para São Paulo por motivos profissionais, mas, no dia da sua entrevista, ela estava na casa dos seus pais, no Rio de Janeiro. Ela tinha acabado de voltar dos Estados Unidos, onde tinha ido para visitar o seu namorado, e recebido a notícia de que tinha sido demitida da organização em que trabalhava (uma ONG que atua na *internet* em prol do empoderamento feminino). Ela estava confusa sobre como seria a sua atuação a partir de então porque, desde que tinha assumido uma função profissional neste site, não fazia mais publicações individuais.

Ela foi escolhida para ser uma das entrevistadas desse estudo porque atuava em uma página muito influente entre as mulheres que debatem o empoderamento feminino, participou ativamente de campanhas *online* bem-sucedidas e tinha um papel importante para a formação de uma comunidade virtual que debate a situação das mulheres na sociedade.

A entrevista com Laura foi realizada em videochamada por Skype e durou aproximadamente 4 horas. A seguir, serão apresentados os principais temas apresentados por Laura em sua narrativa e a análise de como se articulam *internet*, identidade e empoderamento em sua narrativa.

4.5.1. Percursos temáticos na narrativa de Laura Belz

4.5.1.1. *O contexto familiar*

Laura é a caçula de uma família de classe média da capital do Rio de Janeiro. Seu pai é advogado e funcionário público, e sua mãe é dona de casa.

Era uma família bem... desse sentido tradicional... né? De, de pai, mãe e filhos e a gente, escola, igreja, não tive uma, uma fase rebelde, nem nada, a gente sempre muito tranquilo em casa. Morei a vida toda no Rio de Janeiro, é... nasci em Vila Isabel.

Eu tive a minha infância muito boa, muito, muito legal. Meus pais, eles não são... necessariamente ricos, mas eu sempre tive uma condição legal, né? Nunca faltou nada na nossa casa, graças a Deus.

É... meus pais... é, então, como eu disse a minha família, passava pela família mais tradicional possível, no sentido de minha mãe, em casa, cuidando da gente e meu pai, trabalhando.

Laura conta que a família frequenta uma igreja da “Congregação Cristã do Brasil”. Ela não dá detalhes sobre as características da igreja e na *internet* não há informações oficiais²¹, mas ela destaca o fato de haver uma expectativa grande para o casamento preferencialmente com pessoas da mesma igreja.

É... assim, como... como a gente vem, né, de uma... faz parte de uma, uma igreja e, tudo mais, existe uma, uma expectativa muito... é... estabelecida de casamento, então, uma coisa que eles sempre esperaram para a gente, que eu, minha irmã, meus, meu irmão, casarem.

No percurso temático da família, os personagens são o pai que é advogado e funcionário público, a mãe dona de casa, a irmã que ela descreve como um fenômeno e o irmão que passou por uma fase rebelde e teve uma trajetória diferente das irmãs.

Nesse percurso, o pai serve de referência em todas as situações em que Laura teve alguma dúvida em relação à carreira. Segundo ela, foi ele que a incentivou a fazer um curso técnico em Publicidade no ensino médio, também a inspirou a se dedicar para fazer o curso superior em uma universidade pública (porque o pai tinha cursado e a irmã também).

Assim, na minha cabeça, é... não havia outra possibilidade, que não entrar em uma faculdade pública, sabe? Meu pai fez UFRJ (...) é... para mim, nunca houve outra possibilidade, assim, porque não é que se eu não passasse no vestibular, meu pai ia

²¹ Nota disponível no site oficial da Congregação Cristã no Brasil: “A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL não autoriza a divulgação pública através de meio eletrônico de qualquer informação a seu respeito”. <http://www.congregacaoocristanobrasil.org.br/>

falar: “Ah, não! Acabou tudo. Você vai ter que trabalhar para pagar sua faculdade.” Certeza que ele pagaria (...). A minha irmã, ela entrou na faculdade dois ou três anos antes de mim, ela passou em todas faculdades, então, ela colocou, assim, o nível lá no alto [risos] daí, eu pensava: “Tenho que entrar em pelo menos uma.” E, aí, eu entrei na UFF e deu tudo certo, e eu acho que entrei em um curso que era muito difícil. Na minha época, Comunicação estava assim... terrível.

Sobre a mãe, Laura fala pouco. Conta que a mãe ficava em casa cuidando dos filhos e não se aprofunda nas suas relações com ela. A história mais longa que ela narrou sobre a mãe foi sobre o desentendimento que tiveram quando Laura decidiu que ia se encontrar pessoalmente com o namorado americano, com quem até então ela só se relacionava pela *internet*. O fato de ela ir para o exterior se encontrar com um “estranho da *internet*” foi complicado para a mãe aceitar.

Eu morava com os meus pais ainda e minha mãe sabia, conversava com ele e, aí, quando eu falei que eu queria encontrar com ele em Nova York, ela ficou nervosíssima, ela falou, ela ficou com medo, né? Porque. “Meu Deus, é o estranho da *internet*, né? Quem é essa pessoa, você vai estar sozinha em outro país e vai vir esse homem encontrar você.” (...) aí, eu pensei assim: “Não, é... eu não posso sair do país, para encontrar uma pessoa que eu tenho sentimentos, sem... sem ela, ao mínimo saber”. (...) Aí, ele me pediu em namoro e eu aceitei. (...) Aí, acho que, no dia seguinte, eu liguei para a minha mãe e falei... e ela ficou muito chateada, ela brigou comigo, ela achou super errado eu ter feito isso e, assim... Mas no final das contas, o que ela, né, de tudo o que eu entendi do que ela estava me falando, é que ela estava triste porque eu não... ela não participou de nada, né, da decisão? Claro que eu não ia falar: “Mãe, ele está me pedindo em namoro agora, o que, que a senhora acha, vamos decidir juntas.”

Assim como foi com a mãe, Laura fala pouco sobre sua relação com o irmão. Ela menciona que o irmão tem vários problemas e dificuldades, mas não explica que tipo de problemas são esses.

Meu irmão tem vários problemas, e a gente tem uma convivência, então isso mexe muito forte comigo também, né?

E meu irmão, ele... passou por muitas dificuldades, não sei, ele teve uma trajetória diferente, um pouco diferente da gente, hoje ele está bem, mas ele foi o, talvez, o mais rebelde de nós, assim, sabe? De ter uma fase de ficar mais solto e... ele foi policial, uma época, no Espírito Santo, e aquilo era muito, muito tenso, porque ser policial é muito difícil, daí, ele saiu... e depois ele melhorou, agora casou, está sossegado. Então, foi meio que ‘nha’, trajetória, né, da, da rebeldia que depois sossega e graças a Deus, ficou tudo bem. É... e... e é isso, a gente tem uma, uma boa amizade, se dá muito bem.

Conta que ele tinha mais liberdade que ela e a irmã por parte dos pais e que teve uma trajetória diferente da dela e da irmã.

Ah, não, totalmente. Eu e minha irmã, a gente conversa sobre isso, a gente sabe que é diferente para ele, sabe? Porque, por mais que ele tenha sido muito mais rebelde em alguns aspectos, ele tinha muito mais carta branca e liberdade, para fazer coisas que a gente não tinha, sabe?

Ao contrário da mãe e do irmão, Laura demonstra muita admiração ao falar sobre a irmã mais velha, a qual se torna um parâmetro pessoal de sucesso.

É... a minha irmã... é esse fenômeno maravilhoso, né, ela passou nas faculdades, ela tem um grande emprego há muitos anos, ela é arquiteta, então, eu admiro muito ela. Ela ainda não casou, também, é... e ela mora em, aqui no Rio, em Ipanema.

A minha irmã, né, ela, ela... é arquiteta, mora lá no, no apartamento dela, viaja muito, muito... interessada em... aproveitar a vida... não é assim, ‘vida louca da festa’, mas ela sabe, ela vive uma vida legal, faz as coisas que ela quer.

4.5.1.2. *A educação formal*

Laura conta sobre a sua formação acadêmica explicando o contexto social das escolas em que estudou. Ela diz que parte da sua formação foi em escolas públicas e parte em escola particular. Ela analisa o tipo de público que frequentava cada uma dessas escolas e como a relação com eles afetou a sua construção identitária.

Quando, então... na... logo que eu comecei aqui na Vila Isabel até a 4 série estudei em um colégio público, muito bom, melhor até que muito colégio particular, depois eu vim aqui para o Santos Dumont que era particular e... Era aquela coisa né, só as crianças do bairro que estudam lá, aí tinham os grupinhos das crianças que estudaram a vida inteira no colégio e eu cheguei depois, então foi legal, beleza.

Ela faz referência ao fato de que nessas escolas só estudavam crianças do bairro, que é um bairro de classe média, e, em seguida, compara com o colégio técnico (público) em que cursou o ensino médio.

Eram crianças do Rio de Janeiro inteiro e fora dele... Crianças, eu estou falando crianças, mas eu já era adolescente, primeiro ano e tal. É... foi uma expansão de horizontes assim.

Quando ela ingressou na UFF, Laura se deu conta de que aquele era um espaço tão elitizado quanto o colégio particular em que estudou:

Fui para a UFF e, quando eu cheguei na UFF, foi uma grande decepção. De tudo que eu vi, do colégio, pessoas, criatividade, agência, blá, blá, blá, mercado... quando eu cheguei na faculdade, era uma outra... Parecia que eu tinha voltado para o colégio particular. Porque todo mundo vinha de colégio particular, né? Todo mundo tinha condições de fazer um cursinho para passar em um vestibular.

A narrativa de Laura mostra que, depois de ter convivido com as pessoas do “Rio de Janeiro inteiro e fora dele” e ter tido uma expansão de horizontes, teve uma decepção ao ingressar na universidade e perceber que, apesar de ser uma universidade pública, era frequentada pelos alunos que vieram das escolas particulares. É interessante notar a diferença no discurso de

Laura, para o de Stella e Sandra. As três mencionaram o fato de a universidade ser um espaço de elite, mas para Laura essa constatação resultou apenas em decepção sem que ela mencionasse nenhuma sensação de inadequação como aconteceu com as outras duas, uma vez que ela já fazia parte desse grupo privilegiado.

É. E, aí... enfim, fiquei muito feliz de passar e eles sempre me deram, ficaram muito felizes também, né, eu me mudei para Niterói (...) meu pai pagou, né, três anos e meio que eu morei lá para, para eu ficar mais perto da faculdade. (...) Sabe? Então, assim, eu sempre tive uma, uma, um incentivo muito forte em ser uma pessoa independente, isso é muito legal, né? Porque... conforme as coisas, é, isso, minhas, minhas vontades iam acon, assim, também é um privilégio, né, de eu pensar que eu tenho um, um suporte, né, uma rede, que eu posso falar: “Meu, pai, mãe, agora eu quero fazer tal coisa.” Tipo, falar: “Meu, corre atrás, a gente ajuda.” Então, eu sempre tive isso.

4.5.1.3. *A internet*

A *internet* é apresentada por Laura como um espaço de grande importância em sua trajetória profissional. Nesse ponto, a sua história difere de todas as outras que foram analisadas nesta tese, porque Laura apresentou a *internet* como ferramenta para superar situações em que tinha dificuldades na vida *offline*. Ela utilizava a *internet* como meio para socialização e divulgação do conteúdo que ela gostava de produzir desde muito jovem. Ela conseguiu formar uma comunidade virtual e se tornar “conhecidinha”. Essa atuação precoce na *internet* favoreceu a sua atuação profissional:

É, assim, eu agradeço, quase toda minha vida profissional, à *internet*. Porque o meu primeiro estágio na faculdade, que foi nessa agência de, de redes sociais, lá em... né, dois mil e... entre 2008 e 2010, eu fiz esse estágio. É porque eu tinha *blog* e... já tinha alguma coisa na *internet*, hoje em dia você tem, né, muito mais qualificação para trabalhar com redes sociais e naquela época era só quem era ‘heavy user’. Então... isso foi bom, é... a min, eu... comece, por sempre gostar de escrever, eu comecei a ter *blog* com onze, com treze anos e eu fiz muitas amizades por causa disso, né? Eu era de um grupinho de ‘Bloggers’, tinha comunidade de blogueiros no Orkut, então, eu não ia para encontros com eles, mas eu fiz grandes amizades nessa época. Então, eu fiquei conhecidinha.

Além disso, a atuação na *internet* também contribui para a formação de uma rede social, atraindo pessoas que a consideram inteligente, legal e que reforçam a sua autoestima com comentários positivos.

Eu acho que a minha, a minha escrita atrai muita gente para, para me conhecer e... e, ai, eu acho que isso é legal, porque é muita gente que me conhece e vem, vem disso e... e deve me achar muito inteligente, muito legal, né, faz comentários assim e isso alimenta um pouco o meu ego também, eu acho isso legal.

A *internet* serviu como impulsionador da carreira de Laura que, desde o ingresso na universidade, já atuava profissionalmente com publicidade na *internet*:

E, aí, eu fiz muitas amizades nessa época, por causa disso, né, eu tive, não era que o, não era que o *Blog* fosse famoso, mas... criei umas, um publicozinho. É... daí eu comecei a trabalhar com isso e... isso, acho que começar a trabalhar diminuiu a minha produção, mas... todos os meus, meus empregos depois, né, na verdade quem, eu fui chamada por uma pessoa que eu conheci na *internet*.

A atuação no feminismo veio também por meio das suas relações na *internet*. Ela conta que o primeiro texto que escreveu sobre feminismo viralizou e ela passou a ter seguidores interessados no tema. Depois disso, ela passou a escrever para um site muito influente na comunidade feminista:

Fiz um texto para o meu *Blog*, que viralizou na época, hoje, coitado ele é um... né, não teve o número de compartilhamentos considerado viral, mas naquela época foi bastante. (...) É... e, aí, ele viralizou, então, foi ali que eu comecei a ter pessoas me seguindo, falar sobre feminismo, feminismo, mas assim, foi a primeira, minha primeira aventura escrevendo sobre o feminismo, então, foi um resultado assim. “Nossa, né, acho que eu falei alguma coisa certa aí, o pessoal se identificou.” E a partir daí, eu comecei a escrever para a página, né, e, é... foi lá que eu escrevi alguns dos meus textos mais populares, né? Usando o *Facebook* como plataforma, o que foi muito interessante (...) a página, ganhou muita força, ganhou muita força, como ganharam outras páginas também. Então, esses textos viralizavam, né, viralizavam total, se estava na página, todo mundo lia e tal.

Ela explica que, durante alguns anos, as páginas feministas ganharam muita força, e todos os textos que eram publicados na página em que ela trabalhava viralizavam e ganhavam muito destaque na *internet*. Laura diz que percebe uma mudança na dinâmica das redes sociais feministas. Ela percebe uma tendência de as páginas perderem um pouco a importância nas comunidades virtuais, sendo substituídas por reflexões individuais publicadas nos perfis pessoais das mulheres que participam dessas comunidades.

Só que de uns tempos para cá, já não são mais as páginas, mas as pessoas que estão viralizando com seus textos, né? Fazendo denúncia, trazendo suas visões. Então, hoje eu acho que a grande voz do feminismo, na *internet*, está nessas pessoas, nessas mulheres, que estão colocando textos nos seus ‘perfis’, ou seja, para onde isso vai no futuro.

Laura conta que a sua experiência na página foi importante não somente no ciberespaço, porque, com a visibilidade proporcionada pela *internet*, ela era convidada para falar também em espaços *offline* e percebia que os conteúdos que produziam tinham um efeito importante para a comunidade.

Mas, é... mas foi um processo muito bom, porque, na página, não só a gente tinha esse, essa, eu tinha essa plataforma para falar, colocar essas ideias e ver como elas reverberavam, como também, eu tive muitas oportunidades de sair da *internet* e fazer palestra e falar e, e isso era uma das coisas mais legais que eu achava. (...) assim, de... de pessoas virem chorar depois, por causa das coisas que eu, que eu estava falando ali, sabe? Então... acho que é isso.

Laura deixa claro que se sente orgulhosa de participar de um grupo que trazia reflexões inovadoras e empoderadoras para mulheres no Brasil, de apresentar conteúdos que ajudam as mulheres a questionar as opressões que vivem. Diante de seus relatos, o Quadro 9 foi construído com os temas e personagens relevantes para Laura.

Quadro 9 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Laura Belz

P T	Personagem ou subtema	Função na narrativa	Ações e características importantes
Contexto familiar	Laura	Protagonista	A caçula da família. É pacífica, conciliadora e engraçada.
	O pai	Coadjuvante	Advogado e funcionário público
	A mãe	Coadjuvante	Ficava em casa cuidando dos filhos.
	Os pais como "equipe"	Coadjuvante	Moraram por um tempo em Inhaúma e depois se mudaram para Vila Isabel. Não eram os mais afetuosos, mas fizeram tudo pelos filhos, são "pacientes e bacanas". Maravilhosos e esforçados. Estão na fase do ninho vazio.
	O irmão	Coadjuvante	Tinha muito mais "carta branca e liberdade" para fazer as coisas que Laura e a irmã não tinham. É o único dos filhos que se casou. Mora em Guarulhos e tem menos sucesso profissional que as irmãs.
	A irmã	Coadjuvante	É um fenômeno maravilhoso. É arquiteta, tem o próprio apartamento em Ipanema, não se casou, viaja muito, aproveita a vida e faz o que quer.
	A igreja	Subtema	Toda a família faz parte da "congregação cristã do Brasil". Não há celebração de festas religiosas, mas há uma grande expectativa para o casamento.
A educação formal	Escola Pública	Subtema	Estudou os primeiros anos em um colégio público muito bom, "melhor até que os particulares"
	Escola particular	Subtema	Na quinta série se mudou para um colégio particular onde estudavam só as crianças do bairro.
	O colégio técnico	Subtema	Foi selecionada para um colégio técnico onde estudavam crianças do Rio de Janeiro inteiro. Foi uma experiência que expandiu os horizontes e permitiu a convivência com a diversidade dentro da escola.
	A universidade	Subtema	Estudou comunicação social na UFF e sentiu como se tivesse voltado para o colégio particular, porque "todo mundo veio de colégio particular". Laura se tornou a nerd da turma e conheceu uma professora que fazia publicidade com viés social. O que aprendeu com essa professora a ajudou a assumir esse perfil em sua atuação profissional.

Continua...

Quadro 9 - Síntese de temas e personagens na narrativa de Laura Belz (Cont.)

P T	Personagem ou subtema	Função na narrativa	Ações e características importantes
Internet	Blogueira	Protagonista	Começou a escrever <i>blog</i> de humor com 11 anos e tinha seguidores desde a adolescência; todos os empregos e trabalhos que Laura teve decorreram de sua atuação na <i>internet</i> .
	Feminista	Protagonista	Após sua formação profissional em publicidade, Laura passou a contribuir com textos para uma página feminista muito conhecida na comunidade virtual e a ficar mais conhecida a medida que seus conteúdos "viralizavam". Atualmente ela não escreve mais para essa página, mas continua pautando temas feministas (especialmente interseccionais) em seus perfis de redes sociais.
	Publicitária	Protagonista	A atuação de Laura como publicitária é fortemente influenciada por sua atuação na <i>internet</i> e em seu ativismo feminista. Ela é procurada pelas marcas que estão interessadas em campanhas com viés feminista.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: PT = Percursos temáticos.

4.5.2. O processo de empoderamento de Laura

A narrativa de Laura contrasta com a narrativa das demais entrevistadas desta tese porque ela fala muito pouco dos aspectos individuais de empoderamento. Sandra colocou a pobreza como ponto de partida para a reflexão sobre as opressões que vivia, Camila centrou a sua narrativa nas questões relacionadas ao controle da sexualidade e nos relacionamentos abusivos que viveu, Mia deu destaque ao fato de ter sido demitida imediatamente após se tornar mãe e Stella analisou profundamente as questões sob o ponto de vista do racismo que viveu desde a infância. Já Laura, apesar de ser mais influente na comunidade feminista que a maioria das entrevistadas, fala sob um ponto de vista externo, sem uma motivação específica em sua vida.

Mas do ponto de vista coletivo, Laura conseguiu um destaque importante. Ela conseguiu aliar as suas reflexões sobre o feminismo com a sua atuação profissional em um campo que tem muito impacto na manutenção dos estereótipos sexistas: a publicidade. Questionar a forma como são produzidas as campanhas publicitárias a partir de um olhar feminista e modificar esses discursos tem um impacto grande porque afeta a produção nas mídias de massa, alcançando um público muito grande. Laura afirma que se sente “sortuda” por poder trabalhar em uma empresa em que ela pode atuar como publicitária utilizando os seus valores feministas.

É, então, assim, eu fui muito sortuda de na minha trajetória, eu como feminista, ter a oportunidade de estar em uma empresa que era muito, muito bacana, né? Em que eu podia usar o meu talento de publicitária para causas feministas. Então, eu vejo que eu acabei realizando um pouco a questão da vontade de ser publicitária, mas dentro de uma coisa que faça sentido, que não seja só para fazer a engrenagem girar.

Apesar de sentir que o seu trabalho era importante, Laura conta que era difícil trabalhar com esse tema uma vez que os tópicos com os quais trabalhava a afetavam diretamente, e ela sentia que as ações que planejava tinham também componentes muito pessoais. Além disso, quando tais ações não eram aceitas pelos clientes, ela tinha uma sensação de que não era só um trabalho que não deu certo, mas uma oportunidade de mudança social que estava sendo perdida.

Eu, eu acho que foi muito difícil para mim, em certos aspectos, trabalhar lá porque... você não desliga a chavinha, né? É um trabalho que você faz, mas que é muito pessoal. Porque você está falando do feminismo, está falando de vida das mulheres... então assim, é... mesmo trabalhando (...) com consultoria de marketing. Você faz um trabalho, né, você faz um planejamento de uma marca: “Ah, essa marca aqui, ela quer fazer uma campanha mais feminista, ela quer que vocês ajudem.” A gente, meu, coloca o coração naquilo, né, eu não estou só, trazendo assim: “Ah, eu vou colocar nesse planejamento o que eu trouxe do meu MBA. Então, você vai usar a técnica tal e tal.” Você está falando: “Não, vocês vão tratar as mulheres desse jeito, você precisa incluir pessoas.” E, aí, quando você leva isso para uma empresa, a empresa fala: “Ah, não, isso é demais, né? Não sei se é esse o caminho.” E toma decisões que você discorda de dentro do seu coração e você vê que é uma coisa superficial. Não é só: “Ah, poxa vida, né? Esse planejamento que eu fiz não deu certo, mas vida que segue.” Você pensa: “Meu, você perdeu uma oportunidade, o mundo é uma mentira.” Então, assim, é um... uma queda muito maior, sabe?

A atuação de Laura e das outras publicitárias e jornalistas que se organizaram para questionar as relações entre a mídia e as violências contra as mulheres abriu espaço para que o tema ganhasse visibilidade e promovesse mudanças, ainda que de forma parcial ou imperfeita, nos processos de criação de conteúdo para a mídia de massa.

Então, assim, o pessoal fala que o meu trabalho, por mais imperfeito que fosse muitas vezes, pelo menos eu, né, a gente estava abrindo discussões, fazendo coisas assim.

Assim sendo, foi possível localizar em seu discurso algumas ações para favorecer o empoderamento feminino, sintetizadas no Quadro 10.

Quadro 10 - Ações de Laura que favorecem o empoderamento

Ações	Características
Auto divulgação	Laura é blogueira desde os 13 anos de idade e formou um público que permitiu a ela dar visibilidade para suas opiniões, alcançar espaços de grande audiência na mídia, ter acesso a boas oportunidades de trabalho em organizações com valores semelhantes aos seus.
Questionamento da representação feminina na publicidade	Em sua atuação profissional, ela atua no planejamento de campanhas com viés feminista e em suas publicações <i>online</i> ela atua fazendo críticas constantes sobre abordagens preconceituosas na publicidade mobilizando a comunidade virtual para pressionar as marcas.
Formação de uma comunidade de publicitárias feministas	Laura também organiza um grupo virtual do qual participam mulheres da área de comunicação social que discutem sobre as possibilidades de criação de campanhas que apresentem uma representação feminina mais empoderada.
Criação de campanhas de conscientização sobre violência contra a mulher	Laura participa ativamente de campanhas de conscientização sobre situações de violência contra a mulher, especialmente sobre assédio.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.5.1. Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Laura

No processo de construção identitária de Laura, o contexto em que se davam os processos relacionais favoreciam o seu empoderamento. Fazer parte de uma família de classe média em uma grande cidade como o Rio de Janeiro e ter muito incentivo para a educação formal e para a independência foram fatos que favoreceram o seu processo de empoderamento, uma vez que já tinha acesso a espaços privilegiados na sociedade. Na *internet*, a visibilidade alcançada pelos seus textos a levou a ser considerada uma *influencer* nas comunidades virtuais feministas e receber atribuições glamourosas relacionadas a essa visibilidade.

Em seu processo biográfico, Laura menciona a sua trajetória acadêmica como um conjunto de experiências em que se pode perceber o contraste e a segregação social. Ela relata a experiência em um colégio particular no qual estudavam as crianças do mesmo bairro que ela (deixando subentendido que eram da mesma classe social), em um colégio técnico público, onde ela pode conviver com crianças do Rio de Janeiro inteiro, e na universidade onde ela sentia que tinha voltado para o colégio particular, porque todos eram da mesma classe social. Na *internet*, Laura se considera uma das “minas do textão”, fazendo referência às mulheres que escrevem longos textos reflexivos e analíticos sobre algum tema que esteja em pauta nas redes sociais *online*.

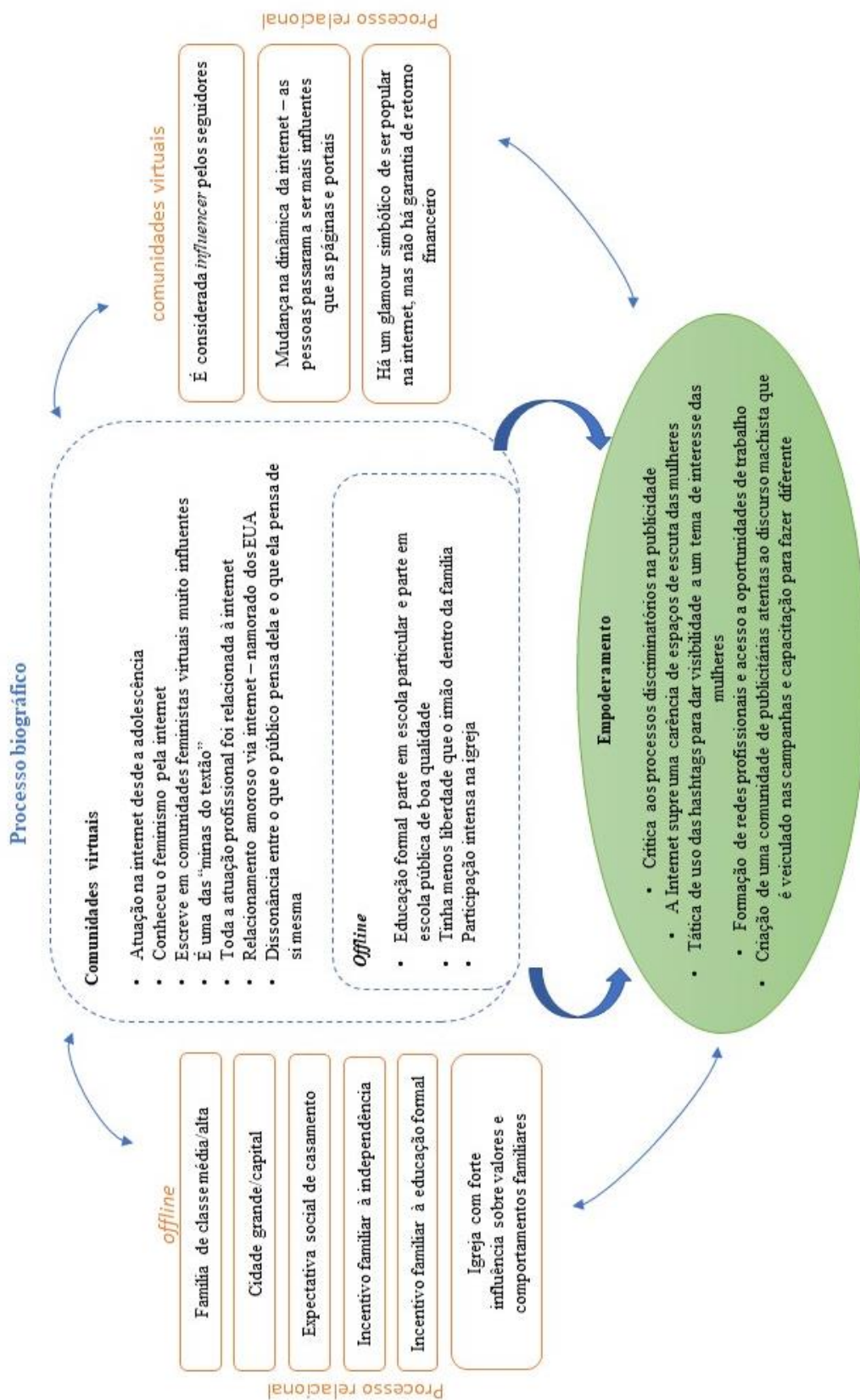
Ao construir essa identidade de “mina do textão”, Laura abre espaço para um empoderamento mais coletivo, pois seus textos ajudam mulheres a identificarem situações de opressão que eram invisibilizadas pela naturalização das práticas sociais. Além disso, ela consegue um grande alcance com a mudança nas práticas de comunicação social que promovem discursos que reforçam estereótipos machistas.

Uma importante tática de comunicação *online* que Laura cita é a utilização de *hashtags* (#) para dar visibilidade a temas de interesses das mulheres. Essa tática é utilizada muitas vezes para que experiências cotidianas, que são naturalizadas e invisibilizadas se tratadas em nível individual, ganhem força e visibilidade quando muitas relatam experiências semelhantes. Um exemplo dessa utilização das *hashtags* foi a #primeiroassedio que começou em 2015 em apoio a uma menina de 12 anos que foi alvo de comentários de cunho sexual na *internet* durante sua participação em um reality show de culinária. As mulheres foram convidadas a utilizar a *hashtag* para compartilharem suas histórias de primeiro assédio, e ela foi replicada milhares de vezes. A repercussão da campanha deixou claro que a experiência vivenciada pela menina em questão não era uma questão individual, mas sim uma prática recorrente na sociedade, embora estava tão naturalizada que foi preciso que uma onda de depoimentos revelasse a necessidade de mudança.

Laura também menciona o fato de que a *internet* pode ser muito útil para a formação de redes profissionais e para o acesso a oportunidades de trabalho. Além disso, a discussão constante entre as comunidades virtuais formadas por mulheres promove debates que favorecem a criação de novas organizações pensadas por e para mulheres, ensejando mudanças nas formas como se constituem as práticas gerenciais.

Assim sendo, sintetiza como se relacionam os processos identitários, o empoderamento e as comunidades virtuais na narrativa de Laura, foram ilustradas na Figura 10.

Figura 12 – Processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais na narrativa de Laura Belz



Fonte: Dados da pesquisa

5. CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender, a partir do ponto de vista das entrevistadas, como os seus processos identitários e de empoderamento se relacionam com a sua participação nas comunidades virtuais na *internet* e os seus resultados levaram à seguinte tese:

As comunidades virtuais tornam os processos identitários e de empoderamento feminino mais amplos uma vez que se estabelecem em um espaço em que as fronteiras geográficas e temporais se diluem e novos arranjos sociais são possibilitados. Assim, experiências de vida que poderiam ser consideradas desviantes em uma determinada comunidade *offline*, ao serem narradas na *internet*, podem levar pessoas de diversos lugares geograficamente distantes a se identificarem, formarem novas comunidades e desenvolverem senso de pertencimento. Essas comunidades podem fortalecer a autoestima de seus participantes, favorecendo ações de transformação social.

Para fundamentar a realização desta pesquisa, três conceitos foram centrais:

- **Comunidades virtuais:** São grupos sociais que surgem na rede e mantêm discussões, interações e sentimentos suficientes para formar redes de relações pessoais no ciberespaço estabelecendo uma nova forma de sociabilidade com laços mais fluidos, menos fortes e mais amplos. São caracterizadas por se localizarem em um espaço virtual público, ter variedade de participantes, interatividade e frequência (RHEINGOLD, 1993; JONES, 1997; O'REILLY, 2007; CASTELLS, 2009; RECUERO, 2009).
- **Empoderamento:** é um processo complexo que envolve a mudança nas relações de poder por meio da tomada de consciência sobre as opressões sofridas e ações para alterá-las. Esse processo precisa ocorrer em vários níveis para que possa ser efetivo. Em um nível individual, é necessário que o sujeito compreenda a sua posição de subalternidade e incremente as suas capacidades para agir (melhoria da autoestima, da autoeficácia, reconstrução identitária, mudanças de comportamento e atitudes); em um nível interpessoal, o empoderamento envolve a construção de laços sociais que reforcem as mudanças ocorridas em nível individual modificando a forma como se dão as relações de poder nos relacionamentos cotidianos; em um nível coletivo, há uma busca por

mudanças nas estruturas, conjunturas e práticas sociais, culturais, econômicas e políticas que são valoradas como injustas opressivas e discriminatórias (AMICHAH-HAMBURGER, MCKENNA e AZRAN-TAL, 2008; KLEBA e WENDAUSEN, 2009; MAGESTE, 2008; PINTO, 2011;).

- **Identidade:** É o que torna cada indivíduo único em uma sociedade. Tem a ver tanto com o que ela diz sobre quem ela é como sobre o que a sociedade diz sobre ela. Para os fins desta tese, foi construído um modelo de análise que considera a característica dual da construção identitária em que os processos biográficos e relacionais estão ligados (DUBAR, 2005) incluindo os processos biográficos e relacionais que ocorrem no ciberespaço (*online*) e que representa como essa dinâmica se relaciona com o empoderamento.

Para a responder às questões desta pesquisa, realizou-se um estudo multicasos cujo objeto foram mulheres que participam ativamente de comunidades virtuais na *internet*, produzindo conteúdo voltado para o empoderamento feminino. O enfoque da pesquisa foi qualitativo, utilizando-se como estratégia de investigação métodos que visam dar voz ao sujeito da pesquisa. A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira envolveu a integração da pesquisadora nas comunidades virtuais a serem estudadas e observação sistemática da dinâmica relacional dessas comunidades. A segunda etapa envolveu a seleção das mulheres que se enquadravam no recorte escolhido: mulheres que produziam conteúdo sobre empoderamento feminino de forma pública e frequente, e que formavam comunidades virtuais em torno dos temas discutidos. Foram entrevistadas cinco mulheres que se dispuseram a participar da pesquisa.

A análise dos dados das entrevistas foi realizada por meio da análise temática de conteúdo (FRANCO, 2008) dando ênfase aos percursos temáticos construídos nas narrativas e aos personagens apresentados em suas narrativas.

A apresentação e análise de dados foram realizadas considerando cada narrativa como um caso. Em cada um deles, foram analisados os percursos temáticos apresentados e que servem como contexto para as identificações e pertencimentos reivindicados pelas entrevistadas, bem como as principais ações narradas nas entrevistas visando ao empoderamento, tanto em nível individual como coletivo. As análises dos percursos temáticos trouxeram elementos importantes para a investigação da construção identitária das mulheres e do seu processo de empoderamento.

Os dados da pesquisa apontam para aspectos relevantes que favorecem o empoderamento feminino na participação nas comunidades virtuais, destacando-se, nas narrativas analisadas:

1. o empreendedorismo virtual como possibilidade de empoderamento econômico;
2. o compartilhamento de experiências individuais como mecanismo de criação de identificações e formação de comunidades virtuais;
3. a formação de grupos de discussão de temas relacionados às desigualdades de gênero;
4. a organização de mobilizações coletivas a partir de temas de interesses das mulheres;
5. o caráter temporário e fluido de algumas comunidades virtuais que se formam em torno de uma mobilização específica;
6. diversidade de características e identidades que compõem a categoria mulher.

A análise dos casos aqui apresentados atendeu ao objetivo central desta tese de compreender, a partir do ponto de vista das entrevistadas, como os seus processos identitários e de empoderamento se relacionam com a sua participação nas comunidades virtuais na *internet*.

O primeiro caso estudado foi o de Sandra que teve como foco central a questão da pobreza como fonte de vulnerabilidade e opressão. Por ser uma mulher pobre que vivia no interior, as expectativas sociais sobre a sua identidade eram de que ela estudasse pouco e assumisse um posto de trabalho de baixo *status* (provavelmente como empregada doméstica). O fato de tanto ela como as outras mulheres da sua casa não se adequarem às características esperadas delas e se destacarem como “pobres inteligentes” provocou resistências tanto da comunidade de origem quanto da comunidade universitária a que se integrou. O processo de empoderamento de Sandra passou pela superação de dois aspectos importantes que a subordinavam: o gênero e a pobreza.

Para Sandra, o fato de se formar na universidade já representava um grande avanço. Ela descreve que as pessoas só reconheceram o seu direito de estar naquele espaço elitizado, legitimando a sua identidade de mulher profissional de alta qualificação, quando ela conseguiu se formar com destaque e desempenho superior. Mas foi pela *internet* que Sandra ganhou visibilidade, publicando textos que falam sobre as injustiças das desigualdades sociais no Brasil. Os seus textos muitas vezes apresentam dicas e táticas para mudar comportamentos e atitudes cotidianos que, se adotados coletivamente, podem melhorar a vida de muitas pessoas. Ao se tornar conhecida e influente na *internet*, Sandra teve possibilidades de, mais uma vez, transformar a sua identidade e promoveu campanhas pela *internet* para conseguir financiamento

para a publicação de dois livros, objetivo este atingido. Nesse sentido, sua atuação na *internet* ampliou as suas possibilidades de pertencimento, acelerou o processo de reconstrução identitária e possibilitou a articulação para a conscientização das necessidades de mudança social.

O segundo caso, foi o de Camila e teve como foco central questões relacionadas às opressões de gênero vivenciadas por ela com destaque para a pressão estética e insegurança com o corpo, relacionamentos abusivos, controle da sexualidade feminina e maternidade compulsória²². Em sua narrativa, Camila descreve como desde a infância precisou lidar com as inseguranças em relação à aparência de seu corpo provocadas pelo *bullying* que sofria dos colegas da escola. A forma que ela encontrou para isso foi se dedicar aos estudos uma vez que não tinha como sair do ambiente escolar.

Em seguida, ela narra uma série de relacionamentos abusivos com os quais ela precisou romper para conseguir a autonomia que ela desejava. Primeiro, foi o relacionamento com o pai que se tornou violento e opressor quando Camila se tornou adolescente e sexualmente ativa. Ela precisou sair da casa dos pais precocemente e foi morar com uma amiga na capital. Nos seus relacionamentos amorosos, Camila também sofreu com dinâmicas machistas que ela não conseguia suportar. Primeiro, foi um namorado que era ciumento e controlador que abusava psicologicamente dela. Depois, veio o relacionamento com o ex-marido, uma relação que durou sete anos, mas que era disfuncional e violenta.

As dificuldades encontradas por Camila nas suas relações pessoais foram compensadas pelas relações construídas pela *internet* que, segundo ela, são mais saudáveis que as relações pessoais íntimas. Em sua comunidade virtual, Camila obtém renda por meio de seu empreendimento virtual de consultoria e produção de vídeos, e estabelece relações de amizade, reforça sua autoestima publicando muitas selfies²³ em que recebe elogios, publica conteúdos e reflexões sobre os temas que mais lhe afetam (pressão estética, controle da sexualidade feminina e maternidade compulsória).

²² É importante destacar que o ponto de vista de Camila é o de uma mulher branca que atende à maior parte dos padrões estéticos considerados socialmente desejáveis. As formas como essas questões afetam Camila são peculiares a mulheres brancas, uma vez que o tipo de pressão que mulheres negras sofrem em relação à estética e à sexualidade se cruza com o racismo gerando opressões muito diferentes.

²³ Termo utilizado para denominar autorretratos publicados na *internet*.

No processo de empoderamento de Camila, a *internet* serviu como meio de melhoria econômica, reconstruções identitárias, incremento da autoestima, estabelecimento de relacionamentos mais saudáveis, compartilhamento de experiências dolorosas e identificação com outras pessoas que passam por situações semelhantes.

O terceiro caso apresentado foi o de Mia, que mostra a história de uma profissional que teve formação acadêmica avançada, já fazia parte de uma classe social com acesso a espaços de poder, que tinha uma carreira profissional muito bem-sucedida e que foi demitida imediatamente após se tornar mãe. Mia até então tinha se deparado com poucos obstáculos em sua trajetória de vida e levou um susto quando se viu incluída nas estatísticas que ela já conhecia: a maioria das mulheres profissionais perde o emprego no primeiro ano após o nascimento dos filhos. A *internet* foi para Mia o caminho encontrado para criar uma empresa em que pudesse utilizar os conhecimentos e a competência desenvolvida ao longo de sua carreira profissional de uma forma que se adequasse às exigências de cuidado que o filho demandava. Ela explica que a *internet* favoreceu a sua atuação profissional pelos seguintes motivos: a possibilidade de trabalhar dentro de casa, a facilidade de alcançar um público que está distante geograficamente e, assim, ampliar o mercado para os seus serviços, a flexibilidade de horários permitida pelo trabalho remoto, que permite a conciliação com as demandas dos filhos. A empresa de Mia foi criada para ajudar mulheres, que estavam passando pela mesma situação pelas quais ela passou. Sua consultoria as auxiliam a encontrarem alternativas para não serem excluídas do mercado de trabalho por serem mães e a construírem empreendimentos que são pensados sob o ponto de vista das mulheres e suas necessidades. A rede construída em sua comunidade virtual favorece o fortalecimento das empresas criadas, uma vez que elas se apoiam, trocam ideias, consomem umas das outras e divulgam os negócios entre suas próprias redes.

O quarto caso apresentado descreve a história de Stella que tem como tema central o racismo. Ela é uma mulher negra que faz parte de uma família interracial na qual ela e a irmã são “as negras da família”. Ela conta sobre o racismo que vivenciou desde a infância e como o fato de o pai ter abandonado a família quando ela ainda era uma criança afetou a sua capacidade de lidar com essas situações. O ponto de virada na história de Stella é quando ela ingressa no curso de arquitetura na PUC de Campinas. As situações de racismo cotidiano a que ela estava acostumada a vivenciar se transformam em episódios violentos dentro da universidade, aos quais ela reagiu escrevendo e publicando na *internet*. Ela conta que não esperava que tanta

gente se identificasse com as coisas que ela escrevia, mas percebeu que quanto mais ela expunha as situações, mais seguidores acompanhavam seus textos e se identificavam com suas histórias. Stella ganhou visibilidade e influência com sua atuação e a militância *online* passou a ser também um trabalho e fonte de renda.

Atualmente (2018), Stella trabalha para um grande veículo de comunicação de massa e tem se dedicado ativamente para ampliar a representatividade das mulheres negras em espaços de visibilidade e poder, oferecendo trabalhos e espaço para divulgação, tanto em sua comunidade virtual, que atualmente tem um alcance enorme, quanto nas empresas em que atua ou tem contato. Ela conta que esse é um esforço consciente para aumentar a representatividade de mulheres negras em espaços de poder para garantir possibilidades de identificação e aspiração para outras que virão depois dela. Sua estratégia é garantir que a sua ascensão não seja tratada como a “negra única” do veículo, mas que todas as práticas da empresa sejam coerentes com a luta antirracista.

Por fim, o quinto caso foi a história de Laura que tem como tema central a própria relação com a *internet*. Assim como Mia, Laura é de uma família de classe média que tem acesso a privilégios sociais como educação formal de qualidade, segurança econômica e acesso a espaços de poder. Na sua narrativa, Laura não relata grandes obstáculos e dificuldades ao longo de sua trajetória de vida, mas tem consciência das práticas sociais que atribuem às mulheres espaços de subalternidade na sociedade. Ela descreve como utiliza a *internet* para promover discussões a respeito das relações entre a mídia, os estereótipos de gênero e a violência contra a mulher.

Apesar de sua militância não ter uma motivação pessoal específica como foi o caso das demais entrevistadas, Laura é a que mais se aprofunda nas táticas de utilização da *internet* para a mobilização e para a mudança social. Ela menciona o uso de *hashtags*, de “textões”, de campanhas de boicote a marcas que utilizam estratégias de comunicação, que reproduzem preconceitos, e a formação de redes de profissionais da comunicação que discutem como transformar os discursos publicitários de maneira proativa.

As principais contribuições dessa pesquisa para os estudos organizacionais envolvem, primeiramente, aspectos teórico-conceituais como o quadro integrativo de análise dos processos identitários, empoderamento e comunidades virtuais. Por meio dele, observaram-se os relatos

das entrevistadas e pode-se perceber a individualidade de cada história, as peculiaridades de cada uma das trajetórias informadas, os motivos e meios de inserção e participação ativa em comunidades virtuais, os objetivos e resultados vislumbrados em termos do empoderamento feminino, bem como seus impactos no processo de construção identitária de cada uma das entrevistadas. Nessas experiências, há que se destacar as redes de influência mútua da família, das instituições de ensino e dos relacionamentos pessoais e profissionais vivenciados pelas entrevistadas.

Em segundo lugar, chama-se atenção para outra contribuição desta pesquisa: o mapeamento de temas emergentes e atuais que exigem investigação mais profunda, como é o caso do empreendedorismo digital e empoderamento, das práticas organizacionais no empreendedorismo digital, do uso da *internet* pelos movimentos sociais e intersecção de classe, raça e gênero nos processos de empoderamento. Nas narrativas das entrevistadas, emergiram temas que apontam para dificuldades e contradições na atuação nas comunidades virtuais, como as perseguições e difamações, os discursos de ódio, a disputa de narrativas e a superficialidade de conteúdos que se espalham rapidamente. Esses temas são relevantes e devem ser investigados mais profundamente em pesquisas futuras.

Além disso, há contribuições sociais no sentido de desnudar opressões vivenciadas pelas mulheres e apresentar possibilidades de ação e resistência com vistas à transformação social, tendo em vista as fissuras expostas pelas entrevistadas e suas atuações em tais pontos, suas dificuldades e resultados pragmáticos.

Em síntese, observou-se que a participação ativa em comunidades virtuais com foco no empoderamento feminino estabelece uma via de mão dupla com os processos de construção identitária e de empoderamento feminino, já que as brechas históricas apontadas pelas entrevistadas têm sido expostas mediante seus esforços individuais e discutidas nas coletividades que têm acesso ou lhes acessam no mundo *online*. Entretanto, para aquelas que limitam sua ação e influência à questão da mulher no mundo do trabalho, o percurso se mostra mais suave do que para outras que tangenciam interseccionalidades e expõem mazelas sociais mais profundas e complexas de se lidar, findando por serem, elas mesmas, alvo de mais violências advindas, principalmente, de *haters* e seus discursos de ódio, o que demonstra que há muito ainda a ser desvelado, refletido e mudado no que tange à mulher na sociedade, em especial a brasileira.

REFERÊNCIAS

A CIENTISTA QUE VIROU MÃE – Disponível em: <www.cientistaqueviroumae.com.br>

AFRONTA – Disponível em: <www.afronta.org>

AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. de P. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. *Organizações e Sociedade*, Salvador, v. 23, n. 77, p. 247-262, Junho 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302016000200247&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24/10/2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230774>.

AGUIAR, N.; MONT'ALVÃO. A. Estratificação Residencial, Valoração do Trabalho Doméstico e Uso do Tempo: Contribuições para a Análise do Caso do Brasil. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, p. 60, 2017. ISSN 0011-5258. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21853111002>>. Acesso em: 05/10/2018.

ALMEIDA, M. S. S. *Os direitos das mulheres na construção dos marcos legais do aborto no Brasil*. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7783>>. Acesso em: 05/03/2018.

ALMEIDA, P. P. *Essa empresa não é lugar de mulher parideira: considerações feministas sobre as relações de gênero nas organizações*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11154>>. Acesso em 05/03/2018.

ALVAREZ, S. E. *The politics of gender in Latin America: comparative perspectives on women in the Brazilian transition to democracy*. New Jersey: Princenton University Press, 1990.

AMICHAH-HAMBURGER, Y. Internet empowerment. *Computers in Human Behavior*. v. 24, n. 5, p. 1773-1775, 2008. ISSN 0747-5632. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563208000162>> Acesso em: 18/02/2018.

AMICHAH-HAMBURGER, Y.; MCKENNA, K. Y. A; AZRAN-TAL, S. E-empowerment: Empowerment by the Internet. *Computers in Human Behavior*. v. 24, n. 5, p. 1776-1789, Set. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chb.2008.02.002>>. Acesso em: 21/03/2018.

ANDRADE, B. P.; AGGIO, C. M. Violência obstétrica: a dor que cala. *Anais do III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, ISSN 2177-8248, Universidade Estadual de Londrina, mai. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3_Briena%20Padilha%20Andrade.pdf>. Acesso em: 05/03/2018.

ANDRADE, J. O. *As carreiras femininas no espaço contemporâneo: trajetórias e perspectivas de mulheres profissionais brasileiras*. Tese. Belo Horizonte, UFMG, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-8ZVHC5>>. Acesso em: 20/03/2018.

ANTUNES, M. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In: ROMANO, J.; ANTUNES, M. *Empoderamento e direitos no combate à pobreza*. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

ARÁN, M.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Subversões do desejo: Sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 129-147, 2007.

ARANHA, A. S.; MIRANDA, G. V. O jornalismo hiperlocal como mediador do empoderamento feminino. *Revista Observatório*, v. 1, n. 3, p. 160-180, 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/1663/8516>>. Acesso em: 20/03/2018.

ARRIAGADA, I. Realidades y mitos del trabajo femenino urbano en America Latina. Santiago: CEPAL, 1997.

ARTEMIS – Disponível em: <www.artemis.org.br>

ARTES, A.; RICOLDI, A. “Mulheres e as carreiras de prestígio no ensino superior brasileiro: o não lugar feminino”. Comunicação apresentada no Seminário Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil? Implicações demográficas e questões sociais. GT População e gênero da Associação Brasileira de Estudos Populacionais e Fundação Carlos Chagas (Org.). São Paulo, 7 de dezembro de 2015.

AZMINA – Disponível em: <azmina.com.br>

B2MAMMY – Disponível em: <www.b2mamy.com.br>

BADINTER, E. *Um amor conquistado: O mito do amor materno* (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAHIA, C.; FERRAZ, C. Entre a exceção e a regra: a construção do feminino na Polícia Civil Baiana. *XXIII Encontro da ANPAD*. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999. [CD-ROM]

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, jan. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>>. Acesso em: 29/01/2018.

BAÑÓN, S.H. Ciberfeminismo: de virtual a político. *Teknokultura: revista de cultura digital y movimientos sociales*, 2013, p. 451-461.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. *Revista Redes*, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099>>. Acesso em: 21/03/2018.

BARAK, A; SADOVSKY, Y. Internet use and personal empowerment of hearing-impaired adolescents. *Computers in Human Behavior*, v. 24, n. 5, p. 1802-1815, 2008. ISSN 0747-5632. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S074756320800023X>>. Acesso em: 02/02/2018.

BARBOSA, S. *Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, Salvador (BA), nov. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-portais-mestrado.pdf>>. Acesso em: 25/09/2016.

BARRETO, R. O.; PAES DE PAULA, A. P. Rio da Vida Coletivo: empoderamento, emancipação e práxis. *Revista de Administração Pública - RAP*, n. 48, 2014. ISSN 0034-7612. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=241029758005>>. Acesso em: 21/03/2018.

BARROS, F. O. *Do direito ao pai*. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e deficiência intelectual: Narrativas de pais de adolescentes. *Physis*, v. 22, n. 3, p. 1031-1046, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n3/10.pdf>>. Acesso em: 02/05/2016.

BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, M. *Poder y empoderamiento das mujeres*. Santa Fe de Bogotá: TM Editores, 1997. p.187-211.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, H.S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4.ed. São Paulo, Hucitec, 1999.

BEIGUELMAN, G. Espaços de subordinação e contestação nas redes sociais. *Revista USP*, Brasil, n. 92, p. 20-31, fev. 2012. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/34880/37616>>. Acesso em: 16/02/2018.

BENTO, A. Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JÁ*, v. 64, n. 1, p. 40-43, 2012.

BERGER, M. *Corpo e identidade feminina*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <10.11606/T.8.2006.tde-22112007-150343>. Acesso em: 05/03/2018.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BETIOL, M. I. S. Ser administradora é o feminino de ser administrador? *XXV Encontro da Anpad*. Campinas: Anpad, 2001. [CD-ROM]

BIANCHINI, A. A luta por direitos das mulheres. *Carta Forense*, Ed. 71, São Paulo, 2009.

BINSTOCK, G.; GOGNA, M. La iniciación sexual entre mujeres de sectores vulnerables en cuatro provincias argentinas. *Sex., Salud. Soc. (Rio J.)*, v. 20, p. 113-140, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sex/n20/1984-6487-sex-20-0113.pdf>>. Acesso em: 02/05/2016.

BIROLI, F. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 81-105, abr. 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100005>>. Acesso em: 05/01/2018.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS – Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com>>

BLOGUEIRAS NEGRAS – Disponível em: <blogueirasnegras.org>

BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A.; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, v. 19, n. 1, p. 75-92, 2007.

BOTTON, A. *E o prêmio vai para...: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2011.

BOTTON, A.; CÚNICO, S. D.; BARCINSKI, M.; STREY, M.N. Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos Transgeracionais e de gênero. *Pensando Famílias*, v. 19, n. 2, p. 43-56., 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a05.pdf>>. Acesso em: 04/05/2016.

BRITO, M. J. M. *A configuração identitária da enfermeira no contexto das práticas de gestão em hospitais privados de Belo Horizonte*. (Tese de doutorado). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2004.

BRUSCHINI, C. Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: ABRAMO, L.; ABREU, A. R. de P. (orgs.) *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. São Paulo, Rio de Janeiro: Alast, 1998. p. 277-294. (Série II Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho).

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

BRUSCHINI, M. C. A.; COSTA, A. O. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Fundação Carlos Chagas, 1992.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CABERO ALMENARA, J., CÓRDOBA PÉREZ, M.: Inclusión educativa: inclusión digital. *Revista de Educación Inclusiva*, v. 2, n. 1, p. 61-77, 2009. ISSN 1889-4208. Disponível em: <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/11296>>. Acesso em: 21/03/2018.

CABERO, J. Educación 2.0. ¿Marca, moda o nueva visión de la educación? In: CASTAÑO, C. (Coord.). *El uso de la web en la sociedad del conocimiento: investigación e implicaciones educativas*. Venezuela: Universidad Metropolitana, 2009. p. 13-34.

CABRAL, S. M.; RIBEIRO, N. M. B.; SANTOS, G. A. A respeito da identidade e de sujeitos estigmatizados. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v. 53, p. 128-135, jan/abr. 2017.

CAMPOS, M. T. A.; DE TILIO, R.; CREMA, I. L. Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 146-161, jul. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18/03/2018> .

CAPPELLE, M. C. A. *et al.* A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. *Revista Eletrônica de Administração*, v. 13, n. 3, p. 502-528, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4011/401137458002/>>. Acesso em: 21/03/2018.

CAPPELLIN, P. A valorização do trabalho feminino: contextualizando as ações positivas. *Estudos Feministas*, p. 158-171, 1996.

CARDONA, M. J. (coord.) *et al.* *Guião de Educação Género e Cidadania*. Pré-Escolar. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), 2015. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/10/398_15_Guiao_Pre_escolar.pdf>. Acesso em: 23/03/2018.

CARDONA, M. J. Para uma pedagogia da educação pré-escolar: fundamentos e conceitos. *Revista da Investigação às Práticas. Estudos de natureza educacional*, v. 8, n. 1, p. 13-35, 2008.

CARLOTO, C. M.; GOMES, A. G. Geração de renda: enfoque nas mulheres pobres e divisão sexual do trabalho. *Serv. Soc. Soc.*, n. 105, p. 131-146, 2011.

CARRASCO, C. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres. In: FARIA, N.; NOBRE, M. *A produção do viver: ensaios de economia feminista*. São Paulo: SOF, 2003. p. 11-49.

CARVALHO, A. *et al.* Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina. *Psicol. cienc. Prof.* Brasília, v. 13, n. 1-4, p. 30-33, 1993. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931993000100006>>. Acesso em: 30/01/2018.

CARVALHO, A.M.A. *et al.* Playground activities for boys and girls: some developmental and cultural trends in children's perceptions of gender differences. *Play and Culture*, v. 4, n. 3, p. 343-347, 1990.

CARVALHO, C. S.; VASCONCELOS, E. T. O Empoderamento das minorias por meio das mídias sociais: a conexão dos pares no site Viva Favela e no *blog* Mamíferas. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2012, *Anais...* São Paulo: Intercom. p. 1-15.

CARVALHO, L. D. P. A concretização das desigualdades: disparidades de raça e gênero no acesso a bens e na exclusão digital. In: MARCONDES, M. M. *et al.* (Orgs). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. p.160.

CARVALHO, M. P.; SENKEVICS, A. S.; LOGES, T. A. O sucesso escolar de meninas de camadas populares: Qual o papel da socialização familiar? *Educ. Pesqui*, v. 40 n. 3, p. 717-734, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n3/09.pdf>> Acesso em: 02/05/2016.

CARVALHO, M. P; LOGES, T. A.; SENKEVICS, A. S. Famílias de setores populares e escolarização: Acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Rev. Est. Fem.*, v. 24. n. 1, p. 81-99, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v24n1/1805-9584-ref-24-01-00081.pdf>>. Acesso em: 03/05/2016.

CARVALHO, S. R. *Os múltiplos sentidos da categoria empowerment no projeto de Promoção à Saúde*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, jul-ago. 2004.

CASTAÑEDA, M. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTELLS, M. *Internet e Sociedade em Rede*. In: MORAES, D. (Org.). *Por Uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2001.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 158.

CERQUEIRA, C.; RIBEIRO, L. T.; CABECINHAS, R. Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na rede. *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 19, p. 111-128, 2009. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22/02/2018.

CHÊNEVERT, D.; TREMBLAY, M. Managerial Career Success in Canadian Organizations: Is Gender a Determinant? *Journal of Human Resource Management*, p. 920-941, 2002:

CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507-528, ago. 2010. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200013>>. Acesso em: 06/10/2016.

CHOUDHURY, N. The Question of Empowerment: Women's Perspective on Their Internet Use, *Gender Technology and Development*, v. 13, n. 3, p. 341-363, 2009. Disponível em: <<http://gt.d.sagepub.com/content/13/3/341>>. Acesso em 19/02/2018.

CIAMPA, A. C. *Estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M. e CODO, W. (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M. *et al. Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 58-75.

COELHO, A. M. *Educação e cuidados em creche: conceptualizações de um grupo de educadoras*. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade de Aveiro, 2004.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*. v. 5, n.1, jan/jun. 2017. ISSN: 2317-4919. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 05/03/2018.

COMUM – Disponível em: <www.comum.vc>

CORREIA, C. H. W. Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede. *C-legenda*, v. 1, n. 13, jan. 2011. ISSN 1519-0617. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/226>>. Acesso em: 14/02/2018.

CORSO, K. B.; FREITAS, H. M. R.; BEHR, A. Os Paradoxos de Uso da Tecnologia de Informação Móvel: a Percepção de Docentes usuários de Smartphones. *XXXVI Encontro da Anpad*. Rio de Janeiro: Anpad, 2012.

CORTEZ, M. B.; SOUZA, L. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05.pdf>>. Acesso em: 04/03/2018.

COSTA, F. O.; ANTONIAZZI, A. S. A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. Ribeirão Preto, v. 9, n. 16, p. 67-75, jun. 1999. ISSN 0103-863X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1999000100007>>. Acesso em: 22/03/2018.

COSTA, L. A.; COELHO, E. Ideologias de gênero e sexualidade: A interface entre a educação familiar e a formação profissional de enfermeiras. *Texto Contexto Enferm*, v. 22, n. 2, p. 485-492, 2013. Acesso em: 03/05/2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n2/v22n2a26.pdf>>

COSTA, L. F.; JUNQUEIRA, E. L.; MENESES, F. F. F., STROHER; L. M. C.; MOURA, M. G. Building knowledge about the sexual offender adolescent. *Contextos Clínic.*, v. 5, n. 2, p. 112-120, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a06.pdf>>. Acesso em: 11/04/2016.

COSTA, R. On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar/ago. 2005.

COULOURIS, D. G. *A desconfiança em relação à palavra da vítima e o sentido da punição em processos judiciais de estupro*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20092010-155706/pt-br.php>>. Acesso em: 05/03/2018.

COUTINHO, Lidia Maria; QUARTIERO, Elisa Maria. Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 47-68, abr. 2010. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p47/12290>>. Acesso em: 24 out. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2009v27n1p47>.

CRAVO, A. C. A. *Brincadeiras infantis e construção das identidades de gênero*. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2006. Disponível em: <www.repositorio.ufba.br/8080/ri/bitstream/ri/1/1/Dissertação%20Alessia%20Cravo.pdf>. Acesso em: 28/03/2017.

CROCHIK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em Psicologia*, v. 3, n. 4, p. 47-70, 1996.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. Não Basta Gerar, Tem que Participar? – Um Estudo Sobre a Ausência Paterna. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2014, 34 (Janeiro – Março). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282031845016>> ISSN 1414-9893. Acesso em 05/04/2018.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. *Sociologias*, v. 11, n. 21, p. 66-92, 2009. ISSN 1517-4522 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819550005>>. Acesso em: 18/01/2018.

DA FONSECA, S. M. M.; SILVA, A; P.; TEIXEIRA FILHO, J. G. A. O Impacto do Ciberativismo no Processo de Empoderamento: o uso de redes sociais e o exercício da cidadania. *Desenvolvimento em Questão*, v. 15, n. 41, p. 59-84, out. 2017. ISSN 2237-6453. Disponível em: <<https://doi.org/10.21527/2237-6453.2017.41.59-84>>. Acesso em: 15/03/2018.

DAHLBERG, L. Computer-Mediated Communication and The Public Sphere: A Critical Analysis. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 7, out. 2001. Disponível em: <10.1111/j.1083-6101.2001.tb00137.x>. Acesso em: 21/03/2018.

DANTAS, T. C.; SILVA, J. S. S.; CARVALHO, M. E. P. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 20, n. 4, p. 555-568, dez. 2014. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000400007>>. Acesso em: 04 /03/2018.

DAVIES, J. Negotiating femininties online. *Gender and Education*, v.16, n. 1, p. 35-50, 2004.

DE SOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. D. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicol. Reflex. Crít.* v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16.pdf>>. Acesso em: 27/03/2016.

DEERE, C. D.; LÉON, M. *O Empoderamento da Mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: Desafios conceituais e teóricos. *Psicol. Cienc. Prof.*, v. 30, p. 202-219, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30nspe/v30speca10.pdf>>. Acesso em: 12/07/2015.

DIAS, A.C.G.; DE LA TAILLE, Y. As salas de bate papo na *Internet* são um novo espaço para o compartilhamento da intimidade? In: MALUF, M. R. *Psicologia educacional: questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 187-219.

DINIZ, P. K. C.; SALOMÃO, N. M. R. Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia*, v. 20, n. 46, 2010. ISSN 0103-863X. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423778002>>. Acesso em: 21/03/2018.

DOZIER, R. Beards, breasts, and bodies: doing sex in a gendered word. *Gender & Society*, v. 19, n. 3, p. 297-316, 2005.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. São Paulo, *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/21>>. Acesso em 15/03/2018.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 19, n. 62, p. 13-30, Abr. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>>. Acesso em: 10/03/2018.

DUTRA, J. S. *Gestão de carreiras na empresa contemporânea*. São Paulo: Atlas, 2010.

EMIDIO, T. S. *Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise* p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

ESCREVA LOLA ESCREVA – Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br>>

FABRÍCIO, B. F. *Implementação de mudanças no contexto educacional: discursos, identidades e narrativas em ação*. 2002. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2002.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FERNANDES, M. O lugar do negro: o negro no seu lugar. In: *Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-* Rio de Janeiro. 8 a 11 de agosto de 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1467328808_ARQUIVO_TextocompletoeFinal.ANPUHAutorMauroFernandes.pdf Acesso em 05/04/2018.

FERREGUETT, C. *Relações dialógicas em revista infantil: processo de adultização de meninas*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/6929>>. Acesso em: 05/03/2018.

FERREIRA, J. M. P.; PINTO, J. F. Gênero e mulher: análise da produção científica do encontro nacional de estudos organizacionais dos anos de 2006 a 2014. *Revista da UNIFEDE*, [S.l.], v. 1, n. 21, p. 47-68, out. 2017. ISSN 2177-742X. Disponível em: <<http://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/580>>. Acesso em: 19/03/2018.

FINCO, D. *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças*: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-135714/pt-br.php>>. Acesso em: 17/11/2017.

FINCO, D. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. In: 28º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07945int.pdf>>. Acesso em 18/03/2018.

FINCO, D. Encontro com as diferenças na Educação Infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v.31, n.61, p.169-184, nov. 2013.

FINCO, D. *Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher*: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. 2004. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FINCO, D. Os perigos da naturalização das relações sociais na educação infantil. *Revista Pátio: educação infantil*, n. 36, p. 4-7, 2013. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9144/os-perigos-da-naturalizacao-das-relacoes-sociais-na-educacao-infantil.aspx>>. Acesso em: 17/11/2017.

FIVUSH, R. ‘Voice and Silence in Autobiographical Narratives’, *Reading On: A Journal of Theory and Criticism*, 1.1 (2006), 1–17

FIVUSH, R. Speaking silence: The social construction of voice and silence in cultural and autobiographical narratives. *Memory*, v.18, 2010. p. 88–98

FLECK, A. C.; FALCKE, D.; HACKNER, I. T. Crescendo menino ou menina: A transmissão dos papéis de gênero na família. In: WAGNER, A. (Org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 107-121.

FLOR, G. Corpo, Mídia e Status Social: reflexões sobre os padrões de beleza. *Revista de Estudos da Comunicação*, [S.l.], v. 10, n. 23, nov. 2017. ISSN 1982-8675. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22317>>. Acesso em: 21/03/2018.

FORT, M. C.; SKURA, I.; BRISOLARA, C. B. C. Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais. In: *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências*

da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0519-1.pdf>>. Acesso em: 05/03/2018.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 16ª ed., São Paulo: Loyola, 2008

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*. 3 ed. Brasília: Liber livro editora, 2008,

FRANKLLIN-FERREIRA, R., CAMARGO, A. C. As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 31, n. 2, 2011. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021811012>> Acesso em 07/03/2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, M. E. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, v.41, n. 2, p. 8-19, 2001.

FREITAS, M. E. Identidade e identidades: somos o branco e o arco-íris. In: CARRIERI, A.; SARAIVA, L. A.; ENOQUE, A. G.; GANDOLFI, P. E.(Org). *Identidade nas organizações*: Curitiba, Juruá, 2010, p. 11-14.

FREITAS, P. O. Um mundo de princesas e super-heróis: representações de gênero em encarte publicitário. *Revista Observatório*, v. 2, n. 3, p. 163-181, ago. 2016. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p163>>. Acesso em: 09/01/2018.

GALETTI, C. H. Empoderamento feminino e trajetória de vida: os modelos rígidos do ser mulher. *Revista Vernáculo*, jun. 2013. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/34399>>. Acesso em: 09/02/2018.

GELEDES INSTITUTO DA MULHER NEGRA – Disponível em: <www.geledes.org.br>

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100011>>. Acesso em: 27/01/2018.

GODOY, A. A. Estudo de caso qualitativo. In: GODOY, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. Cap. 4. p. 115-146.

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOMES, P. B. M. B. *Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. 2000. Dissertação (Mestrado) - UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2000.

GOMES, V. *A promoção da igualdade de gênero com recurso à atividade lúdica: uma experiência com crianças de educação pré-escolar*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/1500>>. Acesso em: 22/03/2018.

GOOGLE. Dossiê BrandLab - A busca por diversidade no Brasil. <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-diversidade/>

GRISCI, C. L. I. Mulher - mãe. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 12-17, 1995. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931995000100003>>. Acesso em: 28/01/2018.

GUEDES, R. N.; FONSECA, R. M. G. S. da. A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v. 45, n. spe2, p. 1731-1735, Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/10/2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000800016>.

GUIRALDELLI, R. *Desigualdade de gênero no mundo do trabalho: as trabalhadoras da confecção*. Jundiaí-SP: Paco, 2016. p. 292.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIRATA, H.; MARUANI, M. *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: definições e aplicações. In: *Encontro Anual Da Anpocs*, v. 30, p. 1-29, 2006.

HOROCHOVSKI, R.R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In: II SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2007, Florianópolis. *Anais..* Florianópolis. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acesso em: 15/07/2017.

IBGE. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014 IBGE, *Coordenação de Trabalho e Rendimento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2016. [online]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>> acesso em 18/10/2018

INEP – Censo da Educação Superior. 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-ultimo/file>> Acesso em: 21 out. 2018.

ITABORAÍ, N. R.; RICOLDI, A. M. Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil? Implicações demográficas e questões sociais. Belo Horizonte: ABEP, 2016.

JESUS, J. S. G. *Bullying como forma de sociabilidade juvenil: um estudo sobre práticas interacionais entre meninas na construção de identidades de gênero*. 2017. Tese (Doutorado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) - Faculdade de Saúde Pública, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-18042017-094354/>>. Acesso em: 18/03/2018.

JOINSON, A.N. Self-disclosure in computer mediated communication: The role of self-awareness and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology*. V. 31, n. 2, março 2001, P. 177-192. Disponível em <10.1002/ejsp.36> Acesso em 07/04/2018.

JONES, Q. Virtual-communities, virtual settlements and cyber-archaeology a theoretical outline. *JCMC*, dez. 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00075.x/full>>. Acesso em: 15/02/2018.

KELLER, H. Diferentes caminhos de socialização até a infância. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 8, p. 1-14, 1998.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M.; *et al* (orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

KERGOAT, D. Division sexuelle du travail et rapports sociaux de sexe. In: HIRATA, H. *et al*. (dirs.) *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: PUF, 2000. p. 35-44.

KERGOAT, D. La Division du travail entre les sexes. In: KERGOAT, J. *et al*. (dir.). *Le monde du travail*. Paris: La Decouverte, 1998. p.319-327.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, dez. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01/06/2016.

LADOM – Disponível em: <www.siteladom.com.br>

LANGNER, A.; ZULIANI, C.; MENDONÇA, F. The feminist movement and digital activism: achievements and expansion arising from the use of *online* tools. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, mai. 2015, Santa Maria, RS.

Anais. Santa Maria, RS. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-12.pdf>>. Acesso em: 18/01/2018.

LARRONDO URETA, A. La Red al servicio de las mujeres. Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en *Internet. Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, Norteamérica, jan. 2005. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/ESMP0505110375A>>. Acesso em 12/01/2018.

LASSANCE, M. C. P.; MAGALHÃES, M. O. Gênero e escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S. (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 47-61, 1997.

LE BOSSÉ, Y. Empowerment et pratiques sociales: illustration du potentiel d'une utopie au sérieux. *Nouvelles Pratiques Sociales*, v. 9, n. 1, p. 127-145, 1996.

LE MOS, M. G. *Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. Dissertação de mestrado, PUCSP, 2009.

LEÓN, M. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. *La ventana: Revista de Estudios de Género*, p.94-106, 2001.

LIMA, B. S. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. *Revista Gênero*, v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/392/296>> Acesso em: 20/03/2018.

LIMA, B. S. *Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências*. 2008. 133 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/3714>> Acesso em: 20/03/2018

LIMA, M.; RIOS, F.; FRANÇA, D. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009) In: MARCONDES, M. M. et al. (Orgs.) *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. p.160

LINHARES, K. O Corpo Da Mulher Negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho. Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas. IV Sies. Abr. 2015.

LOMBARDI, M. R. Apresentação - Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à feminização. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 10-14, Mar. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/198053144421>>. Acesso em: 20/03/2018.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUGAR DE MULHER – Disponível em: <www.lugardemulher.com.br>

MACHADO, C. L. et al. Gravidez após violência sexual: vivências de mulheres em busca da interrupção legal. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 345-353, fev. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00051714>>. Acesso em: 28/01/2018.

MACHADO, C.; PINTO-NETO, V. R. *The labor market consequences of maternity leave policies: evidence from Brazil*. Working Paper. 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17859/The_Labor_Market_Consequences_of_Maternity_Leave_Policies_Evidence_from_Brazil.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 20/04/2018.

MACHADO, H. V. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 7, n. spe, p. 51-73, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552003000500004>>. Acesso em: 08/03/2018.

MÃES COM CARREIRA – Disponível em: <<http://maescomcarreira.com.br/>>

MÃES EMPREENDEDORAS – Disponível em: <maesempreendedoras.net.br>

MAGESTE, G. S. *Histórias de empoderamento*: um estudo sobre o processo vivenciado por mulheres que ocupam cargos de alto escalão na administração pública e de empresas em Belo Horizonte. Dissertação de mestrado, UFMG, 2008.

MANO, M. K. *Internet, feminismos e a possibilidade de unidades provisórias*. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S.l.], v. 9, n. 4, dez. 2015. ISSN 1981-6278. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1058>>. Acesso em: 18/02/2018.

MARCHÃO, A.; BENTO, A. Promoção da igualdade de gênero – um estudo em contexto de educação pré-escolar. *Comunicação apresentada no III Seminário de I&DT, C3i*, Instituto Politécnico de Portalegre, 6 e 7 de dezembro. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/4117> [consultado em 1 setembro 2017]. 2012.

MARIMPIETRI, F. Pink tax e o direito das consumidoras. *Direito UNIFACS – Debate Virtual*. n. 206, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4971>>. Acesso em: 05/03/2018.

MARIN-DIAZ, V.; SAMPEDRO-REQUENA, B. E.; FLORES, J. F. F. ¿Inclusividad en las herramientas web 2.0?. *Educación e Sociedad*, Campinas, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302018164908>>. Acesso em: 15/03/2018.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. *Revista de Estudios Sociales*, n. 56, p. 80-90, 2016.

MATOS, P. A. V. C. *Síndrome do impostor e auto-eficácia de minorias sociais*: alunos de contabilidade e administração. 2014. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/D.12.2014.tde-07012015-175044>>. Acesso em: 05/03/2018.

MATTOS, A. M. A. Narrativas, identidades e ação política na pós-modernidade. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 31, n. 111, p. 587-602, jun. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000200015>>. Acesso em: 15/03/2018.

MCKENNA, K.Y.A., BUFFARDI L., SEIDMAN G. Self-presentation to friends and strangers online. In: RENNER, K. H.; MACHILEK, A.; SCHUTZ, F. (Eds.), *Internet and personality*. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers, 2005. p. 176-189.

MEDEIRO, M. S. F. A construção teórica dos conceitos de socialização e identidade. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.33, n.1, p.78-86, 2002. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9865>>. Acesso em: 12/03/2018.

MELO, M. C. O. L. Gerência feminina nos setores industrial e bancário: o conservador internalizado versus o moderno em construção. XXXVII ASSEMBLÉIA DO CONSELHO LATINO-AMERICANO DE ESCOLAS DE ADMINISTRAÇÃO. *Anais...*Porto Alegre: CLADEA, 2002.

MELO, M. C. O. L.; MAGESTE, G. S.; MENDES, E. L. Percursos da mulher no mundo do trabalho. *41st Annual Assembly Cladea*. Montpellier: Cladea, 2006.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>. Acesso em: 17/03/2018.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, abr. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>>. Acesso em: 07/02/2018.

MIRANDA, A. R. A. et al. Trabalho, socialização e identidade: um estudo com professoras gerentes de uma universidade pública. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 20, n. 2, p. 353-375, July 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000200353&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03/04/2018. <http://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000200005>.

MIRANDA, A. R. A.; CAPPELLE, M. C. A; MAFRA, F. L. N. Trabalho, Socialização e Identidade: Um Estudo Com Professoras-gerentes de Uma Universidade Pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 36., 2012, Rio de Janeiro. *Anais..* Rio de Janeiro: EnANPAD. CD-ROM.

MOMSA – Disponível em: <www.momsa.com.br>

MORENO, R. *A Beleza Impossível: Mulher, mídia e consumo*. Editora Agora: São Paulo, 2008

MOTA, C.; TANURE, B.; CARVALHO NETO, A. Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão. *Revista Administração em Diálogo - RAD*, [S.l.], v. 16, n. 3, 2014. ISSN

2178-0080. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20946/rad.v16i3.13791>>. Acesso em: 05/03/2018.

MULHER DE NEGÓCIO – Disponível em: <mulherdenegocio.com>

NÃO ME KAHLO – Disponível em: <www.naomekahlo.com>

NARVAZ, M. G. & KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006a.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 49-55, 2006b.

NASCIMENTO, A. C. O. A influência da ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. *Rev. Em pauta*, v. 14, n. 37, p. 296-318, 2016. Disponível em: <www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/25399/18367>. Acesso em: 09/05/2017.

NAVARRO, F. R. La construcción social de la parentalidad y los procesos de vinculación y desvinculación padre-hijo. El papel del mediador familiar. *Ciências Psicológicas*, v.1 n. 2, p. 119-133, 2007.

NEGÓCIO DE MULHER – Disponível em: <www.negociodemulher.com.br>

NEUMARK, D.; MCLENNAN, M. Sex Discrimination and Women's Labor Market Outcomes. *The Journal of Human Resources*, 1994. p. 713-740.

NOGUEIRA, C. O gênero na psicologia social e as teorias feministas: dois caminhos entrecruzados. In: PORTUGAL, F.; JACÓ-VILELA, A. M. *Clio-Psyché: Gênero, Psicologia, História*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2012. p. 43-68.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA – Disponível em: <nosmulheresdaperiferia.com.br>

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura. *Interações*, v.8, n. 15, p. 9-36, jan/jun. 2003. ISSN 1413-2907. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401502>>. Acesso em: 21/01/2018.

NUNES, A. M. Uma história mal contada: A imagem da mulher nas revistas populares. *Congresso Brasileiro da Comunicação*. Campo Grande: Intercom, 2001.

OBAYELU, A.; OGUNLADE, I. Analysis of the uses of information communication technology (ICT) for gender empowerment and sustainable poverty alleviation in Nigeria. *International Journal of Education and Development using ICT*, v. 2, n.3, ago. 2010. Disponível em: <<http://ijedict.dec.uwi.edu/viewarticle.php?id=172>>. Acesso 20/03/2018.

OLIVEIRA, G. M. Da menina à mulher: O empoderamento feminino como estratégia de publicidade na propaganda da boneca Barbie em detrimento da vaidade e submissão do primeiro comercial (1961-2015). *XX Encontro Regional de História*, Uberaba (MG), 2016. Disponível em: <<http://encontro2016.mg.anpuh.org>>

/resources/anais/44/1469208654_ARQUIVO_TextocompletoAnpuhDameninaamulher.pdf>
Acesso em: 20/03/2018.

OLIVEIRA, R. C. Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 15, n. 42, fev. 2000. Disponível em: < http://naua.ufsc.br/files/2010/09/RCO_descaminhos-da-identidade.pdf>.

O'REILLY, T. What is web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software. *Communications & Strategies*, n. 65, p. 17, 2007. Disponível em: <https://mpr.ub.uni-muenchen.de/4580/1/MPRA_paper_4580.pdf> Acesso em: 15/02/ 2018.

PAECHTER, C. *Meninos e meninas: Aprendendo sobre masculinidades e feminilidades*. (Trad. R. T. Schmidt). Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAGÉS, Max et al. O poder das organizações. São Paulo: Atlas, 1993.

PAIVA, K. C. M.; MELO, M. C. O. L. Refletindo sobre Identidades e Profissão Acadêmica em Universidades. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; ENOQUE, A. G.; GANDOLFI, P. E. (Org.). *Identidade nas Organizações*. Curitiba: Juruá, 2010. v. 1, p. 87-105.

PASSOS, K. G. F.; SILVA, E. L. O reflexo da inteligência coletiva nas organizações. *Transinformação*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 127-136, aug. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862012000200005>>. Acesso em: 15/02/2018.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. Tem que ser uma escolha da mulher! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/viewFile/3421/2062>>. Acesso em: 05/03/2018.

PAULA, A. P. P. Avanços e Desafios Tecnológicos nas Organizações: Uma Abordagem Crítico-Construcionista. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 2. N. 2, 2013.

PEREIRA, I. T.; ASSIS, L. M. Mulher e trabalho: divisão sexual do trabalho. Objeto de conferencia In: X Jornadas de Investigación, Docencia, Extensión y Ejercicio Profesional (X JIDEEP). Facultad de Trabajo Social (UNLP). 14 e 15 de setembro de 2017. Disponível em: < <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/64067>> Acesso em: 19/03/2018.

PERISTA, H. Género e Trabalho Não Pago: Os Tempos Das Mulheres e Os Tempos Dos Homens. *Análise Social*, v. 37, n. 163, p. 447-474, 2002. Disponível em:<www.jstor.org/stable/41011683>. Acessado em: 21/03/2018.

PERUZZO, C. M. K.; VOLPATO, M. O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças. Artigo apresentado II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, 2005.

PESSOA, C. T.; COSTA, L. H. F. M. Constituição da identidade infantil: Significações de mães por meio de narrativas. *Psicologia Escolar e Educacional*. v. 18, n. 03, p. 501-509, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n3/1413-8557-pee-18-03-0501.pdf>>. Acesso em: 04/05/2016.

PINTO, C. C. G. *Representações e práticas do Empowerment nos trabalhadores sociais*. Tese. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, UTL, Lisboa, 2011.

PINTO, C. R. J. As ONGs e a política no Brasil: presença de novos atores. *Dados*, Rio de Janeiro, v.49, n.3, p. 651-670, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582006000300008>>. Acesso em: 21/03/2018.

PINTO, C. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PINTO, M. C. C. *Identidade cultural na (e em) rede*: as redes sociais digitais (*Facebook*) como espaço de revivificação e afirmação da identidade cultural dos jovens migrantes portugueses, na Suíça. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) - Universidade Aberta, Lisboa, 2017. p. 229.

PORTO, D. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. *Revista Redbioética/UNESCO* n. 2, p. 55-66, 2011.

POSSATI, C.; DIAS, M. R. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15 n. 2, p. 293-301, 2002.

PRADO, A., NUNES, L. A vitimização secundária nos casos de estupro: a atualidade da representação da violência de gênero na vida e na obra de Artemisia Gentileschi. *Prisma Jurídico* [online], jul/dez. 2016. ISSN 1677-4760 15. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93449824003>>. Acesso em: 21/03/2018.

PRATES, M.; MARCHÃO, A. Estudo das concessões de gênero presentes num jardim-de-infância da cidade da Ponte de Sor: as concessões das crianças, das educadoras e dos/as encarregados/as de educação. *Aprender*, n. 36, p. 86-101, 2015. Disponível em: <<http://legado.esep.pt/aprender/index.php/revistas/116-revista-aprender-n-36>>. Acesso em: 23/03/2018.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: INTERCOM 1997 - XX Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 1997, Santos. *Anais...* Santos, 1997. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf> Acesso em: 14/02/2018.

RASEAM - Relatório Anual Socioeconômico Da Mulher. Disponível em: http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/livro-raseam_completo.pdf. Acesso em 24/10/2018

READ, B.; FRANCIS, B.; SKELTON, C. gender, popularity and notions of in/authenticity amongst 12-year-old to 13 year-old school girls. *British Journal of Sociology of Education*, v. 32, n. 2, p. 169-183, 2011.

RECUERO, R. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na *Internet*: Uma proposta de estudo. *Ecompos, Internet*, v. 4, n. Dez 2005.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

REHM, M. L. The *Internet* as a practical problem: Empowerment in the electronic global village. *Technology*, v. 11 n. 1, p. 1–19. ISSN: 1546-2676. Disponível em: <<http://www.kon.org/archives/forum/11-1/rehm.html>>. Acesso em: 21/03/2018.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: Socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 145-168, 2006.

RICAS, J.; DONOSO, M. T. V.; GRESTA, M. L. M. A violência na infância como uma questão cultural. *Texto contexto – enfermagem*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 151-154, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000100019/>>. Acesso em: 25/01/2018.

RODRIGUES, A. G.; GADENZ, D.; DE LA RUE, L. A. Feminismo.com: o movimento feminista na sociedade em rede. *Derecho y Cambio Social*, Lima, Perú, n. 36, 2014. Disponível em: <<https://www.derechoycambiosocial.com/revista036/FEMINISMO.COM.pdf/>> Acesso em: 18/02/2018.

RODRIGUES, M. M. P. Quem tem mãe tem tudo: Os pais e o desenvolvimento de crianças e jovens. In: NOVO, H. A.; MENANDRO, M. C. S. (Orgs.). *Olhares diversos: Estudando o desenvolvimento humano*. Vitória, ES: PPGP/UFES: CAPES/PROIN, 2000. p. 143-156.

RODRIGUES, M. M. P.; TRINDADE, Z.A. Em nome do pai e do filho: Relações afetivas e instrumentais. In: MENANDRO, P. R. M.; TRINDADE, Z. A.; BORLOTI, E. B. (Orgs.). *Pesquisa em psicologia: Recriando métodos*. Vitória, ES: PPGP/UFES: CAPES/PROIN, 1999. p. 125-139.

ROLIM, A.A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Rev Humanidades*, v. 23, n. 2, p. 176-80, 2008. Disponível em: <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.pdf>. Acesso em: 19/03/2018.

ROMANO, J. O. Empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza [documento de apoio]. In: INTERNATIONAL WORKSHOP EMPOWERMENT AND RIGHTS BASED APPROACH IN FIGHTING POVERTY TOGETHER, 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.desarrollolocal.org/conferencia/cuarta/DocumentoRomanoportugues.doc>>. Acesso em: 21/03/2018.

ROMIO, J. A. F. A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In: MARCONDES, M. M. *et al.* (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

ROQUETE, F. F. *Identidade e competências profissionais: um estudo com diretores executivos de uma cooperativa de trabalho médico de Minas Gerais*. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/GCPA-95ZKGQ>> Acesso em: 17/03/2018.

ROQUETE, Fátima F.; BRITO, Maria J. M. Identidade e Competências Profissionais de Gestores de Saúde no Brasil: uma Perspectiva Teórico-Metodológica de Análise. In: CIAQ,

2017, Salamanca. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2017. v. 2. p. 919-924. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1290>> Acesso em 24/10/2018

ROSA, R. *Casamento e desigualdade: uma análise da diferenciação social no casal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

ROVERI, F. T.; SOARES, C. L. Meninas! sejam educadas por Barbie e com a Barbie.. *Educar em Revista.*, Curitiba, n. 41, p. 147-163, Set. 2011 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602011000300010>>. Acesso em: 05/01/2018.

SAAVEDRA, L.; TAVEIRA, M. C.; SILVA, A. D. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Fatores explicativos e pistas para a intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 11 n. 1, p. 49-59, 2010.

SANSONE, L.; PINHO, O. A. (org). *Raça: novas perspectivas antropológicas - 2 ed. rev.* Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008. 447 p.

SANTOS, C. M. M. *et al.* As mulheres estão quebrando as três paredes de vidro? um estudo com empreendedoras mineiras. *Revista Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 16, n. 45, p. 126-149, fev. 2017. ISSN 1984-6606. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/12954>>. Acesso em: 05/03/2018.

SANTOS, S. V. S. Socialização de gênero na educação infantil: continuidades e rupturas vivenciadas pelas crianças na família, na igreja e na escola. *Educação (UFMS)*, Santa Maria, p. 731-750, dez. 2017. ISSN 1984-6444. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1984644428325>>. Acesso em: 18/03/2018.

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>>. Acesso em: 16/01/2018.

SCAVONE, L. Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo. *Revista Gênero*, v. 10, n. 2, 2012.

SCOTT, J. W. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988.

SEN, A. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEN, A. *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENA, L. M.; TESSER, C. D. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. v. 21, n. 60, p. 209-220, 2017. ISSN 1807-5762. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0896>>. Acesso 05/03/2018.

SENKEVICS, A. S.; CARVALHO, M. P. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 158, p. 944-968, 2015. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n158/1980-5314-cp-45-158-00944.pdf>>. Acesso em: 04/05/2016.

SILVA, F. G. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 10/03/2018.

SILVA, J. M. *O lugar do pai: Uma construção imaginária*. São Paulo: Annablume, 2010.

SILVA, L.O. A *internet* – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, A., PALACIOS, M. (Orgs.). *Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura*. Porto Alegre: Editora Meridional. 2001. p. 152-172.

SILVA, S. G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicol. cienc. prof.*, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003>. Acesso em: 02/05/2016.

SILVA, T. D. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, M. M. *et al.* (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

SIMONARD, P.; VIEIRA SANTOS, A. R. Identidade, pertencimento e engajamento político nas mídias sociais. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 14-31, set. 2017. ISSN 1807-1384. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2017v14n3p14>>. Acesso em: 15/03/2018.

SKEGGS, B. *Formations of class and gender*. London: Sage, 1997

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica francesa no século XIX*. Campinas-SP, Autores Associados, 1998.

SOARES, C. L.; ZARANKIN, A. Arquitetura e educação do corpo: notas indiciais. *RUA*, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 23-35, out. 2015. ISSN 2179-9911. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20396/rua.v10i1.8640763>>. Acesso em: 30/01/2018.

SOLNIT, R. *Os homens explicam tudo para mim*. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

SOTERO, E. C. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, M. M. *et al.* (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

SOUZA, C. A. S. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3915>>. Acesso em: 05/03/2018.

SOUZA, M. M. P. *O teatro como forma de se colocar no mundo: a formação de identidades nos Grupos Galpões*. 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, N. H. S. *et al.* Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos. *Aletheia*, Canoas, n. 26, p. 109-121, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20/03/2018.

SOUZA, V. C. Z. *Chega de Fiu Fiu: o papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126668>>. Acesso em: 21/03/2018.

STEIL, A. V. *Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro*. RAUSP, p. 62-69, jul/set. 1997.

STOKES, J.; RIGER, S.; SULLIVAN, M. Measuring Perceptions of The Working Environment for Women in Corporate Settings. *Psychology of Women Quarterly*, v. 19, p. 533-549, 1995.

STREY, M. N. Gênero. In: JACQUES, M. G. C. *et al.* (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: Livro texto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

STROBINO, M.R.C.; TEIXEIRA, R.M. *Empreendedorismo Feminino e o Conflito Trabalho-Família: Estudo de Multicasos no Setor da Construção Civil da Cidade de Curitiba*. Florianópolis, VI ENEO, 2010.

SULER, J.R. Identity Management in Cyberspace. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, Vol. 4, No. 4, October 2002. Disponível em: <<https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1023/A:1020392231924>>. Acesso em: 21/03/2018.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SWAIN, T. Meu corpo é um útero? In: STEVENS, C. (Org). *Maternidade e feminismo: Diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 201 – 246.

TANURE, B.; NETO, A. C.; ANDRADE, J.O. A Super Executiva às voltas com Carreira, Relógio Biológico, Maternidade, Amores e Preconceitos. *XXX Encontro da Anpad*. Salvador: Anpad, 2006.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A.D. *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

TEIXEIRA, J. C.; RAMPAZO, A. S. V. Assédio sexual no contexto acadêmico da administração: o que os lábios não dizem, o coração não sente? *Farol: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, [S.l.], v. 4, n. 11, p. 1151-1235, dez. 2017. ISSN 2358-6311.

Disponível em: <<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4586>>. Acesso em: 05/03/2018.

TELES, M. A. A.; MELO, M. *O que é violência contra a mulher*. Brasiliense: São Paulo, 2002.

THINK OLGA – Disponível em: <<http://thinkolga.com>>

TOLMAN, D. *Dilemmas of desire: teenage girls talk about sexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

TOMAZETTI, T. P. O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. *Razón y Palabra*, [S.l.], v. 19, n. 2_90, p. 488-500, jun. 2015. ISSN 1605-4806. Disponível em: <<http://revistarazonypalabra.com/index.php/ryp/article/view/334>>. Acesso em: 18/02/2018.

TOMAZETTI, T. P.; BRIGNOL, L. D. O *feminismo contemporâneo: a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital*. In: *Encontro Nacional de História da Mídia*, 10, 2015, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2015.

VAGO, T. M. *Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.

VAN DOORN, N. VAN ZOONEN, L.; WYATT, S. Writing from experience: Presentations of gender identity on weblogs. *European Journal of Women's Studies*, v. 14, n. 2, p. 143-58, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/1350506807075819>> Acesso em: 02/02/2018.

VAN DOORN, N.; VAN ZOONEN, L. Theorizing gender and the *Internet*: Past, present, and future. In: CHADWICK, A.; HOWARD, P. (eds.), *The Routledge handbook of Internet politics*, London, Routledge, 2008. p. 261-274.

VASCONCELOS, E. M. O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.

VASCONCELOS, T. A importância da educação na construção da cidadania. *Saber (e) Educar*, n. 12, p. 109-117, 2007. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/714/2/SeE12A_ImportanciaTeresa.pdf>. Acesso em: 23/03/2018.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 33, p. 265-283, dez. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>>. Acesso em: 30/01/2018.

VIEIRA, C. C. *É menino ou menina? Gênero e educação em contexto familiar*. Coimbra: Almedina, 2006.

WELLMAN, B. Computer Networks as Social Networks: Collaborative Work, Telework, and Virtual Community. *Annual Review of Sociology*, v. 22, p. 213-238, 1996.

WELLMAN, B. *et al.* The Social Affordances of *Internet* for Networked Individualism. *Journal of computer Mediated Communication*, v. 8 n. 3, 2003. Disponível em: <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol8/issue3/wellman.html>>. Acesso em 23/03/2017.

XAVIER, L. S. *et al.* Violência contra a mulher: violência psicológica como pressuposto para as outras formas de violência. *III Foro Latinoamericano de Trabajo Social*, La Plata, Argentina, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10915/64856>>. Acesso em 05/03/2018.

YIN, R.K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Cristhian Matheus Herrera. 5 ed. Porto Alegre: Bookman. 2015.

YOUNG, I. M. *On Female Body Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

ZANATTA, M. S. Nas teias da identidade: contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. *Perspectiva*, Erechim, v. 35, n. 132, p. 41-54, 2011. Disponível em < www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132_232.pdf >. Acesso em: 23/03/2017.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. spe, p. 79-88, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000300009>>. Acesso em: 05/03/2018.

ZANNETTINO, L. Imagining womanhood: psychodynamic processes in the ‘textual’ and discursive formation of girl’s subjectivities and desires for the future. *Gender and Education*. V. 20, N. 5, setembro 2008, 465–479. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09540250701805854>> Acesso em 12/01/2018.

ZHAO, S.; GRASMUCK, S.; MARTIN, J. Identity construction on *Facebook*: Digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior*, v. 24, ed. 5, p. 1816-1836, set. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chb.2008.02.012>>. Acesso em: 10/03/2018.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Quadro teórico preliminar

Processo relacional		Empoderamento	Processo Biográfico	
Identidade	Internet		Internet	Identidade
Identidade para o outro	Simplifica o processo de atribuição a partir de construções midiáticas de identidade.	Questionamento sobre as construções identitárias tradicionais		Identidade para si
Atos de atribuição “Que tipo de homem ou de mulher você é” = dizem que você é	Novas formas de representação da mulher graças às novas dinâmicas comunicacionais mediadas pela <i>internet</i> (VENTURA e RODRIGUES, 2015). Se, por um lado, a imprensa apaga dizeres sobre o feminismo e evidencia discursos patriarcalistas, as redes sociais virtuais constituem-se, então, como um espaço de confronto a esses discursos (LIMA, 2013, p. 1).	Olhar crítico sobre os atos de atribuição e de pertencimento, podendo oferecer trajetórias de vida e de identidade inesperadas	Pode aumentar o repertório de pertencimento.	Atos de pertencimento “Que tipo de homem ou mulher você quer ser” = você diz que é
Identidade – numérica (nome atribuído) – genérica (gênero atribuído)		Olhar crítico sobre as classificações recebidas, conscientização e questionamento sobre os aspectos de sua identidade que te colocam em posição de subalternidade ou privilégio	A <i>internet</i> pode oferecer atributos a que o sujeito não teria acesso de outra forma, oferecendo outras possibilidades de pertencimento.	Identidade predicativa de Si (pertencimento reivindicado)
Identidade social “virtual”		Questões sobre o corpo e a concretude do ser mulher e a		Identidade social “real”

		significação disso nas relações sociais (BIROLI, 2013)		
Transação objetiva entre - identidades atribuídas/ propostas - identidades assumidas/ incorporadas		Questionamento das identidades atribuídas e assumidas Podem acontecer rupturas e crises de identidade no processo.		Transação subjetiva entre - identidades herdadas - Identidades visadas
Alternativa entre - cooperação – reconhecimento - conflitos – não- reconhecimento		O processo aqui é mais de conflito e ruptura do que de cooperação e reconhecimento.		Alternativa entre - continuidades – reprodução - rupturas - produção
“Experiência relacional e social do PODER”		Questionamento e ação para mudar as experiências com o poder e para a superação das discriminações e desigualdades		Experiência de estratificações, discriminações e desigualdades sociais”
Identificação com instituições consideradas estruturantes ou legítimas		Identificação com um grupo mais consciente e ativo no que diz respeito às instituições que as oprimem		Identificação com categorias consideradas atraentes ou protetoras
Identidade social marcada pela dualidade				

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista

1. Qual é seu nome completo?
2. Você sabe por que seus pais lhe deram esse nome?
3. Fale um pouco sobre suas lembranças de infância (sua casa, sua família, seus amigos)
4. Compartilhe algumas recordações que tem de seu pai.
 - 4.1. Que tipo de trabalho fazia
 - 4.2. Como era sua relação com ele
 - 4.3. O que ele sonhava para seu futuro
5. Fale sobre sua mãe. Compartilhe algumas recordações que tem de sua mãe.
 - 5.1. Que tipo de trabalho fazia
 - 5.2. Como era sua relação com ela
 - 5.3. O que ela sonhava para seu futuro
6. Você tem irmãos ou irmãs?
 - 6.1. Descreva algo que lhe pareça mais importante sobre cada um de seus irmãos.
7. De quais tradições e valores familiares você se lembra?
8. Que tipo de pessoa sua família espera (ou esperava) que você seja?
9. Conte sobre os valores que sua família considera relevantes.
10. Conte sobre as lembranças mais marcantes da sua época de escola/faculdade.
11. O que você acha que seus amigos mais valorizam em você?
12. Você é casada ou tem um relacionamento estável?
13. Se sim, pode falar sobre como é a relação de vocês?
14. Como você acha que seu parceiro te descreve?
15. Você tem filhos?
 - 15.1. Quantos?
16. Qual sua formação acadêmica?
17. Por que escolheu essa profissão?
18. O que significa para você ser -----?
19. Quais foram alguns empregos que você teve ao longo de sua vida? Relate sobre algumas das experiências memoráveis que teve com esses empregos.
20. Como são suas atividades de trabalho hoje?
21. Fale sobre o seu cotidiano de trabalho
22. Como você organiza o seu tempo?
23. Em relação ao seu trabalho, o que lhe dá prazer ou alegria?
24. E o que lhe causa mal-estar/ansiedade?
25. Fale um pouco mais sobre o que você considera importante na sua história e que eu ainda não te perguntei.
26. Quem é -----?

27. Quem ----- gostaria de ser?
28. Fale valores pessoais que são muito importantes para você.
29. O que você fez (e está fazendo agora) para ensinar esses valores a seus filhos (caso tenha)?
30. O que você fez (e está fazendo agora) para compartilhar esses valores com a sociedade?
31. Como você se descreveria nas suas relações sociais?
32. Como você se descreveria no campo profissional?
33. Como você se descreveria na sua atuação na *internet*?
34. Você acha que é a pessoa que gostaria de ser?
35. O que você considera a maior realização da sua vida?
36. Qual a sua maior realização pessoal?
37. Qual a sua maior realização profissional?
38. Como você avalia o seu nível de autonomia para decidir sobre a sua vida?
39. Como você lida com seus medos?
40. O que faz você parar e pensar: “Uau!”?
41. Quais são seus talentos e como você os descobriu?
42. Como você lida com suas frustrações?
43. No seu julgamento, qual foi o seu maior fracasso?
44. Como você acha que as pessoas te veem?
45. Por que você acha que as pessoas pensam isso de você?
46. Você se identifica com essa imagem que os outros têm de você?
47. Você se preocupa com o que as pessoas pensam de você?
48. Como você se identifica na *internet*? Por quê? (blogueira, youtuber...)
49. Qual é o principal tema que você discute na *internet*?
50. Como escolheu o tema sobre o qual escreve?
51. Como é atuar na *internet*?
52. Quais as exigências desse trabalho?
53. O que você acha que seu público pensa de você?
54. Era essa a imagem que você planejava passar?
55. Qual é a sua principal motivação para continuar atuando?
56. Quais são as principais dificuldades na atuação na *internet*?
57. O que te faria desistir de publicar na *internet*?
58. Que impactos a sua atuação na *internet* teve na sua vida?
59. O que mudou no seu relacionamento com as pessoas após você ficar conhecida na *internet*?
60. Quais são os seus projetos futuros?
61. Faça uma lista das pessoas que te inspiram e explique o porquê.
62. Qual é a sua tribo?
63. Com que tipo de pessoas e/ou organizações você não se relaciona?
64. Você já se sentiu discriminada? Descreva a situação.

65. Pensando no futuro, qual será o seu legado?
66. Que mudanças você espera na sociedade?
67. O que você faz para contribuir para essas mudanças?
68. Para fechar nossa entrevista, suponhamos que você ganhou dois presentes: uma máquina do tempo e a lâmpada do gênio. O que você faria com cada um deles?
69. Diante de tudo que conversamos, o que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa: “Identidade e Empoderamento feminino na internet”, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, como parte integrante de uma tese de doutorado com mesmo título. Após a devida leitura desse documento, compreensão e esclarecimento de dúvidas com a pesquisadora responsável, o presente termo deverá ser devolvido preenchido para o e-mail tesegizelle@gmail.com com um “de acordo” no assunto.

Sua participação não é obrigatória, sendo certo, ainda, que a qualquer momento o participante poderá desistir do voluntariado, retirando seu consentimento, o que não trará nenhuma consequência em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Neste termo consta o telefone e e-mail da pesquisadora. Por meio desses contatos, o participante poderá esclarecer dúvidas do projeto e de sua atuação ao longo de todo o período de duração da pesquisa.

NOME DA PESQUISA: “Identidade e Empoderamento feminino na internet”

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Gizelle de Souza Mageste

ORIENTADORA: Kely Cesar Martins de Paiva

TELEFONE: (31) 34128513 (31) 991743051

E-MAIL: kelypaiva@face.ufmg.br

Esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar as histórias de vida das entrevistadas e compreender como se constroem suas identidades e como se configura o seu processo de empoderamento.

A participação dos sujeitos consiste em uma entrevista aberta presencial, por Skype, por e-mail ou por telefone, de acordo com a disponibilidade da entrevistada em horário previamente acordado com a pesquisadora. Note-se que não se observa risco físico ou psíquico para os entrevistados. Os sujeitos de pesquisa não arcarão com nenhum gasto decorrente da sua participação e não receberão gratificação devido à participação na pesquisa. Serão garantidos o anonimato e o sigilo das informações de forma que nomes e locais serão omitidos nos relatórios de pesquisa e os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos.

Muito obrigada,

Gizelle de Souza Mageste



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, autorizo o registro das informações fornecidas por mim, através de questionário, para serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Seu controle e guarda ficará em poder de Gizelle de Souza Mageste, doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais, com o objetivo de realizar sua pesquisa intitulada “Identidade e Empoderamento feminino na internet”. Foi-me garantido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, invalidando, por conseguinte, meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

_____, ____/____/____

Nome do respondente: _____

Contato da pesquisadora responsável:

Gizelle de Souza Mageste

TELEFONE: (31) 34128513 (31) 991743051

Email: gizellemageste@gmail.com